



A
PROMESSA *da*
ROSA

Da autora de *Entre o Amor e o Silêncio*

B A B I A . S E T T E

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Babi A. Sette

A promessa da rosa



São Paulo, 2015

A promessa da Rosa

Copyright © 2015 by Babi A. Sette

Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

GERENTE EDITORIAL

Lindsay Gois

EDITORIAL

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Renata de Mello do Vale

ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES

Acácio Alves

AUXILIAR DE PRODUÇÃO

Luís Pereira

PREPARAÇÃO

Gabriela Sette

DIAGRAMAÇÃO

Larissa Caldin

REVISÃO

Larissa Caldin

CAPA

Marina Avila

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sette, Babi A.

A promessa da rosa / Babi A. Sette. -- Barueri,
SP : Novo Século Editora, 2015.

I. Romance brasileiro I. TÍTULO.

15-02877

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. ROMANCE : LITERATURA BRASILEIRA 869.93

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br



E-ISBN: 978-85-428-0573-4

Agradecimentos

MEU DEUS, TANTO MUDOU EM TÃO POUCO TEMPO!

Estou aqui com o coração disparado ao escrever esses agradecimentos.

Há pouco menos de um ano eu escrevia, nessa mesma época, os agradecimentos de *Entre o amor e o silêncio*, que está com a segunda edição para ser lançada – coração ainda mais acelerado.

Agradeço aos pais maravilhosos que tenho; se estou aqui é por vocês. Obrigada!

Hoel, meu marido – eu já disse obrigada a você hoje? Você é muito mais do que um companheiro, é meu apoio, meu amigo. É quem aguenta o amor louco e sem medidas que eu tenho pelos meus personagens e, ainda assim, você se apaixona por cada um deles, tanto ou mais do que eu. Preciso dizer mais alguma coisa?

Maria Luisa, a menina mais fantástica do mundo: você, de cima do seu 1,23m é a maior mestra que eu já tive a oportunidade de conhecer. Mamãe ama você demais. Gratidão!

Aos meus leitores betas: Thaís Turesso – que é também minha assessora em mídias, a quem tenho a sorte de chamar de amiga. Márcio Vassalo (um consultor literário incrível), obrigada por me presentear com a sua amizade, além do seu talento.

Marina Avila, você é a melhor capista que existe. Obrigada por vestir meus livros.

A todos os blogueiros(as) literários: Vocês tem alguma idéia de como é lindo o que fazem? O amor que vocês têm pelas palavras... O carinho de cada um de vocês pelas minhas histórias e por tantas outras. Recebam a minha gratidão por tudo, tudo mesmo e sintam-se abraçados.

Aos meus leitores, todos vocês. Cada retorno, cada cartinha e palavra, cada um que me acompanha e que aquece o meu coração, muito obrigada. São vocês que fazem tudo isso valer a pena.

A todos os amigos que eu fiz nesse tempo de caminho literário. Faz menos de um ano e eu sei que ganhei amigos que irão pra sempre.

A Nair Ferraz (minha supereditora) e a toda equipe Novo Século, vocês fazem um trabalho lindo com a literatura nacional. Obrigada por acreditarem em mim, pelo o carinho e apoio de cada um de vocês, pela paciência e atenção que vocês têm com todos os detalhes. Fico imensamente feliz em fazer parte dessa casa.

Juliana Carneiro, minha querida prima, foi você quem intuiu, há um tempo, que a minha primeira história daria um livro. Sei que foi graças a este primeiro, *Entre o amor e o silêncio*, que vieram os outros, inclusive este. Obrigada por ser essa mulher incrível, a melhor *coach* que conheço e que tenho a sorte de, além de tudo, você ser uma grande amiga.

E claro, eu agradeço a Deus, por toda magia da vida e pelas palavras que nascem em meu coração.

LONDRES, MAIO DE 1840.

Uma debutante não deveria pensar em invadir lugares para onde não foi previamente convidada. Uma debutante nem deveria fazer tais estranhas suposições.

Cabia a uma dama educada dentro dos conformes sociais pensar em casar, ter filhos e... talvez, não pensar em nada mais.

– Está maravilhosa, Kathelyn! – Elizabeth disse apreensiva.

– Obrigada! – respondeu a jovem, que parecia a manifestação de uma pintura romântica. Deu um beijo pausado na testa da mulher à sua frente. – E obrigada por discutir com o papai e conseguir a permissão para que eu fosse... Lembra o quanto esperei por esse baile de máscaras.

– Não deveria ter feito isso, ainda está de castigo, sabe?

– Sim, sei, mamãe. Por isso sou tão grata. Ainda mais conhecendo a ridícula ideia de papai, que acredita que o único propósito desses bailes existirem é o de que moças de família possam se comportar como mulheres da vida... E por saber disso, eu agradeço duplamente.

– Fique ao lado de sua prima e do barão, não dê liberdades a estranhos e...

– Já sei... Nunca, sob nenhuma hipótese, aceitar me afastar do salão com alguém, por mais nobre que pareça.

– Sim. Nenhum cavalheiro de verdade leva moças bem-nascidas para passear a sós, e nenhuma moça bem-nascida aceita tais convites.

– Não se preocupe. Prometo que não farei nada que a possa envergonhar.

Sentiu-se mal. Mentiu para sua mãe. Já estava de castigo há quase um mês e isso significava que metade da temporada havia passado. Ela permaneceu durante esse tempo contando. Conseguiu decorar quantas linhas desenhavam o arranjo floral das cortinas do seu quarto. Quantos minutos uma joaninha, que às vezes pousava em sua janela, levava para dar uma volta completa no vidro da mesma. Quantas ranhuras desiguais existiam nas tábuas de madeira que forravam o chão. Quantos passos ela tinha que dar para ir da cama à sala de banho, da sala de banho até a penteadeira e de lá até a porta da saída, que infelizmente passava boa parte do dia trancada, já que ela estava de castigo. Então, era natural que quisesse aproveitar esse baile para

contar quantas valsas ela dançaria e com quantos cavalheiros ela flertaria, números esses, normais para uma jovem debutante estar preocupada em sua primeira temporada. Mas não Kathelyn, ela queria mesmo era conhecer um aposento específico daquela mansão.

Para isso teria de estar sozinha. E essa era a justificativa para o laxativo colocado no lanche da preceptora naquela tarde.

Elsa Taylor era quem estava trancada no quarto há mais de três horas. Angustiou-se com isso, entretanto, se a preceptora fosse junto, ela não ficaria sozinha nem por dez segundos. E não conseguiria entrar onde queria.

Se descoberta naquele aposento talvez fosse para prisão ou arruinasse a família inteira de uma única vez. Mas seria cuidadosa.

Por algum motivo inexplicável, as suas façanhas, que não eram quase nunca ensaiadas, divertiam as pessoas. Bem, ao menos algumas delas. O seu pai não compartilhava desse senso de humor e cansava de repetir:

– *Só a convidam para qualquer evento público porque eu sou um conde.*

Também não cansava de repetir que mesmo ela sendo de uma nobre e tradicional família, e de possuir um excelente dote, esta não era garantia absoluta de que conseguiria atrair a um bom partido para casar. Dizia insistentemente o conde forçando um tom de voz sério:

– *Homens não se casam com mulheres liberais e rebeldes. Apenas flertam com elas.*

Sempre terminava o discurso afirmando que se ela não tivesse ao menos uma proposta decente de casamento até o final de três temporadas ele a enviaria a um convento na Itália.

Convento? Sim.

Era essa ameaça medieval que o seu pai fazia, apesar de ser protestante, fazia para apavorá-la.

Diante dele, ela sempre se esforçava para manter uma postura coquete e vazia, como a da maioria das debutantes da sua idade.

Não conseguia, é claro.

O pai tentava ensinar aquilo que ele entendia ser o melhor para ela.

Logo que ela aprontava as broncas eram severas.

Então, ela sorria e dizia que o amava e ele amolecia.

As broncas duras e os castigos eternos diminuía gradualmente de acordo com a irresistível alegria de Kathelyn. O pai desistia da punição e convertia a voz raivosa em macias reprimendas.

Kathelyn foi apresentada à sociedade no início da temporada. Para infelicidade da sua mãe e frustração do seu pai foi apenas a um baile.

Tudo culpa de um cavalo.

Moravam parte do ano em uma grande propriedade em Hampstead Heath, apenas quarenta minutos de carruagem da região mais central de Londres. Por essa proximidade, apesar de terem uma casa em Mayfair, os seus pais optavam em se manterem lá, durante quase todas as

temporadas. O conde alegava que os 115 quartos e o enorme terreno onde ficava Milestone House, a sua mansão de Hampstead Heath, eram insubstituíveis. Estavam lá também, na sua apresentação interrompida.

Por que Kathelyn só foi a um baile?

Bem, naquela manhã após o seu *debut*, um simples passeio a cavalo transformou-se em um espetáculo. Mais precisamente no espetáculo que conduziu ao seu castigo. Afinal, quem devia ser punido era o cavalo.

Turrão, teimoso, desobediente e irascível cavalo.

Tudo ia bem. Ela andava despreocupada pela propriedade. Tentava prolongar ao máximo o passeio. A casa estava repleta de hóspedes – tios e primos de todos os graus e procedências. Eles hospedavam-se durante a temporada na mansão da família. Faziam isso a fim de desfrutarem os eventos de Londres.

Ela sabia que era costume da família reunir-se em uma grande mesa no jardim, próximo a varanda da casa, para tomarem o desjejum ao ar livre. Mas, não sabia que o seu cavalo agiria como um alucinado viciado em açúcar. Pior, nem sabia que os cavalos poderiam, como um milagre, adquirir um olfato sobrenatural. Na verdade, ela não tinha certeza o que levou o seu cavalo a disparar como uma besta incontrolável pelas trilhas locais.

Nada do que fazia surtia efeito calmante no animal. Ele avançava em direção a casa. Ia tão desenfreado e obcecado em prosseguir o galope mortal, que não restou o que ela pudesse fazer, a não ser agarrar-se com o máximo de força. Supôs que foi o açúcar o culpado. Por desgraça ele ia com destino fixo à mesa no jardim.

Ela gritou para que todos abandonassem o local.

O que aconteceu só parcialmente.

Metade das pessoas tiveram o reflexo e a velocidade de conseguir escapar. A outra metade ficou retida, paralisada pela cena estapafúrdia que se apresentava diante da calmaria matinal. O cavalo não se importou em jogar-se em cima da mesa espalhando bolos, tortas, cremes, sucos, café, pães, ovos e tudo o que consta em um rico desjejum. Importou-se menos ainda em quebrar a mesa e arrastar junto a si o delicioso banquete.

Convidou, de maneira equina, alguns conhecidos – duas tias velhas, a sua madrinha, o primo Brian, a prima Florence, o seu primo arrogante, visconde de Hertford e dois de seus quatro possíveis pretendentes, a se refastelar com a interminável turba de alimentos. Muitos ficaram cobertos dos pés a cabeça de sortimentos saborosos e bebidas refrescantes e não tão refrescantes.

O cavalo indomável parou, calmo de tanto sapatear, e saboreou um bolo amassado por suas próprias patas.

Quando Kathelyn conseguiu por fim recompor-se, saltar do animal e constatar que fora o banho de apetitosos quitutes, ninguém se feriu. Ela não se controlou e riu até dobrar-se no chão.

O seu pai, que não encontrou a menor graça, agarrou-a pelos cabelos.

Sim, foi pelos cabelos que ele a arrastou para dentro de casa.

Se não fosse a interferência da mãe, acreditou que ficaria sem metade dos compridos cachos dourados.

Para complicar ainda mais a situação, o seu pai reparou tardiamente que ela usava calças masculinas e que, portanto, montava escarranchada como uma selvagem.

Selvagem.

Foi esse o termo que usou para defini-la naquela manhã.

O conde quase perdeu toda a cor do rosto, empalidecendo. Em seguida recuperou-a em algo bem diferente do branco original – um tom vermelho irado –, o que, em harmonia com os cabelos pretos, o fez parecer com o próprio diabo.

Então, discursou a sua infernal indignação:

– Havia quatro nobres e honrosos pretendentes naquela mesa, querendo lhe fazer a corte, mocinha...

Mocinha parecia melhor que selvagem.

– E você conseguiu espantar com certeza a cada um deles, que com a mesma certeza contarão aos seus pais, que são meus pares, que contarão a outros pares do reino e, em menos de uma semana, será motivo de chacota e apostas por toda a cidade... Arrastará a mim, a sua mãe e sua inocente irmã menor, ao mesmo lamentável destino de cair nas línguas ferinas de Londres. A sua primeira temporada será adiada. Ficaré de castigo pelo resto da vida. – Saiu encolerizado batendo a porta do quarto.

A última vez que ele fez essa ameaça, a vida inteira durou duas semanas. Isso aconteceu após ela ter subido em uma árvore do jardim poucos anos atrás.

Kathelyn não deixou de subir em árvores, não.

Não era assim tão obediente, apenas passou a fazê-lo com mais inteligência – subia somente nas árvores mais afastadas da casa e das trilhas dos cavalos.

Já estava há um mês proibida de colocar o nariz para fora, nem mesmo ao jardim podia ir.

O baile de máscaras pareceu ainda mais interessante.

Amarrava a capa para sair, quando sua irmã menor entrou no quarto.

Lilian era dois anos mais nova. Mostrou-se mais ansiosa na estreia social de Kathe do que a própria debutante.

Quando tudo deu errado há um mês, mostrou-se, outra vez, mais frustrada do que a própria castigada.

Os olhos dela brilharam ao ver a irmã pronta para sair.

– Deus, Kathelyn, está deslumbrante! E que ousado é este vestido – disse com uma risada nervosa. – Não leva a cor clara adequada a uma debutante... Parece o vestido de uma cantora famosa de ópera.

Kathe abriu os braços e deu uma volta.

– Hoje não sou uma debutante. Voltarei a ser daqui poucos dias. Até lá, ainda estou de castigo. Hoje é só uma concessão não merecida como a intitulou papai. – Chegou mais perto da irmã e disse em tom de cochicho: – Aproveitarei o fato de ninguém me conhecer muito bem e de usar esta larga máscara, para fazer com que a minha noite seja tão inesquecível como é a minha fantasia.

Os olhos da irmã arregalaram um pouco e um traço de diversão se desenhou nos lábios da jovem

– Tenha juízo, papai não perdoaria outro incidente.

– Eu sei, tomarei cuidado – disse Kathelyn com um ar cúmplice.

O longo vestido azul, quase negro, era inteiro bordado com fios prateados e pequenas contas brilhantes fazendo o desenho de estrelas. O justo corpete e o pronunciado decote evidenciavam as generosas curvas do corpo de Kathelyn. A saia abria-se em uma sobreposição de um fino tule que sugeriam as nuvens de um céu noturno. A máscara que tapava metade do rosto, também era do mesmo tom azul escuro e tinha em suas laterais pequenas contas. Levava os cabelos presos em um coque desalinhado. Alguns cachos caíam sobre os ombros descobertos.

– Vista a sua capa de noite e saia antes que o seu pai mude de ideia... Acredite, se vir o seu vestido, ele mudará. Não sei onde estava com a cabeça quando permiti que lhe costurassem tal roupa. – A mãe ajudou a abotoar a veste.

Pouco depois, a carruagem da sua prima Judith e do marido, o baronete Wulfrik, encostava-se à entrada.

NO GRANDE VESTÍBULO DA CASA DA VISCONDESSA E DO Visconde de Whithmore, anfitriões da mais esperada festa da temporada, os recém-chegados convidados entregavam casacos e capas, cartolas e bengalas. A casa dos Whithmores era uma das enormes propriedades vizinhas a Milestone House.

Kathelyn notou a expressão atônita que se desenhava no rosto da sua prima.

– Kathelyn, está atrevidamente maravilhosa... Creio que Wulfrik terá trabalho para cumprir a promessa de mantê-la afastada de problemas.

Wulfrik, que até então não prestava atenção, ao ouvir o comentário de sua esposa, passou rapidamente o olhar pelo ousado vestido da jovem e sorriu com hesitante simpatia.

– Divirta-se, não estou aqui para bancar sua preceptora, apenas mantenha-se visível para sabermos que tudo vai bem.

– Sempre gostei de você, primo... E você, Afrodite, está divina, creio que seu marido me concedeu a liberdade, porque estará muito ocupado em manter os olhos em você.

Judith sacudiu a cabeça.

– Vamos nos divertir.

Uma vez no salão, Kathelyn ficou conhecida como a dama da noite. Nas festas a fantasia poucos revelavam suas reais identidades.

Ela era o centro da atenção de quase todos os cavalheiros e parecia mais o chamativo sol, do que a noite ou a lua.

Kathelyn ria alto e mantinha conversas sobre temas variados com um grupo de pelo menos oito homens, dentre os quais lhe chamou mais atenção; Nero, um loiro de alta estatura, que falava mais do que escutava; Shakespeare, que tinha um jeito de olhar através da máscara que confundia, e Voltaire, que queria falar mais do que Nero.

Estava tão distraída que quase esqueceu o principal estímulo que a levou ao baile. Logo, daria uma desculpa e se esquivaria pela mansão.

– Diga-me, Nero, acha mesmo que Voltaire deveria ser sacrificado por suas ideias liberais de como conduzir a conversa com uma jovem? Parece meio tirânico de sua parte.

– Acho que deveriam ser sacrificados todos os que disputam a sua atenção.

– Inclusive se a sua mãe estivesse aqui? Também a sacrificaria? – ela disse divertida e um sorvo de risadas estalou no ar.

Shakespeare caiu aos seus pés ajoelhado e recitou com a mão no peito:

– “Duvida da luz dos astros,

De que o sol tenha calor,

Duvida até da verdade,

Mas confia em meu amor.”

– Dá-me a honra, Dama da noite, de obter a sua atenção e lhe juro recitarei poesias a noite inteira, inspirado por sua incólume beleza.

Ela ia sorrir de volta com simpatia, quando a sua atenção foi capturada por um cavalheiro que ia todo trajado de negro, dos pés a cabeça. Fraque, gravata, capa e, sim, máscara.

Ele destacava-se no meio da multidão. Havia algo nele que fazia todos os outros homens da festa parecerem levar fantasias de pardais, enquanto ele se assemelhava a um falcão. Era algo com o seu porte, talvez, sobrepunha-se diante dos outros.

O falcão sorriu.

Ele olhava-a?

Sentiu as bochechas arderem e se mexeu desconfortável.

Estava ao lado de fora, junto a uma porta francesa, sentada em um dos bancos da varanda. Ele estava no salão, a uma distância de uns vinte metros, encostado em uma pilastra com as mãos nos bolsos. Kathelyn desviou o olhar e controlou-se para não voltar a encará-lo.

Voltaire chamou a sua atenção.

– Posso albergar alguma esperança, ou devo conformar-me com o medo de nunca saber quem realmente é a Dama da noite?

O olhar foi puxado, como se houvesse uma corda nele içando-o até a coluna onde se encontrava o homem de negro. Não estava mais lá. Desapareceu.

– O que responde, Dama da noite? – Era Voltaire insistindo em obter uma resposta. Entreolhou o salão e o grupo a sua frente e decidiu que era hora de pôr o seu plano em ação.

– Cavalheiros, me desculpem, mas vou pedir licença e buscar a minha acompanhante, ela deve estar preocupada.

– Claro, senhorita, dê-me a honra de acompanhá-la. – Nero estendeu o braço.

– Não, por favor, permita-me. – Shakespeare lutou pela atenção.

– De forma alguma. – Um cavaleiro medieval coberto por uma armadura que devia pesar três toneladas se manifestou.

– Não, realmente, me desculpem, com licença. – Ela recolheu as saias e antes que surgissem novos convites, disparou para dentro do salão. Metade do grupo protestava e a outra ainda discutia sobre quem deveria acompanhá-la enquanto ela ganhava distância.

Ela se afastou rapidamente.

– Santo Deus – suspirou –, como os homens podem parecer bobos em algumas situações.

Sentiu o coração disparar. Não que fosse uma transgressão o que iria fazer e sim, porque sabia o que encontraria em breve.

Uma enorme coleção de antiguidades. Conhecida como a maior coleção particular de relíquias da Grécia, na Inglaterra. Sorriu consigo mesma diante da ideia de ver ao vivo, aquilo que estudou durante anos.

Entrou no corredor que acreditava dar acesso à biblioteca.

Sim, talvez fosse uma transgressão porque a mesma renomada coleção estava, pelo o que ela tinha escutado, no escritório particular do lorde Withmore. Com exceção de pessoas convidadas, ninguém poderia entrar.

Seria rápida.

Entrou na biblioteca e olhou as duas portas brancas no final da sala. A respiração acelerou. Uma dessas portas devia dar acesso ao escritório.

A arquitetura dessas mansões georgianas eram todas muito parecidas. Testaria a porta mais próxima à janela. Seguiu em passos determinados. Sentiu o coração na garganta.

Ela poderia ter algum problema mais sério que a ruína se fosse descoberta?

Engoliu em seco e sacudiu a cabeça. Girou a maçaneta dourada e a excitação tomou conta das suas veias. Prendeu o ar. Empurrou a porta e...

Estava trancada.

Fechou os olhos, derrotada.

Se estava trancada, com certeza era essa porta que guardava o escritório e que segurava um mundo de tesouros. Ao menos eram para ela. Não desistiria. Não teria porque desistir. Nunca mais haveria uma oportunidade como essa.

Aventura.

Essa era palavra que a movia.

Não. Era o lema de suas veias e o que ansiava até os poros.

Aventura.

Sempre foi esse o problema em vestir saias. Ela gostava demais da queimação do perigo, da emoção, de poder ser descoberta, daquele estado excitante em que entram todos os sentidos diante de um desafio – suor nas palmas das mãos, calor nas bochechas, frio entre as costelas. Às vezes, até mesmo, um formigar por cima da pele e um tremor nas pernas. Seja o desafio qual fosse. Gostava de todos eles.

Quando criança era mais simples alcançá-los, bastava subir em uma árvore, nadar escondida nos rios, ser amiga de pessoas não indicadas, estudar – coisas que as damas não precisavam e não

deviam saber. Assim, ela encontrava o prometido mundo de aventuras, e as suas nádegas encontravam castigo.

As nádegas na verdade não tinham do que se queixar. Só fora descoberta poucas vezes. As nádegas sofreram o quê? Duas ou três das centenas de vezes que aprontou.

Ela sempre estava com Steve, o filho da Sra. Ferrel, que era a cozinheira chefe de Milestone house. Foi Steve, cabelos negros como a noite, quem a ensinou quase tudo. Era ele quem conseguia os livros que Kathelyn não devia estudar. Steve, depois de mais velho, deixava a barba por fazer. Ele quem emprestava roupas de menino para ela cavalgar. Depois que o amigo cresceu, Kathelyn ficou pequena quando perto dele. Era sempre Steve quem a acompanhava.

Então Lilian passou a estar junto deles. A irmã atraía para si pessoas e animais em situações difíceis. Ao menos, Kathelyn acreditava que ela atraía, porque era sempre Lilian quem encontrava animais feridos, abandonados ou presos em lugares perigosos e era sempre Kathelyn ou Steve a quem ela recorria para ajudar tais bichinhos. Quando os primos menores queriam brincar, subir em árvores, entrar no lago, era a Kathelyn quem eles procuravam. Entretanto, quando se machucavam corriam até Lilian. A sua irmã era uma conselheira nata e amava ajudar a todos que sofriam por qualquer que fosse o motivo.

Entretanto, Lilian era somente testemunha. Nunca, nunca mesmo, fazia nada errado. Lilian era impecável e tinha o cabelo castanho-dourado. Nem uma mancha diminuta de barro nos vestidos. Nenhuma prega deslocada, nem mesmo os sapatos de Lilian deviam se sujar.

Se Kathelyn pudesse escolher, talvez escolhesse ser mais como Lilian do que como ela.

Mas ela nasceu assim, com essa ardência de dentro que a levava sempre a querer mais da vida. Acontece que a vida para quem usa saias, ao menos para as saias de Kathelyn, não era muito fácil. As mesmas estavam sempre amassadas, meio rasgadas, torcidas e com as barras sujas.

Enquanto criança, eram somente as saias que corriam o risco de serem jogadas na lama. Agora, diante da sociedade, ela sabia que podia acabar com a cara e a reputação inteira na lama. Se isso acontecesse, arrastaria a família. Ou o que ainda era pior, a sua inocente irmã para o mesmo fim.

O sonho de Lilian era se casar com qualquer bom partido e ter bons filhos. Bordar em ponto cruz, ponto paris, ponto pequeno, rococó com ou sem tela. Kathe preferia os pontos roubados em jogos de carta que ela e Steve treinavam depois que todos dormiam.

Sentia saudades de Steve, muitas saudades.

Ele estava em algum lugar no continente. Foi tentar a sorte há três anos. Lembrou-se da despedida com o amigo:

– Você tem mesmo que ir?

– Eu vou ficar rico, sardenta, e volto.

- Como eu ficarei sem você? Não poderei suportar.
- Você vai... – ele beijou as suas mãos – ...continuar sendo esse tesouro que é.
- Eles – ela apontou com a cabeça para a mansão –, vão querer me casar com algum estúpido, arrogante e engomado homem com um título aristocrático.
- Eu sei, sardenta, e juro que se dependesse da minha autorização, você não se casaria com um título.
- Eu sei – ela engoliu um soluço –, mas não depende, não é mesmo?
- Não.
- Não demore.
- O mínimo possível.
- Escreva.
- Sempre.
- Não se esqueça de mim. – Ele a abraçou.
- Nunca, sardenta, nunca poderia.

Ela tirou as luvas, a máscara e uma forquilha. Metade do elaborado penteado caiu em cachos dourados pelas costas. Anos treinando coisas pouco apropriadas para damas serviriam para alguma coisa.

“Nunca se sabe quando vai precisar abrir uma porta” – dizia o amigo.

– Sim, Steve, você estava certo.

Abaixou concentrada e começou mover a forquilha na fechadura.

– Mais um pouco e... Apenas um pouco mais. – Girou uma e outra vez. Ouviu o barulho da conquista.

KATHELYN PERDEU O FÔLEGO AO OLHAR A ENORME PAREDE frontal toda envidraçada.

– Oh, meu Deus! É muito melhor do que me contaram. – Amarrou o cabelo de qualquer jeito. Com as mãos que suavam expectativa grudou a cara no vidro, o coração nas peças e os olhos se encheram de reconhecimento.

Parte da mais fascinante civilização estava ali, a poucos centímetros de distância.

– É incrível – falou em voz alta.

– Se houvesse como tocar em vocês – disse para um conjunto de potes e colares. – Se não estivessem trancados... Eu seria capaz até mesmo de...

– Usar a forquilha outra vez – soou uma voz forte como um estrondo às suas costas.

Ela congelou olhando para o colar. Rezou para que estivesse louca e para que a peça voltasse a falar, mesmo que em grego.

Mas é claro que um colar grego não saberia o que é uma forquilha. Também não teria como ter visto ela agachada no chão, arrombando a fechadura da porta. Infelizmente, o colar não falou e não falaria. Olhou, pelo reflexo, um vulto negro se aproximar e, ainda incapaz de qualquer movimento, permaneceu gelada, encarando a coleção como se assim pudesse desaparecer.

– Seria mais fácil, tentar... – falando isso o corpo de negro abaixou no canto lateral da estante e – *click* – o barulho de uma trava sendo aberta.

– Agora é só correr o vidro e voltar a conversar com as peças... Continue, por favor, finja que eu não estou aqui.

O homem de negro levantou e encostou o ombro na coluna a sua direita. Parecia muito relaxado, até mesmo... sorria?

– Eu não estava conversando com as peças. – Sacudiu a cabeça tentando encontrar qualquer compostura.

– E falava com quem? Com Lorde Withmore?

Ela o via pelo vidro, a mão apontando para o quadro de Withmore acima da lareira.

Kathelyn começou a buscar com uma angústia crescente a máscara que devia estar em cima da mesa, a poucos passos de distância. Queria colocá-la, inventar uma desculpa e tentar sumir dali.

– Procura por isto? – Ela notou o vulto sacudir a sua máscara pelo reflexo. O objeto balançava pendurado no indicador da mão enluvada, como o pêndulo de um relógio. Mas, como?

– Senhor, eu peço que me devolva, por favor... Eu preciso retornar ao baile e com certeza, já devem estar a minha procura.

– Depois de tanto esforço, sair sem concluir o seu trabalho?

– Quem é o senhor?

– Acredito, senhorita, que você não está em posição de fazer perguntas.

– O senhor está me ofendendo. – Ela sabia que era uma situação difícil de explicar. Mas, mesmo assim, sentiu-se ofendida. – Eu não tenho trabalho nenhum a fazer aqui.

– Ah, não? Eu podia jurar que a senhorita estava mais do que disposta a colocar as mãos em cima dessas peças.

– Eu... eu não sou uma ladra.

– Agora quem está me ofendendo é a senhorita. É claro que não é. Uma ladra saberia como abrir um mecanismo tão simples como a trava desse armário. Apesar da sua habilidade com a forquilha, que foi impressionante... se fosse uma ladra, seria uma muito ruim.

– Quem é o senhor?

– Olhe para mim.

– Eu estou sem máscara.

– Eu tiro a minha, assim ficamos em igualdade. – Ela viu o reflexo meio distorcido. Ele descobriu o rosto.

– Quem é o senhor? – repetiu, sentia-se um pouco nervosa.

– Um amigo...

– De lorde Withmore?

– Se assim fosse, não acredita que já teria ido correndo contar que a sua coleção estimada esta sob ameaça?

– Eu não sou ameaça alguma, ao menos que... O senhor seja a ameaça. Então, quem deveria ir delatá-lo sou eu. – Virou, orgulhosa e determinada, para ele. Deteve-se com os olhos redondos e a boca meio aberta de surpresa, ao comprovar que o vulto negro, era o mesmo homem que a observava tempos atrás do salão.

O falcão.

Um sorriso lento se desenrolou dos lábios dele, mostrando dentes perfeitos e brancos que se chocavam contra o bronzado da pele. Os olhos amarelos, eram como a luz quente do sol de

meio-dia, infiltrava-se por todas as frestas e não deixava nada sem ser aquecido. Ele tinha o rosto quadrado esculpido como a perfeição simétrica da arte grega. Nariz reto, sobrancelhas negras. Cabelo mais longo do que ditavam os costumes da moda vigente. Usava um cavanhaque que conferia uma aura quase exótica ao rosto de um deus do olimpo.

Não tinha o aspecto de um cavalheiro.

Era alto, largo, e pelo ajustado da camisa, Kathelyn percebeu, que havia músculos ali, possivelmente trabalhados pela força, embaixo do sol.

Ela olhou-o nos olhos uma vez mais e as pálpebras dele fecharam, somente um pouco. Como se pesassem muito. Como se precisasse disso para ajustar o olhar.

Kathe jurou que ele via tudo dentro ou fora. E só então, teve medo.

Se fosse ele o criminoso?

Ele parecia mais um pirata do que um nobre. Sentiu a respiração acelerar. O homem avançou em sua direção. Kathelyn ergueu as mãos sobre o peito, uma posição de defesa.

Uma posição de completa vulnerabilidade. Sentiu as costas baterem na estante.

– Pare... ou...

– Ou?

Ela não disse nada quando as mãos fecharam sobre os seus ombros. Não conseguiu dizer. Ele a virou de frente para a estante. Ela parou de respirar. Olhou para as peças gregas pela última vez. Guardaria o retrato do motivo da sua prisão.

– Por favor, deixe-me ir.

– Diga o que fazia aqui? – ele falou próximo a sua orelha.

– Eu... Eu apenas... Queria olhar.

ARTHUR PASSOU POR ALGUNS ESTADOS DESDE QUE OLHOU-A na varanda pela primeira vez. Ele esteve admirado com a sua beleza e com a forma como ela regia àquele bando, como se fosse uma rainha. Curioso quando a viu abandonar o grupo e esgueirar-se pelas sombras até a biblioteca. Intrigado, quando a viu agachar e usar a forquilha para abrir a porta, que ele sabia, dava para o escritório de lorde Withmore. Indignado, quando acreditou que ela intentava roubar as relíquias que em breve ornamentariam a sua coleção pessoal.

Ele ganhara a coleção, na noite anterior, de lorde Withmore em um jogo – eles, os colecionadores, como eram conhecidos. Jogavam sempre que estavam todos na cidade. Nunca dinheiro, nem terras, nem mulheres ou joias. Apostavam as peças de suas coleções particulares.

Esse era o único motivo de ele ter ido a essa festa: reavaliar a coleção e as peças que haviam sido apostadas.

Então, ficou irritado com a encenação da jovem que tentava explicar o inexplicável. Ele a encurralou.

Queria intimidá-la.

Queria arrancar dela a verdade.

Porém, algo muito inconveniente ocorreu ao ser invadido pelo aroma feminino. Ao sentir as curvas daquele corpo encaixarem com perfeição junto ao seu – ele ficou excitado.

Respirou fundo a fim de não perder o prumo e a razão.

– Quem lhe contratou, senhorita? – continuou na sua orelha.

– Ninguém.

– Foi o próprio Withmore? – Conhecia o lorde em questão. Sabia da dificuldade dele em perder as suas peças. Sabia também, que ele era capaz de simular um roubo para não ter que desfazer-se dessas relíquias.

– Não – ela respondeu.

– Então, quem?

– Eu juro, ninguém... Apenas, por favor, me deixe ir.



Kathelyn sentia a respiração dele queimar o seu rosto. Notava os braços que a prendiam como elos de ferro. Sentia a rigidez do corpo masculino. Ela estava entre curiosa e assustada com aquela ameaça negra por trás. Tremia. Nunca um homem a tocou desse jeito. Entendeu que ele estava bravo. Talvez realmente fosse um amigo do lorde Withmore. Talvez a quisesse intimidar para que assim, ela confessasse o suposto roubo.

Teria que provar sua inocência se não... Seria o caos, a ruína. O fim.

– Esse é um lindo exemplo da escultura do período clássico – disse com a respiração sofrida –, se olhar com cuidado, notará que as representações anatômicas são muito fiéis... Existia nessa fase da escultura grega, um grande idealismo nas formas e proporções – tomou um pouco mais de ar com certa dificuldade e disse: – Se reparar na peça ao lado, verá claramente um exemplo da escultura Helenística – ela apontou para outra estátua. Engoliu em seco e continuou: – Nessa fase a arte grega, teve uma grande expansão, por causa de Alexandre, o Grande. As esculturas são muito mais refinadas... E também ali – apontou. – É um Fundo de cálice em figura vermelha, com a cena de Ajax e Cassandra. Aquele, retrata um dos meus mitos favoritos, que é o de Artemis... Ali, eu pude ver que tem um... um... Fragmento de papiro com o poema *Aetia*, de Calímaco.

Ela sentiu a pressão exercida pelos braços dele diminuir.

– A senhorita lê grego?

– Sim – disse com a voz falha.

– Quem é a senhorita?

Ele soltou-a, ela virou e o encarou.

– Alguns me chamariam de excêntrica. – Ele franziu o cenho, ela continuou. – Eu apenas considero mais interessante uma coleção de relíquias do que um baile. – O cenho dele continuava fechado. Ela disse:

– Eu os estudo há anos.

– Os gregos?

– Sim.

– Como?

– Em livros.

– Não perguntei como estudava, mas como é possível que tenha estudado?

– Eu tenho um amigo que era... fã de todas essas culturas antigas e... ele conseguia os livros para mim. – Não ia falar que roubava os livros da biblioteca de seu pai e que o seu primo Rafael,

sabendo da sua obsessão, sempre que conseguia algum material referente a isso, levava para ela. Steve fazia o mesmo. Este homem não precisava de tantos detalhes.

– Só os gregos? Ou gosta de todas as relíquias e todos os povos antigos?

– Gosto especialmente dos gregos que, em minha opinião, foram quem definiram muito de tudo o que somos hoje. E, sim, sou louca pela mitologia grega. Estudo tudo que posso, por isso aprendi o grego.

– Deixe-me lhe mostrar isso.

Ela o encarou em dúvida, já não entendia mais o que acontecia ali.

– Eu também aprecio antiguidades e viajo muito atrás delas.

Um mercenário, então. Isso justificava a cor de sua pele, o tamanho dos seus braços, ou melhor, dos músculos neles e essa aura meio selvagem.

Sim, ao certo, devia ganhar a vida em cima de navios e invadir sítios arqueológicos e descobrir tesouros e talvez, se assim fosse, levar a vida que Kathelyn sonhava como perfeita para si. Perfeita e impossível, o problema com as saias.

– O senhor ganha a vida assim?

Ele apenas a encarou e não respondeu, no lugar, apontou para um lado da estante.

– Aquelas ali são minhas, eu as ganhei ontem.

– Ganhou de lorde Withmore?

– Não posso dizer que ele me deu de bom grado, mas que foi obrigado a entregá-las.

– Você as roubou?

Ele gargalhou.

– Considera os jogos um roubo?

– Ganhou em um jogo de azar?

– Acho que para mim foi de sorte.

– Vai vendê-las?

– Venha ver e me diga o que acha. – Ele estendeu a mão. Kathelyn olhou, insegura.

– Pode devolver a minha máscara, por favor?

– Prefere que permaneçamos disfarçados?

– Acho que sempre estamos.

– O quê?

– Mascarados.

Ele a olhou de uma maneira tão profunda que Kathelyn perdeu a sensação dos pés.

– Acho que sim – ele disse e entregou a ela.

– Um baile de máscara é tão atrativo porque ele evidencia a nossa necessidade de fingirmos ser quem não somos. Por proteção ou por diversão ou por qualquer que seja o interesse...

Quando vestimos uma, esquecemos por um tempo aquelas que levamos naturalmente e nos permitimos sermos mais... O que somos.

– E agora, a senhorita está fingindo?

– Não mais do que o senhor. – Ela abotoou a máscara enquanto ele permaneceu sem a dele.

Olhava-a como se fosse possível tirar todas elas de uma vez.

– Não vai colocar a sua? – Ela disse um pouco incomodada.

– Não estou fingindo.

Kathe mudou o peso de uma perna a outra.

– Ahn... Quais são as peças?

– Quem é você?

– Trocamos nomes, títulos ou ausência deles nos tornará melhores? Ou colocará ainda mais uma máscara em cima dos nossos rostos?

– Não se impressiona com os títulos?

Ela olhou para a porta da saída e então para ele. Respondeu:

– Não.

– Mas parece impressionada comigo... Estou errado?



Ele estava muito impressionado com ela. Na verdade, uma mulher nunca o impressionou tanto em tão pouco tempo. Sentia o sangue coçar diante da possibilidade de conversar sobre a segunda de suas maiores paixões, com a primeira delas – belas mulheres. Nunca em seus bem vividos 30 anos encontrou alguma – bela ou não – que soubesse diferenciar um papiro de uma fita de cetim, quem dirá uma, que não só demonstrava conhecer bastante as relíquias dessa coleção, como também falava grego.

Ela falava grego?

Deus.

Quem era ela?

Não se tratava de uma ladra oportunista, ele já tinha percebido, mas então, quem?

Ouviu.

– Estaria impressionada, se no lugar de me encurralar tivesse... Me instigado com algo novo, algum conhecimento que ainda não possuo ou com...

– É um desafio, senhorita?

– Uma dama não desafia um cavalheiro.

– Um cavalheiro não recusa um convite de uma dama. – Ele riu com os olhos, a boca não se moveu.

– Supondo que não houve nenhum convite então, não estaria quebrando nenhuma regra.

– E se eu a convidasse?

– Um cavalheiro não faz convites a uma dama que ele não fora apresentado.

Ele entreolhou a ela e então às peças e disse:

– Mostre que conhece mais do que eu sobre qualquer uma das peças que ganhei e ela será sua.

– É um convite?

– Um desafio.

– Se fosse um desafio de verdade, teria estabelecido um preço caso não consiga vencê-lo.

– O que eu desejo, não poderia pedir a uma dama.

A boca dela abriu um pouco, talvez pela ousadia das suas palavras. Ela respirou fundo e disse:

– Uma dama jamais aceitaria um desafio de um estranho e, realmente senhor, um cavalheiro jamais o faria... Então, suponho que o senhor não é um...

– Cavalheiro?

– Ou um nobre.

– E se eu não sou um nobre, eu sou... – Não terminou a frase aguardando com uma expectativa divertida a conclusão da moça.

– Alguém bem distinto dos aborrecidos aristocratas.

– Aborrecidos? Todos eles?

– Sim, quase todos. Com uma ou outra rara exceção é claro. Mas, normalmente, quanto mais alto é o título, mais enfadonho se torna o ser que o carrega.

Teve que se segurar para não rir.

– Suponho que um duque então, seja um caso perdido?

– Um duque? – sorriu desdenhosa e disse: – O único que conheci cheirava a mofo, fungava a cada polida palavra que dava e enrolava o bigode compulsivamente com os dedos... Como se esta implacável torção pudesse provar aos outros a sua superioridade.

Olhou-a em silêncio por um tempo. Ela desfazia-se do título de Duque. O título que ele herdara do seu pai.

Arthur George Pierce Harold, assim como foi batizado, era o nono duque de Belmont. Até então, com muito orgulho disso. Ainda se orgulhava, é claro, apesar da dama à sua frente caçoar disso. Ele nunca conheceu alguém que se desfizesse do seu título dessa maneira. Devia estar irritado, mas no lugar estava... Fascinado.

– São essas as peças – ele tocou-a no ombro e lhe conduziu até um ponto na estante.



Ela sentiu o coração acelerar, outra vez. Acreditou que era pelo inusitado daquela situação, por estar a sós com um homem tão diferente dos que conhecia.

As peças estavam separadas das demais e Kathelyn ainda não as tinha visto.

– Olha – ela disse com sincero entusiasmo –, são cenas completas relatadas nas cerâmicas e estão em perfeito estado, este é Prometeu.

– Sim – ele confirmou. – Aceitou ao desafio?

Ela parou por um pensativo instante. Tudo em si querendo jogá-la a dizer sim. A prudência falou mais alto.

– Não senhor, como posso aceitar algo se não sei se serei capaz de pagar caso perca... Além do mais, seria muita falta de humildade, se aceitasse um desafio para avaliar peças de quem acabou de ganhá-las em um jogo.

Ele mostrou parte dos dentes em um meio sorriso e colocou a máscara.

– Sem jogos então, apenas me diga o que acha.

Ela suspirou e voltou a atenção às peças, sentiu o corpo encher de satisfação. Poderia olhar a coleção. Ele desistiu do que quer que fosse fazer para impedi-la.

– Artemis... – Era uma estátua da deusa com uns 90 cm de altura.

– A senhorita disse que era o seu mito favorito, estou enganado?

– Não, é mesmo o meu favorito.

– Por quê?

– Artemis é a deusa da caça, está vendo ela representada com o arco e a flecha?

– Sim.

– Quando ela era criança, Zeus perguntou qual era o presente que ela queria receber e Artemis respondeu “a liberdade”.

– A liberdade?

– Bom, não exatamente com essa palavra, mas ela pediu para morar no bosque e ser livre da obrigação de casar.

– Não quer se casar, senhorita?

Ela olhou a estátua em silêncio e respirou fundo. Como se a deusa fosse cúmplice dos seus segredos.

– Não por obrigação.

– Deve ser terrível ter que assumir um compromisso pelo resto da vida por obrigação.



Arthur sabia quais eram as pressões sociais relacionadas ao matrimônio. Fugiu disso por anos. Fugiu disso até fazer tudo o que queria em sua vida, ou quase tudo. Resolveu, com quase trinta anos, que estava na hora de seguir a tradição. Mas não se sentia obrigado a assumir tal compromisso. Por ser homem, contava com a vantagem de poder escolher a sua esposa. Isso é claro, dentro das possibilidades aceitáveis diante do seu título. Ele pensou que iria morrer sem ter que escolher uma. Até que quase morreu há seis meses. Uma tempestade atingiu o navio em que viajava de volta do Egito. Ficou dois meses em uma cama. Quando se recuperou, decidiu que queria ter filhos.

Filhos, continuidade.

Esse era o motivo de sua presença em bailes na tão detestável temporada. Na última vez que participou de alguns bailes em uma, foi tão assediado por mães casamenteiras e debutantes dispostas a tudo para agarrar a um duque como marido, que jurou nunca mais o faria. Ou nunca se casaria.

Agora recolhia com a testa a própria cusparada para cima. Isso porque estava em Londres no auge de uma temporada e disposto a frequentar alguns eventos, a fim de encontrar uma esposa.

Entretanto, já havia decidido que escolheria uma esposa adequada e que se habituasse ao seu estilo de vida. Uma mulher que tivesse personalidade. Não queria uma boneca amarrada com fitas que aprendera a dizer duas frases na vida. – Sim, meu senhor. Não, meu senhor. – Queria uma mulher autêntica, que o desafiasse. Somente assim a relação não cairia no tédio. Somente assim ele seria capaz de se manter afastado de outras mulheres.

Arthur não queria se casar e levar uma vida dupla com amantes despencando de um braço, e joias para as amantes do outro. Ele queria alguém que...

Não, não era um tolo, era quase um cínico.

Não estava esperando poemas e amor. Queria apenas cumplicidade e o mínimo de diversão no casamento. Já que ele estava resolvido, aconteceria.

Tentaria encontrar uma mulher como...

Como...

Essa.

Olhou para a jovem entusiasmada com as peças ao seu lado. Ela possivelmente não era uma jovem debutante. Alguém com a educação e a posição social, adequadas para se converter em uma duquesa.

Ele sabia que o que buscava era quase uma impossibilidade. As mulheres interessantes não faziam parte do mundo aristocrático. Não, infelizmente, ela não se enquadraria dentro daquilo

que seria aceitável para um duque.

Infelizmente existiam algumas regras que não podiam ser ignoradas.

Essa jovem tão fabulosa devia ser uma artista, ou filha de algum burguês bem-sucedido. Talvez a amante de algum dos nobres da festa. Esse pensamento encheu-o de um estranho aperto no estômago.

Ela poderia ser sua amante?

Quem era ela, afinal? Ouvi-a continuar.

– Zeus atendeu Artemis e ela passou a correr pelos bosques entre feras e ninfas... Livre. – Ela tocou no vidro na frente da estátua e disse: – Enquanto o seu irmão Apolo é o sol, ela é a lua e todas as suas facetas. Nas festas em sua homenagem, sempre se executavam danças sensuais. Artemis pode parecer para muitos uma dicotomia.

– Por quê? – Era ela quem parecia uma dicotomia.

– Porque ela é ao mesmo tempo uma... Ahn... Uma meretriz – disse quase em voz baixa, parecia arrependida de dizer. Ele sabia que uma dama nunca diria tal coisa, uma dama nem saberia o que era tal profissão. Ela respirou e continuou decidida. – Uma meretriz sagrada e uma donzela protetora dos partos que dança entre as ninfas e anda entre as feras. Ela tinha um lobo como consorte. Era ele quem alimentava os seus guerreiros.

– Um lobo? – ele perguntou com os lábios quase na orelha dela, sentiu-a ofegar e tremer.

– Sim.

– E a senhorita acha que ela era mais uma amante sagrada ou uma donzela?

– Acho que ela representa a liberdade do feminino que é tão massacrada por nossos costumes... – ela respondeu ofegando um pouco.

– Eu acho a senhorita uma mulher fascinante. – Isso ele disse com os lábios encostados na orelha da jovem. – Eu jamais tiraria a sua liberdade, só um criminoso faria tal coisa.



Kathelyn sentiu o quente do hálito dele na sua orelha. As pernas amoleceram como barro antes de ser moldado. Sacudiu a cabeça, ela não podia. Sabia que já havia passado muito tempo. Precisava voltar para o salão e precisava voltar logo.

– Senhor... Eu tenho que ir.

– Dance comigo a próxima valsa.

Kathelyn notou no fundo do ambiente abafado pelo medo, pela surpresa, pela ousadia, pelo desafio e pelas paredes, que tocava uma música. O baile já havia começado e ela estava com um homem, sozinha, dentro de um ambiente fechado. Se alguém os visse, ela estaria perdida.

Lilian estaria perdida. Tudo estaria perdido.

Ela piscou forte, meio tonta.

– Eu preciso ir.

– Uma valsa, apenas isso.

– Não senhor, eu já estou com todas as dan...

– Onde está a liberdade, senhorita?– ele a interrompeu.

– Não existe em meu mundo.

– Talvez exista, talvez seja a senhorita que não a queira deixar fazer parte de sua vida... Por medo?

Ela inflou o peito, orgulhosa.

Não tinha medo, tinha... Medo.

Ela que sempre enfrentou os seus medos com tanta determinação. Sentia-se intimidada por aquele homem. Um misto de euforia e receio.

– Está bem, uma valsa. Deixe-me ir na frente. – Não seria diferente com ele.

Ele fez uma reverência; ela passou.



No salão, Kathelyn notou que havia transcorrido apenas meia hora e não uma eternidade como parecia. Respirou aliviada ao perceber que nem Judith, nem Wulfrik, perceberam a sua ausência.

Dançou duas peças antes da prometida valsa e então, o falcão veio reclamá-la.

E ela?

Arrependeu-se no mesmo instante em que o braço circulou a sua cintura.

Conforme os acordes iniciaram, os corpos se moldaram próximos demais. Ele a olhou lá dentro. Não era adequado os escassos centímetros que separavam os seus rostos.

Não era apropriada a maneira possessiva que ele segurava a sua cintura retendo-a junto.

Junto demais.

Não era permitida a forma como ele rodava com a experiência de um Deus da dança e roubava todo ar dos seus pulmões.

Eles ofegavam no mesmo ritmo.

As suas respirações acompanhavam os passos da valsa.

E faltava pouco, muito pouco, para que os lábios dançassem juntos.

Kathelyn notou o seu corpo vibrar, não pela música, mas pela necessidade de algo que ela não conhecia. Ele parecia sentir a mesma necessidade, apertou-a ainda mais contra a rigidez do

seu corpo.

Tudo tornou-se pequeno diante da cega e desconhecida necessidade.

– Eu... Eu sinto muito, mas preciso tomar um ar. – Ela arriscou no meio da peça. Não conseguia, não poderia continuar. O falcão não a soltou. Ao contrário, passou o braço em torno do seu e disse:

– Eu a acompanho até a varanda.

Kathelyn correu em passos largos para a primeira porta que alcançou. Em segundos a claridade do salão, o tremeluzir dos cristais, as risadas abafadas, a orquestra que colocava música se desfez. No lugar, o escuro sem cristais, o tremeluzir das estrelas, a orquestra da noite – grilos e outros insetos eram os bailarinos da lua.

– A senhorita está bem? – Ouviu-o perguntar e notou que não estavam na varanda frontal e iluminada, onde desfilavam casais e onde grupos de pessoas convencionais conversavam. Estavam mais uma vez... A sós. Porém, na privacidade do breu. No convite da noite.

Olhou para frente. A entrada do jardim. O passeio proibido dos amantes ou daqueles que querem experimentar algo além do decente. Uma aventura. Seria a maior da sua vida. Talvez a única oportunidade de quebrar todas as regras e nunca ser descoberta.

Não poderia nem sonhar em fazer isso com alguém que fosse do seu meio. Mas, com o falcão, um mercenário. Um pirata. Um burguês. O que quer que fosse, ele não fazia parte do mundo ao qual Kathelyn queria escapar. Ela tinha certeza disso. A chance do escape era ele, nem que fosse por uma única noite.

Desceu a escada que dava acesso ao jardim. Parou no final dela. Olhou para trás e viu um vulto engolir os degraus com as pernas.

A ÚNICA PERGUNTA DENTRO DELE ERA – QUEM É VOCÊ? E até aonde estará disposta a ir? Diante da atitude dela, teve a sua resposta – afinal, nenhuma dama inocente teria tal ousada iniciativa. A única coisa que fez foi grunhir quase instintivamente de satisfação e descer a escada em apenas três passadas.

Alcançaram a penumbra do jardim e os estreitos e diversos caminhos os conduziram a uma área mais reclusa. As copas das árvores se entrelaçavam, unindo-se sobre suas cabeças e obliteravam a vaga luz da lua.

Ela removeu a máscara. Era mais um convite, não era? Ele avançou em sua direção, desfazendo o nó que prendia a própria máscara, viu-a dar dois passos para trás, parecia, hesitar? Pensou em pedir permissão, em perguntar se ela tinha certeza, era o que um cavalheiro deveria fazer com uma dama. “Para os diabos com a cortesia, foi ela quem os levou até ali”. Puxou-a para si e cobriu-lhe a boca com um beijo exigente e dominador.

E ela, bem... Ela era irresistivelmente inexperiente.

Inexperiente?

Não disse a si mesmo, apenas um jogo delicioso de sedução.

– Abra a boca – ordenou e assustou-se com a rouca intensidade de sua voz.

Ela soltou um suspiro sensual e cedeu.

Que homem em posse de sua sanidade, resistiria a um suspiro daqueles? E aqueles lábios?

Ele era muito sensato, nem cogitou resistir. Invadiu-a sem piedade. As suas bocas se misturaram e um choque correu suas veias. Notou a jovem tremer, mas, bem podia ser ele que o fazia. Quando ela tímida, ainda cumprindo tão bem o seu papel de inocência, arriscou e colocou a língua dentro da sua boca, ele sentiu desfazer-se em milhões de pedaços. Todos eles ansiaram por ela em diferentes direções e exigiam mais. Muito mais. Então, ela gemeu. Um único e baixo gemido foi o suficiente para arrastá-lo direto aos portões dos condenados por insanidade.

Justo ele que era tão sensato.

Mas, aquela jovem, tinha algo nela, era irresistível. E ele iria possuí-la ali mesmo, em pé, junto a uma árvore. Era incapaz de raciocinar.

– Santo Deus – murmurou. – As mãos a percorriam por cima do vestido, tentava abaixar o corpete. – Qual o seu nome? – ofegou. – Quem é você? Diga-me, qual o seu nome, preciso saber – exigiu ansioso sem ter certeza em como soava, próximo a um louco? Era provável.



Quando o ouviu perguntar por seu nome, algo distante a fez retomar a esquecida consciência. Esquecida não, morta, velada e enterrada consciência. Sentiu a boca quente e macia dele, passar por suas bochechas e descer até alcançar a curva do pescoço. As mãos avançaram por cima do corpete e ela notou que a peça começava a ceder.

“Não era certo, apesar da presença dele confundir o que era esse tal conceito de certo, algo dentro dela dizia – não.”

E então, uma força maior, talvez Deus tenha intervindo a seu favor. Ela conseguiu reunir a determinação para não se perder em um jardim com um estranho, que nem sabia o nome.

Quem era ele, afinal?

Não podia, tinha ido longe demais ultrapassado todos os limites. Eles nunca poderiam cruzar a linha de se tornarem conhecidos. Algo rompeu em seu interior, quando com toda a força o empurrou abrupta e certa. O contato do corpo que parecia ter sido feito junto ao seu, a boca quente que a tomava em todos os lugares, foram substituídos pelo frio da noite e a certeza da perda.

– Não podemos – gritou ao sair correndo como se fugisse da força.



Quis detê-la. Mas agarrou o vento causado pelo movimento da sua fuga. Então, agachou-se no chão. Estava abalado demais para ficar em pé.

Correr tremendo era difícil.

Correr com uma ereção que drenava todo o sangue do corpo para um ponto entre as pernas, era impossível.

Tragou o ar com força algumas vezes. Tentava recobrar o equilíbrio do seu pouco satisfeito corpo. As mãos ainda tremiam, as pernas estavam instáveis. O pulmão comprimia as costelas e essas eram as partes menos afetadas do seu corpo.

Quem aquela vadia, ordinária achava que era para provocá-lo até o limite? Até o máximo da necessidade física? A ponto de ter concebido há pouco a descabida possibilidade de que teria de se aliviar ele próprio, como um púbere pervertido – atrás da moita – a fim de retomar a capacidade de andar, afinal, ainda estava de quatro.

Um absurdo despropósito, mas real.

Apoiava as mãos e pés no chão.

Levantou com uma decisão tomada, pouco explicada como as desenfreadas reações que tivera desde que a viu pela primeira vez na noite. Iria arrancá-la do baile a força. Ensinaria aquela provocadora inconsequente que ela não poderia se divertir com qualquer homem e sair incólume.

Artemis, sim.

Entendeu tudo. Para ela, ele devia ser parte de um jogo. Uma vingança por tê-la encurralado como um ratinho no escritório de lord Withmore. Não foi ela quem o convidou a entrar no jardim? Depois bancou a donzela pudica. Abandonou-o com um desejo louco, para aliviar-se com os insetos noturnos da mata.



Kathelyn estava em pânico. Pânico era uma palavra muito sutil para definir o que sentia. Entrou no jardim como uma brincadeira, um teste. Mais uma ideia magnífica da sua incessante ânsia em querer aproveitar ao máximo cada experiência da vida.

Era apenas isso, até que a aventura tornou-se insuportável de tão forte. Explosiva, descontrolada e abrasadora em todos os sentidos e ao mesmo tempo.

Quando o empurrou, sentiu uma dor física. Demorou todo o caminho pelo jardim para organizar o corpo, nem soube como conseguiu recolocar a máscara. Então, de volta ao salão de baile, a torrente de cavalheiros que a abordaram e que antes achou divertido, lhe parecia insuportável.

Ela só queria ir para casa. Sumir daquele lugar.

Foi detida por um cavaleiro medieval e livrou-se dele. Voltaire tornou a cercá-la, empurrou-o sem importar-se. Logo vieram Shakespeare e Nero.

Deus, por favor, só queria ir embora.

Abria o caminho entre rabos de crocodilos, cabeças de girafas, armaduras, túnicas gregas e Santo Deus! Onde estava Afrodite, ou melhor, Judith?

Avistou a prima conversando com o marido que ia ao lado de um elefante e um tomate? O que era aquele círculo vermelho com pernas? Judith lançava vez ou outra, olhares pelo salão.

Quando a viu sorriu com uma expressão de alívio.

– Onde estava? – perguntou Judith.

– Na varanda rodeada por imperadores e poetas – tentou mostrar-se descontraída.

– As festas a fantasia são mesmo muito divertidas.

– Sim, são – replicou seca.

– Está bem?

– Na verdade não, de repente fui apanhada – fez uma pausa pensando “fui apanhada por um par de olhos dourados, braços fortes e um rosto lindo como o inferno” e concluiu em voz alta: – Uma forte dor de cabeça – concluiu a sua farsa. – Não era de todo uma farsa, sua cabeça realmente começou a doer.

– Oh querida! Quer um pouco de sais? Posso ir buscar, ou podemos pedir para lady Withmore.

– Na verdade, gostaria de ir para casa... Mas, não quero estragar a noite de vocês, apenas me ajudem a encontrar um carro de aluguel.

– De maneira alguma, somos responsáveis por você. Vamos levá-la para casa agora, não é mesmo Wulfrik?

– O quê? – O baronete que ia distraído conversando com o tomate, respondeu.

– A pobre Kathelyn está sofrendo de enxaqueca e disse que a levaríamos para casa.

– Que pena Kathelyn, estava tão feliz com a festa.

Kathelyn começava a se desesperar. Não queria correr o menor risco de cruzar novamente com o falcão. Vez ou outra os olhos caíam na porta que ela supunha que ele apareceria a qualquer momento.

O que faria se a visse?

A ignoraria entendendo que o comportamento dela foi o normal e o esperado de uma jovem e inocente dama?

Talvez, aparentemente, não tão inocente no episódio das escadas, do jardim, da forquilha e ao desfiar conhecimentos em grego.

Será que estaria furioso por ela ter fugido dele como se fosse uma praga? E se estivesse, a humilharia em público?

Isso seria sua ruína, a ruína de Lilian e de pelo menos cinco gerações vindouras da família.

“Não permita, Deus. Não permita, Deus, não permita.”

– Vamos, por favor, agora. – Saiu em direção ao vestíbulo sem olhar para trás.

Wulfrik colocou a capa.

– Está tão mal assim?

– Sim – ela sacudiu a cabeça.

– Por um momento achei que estava fugindo de algo ou alguém.

Ela abanou as mãos em um gesto displicente.

– Não, é apenas que dói tanto a minha cabeça... não conseguiria ficar mais no salão – apertou as têmporas para dar crédito ao que dizia.

– Não se preocupe, querida, a levaremos rápido para casa – foi Judith quem a consolou.

Kathelyn só relaxou, quando estava em segurança dentro da carruagem, há alguns quilômetros de distância do baile. Somente então, suspirou e soltou-se no banco do veículo.

Após um breve silêncio, Judith comentou, amigável:

– A nata mais alta da sociedade estava presente no baile.

Kathelyn, finalmente desatava o laço da sua máscara.

– É mesmo? – replicou tentando ser simpática.

– Sim – continuou Judith, entusiasmada –, disseram-me que até mesmo o duque de Belmont estava presente.

– Ah é? – forçou uma desmotivada atenção.

– Sim, e ele quase nunca vai a festas durante a temporada, salvo as mais exclusivas... Isso é claro, quando ele está na Inglaterra.

– Hum, é claro – respondeu arqueando as sobrancelhas, dessa vez sem conseguir disfarçar o seu descaso.

– Pouco antes de você aparecer, passou ao nosso lado uma mulher muito chamativa... Dizem as línguas mais afiadas, se tratar da sua amante... Uma bailarina espanhola famosa.

– Que bom para ele, não é mesmo? – Kathelyn não queria mais fingir e deu uma risada forçada. Judith a acompanhou.

– Não dá a menor importância a nenhum tipo de fofoca social, não é verdade?

– É verdade – concordou a jovem, resignada.

– Aposto que se o visse nem o reconheceria...

– Também aposto.

– Wulfrik já foi apresentado a ele, não é mesmo, querido?

– Sim, é.

– E conte-me Wulfrik – disse Judith. – Ele é tão inesquecível como todos comentam?

– Se fosse mulher teria me apaixonado irremediavelmente.

– Sorte minha que não é.

Todos riram com sincera diversão.



O motivo das gargalhadas não achava a menor graça na noite. Primeiro foi abandonado no jardim como um duende. Duendes sentiam o corpo doer de desejo mal resolvido? Supôs que não.

Ao retornar para o salão, não havia nem sinal da jovem que o abandonou e ninguém com quem ele conversou tentando discretamente obter algum tipo de informação, sabia informar quem era a tal dama. Muitos, com exceção dos homens, é óbvio, nem a tinham visto. Para finalizar, quando ele decidiu ir embora, topou com a sua ex-amante.

Haviam acabado o caso havia uma semana e ela o seguia louca desde então. Largou-a no mesmo local que a encontrou. Foi com o humor dos cães famintos para casa. Decidiu que esqueceria a experiência e também a dama, única culpada de toda fome e de todo o mau humor do mundo.

ESPREGUIÇOU-SE. EXISTE ALGO MELHOR DO QUE DESPERTAR languidamente?

Adorava se esticar na cama e recolher os sons da manhã. Algumas vezes ainda de olhos fechados. Apesar de parecerem sempre muito iguais, para ela as manhãs eram a certeza de que tudo se renovava. Ela se deu conta dos distintos sons matinais.

Bocejou.

Ouviu a porta do quarto abrir. Era Lilian, ela sorria sempre por cima do nariz delicado e olhos amarelos, quase dourados.

Reteve o ar com a lembrança. Parecidos com os do falcão.

– Bom dia, querida – Kathelyn falou.

Lilian sentou-se na beira da cama.

– Conte-me tudo... como foi?

Ela bocejou.

– A coleção do lorde Withmore é incrível.

– Conseguiu entrar?

– É claro que sim...

– E o que mais?

Kathe se esticou e disse com a voz espreguiçada.

– Conheci um homem... Bem, alguns homens. Mas, um em especial. – Sentou e encostou-se à cabeceira. – Um falcão.

– Falcão?

– Parecia um falcão, tinha os olhos amarelos como os seus – franziu o cenho analisando-os. – Um pouco mais escuros que os seus.

– Não quero saber dos olhos – contestou a irmã cheia de expectativa. – Conte-me o que aconteceu?

Kathelyn ficou séria.

– Não posso.

– Não? Mas...

- Fiz a maior loucura da minha vida – interrompeu-a.
- O que fez? – Os olhos da irmã ficaram maiores.
- Invadi o escritório de lorde Withmore... Usei uma forquilha para abrir a porta.
- Kathe, você foi descoberta?
- Não...
- Graças a Deus.

– Depois o falcão apareceu e... – Lilian arregalou mais os olhos – ...conversamos – a irmã suspirou. – Então, voltamos para o baile e... dançamos uma valsa.

Lilian suspirou de maneira mais audível.

- Então...
- Oras, pelo amor de Deus, está me matando! O que aconteceu?
- Beijei-o.

Lilian soltou o ar pela boca.

- Não é assim tão mal.
- Eu o convidei a entrar no jardim.
- Oh, meu Deus!

– Não sei nem o seu nome e não foi um beijo qualquer – franziu o cenho –, nem sabia que era possível fazer o que ele fez – ela abaixou o tom de voz e disse: – Ele enfiou a língua dentro da minha boca e moveu-a por todas as direções lá dentro.

- Oh céus!
- Parece nojento, não é?

A irmã apenas assentiu com os olhos postos como pratos.

– Não é, acredite em mim e quando achei que fosse me desfazer, eu imitei-o... e... e... Foi inacreditável, o beijo me deixou inteira mole e quente e sem ar e...

- Mole? – indagou a irmã lívida.
- Não sei direito, mas quando dei por mim ele tentava abaixar o meu vestido.
- Ohhhh – Lilian gritou horrorizada com as mãos sobre a boca.
- Shhhh! Quer que todos escutem?

Ela negou com a cabeça.

– Então, aconteceu um milagre... antes que ele conseguisse avançar com o vestido, eu o empurrei e corri como se fugisse do calor da palmatória. Dizem que é quente o tal do inferno, mas duvido que seja tão quente quanto o calor que os beijos dele – levou os dedos aos lábios. – Despertaram no meu corpo.

- Oh, meu Deus, e agora? Suponho que terão de casar, não é mesmo?

Kathelyn deu uma gargalhada sufocada pelas mãos.

- Nem trocamos os nossos nomes... E além do mais, papai jamais aceitaria.

A irmã menor arregalou os olhos outra vez.

– Pare de abrir os olhos assim, ou eles rolarão do seu rosto... Não fui desonrada.

– Não?

– É claro que não... Para isso, pelo o que Steve me contou... Quando éramos menores – justificou-se. – Ele me contou que para a mulher perder a honra, ela tem que estar sem roupa e o homem também, ao menos as partes mais... Mais... Mais íntimas.

– Mas ele tentou tirar a sua roupa?

– Tentou, mas não conseguiu. Como falei, foi um milagre.

– Nunca mais vai vê-lo?

– Espero que não – disse desejando o oposto. – Afinal, papai me mataria.

Ernest Stanwell Conde de Clifford, ou melhor, o Quinto Conde de Clifford, jamais, nunca aceitaria que qualquer uma de suas filhas, casasse com alguém que não precedesse de uma família tão aristocrática quanto a dele.

Kathelyn decidira que só se casaria quando entendesse ter encontrado alguém diferente. Alguém que valesse a sua entrega. Arrepiava-se com a ideia de pertencer a um homem cujo pensamento mais liberal era de que uma boa esposa devia gerar herdeiros, não criar problemas e pertencer a uma boa linhagem.

Quase como um cavalo.

Casar-se com um homem que fugisse de todo esse espetáculo de horror era uma ideia tentadora e descabida na mesma proporção.

Tentadora porque ao pensar no único homem que conheceu e que parecia ser esse opositor aristocrático, só conseguia vislumbrar dois olhos cor de âmbar. Descabida porque essa era uma ideia tão distante da sua realidade, que era uma tolice perder tempo criando este tipo de ilusão.

– Soube que Lady Wharton convidou a mamãe e o papai para assistirem a uma ópera de Mozart que estreia amanhã, no Teatro Real – disse a irmã desviando o assunto.

Kathelyn era apaixonada por óperas e justo quando poderia assistir a uma de verdade, estava de castigo.

Conhecia tantas peças como eram possíveis para alguém que nunca fora a um teatro.

Mozart, Beethoven, Bach e Wagner, ocuparam muitas das horas de sua vida. Além de tocá-las no piano, cantava como um anjo. Isso era o que o seu professor de música repetia todas as manhãs, quando se reuniam para estudar.

Ele dizia que Kathelyn poderia ser uma cantora famosa de ópera, se assim desejasse.

Dizia isso quase em tom de segredo. Era um homem inteligente e gostava de viver. Gostava ainda mais do seu emprego. Seu pai, que tinha outro tipo de sabedoria, não gostava muito de ver a dedicação e o entusiasmo com que Kathelyn levava as suas aulas de canto.

Já toca e canta muito bem para entreter ao seu futuro marido e a família, não precisa mais demonstrar tanta dedicação. Vamos ocupar o seu tempo com outras atividades e parar as lições de música – insistia o conde quase todas as manhãs.

Era então que Kathelyn se desesperava, a sua mãe se compadecia e no final o pai cedia.

– Tenho uma boa notícia – Lilian, puxou-a de seus pensamentos. – Ouvi mamãe conversar com papai e convencê-lo de que a discreta aparição em uma ópera é a melhor maneira para o seu retorno à vida social.

– É sério? – Kathelyn levou um dedo à boca e mordeu a sua lateral, ansiosa.

A irmã continuou:

– Papai ficou em silêncio durante um bom tempo, então concordou. Você irá à ópera Kathe.

– Oh, Lilian, estou tão feliz – Kathe pulou e abraçou-a –, é sempre tão doce e compreensiva e tão boa para mim, te amo, minha irmã.

– Também Kathe, a amo muito – Lilian deu um sorriso cúmplice e completou: –, você irá em dos camarotes mais nobres do teatro.

– Não iremos ao nosso camarote?

– Esqueceu-se o que disse? Lady Wharton, amiga de sua madrinha, recorda-se?

– Sim – respondeu Kathelyn.

– Ela é tia-avó do duque de Belmont, convidou-os para ir no camarote dele, deve ter uma localização privilegiada e uma visão melhor do palco.

Kathelyn mordeu o lábio, ansiosa.

– Prometo lhe contar tudo com perfeição.

– Eu espero por isso. Concluiu a irmã dando um tapinha de leve no seu ombro.

NAQUELA MESMA TARDE, SEGUIRAM PARA LONDRES. Kathelyn, a sua mãe, a irmã e sua prima Florence. Iriam a uma loja de tecidos e outra de acessórios.

A loja de tecidos era na elegante Regent Street. A primeira rua do mundo projetada para ser um centro de compras. Nessa rua, filas de carros luxuosos e de cavalos imponentes disputavam a atenção com as ricas fachadas dos prédios.

– Podemos parar em algum livreiro? – Kathelyn perguntou fingindo desinteresse.

– O que pretende comprar? – perguntou a mãe com olhar entediado para fora do veículo.

– O nobiliário inglês atualizado, que a Sra. Taylor quer que eu estude – comentou. – *Rousseau* –, pensou em silêncio.

– Temos que passar na loja de aviamentos e logo depois iremos a Floris em St. James – a mãe falava sem desviar o olhar da rua. – Preciso comprar um pente.

– Essa loja é mesmo maravilhosa – disse Florence. – Parece que a própria rainha usa os produtos deles.

– Eu gosto de St. James – disse Lilian. – É um bairro tão elegante, adoro olhar os vestidos das damas que passeiam, ali...

– Gosto das mansões de lá, são tiradas de contos de fadas. – Florence ajustou o botão da sua luva.

– As mais bonitas estão em Upper Brook – Lilian continuou.

– Soube que o visconde de Kent construiu uma mansão magnífica aqui em Mayfair, ele é um dos melhores partidos da temporada.

O visconde de Kent era um dos nobres que esteve no jardim tomando café da manhã junto ao seu cavalo, naquele dia em que o pai a castigou. Era possível que o seu pai a tenha castigado somente por causa do visconde e, claro, porque ele fora uma das pessoas que o animal sujou mais.

– É uma pena – continuou Florence. – Ele não voltou a lhe procurar, verdade Kathelyn?

– Verdade, é mesmo uma pena. – Talvez sua mãe não quisesse passar no livreiro. Kathelyn olhou para a mãe que se abanava e coçava a lateral do pescoço discretamente. Toda a vez que um assunto incomodava a Elizabeth ela coçava com dois dedos a lateral do pescoço.

– Ainda bem que os nobres que estavam lá naquela manhã tiveram a educação de não espalhar o que ocorreu – sua mãe afirmou ainda se coçando.

Será que haveria algum livro de Balzac? Queria ler o último romance dele. Ouviu a prima continuar.

– Além do visconde de Kent, estava também o barão de Montville.

– Graças a Deus que este estava – disse Lilian. – O homem veste calças de cetim rosa.

– E dizem que tem uma renda de apenas 3.000 libras por ano.

– Sabe a renda de todos os nobres solteiros de cor, Florence? – Lilian perguntou com olhos arregalados.

– É claro que sim, como poderia analisar as propostas de casamento sem ter essa informação.

Talvez houvesse algo de Charles Fourier ou de Saint Simon. Ouviu a prima que não parava de falar dos nobres solteiros e suas rendas.

– Naquela manhã estava também o misterioso barão de Owen, esse sim, é rico além da decência.

Kathelyn sabia por que era considerado misterioso. Ele ficou viúvo após dois anos de casamento e não tivera nenhum herdeiro. Costumava ser grosseiro e tinha um humor sarcástico. Esse fora o único dos quatro nobres presentes naquela manhã, que voltou a visitá-la. Foi vê-la durante uma semana todos os dias. Foi o único que riu junto a ela do incidente com o cavalo. Durante as suas visitas conversavam sobre temas que não aborreciam. Ele era um estudioso de filosofia francesa e descobriram alguns interesses incomuns. Lorde Owen não a tratava como uma criatura inepta ou de uma doentia fragilidade, como costumavam ser tratadas as debutantes por todos os nobres. Ao menos os nobres que ela conhecia. No final da primeira semana, Owen pegou em sua mão e disse:

– Acho-a maravilhosa, senhorita, e ficaria muito honrado se aceitasse ser minha esposa – ele fez uma pausa e pigarreou –, se disser sim, irei agora mesmo falar com seu pai a respeito de minhas intenções.

A Sra. Taylor que estava sentada próximo a eles empalideceu. Isso porque algumas pessoas juravam que havia sido ele quem matou a sua esposa, tempos atrás. Kathe sabia que isso não era verdade. Acreditava que não era verdade, muito mais porque gostava de se desfazer das fofocas da sociedade do que por conhecer ao barão. Ainda assim, apesar de lorde Owen não parecer para Kathelyn um assassino, ela não o amava. Na verdade, nem o conhecia direito.

– Eu fico muito honrada, senhor. – Os olhos da preceptora abriram enormes. Kathelyn continuou: – Mas, espero que entenda, não é uma ideia comum a jovens da minha posição,

entretanto estou decidida, só casarei por amor e... bem, apesar de considerá-lo uma boa companhia não... é não.

– Sei que não me ama, mas o amor pode vir com o tempo.

– Acredito que se passarei a minha vida junto a alguém, espero fazer por amor. – Ela não conseguia enxergá-lo como alguém a quem aprenderia a amar. Entretanto, não sabia como dizer isso sem magoá-lo.

Ele olhou para baixo, ainda estavam de mãos dadas, ela prosseguiu:

– Ainda podemos ser amigos, suas visitas me agradam.

– Senhorita, eu não quero ser seu amigo, eu quero ser mais do que isso – ele apertou a sua mão com uma força calculada. A Sra. Taylor forçou uma tosse. O barão continuou. – Esperarei o seu retorno aos bailes, já que ainda está... doente.

– Sabemos que eu estou de castigo... – Ele assentiu sorrindo e ela disse: – Por favor, não me espere eu não sonho em casar tão cedo.

– Para a minha infelicidade, acho a senhorita inteligente em sua postura.

A voz da prima trouxe-a de volta ao interior da carruagem.

– Com o dinheiro de lorde Surel eu suportaria até o mal gosto que ele tem para roupas.

– Com esse trânsito, não conseguiremos fazer metade das coisas que precisamos – reclamou a sua mãe.

– Ainda assim podemos ir ao livreiro. Picadilly é ao lado de Regent, não levará muito tempo. – Kathe olhava para sua mãe que olhava para fora.

– Podemos passar por Picadilly Circus? É tão movimentado e interessante. – Lilian mexeu-se no banco, parecendo excitada com a própria ideia.

– Não, primeiro faremos aquilo que viemos...

– Olhem! Meu Deus, é o duque de Belmont. – Florence interrompeu Elizabeth. Estavam paradas para a travessia de pedestres na Oxford Street. A ruiva grudou a cara na janela e disse: – É mesmo o cavalheiro mais bonito de todo o Reino Unido. Deus, eu daria as unhas das mãos e dos pés pela chance de ser cortejada por ele.

– Comporte-se, Florence – disse Elizabeth.

– Ele está entrando em uma joalheira – Florence abanou-se. – Que momento mais indiscreto, estará comprando joias para a querida dele?

– Ele é mesmo muito... elegante – arriscou Lilian com um risinho.

– Ele é tudo o que dizem de atraente e ainda mais. – Florence continuava com cara colada no vidro.

Kathelyn pensava em Pierre Joseph, esse era o nome que não conseguia lembrar. O pai do anarquismo moderno. A carruagem se pôs em movimento.

O livreiro, o senhor Ward prometeu a ela que conseguiria Indiana de George Sand¹.

– Kathelyn – sua irmã a chamou com ênfase. Ela piscou fundo, retornando sua atenção para as três mulheres que a encaravam.

– O quê?

– Não viu o duque, não é mesmo? – Lilian perguntou, divertindo-se.

– Não, estava distraída pensando no livro que a Sra. Taylor comentou.

– Imagino – disse a irmã com uma forçada seriedade.

O NONO DUQUE DE BELMONT, ARTHUR, ACORDAVA SEMPRE muito cedo. Tomava uma ampla xícara de chá. Cavalgava pelo Hyde Park. Lia o periódico. Organizava a agenda social junto ao seu secretário. Tratava das finanças, de suas propriedades com os administradores. Reunia-se uma vez por semana com seu advogado. Ia três vezes por semana para o parlamento, depois praticava esgrima ou boxe. Então, seguia para o Whites, onde finalmente podia relaxar bebendo um bom conhaque, participando de alguns jogos e desfrutando da companhia de amigos.

Era uma rotina metódica, organizada e equilibrada.

Rotina que levava quando estava em Londres, o que não era tão comum, visto que viajava muito para cuidar de suas propriedades e de seus interesses pessoais.

Era muito seletivo em seus interesses pessoais. Hospedava-se ao menos uma vez por ano na sua propriedade da Itália, duas na Espanha e outras tantas em Paris.

Mantinha com todo o luxo uma bem escolhida amante. Essa deveria ter a disposição de deslocar-se para segui-lo onde ele desejasse. Como viajava muito, essa disponibilidade era um item fundamental, que constava em todos os contratos entre ele e suas seletas companhias.

Rompeu com Catharina há uma semana. Ficaram juntos um ano e antes que as exigências comessem a pesar e os encontros se tornassem tediosos, ele se afastou.

Com o rompimento, Catharina levou uma grande propriedade na Espanha, dois colares de diamantes e uma soma em libras suficientes para sustentá-la com conforto para o resto da vida. Achava que era justo recompensar as suas amantes muito bem, entendia que isso evitava problemas.

Acabara de fechar o acordo com a sua nova protegida, uma cantora italiana que estreava em Londres aquela noite, no teatro real. Como estava decidido a casar, ela seria a sua última amante. Ser o único homem em uma família de três mulheres tinha-no feito aprender algumas coisas.

As suas irmãs sofreram com maus casamentos: Jessica e Scarlet.

Era aceitável que um homem pudesse ter os seus casos depois de casado, contanto que fosse discreto para não expor ao ridículo a sua família.

Apesar de ser muitos anos mais novo do que suas irmãs, Arthur acompanhou o sofrimento delas e de sua mãe a distância.

Na época o pai ainda era vivo.

Foi tamanho o escândalo em que se envolvera o marido de Jessica – a sua irmã mais velha – que ela não suportou a humilhação e nem o sofrimento e acabou com tudo.

O ex-cunhado morreu de forma rápida com um tiro certo no coração, parece que a mulher com quem o canalha estava envolvido, era casada e o marido foi quem acertou as contas.

Inacreditável que depois de tal tragédia, anos depois, o marido de Scarlett a expunha a uma traição também pública. Era visto com a amante em eventos respeitáveis e estava quase sempre muito bêbado para poder justificar qualquer coisa.

Antevendo o pior, seu pai desafiou o então genro a um duelo. Fez isso antes que a situação se tornasse, outra vez, insustentável.

O final menos trágico do duelo não prenunciava o que viria. Seu pai foi ferido de raspão no ombro e o seu então cunhado, foi ferido na perna, quase entre as pernas. Um lembrete para que ele aprendesse a usar melhor o membro. Quando se recuperou da ferida, o covarde fugiu da Inglaterra, abandonando mulher e filhos. Fugiu, Cristo!

Ele sempre soube que o dia em que casasse, não humilharia a sua esposa e não trairia a sua família. Por isso, tinha que escolher bem... Muito bem, a sua futura esposa. A lembrança de uma dama, vestida de azul escuro voltou. Logo e muito irritado, ele expulsou-a para fora.

Entrava no parlamento para a seção diária. Já havia tomado as medidas necessárias a fim de manter a calma. Foi o caminho inteiro respirando pausadamente e ordenando as ideias.

Tudo o que ele fazia a fim de relaxar durante os seus dias, a Câmara dos lordes era capaz de tirar dele em poucos minutos. Não a Câmara, mas sim, os lordes dentro dela. Os Tories², mais precisamente. Arthur era um defensor do liberalismo político e econômico, fazia parte do Whigs³.

A seção já havia começado e quem falava era lorde Hervey.

– Continuamos a debater o sufrágio universal, querem agora fortalecer ainda mais essa classe? Santo Deus! – quase gritou o homem, Arthur se sentou e ouviu. – Proletariado urbano se reúne e se organiza se continuarmos cedendo espaço. Logo estarão sentados aqui junto a nós e logo comerão em nossas mesas e casarão com nossas filhas, não será apenas a Carta do Povo⁴ que teremos que responder, senhores.

– Filhas? – interrompeu lorde Sussex, um Whigh. – Aqueles de nós que têm filhas na idade para casar é que se preocupem com isso.

Um coro de risadas se fez presente e lorde Hervey ficou vermelho de raiva. Ele tinha uma filha que não conseguiu uma única proposta de matrimônio em quatro temporadas por ser manca e míope. Já era considerada uma enclhada. Tinha a idade de 26 anos.

– Contenha-se, meu lorde, ou esse passará a ser um problema pessoal e não mais político – respondeu Hervey entre os dentes.

Arthur pediu a palavra. Ele ergueu a mão e se fez silêncio. Um duque no parlamento sempre conseguia essa reação.

– A verdade é que a população urbana cresce a cada mês de maneira surpreendente. A revolução industrial insufla a migração do campo para a cidade. A fome na Irlanda agrava esse sintoma. A urbanização já é um fato e o aumento populacional desenfreado é a prova disso. Não podemos ignorar os fatos. – Arthur voltou a sentar.

– Não estou dizendo para ignorarmos, e sim, para não incentivarmos ao aumentarmos os benefícios concedidos para essas classes – disse Hervey. – Se não excelência, logo a Câmara ficará vazia, teremos que capinar em nossas propriedades a fim de alimentar o excedente populacional urbano. – Ouviu-se um coro de risadas. Hervey fechou a mão em punho e continuou: – Esses trabalhadores que exigem igualdades e direitos ainda precisam se alimentar e continuam gerando bocas extras com essa mesma necessidade. A nova lei dos pobres⁵ refreia, mas não resolve o problema.

– A lei dos pobres... – Belmont voltou a levantar. – Falam dela e dos pobres com tanta propriedade... Quantos de vocês costumam tomar o desjejum em St. Giles⁶? – Alguns homens pigarrearam, outros moveram-se em suas cadeiras. Arthur prosseguiu: – Se os senhores não conhecem, posso ilustrá-lo... Garanto que é bem diferente de Mayfar. No Giles, as vielas são apertadas e sem calçamento. Há buracos por todos os lados. No lugar de cachorros exóticos guiados por damas, os animais morrem e apodrecem nas ruas. A falta de saneamento básico não melhora a situação do mau odor... Os dejetos são jogados nas mesmas ruas, que vejo... lorde Westland deve conhecer – O homem apontado, tapava as narinas com o lenço, com uma cara de repulsa, como se pudesse somente diante da lembrança evocar o mau odor.

Arthur disse:

– Temos que criar condições para que esse excedente populacional viva de maneira decente e não tentar suprimi-lo de maneira abusiva. O crescimento da indústria não se deterá pela vontade retrógrada de alguns, ao contrário, ele precisa de mão de obra, mas não de qualquer uma e sim, de trabalhadores qualificados. Pessoas que encontrem condições salubres de vida a fim de que queiram continuar trabalhando no dia seguinte. – Arthur sentou-se e um coro audível de discussões paralelas se fez presente.

2 Antigo Partido Conservador. (N.E.)

3 Partido Liberal. (N.E.)

4 Organizado em 1838 por Feergus O'Connor e William Lovett, o cartismo tem origem numa petição conhecida como Carta do Povo, apresentada ao Parlamento. Seu programa constava seis pontos importantes: sufrágio universal masculino, igualdade de direitos eleitorais, voto secreto, legislaturas anuais, abolição do censo eleitoral etc. (N.E.)

5 Leis que separavam as pessoas classificadas como pobres. As mesmas viviam em albergues e usavam uniformes de acordo com a classe em que se encontravam. Dormiam separados – homens, mulheres e crianças. (N.E.)

6 Bairro de Londres extremamente miserável no século XIX. (N.E.)

APÓS A SEÇÃO NO PARLAMENTO, ARTHUR QUERIA DESCANSAR a cabeça.

Era um fim de tarde quente. Entrou no whites o seu reduto de relaxamento, feliz por encontrar abrigo do sol. Cruzou com dois conhecidos, cumprimentou-os. Adentrou pelo corredor que dava acesso à sala onde os cavalheiros desfrutavam de charutos e conhaques. Logo viu Henry – Conde de Portland – e Stephen – Visconde de Essex, seus amigos de Oxford. Dois colecionadores – como ele – sentados já desfrutando das suas bebidas.

– Boa tarde! – disse puxando uma poltrona.

– Boa tarde, Belmont – respondeu Portland.

– Conhaque? – indagou Essex.

– Claro.

– Soube do novo fervor das apostas? – perguntou Portland sorrindo.

– Não.

– Todos os cavalheiros de Londres divagam sobre a identidade de uma específica dama do baile de máscaras de lorde Withmore – continuou Portland.

– Hum – respondeu. Lembrar daquela noite ainda o irritava um pouco, portanto preferia não prolongar a conversa.

– Ela ia fantasiada da própria noite e ofuscou o brilho de todas as outras damas do baile. – Portland deu uma baforada cheia de fumaça.

Ele se mexeu na poltrona desconfortável. “Maldição, veio para relaxar e não para lembrar-se daquela, daquela”, tentou buscar a palavra meretriz, mas o que apareceu na mente o fez ficar ainda mais irritado – “daquela deusa”.

– Você a deve ter visto – afirmou Portland. – Todos os homens da festa a viram. Inclusive eu troquei duas palavras com ela.

– Não a vi – respondeu seco.

O amigo que ia descontraído sorriu com ironia.

– Engraçado ouvi alguns rumores de que você foi o único privilegiado a dançar uma valsa com a dama.

- Ouviu errado, era um baile de máscaras as pessoas se confundem.
- Você também Arthur, mal ficou no baile. – Essex foi quem emendou a brincadeira.
- Dizem que ela ainda não foi apresentada à sociedade, e por isso ninguém a reconheceu...

Dizem que terá sua estreia em breve, me parece que usou de uma boa estratégia... Será o furor da temporada – concluiu Portland e deu um gole no conhaque. – Apostei que ela é filha do lorde Strabolgi, a Srta. Anabella, contam que ela é estonteante.

- Não me interessa! – o duque respondeu ainda mais ríspido.
- O que há com você? – Portland disse franzindo o cenho.
- Não estou com humor para apostas idiotas.
- É apenas uma brincadeira Arthur, não devia lhe incomodar tanto.

– Não incomoda nada e se quer saber o que eu acho – lembrou-se dos olhos cor de turquesa. A deliciosa boca. As curvas generosas dos seios. A conversa regada a risadas e irritou-se com o desejo que voltou a sentir. – Acho que uma mulher que chama a atenção de todos os homens de um baile é uma meretriz desclassificada, é isso que eu acho – concluiu colocando a taça com força em cima da mesa. Como se a mesma pudesse sacramentar as suas palavras.

– Dizem que ela foi vista na companhia do Barão de Wulfrik e de sua baronesa, uma meretriz não estaria junto com tais nobres – confirmou Essex cheio de boas intenções.

Ele bufou impaciente

– Para mim já basta por hoje, obrigado pela companhia – levantou e saiu com um movimento tão seco quanto o tom de sua voz.



O duque continuava ligeiramente irritado com o rumo da conversa da tarde. Voltou para casa para arrumar-se. Foi ao escritório, serviu uma boa dose de conhaque e subiu com a taça na mão. Tocou a sineta para chamar ao seu valete que entrou no dormitório com a usual eficiência.

- Boa tarde, Scott.
- Boa tarde, excelência.
- Preparo-lhe um banho?
- Sim, por favor, e o meu traje de gala também.
- Sim, excelência.
- Scott?
- Sim, excelência?
- Não tenho hora para voltar hoje, não espere por mim.
- Claro, excelência.

Concluiu para si mesmo que nos braços de Antonella o seu mau humor de dois dias acabaria. Com certeza acabaria.

QUEM IA MUITO BEM-HUMORADA ERA KATHELYN. RADIANTE, olhava para todos os lugares do teatro. Estava tão feliz e realizada que nem sequer percebeu que se tornava o centro da dirigida curiosidade, das presenças masculinas e femininas.

Isso se dava por dois óbvios motivos:

Estava no camarote do duque de Belmont e era uma jovem de chamativa beleza. Não demorou a aparecer os primeiros comentários.

– Será a próxima amante do duque? – perguntou lady Gowers.

– Não seja tola, não percebe que é filha do conde de Clifford... O nobre inclusive está sentado no mesmo camarote – respondeu o marido da dama.

– Estaria finalmente cortejando a uma dama com interesses de matrimônio?

– Dizem que é este o motivo que o trouxe a Londres em plena temporada. – Ouviu-se em outro camarote.

Kathelyn não ouvia nada, somente o seu coração. Ele desejava que começasse a flauta mágica, ópera que ela já cantara tantas vezes.

Ao seu lado dois lugares vazios. A sua madrinha explicou que o duque era um homem generoso e emprestava o camarote aos amigos e familiares. Porém, tinham que deixar sempre dois lugares desocupados. Isso somente para o caso dele resolver aparecer com companhia.

Ela achou aquilo descabido. A sua madrinha também afirmou que ele quase nunca estava em Londres e os lugares vagos eram os melhores, quase na boca do palco.

Um ser arrogante e egoísta – concluiu.

Então, os primeiros acordes soaram.

Fez-se silêncio na plateia.

Kathelyn se emocionou antes mesmo que Antonella, a soprano italiana, iniciasse a cena.

Ouviu a porta do camarote abrir.

Quem seria o mal-educado capaz de adentrar em um camarote, quando a ópera já iniciara?

Ah, claro – imaginou de imediato. A sua excelência, que está tão acima de todos os mortais.

Ele acha que pode chegar e sair a qualquer momento, de qualquer lugar, sem o menor respeito.

Foi aí que algo aconteceu.

Percebeu que alguns dos convidados levantaram em respeito a presença ducal. Olhou de esguelha e viu que o nobre fez um gesto indicando que a mesura não era necessária. Então, por algum motivo que Kathelyn não capturou, o duque se desequilibrou. Uma de suas passadas saiu em falso e ele pulou em dois passos tortos. Quase caiu no estreito corredor.

Só não o fez porque pareceu ser bastante ágil e recuperou rápido a postura.

Aquilo para Kathelyn foi o suficiente para desencadear o que sempre, sempre resultava em sua desgraça.

Já estava feito. O corpo mostrava todos os sinais de que seria inútil tentar manter a coerência, enquanto o único capcioso pensamento era a imagem de um empertigado, arrogante e estúpido duque, caindo em cena. Ou quase em cena, porque estavam praticamente em cima do palco.

Não poderiam acusá-la de não ter tentado resistir. Sabia que quebraria um número de regras de etiqueta tão elevados que nem se arriscava a contar quantas.

Ela tentou não quebrá-las.

Mordeu os lábios tão forte que até gosto de sangue sentiu. Mas o seu senso de humor pouco se importou. Cravou as unhas nas palmas da mão e acusou as luvas de serem cúmplices do que estava a ponto de acontecer.

Começou a tremer.

Esse era o último e fatal aviso de que logo, tudo estaria perdido.

Elevou as mãos e as culpadas luvas e cobriu totalmente o rosto a fim de tentar disfarçar ao máximo. Estourou em uma descomunal gargalhada, bem pouco abafada por suas mãos.

A mãe, que vinha sentada ao seu lado direito, cravou as unhas no seu braço. Elizabeth sabia o que estava acontecendo. Uma vez que começava a rir, não parava mais.

Isso era muito engraçado em determinadas situações e muito desesperador em outras. Infelizmente, Kathelyn só encontrava a parte engraçada na atual situação. Nada parecia ser capaz de demovê-la do transe eufórico.

O duque sentou ao seu lado esquerdo, desobecendo, ou pouco se importando com a convenção, que mandava os cavalheiros sentarem sempre, na fileira atrás das damas.

– Está chorando, passa bem, senhorita? – ele perguntou em voz baixa junto ao seu ouvido.

Agora o mundo podia acabar de maneira trágica e violenta.

Ela jamais pararia de rir.

Esqueceu-se da ópera. Esqueceu-se dos seus pais. Das normas rígidas com que eram educadas as damas. Esqueceu-se de tudo.

Tirou as mãos do rosto, e ainda rindo desenfreada, acenou positivamente com a cabeça para o nobre. Ela mal conseguia enxergar diante da cortina de lágrimas que inundava a sua visão.

– Peça desculpas agora para sua excelência – Elizabeth, sua mãe, disse em um tom tão ríspido e gelado que ela parou.

Somente isso conseguiria tal impossível feito de deter as risadas. A sua mãe nunca perdia a paciência e se ela estava brava, Kathelyn seria condenada a forca por tal comportamento.

A jovem tomou três respirações para recuperar o fôlego e a voz. Fechou os olhos, se o olhasse novamente, todo o histérico ataque de riso voltaria. Aproximou-se do duque e disse com a voz trêmula pelo esforço que precisava fazer, a fim de não tornar a rir.

– Perdoe-me, excelência, simplesmente não consegui evitar.



Arthur, que já estava furioso, foi invadido pela maior raiva da sua vida. Primeiro se atrasou por causa de um maldito bêbado, que se jogou na frente da sua carruagem. Teve que socorrê-lo, levá-lo até em casa e ainda entregar dinheiro para a família do vagabundo.

Ao entrar no camarote quase retrocedeu. Tinha se esquecido que o emprestara para a sua tia-avó e amigos. Então, resolveu seguir, afinal, era noite de estreia da sua nova amante. Ele prometeu estar presente. Foi adiante e algum imbecil se atrapalhou deixando um pé no seu caminho. Por muito pouco que ele não foi cumprimentar a sua amante, pessoalmente, no palco.

Quando por fim sentou, reparou um tanto intrigado na jovem ao seu lado. Ela levou as mãos ao rosto e chorava compulsivamente. Ficou tão perplexo diante da comoção da jovem que fez o que nunca fazia – tentou trazer consolo a uma desconhecida.

Quando percebeu que a alucinada jovem, no lugar de chorar, gargalhava – possivelmente às suas custas – ele quase a estrangulou ali, no teatro real. Na frente de toda a corte inglesa. Então, ela chegou próximo ao seu ouvido e sussurrou um pedido de desculpas.

Tudo no mundo tremeu.

Uma voz conhecida, um aroma conhecido – rosas.

Olhou-a: lábios cheios, cabelos dourados, busto, ombros, fascinante.

Era a dama que o largou queimando no jardim.

Não raciocinou mais, estava inundado de raiva, de desejo, de satisfação por reencontrá-la.

Foi impossível lembrar-se de Antonella. Fixou-se na figura ao seu lado, como se admirasse uma valiosa obra de arte.



Kathelyn parou de rir. Foi invadida pela voz da soprano. Acabou toda e qualquer diversão. Nada na sua vida a tocara mais do que aquela cena. Era como se estivesse sendo ela a observada. Era como se ela estivesse sobre aquele palco e cantasse. Engoliu algumas vezes o choro.

Nunca imaginou que algo poderia ser tão forte.

Na breve pausa das árias, ela lançou um rápido olhar para o duque. Apenas para constatar se parecia relaxado e, sendo assim, se havia esquecido o que ocorreu momentos antes.

Os olhos se encontraram.

Por Deus dos miseráveis.

Por Deus misericordioso.

Podia o próprio Mozart ressuscitar, subir no palco e reger o resto da ópera. Ela não se abalaria mais.

O duque apoiava o rosto na mão fechada em punho. Encarava-a sem piscar. Mas, não foi o olhar que a desonrava em público a causa motriz do seu espanto. Ela teve certeza de que era um pesadelo. Que em breve acordaria. O duque sorriu pela metade. Um riso calculado e irônico.

Santo Deus, não podia ser. Sacudiu a cabeça e voltou a olhá-lo. Ele mantinha o mesmo sorriso debochado e assentiu como quem diz – Sim, sou eu.

Meu Deus! Engoliu em seco.

Cristo amado!

Engoliu em seco novamente e olhou-o uma vez mais. Ele passou a língua nos lábios, imitou o gesto feito pouco antes dela entrar... Oh céus! Ela que entrou no jardim por livre e espontânea vontade. Fez o que podia ser feito em tal disparatada, ridícula e absurda situação – riu discretamente e voltou a atenção para ópera.

Que ópera?

Ela não ouviu mais nada.

Negaria. Juraria de pés juntos que era um louco se ele resolvesse delatá-la na frente dos seus pais. Sentia-se confusa, como das primeiras vezes em que pegou o grego para estudar. Não compreendia nada. Deus a ajudasse.



Soou o sinal do primeiro intervalo e Belmont, que sempre se retirava antes do mesmo, ali ficaria. Enfrentaria a turba de interesseiros, mas não perderia essa oportunidade por nada.

Aos poucos as pessoas levantavam na plateia, e nos outros camarotes muitos olhavam em sua direção e ele já ignorara ao menos três cumprimentos a distância.

– Meu sobrinho querido, que honra tê-lo conosco esta noite. – A sua presa mexeu-se incomoda na poltrona, cochichou algo no ouvido da senhora ao seu lado e fez um movimento indicando que levantaria, ele levantou antes.

– Tia Jane, como vai? – emendou a pergunta ao cumprimento. – Não vai me apresentar aos seus convidados? – falou isso olhando a dama diretamente. Ela agora cravava as unhas nos braços da poltrona e ele teve que se segurar para não rir.

– Ah... Claro, que distraída sou, não é mesmo?

Todos levantaram:

– Este é lorde Clifford, mas creio que já o deve conhecer da Câmara de lordes.

Sim, conhecia. O imbecil era um *torie*.

– É um prazer revê-lo, excelência – disse o nobre. – Apesar de nos vermos no parlamento, nunca tivemos a oportunidade de conversar diretamente. Conheci o vosso pai muito bem.

– Sim, meu lorde, o prazer é meu. E devo supor que esta é a sua senhora, a condessa de Clifford?

– Encantada, excelência – concordou a condessa.

Ele respondeu o cumprimento com um gesto de cabeça.

– E esta adorável jovem... – fez uma pausa forçada e franziu o cenho como se divagasse internamente sobre algo. Segurou o próprio queixo entre o indicador e o polegar e disse: – Não me é estranha, tenho quase certeza que já nos vimos antes, senhorita...

– Stanwell, minha filha – foi o pai dela quem concluiu. – E este é o duque de Belmont.

A jovem fez uma genuflexão perfeita e o pai adicionou:

– Sobre conhecê-lo, apesar de saber que ela teria ficado muito honrada, imagino que é improvável, já que esta fora a sua primeira temporada... Por infelicidade ela participou apenas de um baile. Logo depois caiu acamada e levou um mês para se recuperar – o conde tragou o ar, parecia constrangido. – Mas, agora está renovada e deve voltar aos bailes na próxima semana.

– Que bom que se recuperou – Arthur a olhava sem o menor escrúpulo dentro dos olhos, através dos olhos, era aterrador –, me parece tão bem e cheia de vitalidade, que eu não estranharia se me dissesse que há poucos dias... estava admirando relíquias, dançando uma valsa ou passeando por parques ou jardins – deu uma ênfase na última palavra. – Afinal, era uma dama inexperiente, isso explicava tudo ou quase tudo – concluiu para si mesmo.



A Dama em questão não concluía nada além de alguns impropérios. Estava muito ocupada tentando não dar-lhe um tapa na cara. “Desgraçado! Até quando ele pretende levar esse jogo

nojento e cruel? Não ficaria mais calada, se ela errou, ele era um duque e não deveria seduzir jovens sem nem ao menos ter a dignidade de se apresentar.

Ele a enganou, a fez acreditar que não pertencia a nobreza.

Só não a desonrou porque ela o impediu.

Isso já era motivo o suficiente para o seu pai desafiá-lo para um duelo, caso não reparasse o erro. Munida desta certeza, não ficaria mais calada.

– Que perceptivo, vossa excelência, justo há dois dias estive mesmo em um baile e conheci algumas pessoas muito interessantes. Tive também uma conversa produtiva e empolgante com um dos cavalheiros, onde expus toda a minha admiração por vosso título. Pena não ter ouvido, vossa graça ia sentir-se muito adulado.

Ele abriu a boca possivelmente para responder e a fechou antes de conseguir. O camarote foi invadido por um grupo de dez pessoas que o cercaram.

Ela suspirou, aliviada.

– Posso ir, papai? Realmente estou muito indisposta – suplicou enquanto o duque ia cada vez mais enterrado, entre uma torrente de pessoas que chegavam.

– É uma indelicadeza com o duque e com Lady Wharton... Mas, se não se sente bem... – sacudiu os ombros – paciência... Vamos apenas nos despedir dos nossos anfitriões.

Sentaram-se e aguardaram alguns minutos, até que aos poucos a horda se dissipava. Quando havia apenas lorde Fitzwalter conversando com o duque, o conde de Clifford se adiantou:

– Lady Warton, eu e minha família somos imensamente gratos pela maravilhosa noite que nos proporcionou... Mas, minha filha não se sente bem e como sabe ela esteve doente, achamos que não é prudente abusarmos da boa sorte.

Kathelyn desviou o olhar para ler a reação do duque. Ele franziu o cenho. Aquilo não era um cenho franzido. Eram duas rugas entre as sobrancelhas, acompanhadas de um olhar malicioso. Ele se apressou em despedir-se de lorde Fitzwalter. Já Lady Warthon a tia-avó do duque, olhou-a com ar de piedade.

– Oh que pena, temos que marcar outra ocasião para que consigam assistir a ópera até o final.

– Excelência – começou Ernest –, sinto muito, mas minha filha...

– Ouvi, meu lorde – o interrompeu –, e me preocupa muito que ela não esteja bem... Como sou anfitrião esta noite, sinto-me na obrigação de dispor a minha carruagem para levá-la até em casa. – Fez uma forçada pausa e reteve um sorriso que somente Kathelyn percebeu. Disse: – Não somente disponibilizarei minha carruagem, como faço absoluta questão de acompanhá-la até a sua residência... Assim vocês podem desfrutar do resto da noite sem preocupações.

Kathelyn desesperou-se. Mas anos de aulas de etiqueta a mantiveram impecável, erguida e aparentemente impassível. O seu pai e sua mãe entreolharam-se.

– Meu lorde – adicionou Belmont –, vejo pela sua expressão que é um pai zeloso e não o culpo, com uma filha tão adorável é muito prudente. Quero deixar claro que não iremos sozinhos, meu valete me acompanha sempre nas vindas à opera. Ele é um senhor muito respeitável e a sua família nos serve há mais de quatro gerações.

– Oh, sim... O senhor Scott – completou a tia-avó de Arthur.

O conde soltou o ar com uma expressão de alívio:

– Nem por um momento duvidaria de sua honra, excelência. Mas, alegre-me que compreendeu que seria inadequado uma jovem dama seguir por um longo percurso a sós com um cavalheiro, por mais honrado que esse seja.

– Compreendo e lhe garanto, não só contaremos com a presença do meu valete, como também lhe dou minha palavra de honra que sua filha estará totalmente segura comigo.

Kathelyn, que acompanhava a discussão um pouco nervosa e impaciente percebeu que se seu pai cedesse ela ficaria sem saída. Opôs-se com veemência:

– Excelência, não é necessário dar-se a este incômodo e acabar com a sua noite. Além disso, já nem me sinto tão mal... ahn... é... talvez, seja capaz de permanecer até o fim – apelou, afinal estava aflita. Aflita não, desesperada. Deus a livrasse da companhia daquele homem por uma hora inteira.

Ele olhou-a com as sobrancelhas erguidas em um arco e declarou, convicto.

– Não Srta. Stanwell, mesmo que esteja melhor é mais adequado se resguardar... Não queremos que tenha uma recaída em seu frágil estado de saúde, é mais adequado seguir para casa.

A sobrancelha significava ameaça. O homem era perigoso. Muito mais do que julgou inicialmente.

– Não, não é – impôs-se sem cortesia. – Digo não, obrigada, excelência – viu um sorriso patife, cúmplice da sobrancelha em arco.

– Vá para casa com sua graça, minha filha, é o mais apropriado a fazer. – Seu pai tinha um brilho furtivo e estranho no olhar. Kathelyn conhecia muito bem ao pai, estava querendo empurrá-la para o duque. Afinal, devia o considerar o melhor partido de todo o grandioso planeta. Olhou para sua mãe implorando com os olhos, mas ela nunca se opunha. A última palavra era sempre do conde.

– Vamos senhorita – o duque estendeu o braço –, deseja nos acompanhar até a carruagem lorde Clifford, para conhecer ao meu valete?

– Não vejo necessidade... Se vossa graça diz, acredito em sua palavra de cavalheiro.

– Muito bem, então, vamos. Lady Clifford. – Ele fez uma breve mesura com a cabeça. – Meu lorde despediu-se do conde.

Saíram do teatro em uma velocidade de confundir quem assistia.

No final da escadaria Kathelyn reclamou:

– Solte-me seu bruto, está me machucando.

– Estou tão ansioso, você nem imagina.

– Para o quê?

Ele apenas sorriu como resposta.

Ao parar a enorme carruagem negra com o brasão ducal dourado, Kathelyn sentiu um inexplicável frio na espinha. Parecia a carruagem de Hades. Os cavalos negros enormes, filhos do fogo das profundezas. O libré vestido de preto e bordô abriu a porta. O calor do submundo correu em seu corpo. Ela subiu o primeiro degrau, deteve-se.

– Onde está o seu valete?

– Não está aí dentro?

– Claro que não, se estivesse acha que perguntaria?

– Que pena, não é mesmo? Seremos só nós dois, outra vez.

Kathelyn fincou os pés, determinada, e disse:

– Eu não vou. Você não tem palavra e apesar de ser um duque, não me enganei, está muito longe de ser um cavalheiro.

Ele bufou impaciente

– Entre, dama da noite.

– Não.

– Entre agora ou juro que a colocarei a força para dentro. – Deu um leve empurrão nas costas dela. – Não faça uma cena, as pessoas começam a olhar.

Kathelyn distraiu-se e olhou para os lados buscando a suposta audiência, ele a empurrou com o corpo para dentro do veículo. Ela caiu sentada no chão. O duque, sem perder tempo, fechou a porta e bateu no teto indicando que se pusessem em marcha.

– Bruto, monstro – ela gritou entre os dentes.

O duque pegou a mão dela para ajudá-la a erguer-se. Ela a puxou de volta com força. Empertigou-se e sentou alisando as saias sem ajuda.

Belmont abriu a janela e deu as instruções para o libré do destino que seguiriam, tornou a fechá-la. Encarou-a em silêncio por um breve momento.

– Agora, explique-se.

– O quê?

– É isso mesmo, senhorita, explique o que leva a uma jovem debut, a tomar a atitude ousada que você tomou dois dias atrás.

– É tão arrogante que tinha certeza que meu pai não viria averiguar se seu valete estava mesmo aqui, não é verdade?

– Srta. Stanwell, há pouco me acusou de não ser um cavalheiro, eu também não tenho certeza se é você uma dama... Caso não consiga me convencer do contrário. Saiba que eu

terminarei o que começamos àquela noite no jardim.

– Eu agi por impulso e, acredite em mim, sinto um arrependimento de morte.

– Estava mesmo se sentindo mal agora há pouco?

– Não, queria que sumisse da minha frente. – *Queria que sumisse do mundo. Queria beijá-lo outra vez* – sacudiu a cabeça.

Ele estreitou o olhar e disse:

– Suponho que o seu mês acamada também não foi por causa de uma doença quase terminal... Já que parece desfrutar de uma saúde perfeita.

– Não estive doente, nunca fico doente.

– Imagino, então, que o motivo deva ter sido um bem empregado castigo?

– Tem uma imaginação desenfreada, sua excelência.

– Perdeu-se no jardim com alguém mais e foi descoberta?

Um sorriso irônico despontou nos lábios dela.

– Não... Tive um ataque de riso em uma situação tida como inadequada ao humor do meu pai. Entretanto, muito, imensamente divertida aos meus olhos. Tal como aconteceu hoje com vossa graça, quando quase despencou este metro e noventa na frente de toda a boa sociedade londrina – ela deu outra risada irônica. – Imagino que se tivesse mesmo caído no palco, a sua arrogância amorteceria a queda... Assim sobreviveria – suspirou –, para o pesar da humanidade – fez uma pausa forçada e concluiu com exagerada formalidade –, Excelência.

Ele riu sem mostrar os dentes.

– Diga-me uma coisa, senhorita, não tem o menor decoro?

– Ah tenho – ela franziu o cenho com fingida gravidade. – Tenho muito decoro com seres humanos.

Para o espanto de Kathelyn, ele parecia divertir-se tirando algum proveito obscuro daquele diálogo.

– Não é uma debutante muito enquadrada dentro... como disse mesmo? – levou o indicador aos lábios num semblante pensativo, continuou: – Dos padrões dos aborrecidos aristocratas... Diga-me, como pensa em conseguir um bom marido dessa maneira, senhorita?

– Ohhh – ela colocou as mãos na boca. – Acha que lhe ofendi no baile de máscaras, não é verdade? Com os meus comentários? Não, vossa duquestade, aquilo foi um elogio... Apesar de que agora, quando repetiu as minhas palavras ter soado como uma crítica... Mas eu só posso agradecer que me tenha em tão elevado conceito e acrescentar que, infelizmente, estava enganada a seu respeito. – Abriu as mãos no ar com uma expressão desolada e concluiu – Não posso manter a mesma boa impressão que tinha feito do senhor. Quanto a casar, como deve imaginar, estou louca para fisgar-lhe – Ela se abanou com mãos e disse: – Vossa graça é o solteiro mais cobiçado da Inglaterra. Estou, na verdade, trincada para fisgar qualquer homem que

dispunha no mínimo de um condado... Sou demais, muito frívola e agora mesmo penso em bater as pestanas e jogar o mais irresistível sorriso afetado – começou a fazer caricaturas de flertes ensaiados e deteve-se pouco depois. – Infelizmente, estou muito ocupada pensando nos lindos colares de esmeraldas e brilhantes com que possa ser presenteada, durante um bom noivado para conseguir flertar com o senhor... Sabe? – arregalou os olhos e disse: – Sou quase inepta e resulta impossível pensar e fazer qualquer outra coisa ao mesmo tempo – fechou os olhos e colocou uma máscara de forçado desolamento. Concluiu sacudindo a cabeça: – Receio que o flerte ficará para uma próxima oportunidade.

Quando abriu os olhos e encarou-o, constatou que o olhar divertido do início virou um fogo amarelo incandescente. Então, ela gelou.

– Venha cá – ele deu um tapinha com a mão ao seu lado do assento.

Ela franziu o cenho e negou.

– Muito bem – falando isso o duque levantou e sentou-se ao lado dela. Laçou a sua cintura e trouxe-a para junto do corpo.

– Pare, não ouse, seu covarde, crápu... – Não terminou. Não conseguiu. Foi assaltada por um beijo.



Ele queria dar-lhe uma lição. Uma dama não podia se arriscar daquele jeito. Ter um comportamento inadequado daqueles. Um impulso como ela definiu, que levaria qualquer homem a tomá-la por uma mulher da vida. O que merecia de verdade era umas palmadas bem aplicadas. Mas, talvez o susto funcionasse ainda melhor que as palmadas.

Então beijou-a, totalmente convencido que era apenas para demonstrar o risco que corria. Entretanto, quando sentiu-a de novo, quando teve aquele corpo moldado ao seu. Esvaiu o propósito da lição, ficou apenas a fúria do desejo. Ainda mais violento do que o experimentado da primeira vez. Precisava, necessitava e fez. Cobriu a boca dela e consumiu-a.

– Não tenha medo – disse ofegante. – Não vou fazer nada que não queira.

Devagar, conforme os lábios exigiam e se moviam sobre os dela, Kathe relaxou o corpo e permitiu o avanço.

Ele aprofundou o beijo, enquanto as mãos aferradas nas suas costas traziam-na de encontro ao peito dele.

– É tão doce... tão doce – repetiu.

Ela passou os braços por cima do seu pescoço aproximando-os ainda mais. Ele teve certeza de que se não interrompesse o que começou, não seria mais capaz de parar.

Decidiu naquele instante – ela seria dele. Como nunca desonraria uma dama inocente, por mais ousada e inconsequente que fosse, ou por mais que a desejasse, e louco que estivesse – e estava. Teria de fazê-la dele da única maneira possível.

Teria que casar-se com ela.

Já havia decidido escolher uma esposa e ela era filha de um conde. O pouco que sabia dela era que era uma dama diferente de tantas que conhecia. Não estava atrás de um título para agarrar como marido. Não se impressionava com isso e não se intimidava diante dele. Era cheia de energia e não se conformaria com uma vida ordinária. Apreciavam as mesmas coisas e possivelmente ela seria a esposa perfeita para ele.

– Qual o seu nome – a voz saiu falha.

– O quê?

– O seu nome de batismo senhorita, qual é? – o hálito quente do duque roçava a sua orelha.

– Kathelyn – respondeu sem fôlego.

O duque cobriu os lábios dela novamente e a possuiu com a boca. Era isso que ele de fato queria. Tudo no interior do veículo despreendeu da realidade. Eles arfavam e tocavam-se com a ânsia faminta renascida e ampliada.

Ele sentiu o corpo dela perder a sustentação, permitiu que ela tombasse no banco e a cobriu com o corpo.

– Kathelyn, deveríamos parar, mas – tragou o ar com força – é tão irresistível – justificou-se e avançou novamente para cima dela. Ela seria sua noiva, sua esposa. Não havia nada de errado em desfrutar um pouco mais.

Apenas um pouco mais, disse a si mesmo.

Com experiência desabotoou uma fileira de botões do seu vestido de noite.

Um pouco mais.

Abaixou o espartilho e desnudou um seio. Perfeito e redondo, precisava prová-lo.

Um pouco mais.

A chama de todas as caldeiras do mundo ardeu no corpo trêmulo do duque.

Ele tomou o seio com a boca. Ela gemeu e arqueou-se. Acreditou que derreteria.

Um pouco mais.

A mão deslizou pelas panturrilhas e subiu em direção à coxa, continuou o seu determinado caminho subindo entre as camadas de tecido das roupas íntimas.

Um pouco mais.

Estava a escassos centímetros do ponto entre as pernas, quando ela passou a mexer os quadris instintivamente e a gemer baixinho e ele soube que estava perdido. Ou não soube nada, porque já não lembrava nem mesmo o seu nome. Tão próximo.

Mais um pouco. Alcançou o prometido ponto e...

Uma pedra ou um buraco na estrada jogou com força a carruagem fazendo-o cair no chão.
– Maldição – gritou transtornado.



Kathelyn sentiu a brisa fria da noite. Demorou alguns segundos para se dar conta de que estava deitada, com as pernas escarranchadas, com o vestido aberto, com os seios expostos e trêmula de... calor, desejo, incoerência... Retornou a vaga razão. Encolheu-se abraçando os joelhos. Ofegante e atordoada sentiu as faces arderem, mortalmente envergonhada, pensou na ruína de Lilian e somente depois na própria.

Arthur levou as mãos a cabeça. Ele respirava com dificuldade. Somente quando pareceu se acalmar sentou ao seu lado novamente.

Kathelyn encolheu ainda mais, ele ergueu uma mão como se fosse tocá-la, ela explodiu a palma em cheio no seu rosto.

– Desgraçado – berrou.

O duque apoiou a mão na face atingida e disse quase com soberba, parecia longe de estar realmente arrependido.

– Creio que mereci isso.

– Merece ser morto isso sim! – ela desabafou com a voz sumida.

– Não chega a tanto.

– Por que fez isso? Queria se vingar? O seu orgulho ferido por ter rido de vossa excelência não o permitiu simplesmente passar por cima... Tinha que arruinar a minha vida somente com intuito de manter intacto o seu orgulho?

– Arruinar você? – perguntou, confuso.

– Ou foi por que a minha explicação não satisfez o seu ego descomunal e se não fizesse aquilo que se propunha, não conseguiria seguir destruindo com a vida de quem quer que ouse desafiar os seus caprichos?

– Kathelyn – ele a chamou.

– Não, não me diga... Fez o que fez porque eu o deixei no jardim quando percebi um pouco tarde talvez... A loucura que cometia e vossa excelência não suporta e não pode permitir que os seus desejos não sejam realizados... Como se fossem uma maldita ordem. – Ela se abraçou com mais força e disse: – Então, para provar a si mesmo essa verdade, você me arrastou até a sua carruagem, mentiu ao meu pai e me... me – um soluço rompeu –, me desonrou dentro de um nojento veículo como uma meretriz.

– O quê? – ele exalou o ar com força. – Kathelyn, sei que me descontrolei, mas – ele estendeu a mão para tocá-la no rosto, ela esquivou-se. – Está intacta, não a desonrei, você deve saber...

Ela franziu o cenho com os olhos cheios de lágrimas.

– Deus, não sabe não é mesmo? Sabe sobre relíquias e mitos gregos como poucos homens que conheci, sabe até mesmo recitar Platão em grego, mas não sabe nada sobre a intimidade entre um homem e uma mulher – ele bufou perdendo parte da compostura e disse: – Para um homem desonrar a uma mulher é necessário muito mais do que o que acabamos de fazer.

Ela continuou de cenho franzido.

– acredite em mim Kathelyn, sei que fui rude e imprudente e peço perdão pelo meu comportamento, eu só queria a chance de ficar a sós com você novamente.

– Por quê? – ela disse ainda com os braços em torno ao corpo.

– Não sei, não entendo muito as minhas reações quando estou com você... Mas, se pudesse explicar, diria que foi por impulso. acredite em mim, jamais a feriria deste jeito, jamais arruinaria a vida de uma jovem e inocente dama. acredita em mim?

Ela acenou de cenho franzido.

– Venha aqui, deixe-me ajudá-la com o vestido. Ela se aproximou e ele fechou com agilidade os botões. Quando ia se afastar Arthur a puxou e tentou abraçá-la. Kathe contorceu-se na intenção de fugir.

– Quero apenas confortá-la, creio que a assustei, permita-me cuidar de você.

Ela tentou lutar contra, mas ele a deteve.

– Não farei nada, apenas descanse em meu ombro – disse entre os dentes pelo esforço que fazia tentando mantê-la próxima.

Aos poucos e em silêncio ela cedeu e apoiou a cabeça no ombro masculino. Estava muito cansada para lutar, mal sentia o corpo.

– Pronto, assim está melhor – o duque falou abrindo o braço, Kathe sentiu que a cabeça deslocava-se para o peito dele; foi envolvida por seus braços. – Está tudo bem, tudo ficará bem.

Tempos depois, Kathelyn dormiu.

– EXCELÊNCIA – DISSE O CONDE DE CLIFFORD PARECENDO orgulhoso ao entrar na sala onde ele fora conduzido há pouco pelo mordomo do nobre –, uma honra a sua visita.

– Lorde Clifford – ele replicou sucinto. Estava hipnotizado pela melodiosa voz vinda de algum lugar da residência. Não percebeu que ainda estava em pé. Esqueceu até mesmo o desagradável trajeto de quase uma hora que levou para chegar na propriedade do Conde.

– Espera... ahn... há muito vossa Graça? – indagou Ernest um pouco constrangido.

– Não sei, creio que há bem pouco... Na verdade distraí-me com essa voz tão... Perfeita.

– Refere-se ao canto? Tornou-se tão comum em minhas manhãs, que nem o percebo mais.

Que tipo de homem seria capaz de não perceber que era agraciado todas as manhãs com um anjo cantando? Perguntou-se e franziu um pouco o cenho em um gesto inconsciente.

– Aborrece-o, vossa graça?

– Não, muito ao contrário, aprecio muito. Há apenas uma coisa em minha vida que aprecio tanto quanto uma boa música que são as antiguidades... Coleciono relíquias raras – disse se esforçando para não perder nenhuma nota daquele soprano.

– Como dizia... no começo, me aborrecia um pouco, agora estou habituado – completou o conde.

– Poucos homens têm o privilégio de receber em sua casa um talento deste todos os dias.

O conde que pareceu ler nos olhos do duque a admiração inflou-se e desfilou a sua cauda pavonil.

– Sendo que o talento mora aqui e o conhecimento desde que nasceu, não é estranho que esteja habituado. Gostaria de ouvi-la na sala de música? Sei que Kathelyn ficaria honrada.

Os olhos do duque saltaram e ele quase perdeu a capacidade de respirar, tinha certeza de que estava com cara de abobado porque o conde sorriu brandamente e concluiu exultante.

– Sei que é um talento raro, eu mesmo a incentivo para que não deixe de estudar. – Fez uma breve pausa como se desfrutando do som. – Então, vossa graça deseja ouvi-la melhor?

Ele piscou fundo antes de responder:

– Sim adoraria... Mas creio que devemos esperar uma oportunidade em que ela tenha sido avisada da minha presença. – Arthur tinha ido com o claro propósito de pedir autorização ao conde para fazer a corte a Kathelyn. Queria deixar claro as condições para tal.

– Não a incomodará, Kathelyn adora uma plateia e nesse momento estamos recebendo alguns parentes que desfrutam da sua apresentação diária. Se entrarmos em silêncio ela possivelmente nem nos notará.

– Sendo assim, porque não?

Seguiu o conde pelo corredor até uma porta que foi aberta com cuidado para não fazer barulho. Sentaram-se na última fileira. A sala devia ter umas vinte pessoas assistindo-a embasbacadas, tão comovidas que ninguém desviou o olhar.

Kathelyn ia como uma deusa grega em cima do panteão, vestida de branco com os cabelos meio soltos. A voz tocada pelo acorde divino esvoaçava rodopiando pelo ar e elevava aos pobres mortais ao paraíso.

Rendeu-se a compreensão de que era a criatura mais perfeita que Deus colocou sobre a terra.

Era como se o mundo tivesse parado para contemplá-la.

Era uma luz de muitas cores se espalhando e... Quem era aquele bastardo que tocava violoncelo acompanhando-a? O homem não conseguia disfarçar a febre do olhar sobre ela. O mesmo homem detinha toda a atenção de sua futura noiva, já que a mesma cantava olhando-o, retribuindo aquele olhar indecente. Nem sequer piscava o imbecil.

Cavalheiros tocavam instrumentos desde quando?

Que grande disparate.

Identificou a contra gosto um estranho sentimento. Se sentisse ciúmes juraria que era ele.

Aclarou a garganta e moveu-se desconfortável.

Murmurou um formal pedido de licença ao conde e retirou-se. Fez isso antes que a arrancasse do palco, rasgasse a sua roupa e a possuísse em cima do piano, a fim de marcá-la como sua.

O conde o seguiu inquieto.

– Excelência, não o agradou?

– Muito – respondeu um tanto seco. – A verdade é que me esqueci que tenho um compromisso e devo apressar-me. Ainda gostaria de conversar com senhor sobre o motivo da minha visita.

– Ah sim, claro – prontificou-se o conde. – Siga-me, por favor.

Entraram no escritório e sentaram-se frente a frente em confortáveis poltronas, relaxados como velhos conhecidos.

A quase imperceptível falta de relaxamento só era entregue pelo duque por um discreto tamborilar dos dedos na própria coxa e por um leve franzir de cenho do conde.

Arthur respirou fundo, com a firmeza aristocrática descendente de centenas de anos de controle. O poder que molhava o seu sangue.

– Fuma um charuto, ou aceita me acompanhar com um brandy? – o conde adiantou-se.

– Obrigado, excelência, mas, atrasei-me e acho melhor irmos direto ao ponto.

– A vontade – o conde pontuou.

– A Senhorita retornará aos bailes para sua apresentação nessa semana?

– Sim, excelência – confirmou o pai.

– Gostaria de fazer-lhe a corte – declarou sem delongas. – Já tenho quase trinta anos e creio que é hora de pensar na minha sucessão – analisou a expressão do conde. Ele não disfarçou um sorriso solto. – Vim a Londres com o propósito de escolher uma noiva e sei que a encontrei antes mesmo de começar a procura... Não vejo como qualquer outra poderia despertar a minha atenção, depois de conhecer a Srta. Stanwell. Ela é uma jovem... Ahn... de notórias virtudes.

Notou o pai de Kathelyn, um pouco intrigado, fechar o sorriso e ficar com a expressão séria e contida. O conde respirou fundo antes de responder:

– Nada me alegraria mais e sinto-me tão honrado, excelência, que perdi as palavras. Nunca imaginei que... Digo – corrigiu-se –, Kathelyn, tem muitos talentos e virtudes, excelência, mas antes de prosseguirmos com esta conversa, sinto-me na obrigação honrosa de lhe avisar que não é uma jovem – pigarreou como se buscando a palavra ideal – apática – concluiu. – Tem muita vontade própria e quando enfia algo na cabeça, nada a demove – o conde suspirou um pouco abatido. – Tem uma ideia muito romântica do mundo e agora – ele elevou os olhos, antes de fechá-los e sacudir a cabeça, disse – a nova a que resolveu acreditar é que só se casará por amor, com alguém que ela escolha – o duque ergueu as sobrancelhas. – Acredite em mim – o conde prosseguiu: – Faço o que está ao meu alcance para educá-la. Quanto a sua proposta, se mesmo assim ainda estiver disposto a seguir com ela, eu lhe garanto que eu a coloco em seu lugar – tragou o ar com força. – Eu lhe dou a minha palavra de honra que a dobro e entrego-lhe uma moça como deve ser.

– Ela precisa de alguém que não se intimide – confirmou sutilmente o duque.

– Exatamente, vossa graça.

– Precisa de alguém que seja ainda mais teimoso que ela.

– Certamente me compreendeu.

– Sei que posso ser o marido certo para ela. Por isso, lorde Clifford, quero expor a minha proposta – apoiou o calcanhar sobre o joelho e prosseguiu muito a vontade. – Não declararemos nada por hora, permita-me cortejá-la até o final da temporada. Assinamos o contrato de casamento hoje ainda, se assim for possível. Meus advogados prepararam tudo. Imagino que

queira consultar o seu próprio advogado. Para isso, trouxe uma cópia do contrato que está na minha carruagem. É saudável que ela desfrute de ao menos uma temporada em Londres e que acredite que está decidindo sozinha o seu futuro.

O conde, que talvez não esperasse por uma proposta formal de matrimônio tão cedo, arregalou um pouco os olhos e afirmou com a surpresa estampada no rosto.

– É um homem muito rápido, excelência.

– Fui ensinado desde cedo a não esperar para tomar aquilo que se intenta possuir. – Descruzou a perna e cruzou-a invertendo o lado do calcanhar apoiado. – Quando o fazemos, por covardia ou por indecisão, que para mim significa uma forma gentil de agradecer a covardia, damos a chance para que alguém venha e o tome antes em nosso lugar. Não intento correr esse risco com a sua adorável filha.

– Sim, excelência... Uma honra, excelência, claro que ela é muito... Ahn, adorável, excelência.

O homem pareceu tão parvo, que Arthur agradeceu mentalmente a filha ter saído diferente ao pai.

– Uma vez assinado o contrato, quero total liberdade para visitá-la, levá-la a bailes, passeios etc. Como ela não saberá do compromisso, preciso da sua interferência para isso. Pretendo conquistá-la e não arrastá-la pelos cabelos até o altar, isso não pegaria bem para uma futura duquesa.

E aquela mágica palavra: “Duquesa” pareceu fazer sinos tilintarem dentro da consciência de Ernest.

– Tenha certeza de que ela irá a todos os passeios, excelência – concluiu o conde, quase cantarolando.

– Peguemos a cópia do contrato lorde Clifford... Me acompanha até a minha carruagem?

– Naturalmente.

– Ah sim, quase me esqueci – mentiu, não tirou da cabeça a cena nem por um mísero instante –, quem era o cavalheiro que tocava tão entusiasmado o violoncelo?

– Quem? – Ernest, pareceu um pouco perdido. – Ah, sim – disse casualmente. – Um primo de segundo grau de Kathelyn, herdeiro do viscondato de Wheymouth – deu uma risada nervosa. – Cresceram juntos, sempre fizeram duetos musicais nas reuniões familiares, são como irmãos.

O duque levantou e foi em direção à porta.

– Se assim o diz – abriu-a –, vamos?

– Ai... PARA RAFAEL, ESSA BRINCADEIRA NÃO TEM MAIS graça. – Era Kathelyn quem ria descontraída com o primo, sentada embaixo de uma árvore sob o respaldo de uma sombra. Havia terminado o dueto, sem nem imaginar que o seu futuro era decidido a escassos metros, no interior da mansão.

– Rafael parece que não cresceu – foi o comentário de Florence, sua prima. Ela se hospedava na casa da família para a temporada.

– Como será por fim a sua reestreia, ou estreia, já que teve apenas um baile e botou para correr os quatro primeiros nobres pretendentes? – Rafael indagou com o intento de continuar a atormentá-la.

– Não estou preocupada – Kathelyn se encostou ao tronco –, quero apenas aproveitar os bailes, dançar e agitar o leque com afetação... Fui treinada por anos com o leque, tenho que encontrar alguma utilidade para tanto estudo não é mesmo?

– Com tantas sardas é possível que precise mesmo do leque para disfarçá-las – o primo disse em tom de brincadeira.

Ela arregalou os olhos:

– Não tenho mais sardas, Rafael, e você deve continuar vesgo para não ter notado.

Mentiram os dois, Kathelyn sabia, não tinha mais sardas. Rafael não tão jovem quanto Kathelyn, há muito já despertava a atenção das jovens sardentas ou não. Não era mais vesgo. Tinha cabelos dourados, olhos azuis e um rosto de uma beleza masculina arcangélica, pelo qual costumavam suspirar as jovens admiradoras.

– Nesta temporada ele se casa – rebateu Florence à jovem ruiva.

Ele sorriu fazendo uma negação.

– É, talvez case... Deus! – quase gritou. – Não tem mesmo mais sardas, ao contrário, tem uma pele de alabastro... E esses olhos verdes, ou seriam azuis, senhorita? – Rafael ajoelhou. – Estou vendo, é um milagre – levou a mão direita ao peito enquanto Kathelyn, Florence e Lilian riam. – Deve ser um anjo, estou curado da miopia e vejo a criatura mais perfeita desta terra. – Pegou a mão de Kathelyn que parou de sorrir medindo cada um dos movimentos do primo. Ele depositou um beijo sulcado nas costas de suas mãos e concluiu: – Tem razão, prima Florence,

acho que me casarei esta temporada com a dama mais linda de toda a Terra. – Rafael parou de sorrir e disse em um tom de sofrimento forçado: – Case-se comigo, Kathelyn, minha salvadora.

Ela olhou-o em um longo silêncio, como se analisasse a sério a proposta. Arrancou a mão que estava entre as dele.

– Não!

Ele caiu para trás como se atingido por uma bala no peito e todos gargalharam, divertidos.

– Ainda bem – disse Lilian entre risadas –, vocês são irritantemente bonitos demais e perfeitos demais em seus duetos, se casassem seriam insuportáveis.

– Ainda bem mesmo! – o primo zombou.

– Senhorita – fora a Sra. Taylor, sua preceptora, quem a retirou do devaneio com os primos e a irmã. Olhava-a com uma ruga entre os olhos que apontava desaprovação pela descontração no gramado. A Sra. Taylor tinha as bochechas cheias dos doces que comia fora de hora, e furinhos rosados nelas, quando sorria.

Ela era responsável pela educação referente aos comportamentos adequados para uma jovem dama. Podia garantir sua estreia com sucesso na sociedade. Essa era a promessa. Horas de estudos e treinamentos diários sobre como fazer medidas. Como fazer uma genuflexão perfeita. Como se dirigir a um barão, a um visconde, a um conde, a um duque. O nome das principais famílias dos nobres solteiros da Inglaterra. Como se portar à mesa, como tomar o chá, abanar o leque, pestanejar, como dançar com quem e quantas vezes, como responder aos cavalheiros e dirigir-se às suas mães ou pais ou irmãos ou como... Como... Como...

Quando, com quem, por que...

Uff. Exalou o ar com força ao lembrar-se das aulas.

A Sra. Taylor era uma das preceptoras mais famosas do reino. Educou a uma duquesa, três condessas, duas viscondessas e carregava a notoriedade de sempre conseguir os melhores casamentos do reino. Por isso seu pai a contratou. Por isso, ela a olhava com aquela careta de reprovação.

Quando há um mês quase acabou com a sua estreia na sociedade, no episódio do cavalo, ela foi a primeira... Não, foi a segunda a quase matá-la de remorso, o primeiro fora o seu pai. Disse ela na ocasião:

– *Vou-me embora, senhorita, você será minha ruína. Anos construindo uma impecável reputação para ser estragada em poucos dias nas suas mãos inconsequentes.*

A Sra. Taylor chegou a fazer as malas e despediu-se, ou pelo menos começou a despedir-se. No meio do abraço ela disse:

– *Impossível, senhorita, estou contigo há sete anos. Não posso, nunca abandonei uma dama. Não tenho coragem de fazê-lo. Mas, por favor, tenha juízo ou ambas seremos arruinadas juntas.*

A voz forte da Sra. Taylor a trouxe de volta. A preceptora ia toda vestida de negro e empunhava uma bengala com a ponta firme de ouro.

– Seu pai quer vê-la, tem um cavalheiro junto a ele.

– Quem? – perguntou Kathelyn, levantando-se.

– Não sei, mas pelo tom de urgência de Alex, deve ser alguém importante – concluiu dando vários tapas no vestido da jovem, apurando-o e ajeitando a fita do seu cabelo.

– Está toda suada, como uma serviçal.

– Está um calor dos infernos!

– Não devia estar no jardim a essa hora, o sol mancha-lhe a pele. E não blasfeme pelo amor de Deus! – irritou-se.

– Estava na sombra.

– Vamos, deixe-me olhar para você – virou-a de frente. – Deus, está um horror – disse, exagerada. Tirou um lenço da bolsa e enxugou o rosto de Kathelyn. – Vai ter que servir – tirou do outro bolso um frasco de perfume e passou no colo, nas mãos e braços da menina.

– Vem preparada para uma guerra? – Kathe perguntou com bom humor.

– Sempre – ela replicou arrumando os seus cachos.

Ao entrar no salão amarelo onde aguardava o seu pai e o duque... *O duque?* Piscou fundo para confirmar.

Sim, o duque de Belmont e toda a sua matinal... percorreu-o com os olhos e concluiu: arrogante elegância.

Mas o que fazia com seu pai a sós?

Sentiu as mãos gelarem. Contou-lhe algo?

Aturdiu-se tanto que demorou um tempo a mais para fazer os esperados cumprimentos. Logo que percebeu os fez e continuou em silêncio. Seu pai finalmente falou.

– A sua excelência veio tratar de uns negócios do parlamento comigo e pediu para falar-lhe um pouco... Vou deixá-los a sós, espero que não se importe, Belmont... tenho o administrador a me esperar.

– Fique à vontade, Clifford.

Ela os seguia com os olhos como se acompanhasse uma partida de criquete.

Olhou para o pai, incrédula.

– Devo chamar a Sra. Taylor, papai?

– A sua excelência quer apenas uma palavra, não vejo necessidade.

Qual era o problema com seu pai? Será que não percebia que tipo de homem perigoso era Belmont? Um falcão.

Ela não se enganou. Com olhos de rapina. Silencioso, sorrateiro, veloz e mortal.

Suspirou quando a porta se fechou isolando-os.

Ela olhava para as paredes amarelas pálidas, para o chão de madeira lustrado, para o teto de gesso sancado, para as porcelanas de florais e frutas, para os quadros de caçadas, de piqueniques, de jardins...

Jardins. Engoliu em seco.

Não o viu se aproximar veloz e silencioso. Como era típico a um predador. Ele tocou o seu rosto. Ela se rendeu e preparou-se para o beijo. Chegou a entreabrir os lábios, a fechar os olhos devagar, a inclinar a cabeça, a estar pronta para morrer novamente nos braços dele.

Um som bem diferente de uma respiração alterada, ou de um grunhido de satisfação, ou mesmo do estalar de lábios a despertou da quase morte.

Uma risada reprimida.

Ele tomou o seu rosto entre as mãos, ela esperou o ataque e ele ria? Abriu os olhos e confirmou, ele ria. Fechou a boca com rigidez. Ouviu:

– Apesar do muito que desejo lhe beijar até arrancar todo o ar do seu corpo, creio que aqui não é o local nem a hora adequados para isso.

Então, ele passou o polegar no seu lábio inferior até abri-lo e depositou em seguida um beijo em sua testa. Aquele ridículo polegar foi o suficiente para deixá-la trêmula e sem ar. Empurrou-o.

– Arrogante miserável.

– Bom dia, minha gentil dama.

Ela permaneceu em silêncio aguardando uma explicação racional para tudo aquilo e ele... ele também ficou em silêncio, até que Kathelyn explodiu.

– Pois não, excelência, acabou comigo? Bom dia, então, passar muitíssimo bem – virou as costas e deu um passo em direção à porta. Os pés ficaram suspensos no ar. Uma larga mão fechou em sua cintura elevando-a. A boca dele colou em seu ouvido. Sussurrou:

– Estou louco, louco, desesperado para acabar com você. Mas, infelizmente não será aqui e nem agora como já havia falado. – Colocou-a no chão e rodou-a para encará-lo, quando ficaram de frente outra vez, ele disse:

– Quis falar porque sei que você tem voltado aos bailes da sociedade, como na festa de lorde Gowers, depois de amanhã, e gostaria que me reservasse duas de suas valsas.

Kathe, que ainda estava zozona pelas palavras do duque, respirou fundo e franziu o cenho em dúvida. O duque de Belmont saiu do seu plácido castelo londrino – franziu mais –, viajou durante dois terços de hora para chegar em sua casa – franziu o cenho mais um pouco –, olhar na cara de uma debutante – mordeu o lábio inferior – e pedir para dançar no baile com ele? Sacudiu a cabeça. Tinha escutado direito? Ouviu-o gargalhar.

– O que se passa? – ele perguntou parecendo que se divertia.

– Saiu de Londres para vir até aqui, me pedir duas valsas? Penso que isso soa ainda mais ridículo do que se tivesse se estatelado no palco da ópera.

– Não seja tão convencida, minha dama, vim até aqui porque precisava tratar de uns negócios com o seu pai. Aproveitei a visita para garantir as minhas valsas. Já que imagino, será a debutante mais solicitada da temporada, afinal, será uma novidade.

– Serei uma novidade?

– Sim, muito boa a sua estratégia de começar a temporada pelo meio dela.

– Não.

– Não?

– Não reservo as valsas. Se tivesse vindo até aqui somente para me pedir por elas, as reservaria. Mas, como além de arrogante não me parece saber como adular a uma mulher, minha resposta é não.

Ele gargalhou uma vez mais.

– Vamos fazer um trato.

– Um trato?

– Concede-me duas valsas e eu lhe levo a duas óperas nesta temporada, pude ver como apreciou o primeiro ato da flauta mágica e... – entrecerrou os olhos. – Acredite em mim, tenho convites para apresentações exclusivas, para a rainha e uma seleta parcela da corte. São as melhores montagens e sempre as mais imperdíveis atuações.

Ela ficou em silêncio por um tempo. Então, um sorriso se desenhcou no canto dos lábios.

– Isto é suborno.

– Sim... Um imperdoável jogo sujo.

– Duas valsas, por duas óperas exclusivas? Aceito, é claro, não percebe que está em tremenda desvantagem? Ainda terá de me suportar por horas, em duas noites distintas – completou olhando para as luvas, com um ar de superioridade.

– Eu ganho duplamente minha dama, as valsas e o privilégio de sua companhia.

Então ela ficou séria.

– Excelência, é impressão minha ou está me cortejando?

Arthur usou o sorriso e não respondeu. Beijou-lhe a mão, despedindo-se.

Antes que ele pudesse sair ela chamou, detendo-o.

– Belmont.

– Sim?

– Só para lhe avisar, caso esteja mesmo me cortejando, eu seria uma péssima duquesa. A única que prefere ser subornada com óperas ou livros no lugar de joias ou vestidos.

– Caso eu estivesse lhe cortejando, acho que isso lhe faria uma excepcional duquesa.

– Excelência... – ela o deteve outra vez. – Se engana.

Ele não a respondeu e ela não interferiu mais na sua saída.



Não soube se passaram minutos ou horas depois que Belmont se foi. Soube que ela continuava em pé no meio da sala, estranhamente afetada com aquela visita, quando Lilian irrompeu em uma tormenta porta adentro.

– Kathelyn, pelo amor de Deus.

Foi necessário a irmã aparecer à beira do desespero para devolver a sua presença à realidade.

– O que foi Lilian? – ela perguntou já sabendo o tipo de problema que deixava a irmã tão abalada.

– Aquele gato horrível, outra vez.

– Pegou um inseto?

– Não – Lilian agarrou-a pela mão e puxou-a em direção à porta – você precisa vir ajudar... ele está a poucos passos de derrubar mais um ninho.

Ouvindo isso, Kathe saiu correndo junto a irmã que quase nunca corria, somente quando encontrava alguma criatura indefesa precisando da sua ajuda.

LONDRES NA TEMPORADA ERA... LONDRES NA TEMPORADA.

Kathelyn não encontrava nada que pudesse descrever. Tudo cintilava, burburejava e transbordava vida.

Teatros, óperas, concertos, balets, saraus, diversos e grandiosos bailes por noite em salões estonteantes. Reuniões distintas de damas em chás, salas de costuras e de cavalheiros em clubes muito sóbrios e em antros de jogos e casas de reputação nada discretas.

Era temporada e isso era Londres.

A enorme fila de carruagens na entrada da mansão de lorde Growers na Hanover St era prova de que todo esse estalar de vida e festas era verdade.

No vestíbulo, cavalheiros com casacas elegantes vestiam camisas perfeitamente engomadas. Tão lisas que deviam limitar os movimentos. Pedras preciosas prendiam os elaborados nós de gravatas de seda. Eles entregavam cartolas, capas e bengalas. As damas ornamentadas de joias e vestidos que concorriam em beleza e criatividade para despertar o maior número de olhares das gravatas e casacas, entregavam chales e capas.

Sentiu a mão do seu pai fechar na curva do seu braço.

O seu coração acelerou.

Estava nervosa como se fosse encontrar o seu futuro ali, logo depois de cruzar as portas duplas para o salão de baile. Mesmo sabendo que o futuro que sonhava não era muito parecido com o que encontraria naquele salão.

Há um mês, no baile de sua estreia, era o exemplo da impassividade e da total tranquilidade. Agora, porém, sentia as mãos levemente trêmulas e a respiração seguia um pouco alterada.

Não se deu conta de que as mãos não tremiam pelo magnífico salão iluminado por centenas de velas. Nem pelos gigantes lustres de cristais.

A respiração não falhava pelas paredes laterais em dourado, nem pelos espelhos de um lado rodeados por adornos de ouro. Eles refletiam as dezenas de portas francesas e, mais além, a convidativa varanda.

Não sentia o coração dançar no seu peito, pelos cavalheiros que a olhavam como se ela fosse um pedaço de bisteca assada colocada em uma vitrine.

Não entendeu as reações do seu corpo até que encontrou os olhos do duque de Belmont.

Somente então Kathelyn se deu conta que percorria os rostos sem ver nada, estava à procura daquele par de olhos âmbar. O seu coração, respiração e firmeza se alteravam em tal procura. Sentiu ainda mais quando o encontrou e notou que ele a olhava. Ele elevou a taça que tomava como se oferecendo um brinde.

Depois disso, mal se viram. Ele, cercado por uma infinidade de damas casamenteiras e suas mães. Ela, cercada por muitos cavalheiros que disputavam a tapa a oportunidade de pegar-lhe uma limonada ou de preencher a sua caderneta de danças.

A Sra. Taylor seguia ao seu lado como um cão de guarda e chegava realmente a assustar alguns dos jovens menos comportados somente com olhar.

Dançou uma, duas, depois três vezes mais.

Viu o duque dançar com damas tímidas e outras abusivamente pouco recatadas.

Irritou-se.

O baile já seguia há um bom tempo e Belmont parecia ter esquecido de suas valsas.

Melhor para ela, não se esqueceria de cobrar as óperas.

Enquanto rodava pelo salão nos braços do barão de Wessex, buscou-o mais uma vez. Encontrou-o rodeado de um grupo de umas cinco damas. Não eram bem damas. Duas agarravam-lhe a lapela do casaco, enquanto disputavam quem iria cochichar em seu ouvido ducal.

Bufou.

Ele sorriu para uma das coquetos. Aquele sorriso ladino e sedutor. Ordinário.

– O que acha, senhorita?

– O que, perdão?

– Que a noite está muito agradável...

– Ah, muito.

– Ainda melhor agora, senhorita.

Arregalou os olhos. Belmont cochichava algo no ouvido daquela... desclassificada e ela ria. Um sorriso insípido e afetado.

Mas por todo o Espírito Santo de Deus. O que se passava com ela? Estava com ciúmes do ridículo, arrogante, prepotente duque de Belmont?

– Ouviu, senhorita?

Soprou o ar pela boca.

– Senhor Wessex, está muito calor, faria a honra de me acompanhar até a varanda?

– Claro, senhorita, seria um grande privilégio.



Um par de olhos âmbar e um cenho franzido seguiam com indignação uma mão salafária colocada na cintura de sua noiva e uma boca canalha, colada no ouvido dela falando algo que a fez sorrir. Pelo amor de Deus, o que mais teria que aturar?

Uma bando de homens embevecidos e babões que devoravam-na com os olhos e com algo além dos olhos. Enquanto ela dançava, uma, duas, três, dez vezes e mal lhe dirigia o olhar.

Ele enfrentava uma das noites mais infernais de sua vida. Cercado por um sem fim de jovens vazias e coquetes e mulheres casadas e viúvas e mães casamenteiras.

Sentia-se em um bordel.

Fora beijado no rosto, acariciado na perna e mais acima também. Recebeu dois convites indiretos e outros três bem diretos, uma mordida na orelha e muitas, muitas risadinhas sem graça.

Agradecia aos céus por já ter encontrado a sua noiva. Se para isso ele tivesse de enfrentar mais algumas noites como aquela, tinha certeza de que o título ducal morreria com ele.

Simplesmente não o faria.

Atacado. Sentia que fora atacado e por Deus se permitiria que a sua noiva saísse para a varanda com um famoso mulherengo.



Flertaria com todos os homens da festa como uma frívola desmiolada. Foi o seu último pensamento antes de ver uma mão fechar-se sobre o ombro do seu acompanhante.

– Com licença, senhor, mas a Srta. Stanwell me prometeu a próxima valsa.

Kathe franziu o cenho enquanto analisava a expressão fechada de Belmont, logo, desviou a atenção para a sua caderneta de danças e disse:

– Se engana, excelência, apesar de que me sentiria honrada.

Ela notou que o duque olhava fixamente o seu cartão de danças e concluiu com uma satisfação cínica:

– Não... Uma pena não está aqui. – Sentia-se irritada demais para deixar passar todo aquele espetáculo da paquera descarada em branco.

Arthur a olhou com os olhos estreitos.

– Olhe novamente, senhorita, deve ter deixado passar.

Ela seguia com uma fingida expressão de atenção, analisando o papelzinho atado ao seu pulso por uma fita de seda. Franziu o cenho e abriu a boca para responder. Antes que conseguisse dizer qualquer coisa, o duque em um movimento rápido arrancou do seu pulso a caderneta.

– Está bem aqui, senhorita – disse Arthur tocando o papel agitadamente.

Lorde Wessex, que os fitava em silêncio, empertigou-se diante do gesto pouco cordial do duque e falou, defensivo.

– Este cavalheiro a está importunando, senhorita?

Ao perceber a tensão estalando entre os dois, ela colocou o mais doce e simpático sorriso no rosto.

– Não, lorde Wessex, foi apenas uma brincadeira da sua excelência. Dê-me o cartão Belmont, posso ver sozinha quem está ou não está nele. Ao pegar a caderneta, disse com o mesmo sorriso cordial:

– Está bem aqui, como sou distraída... Perdão, excelência.

Os homens ainda se encaravam, tensos. Somente quando Arthur lhe ofereceu o braço, ela suspirou aliviada. Para sua ruína completa era o que faltava, o duque de Belmont se pegar em uma briga com lorde Wessex, porque ela resolveu o humilhar não cumprindo o acordado.

Suspirou aliviada, outra vez mais.

O silêncio foi mantido durante toda a valsa. Olhar fixo nos seus como duas labaredas. O testemunho de que ele ainda estava furioso com o seu comportamento era uma mão fortemente pressionada em suas costas.

Quando a orquestra parou, ela fez um movimento tentando separar-se. Ele a deteve em seus braços. Falou pela primeira vez desde que colocaram os pés no salão.

– Dançaremos mais uma. – Não pediu, ordenou.

– Está louco! Todos vão comentar. Não podemos dançar duas valsas seguidas.

– Podemos e dançaremos.

Ela tentou se desvencilhar com discrição. Ele murmurou em seu ouvido.

– As pessoas falarão ainda mais, se tiver que retê-la a força e arrastá-la durante toda a música.

Fique e comporte-se.

– Bruto.

Não houve resposta.

Eles dançaram em mais um gélido silêncio, o que era considerado uma descortesia já que as peças duravam bons minutos. Isso, em si, seria motivo de falatório. Ela sabia que, pela etiqueta, deveria manter algum tipo de conversa fútil com o seu par. Mas, sabia também, pela maneira que ele a olhava que o duque não gostaria de falar sobre o clima e nem sobre o efeito da luz das velas nos cristais do lustre. O que restava era o silêncio. Assim que a orquestra parou de tocar, Belmont segurou o seu braço com uma exagerada pressão.

- Vou levá-la para casa.
- O baile não acabou – ela contestou irritada.
- Para você acabou.

Ele agarrou a curva do seu braço. Quase, quase mesmo, teve os pés erguidos pela força que Belmont impôs nos passos.

- A Sra. Taylor. – Ela protestou ao perceber que se dirigiam ao vestíbulo.
- Já pedi permissão ao seu pai para levá-la.
- Ele acredita que o seu valete está nos acompanhando?

O duque não respondeu. Parecia muito irritado e Kathelyn achava que estava na mesma medida, irresistível e bastante assustador.

Uma vez no interior do veículo, ele tirou as luvas. Passou a batê-las na coxa tão nervoso quanto era possível a um duque parecer.

Atravessou a sua alma com o olhar.

- Onde ia levá-la o senhor Wessex? Ao jardim? – ele perguntou com despeitada ironia.
- Está me humilhando, e é ridículo, essa casa mal tem um jardim.
- Responda – grunhiu entre os dentes.

– Não, nunca fui ao jardim com nenhum outro homem... Com pesar concluo que ou o senhor é tão inepto quanto é grosseiro, ou simplesmente não aprendeu a contar. Este foi meu segundo baile oficial – ela levantou dois agitados dedos e disse: – Você foi o único homem que eu beijei – agitou outra vez um único dedo. – E, a propósito, o que isso lhe interessa?

– Onde ia com o senhor Wessex? – perguntou um pouco mais brando.

– É surdo? Perguntei o que isso lhe interessa? E por que vive me arrancando dos lugares e me levando para casa na sua carruagem sem o devido decoro ou companhia adequada? Quer me arruinar? E se descobrem que estamos sozinhos?

– Srta. Stanwell, responda a minha simples pergunta e não me faça perder a paciência.

– Ia à varanda, seu bruto.

– Depois de flertar descaradamente a noite inteira, com todos os homens presentes... Iria acompanhar um mulherengo salafrário até a varanda? A sós? – indagou o duque com a voz trêmula.

Ela riu, debochada, e disse com ironia.

- Que falso moralismo, excelência, estou na carruagem de outro notório mulherengo, a sós.
- É diferente – ele apoiou o queixo na mão duramente fechada.

– Quem é você para me falar sobre a conduta moral do flerte, quando a noite inteira não conseguiu desviar os olhos de qualquer saia que lhe dignasse a palavra?

O duque manteve silêncio. O silêncio dos culpados. Kathe concluiu e disse:

– Gracinhas ao pé da orelha e sorrisos arrogantes e ordinários, foi só o que eu vi vossa graça dirigir à metade das mulheres presentes. Inclusive as de reputação duvidosa. Portanto, me poupe, sou incapaz de acompanhar a sua hipocrisia.

Aos poucos, a expressão de Belmont relaxava e a de Kathelyn se crispava mais.

O que ele pensava? Que podia sempre arrastá-la até a sua carruagem e interrogá-la como uma criminosa? Era assim que se sentia. Como uma condenada na frente de um júri. Acuada como uma miserável, presa em uma armadilha e, Deus, como odiava se sentir tão vulnerável. Deixaria isso claro.

– Vossa excelência não tem o direito de me dirigir à sua vontade. Muito menos de me fazer alvo do seu descontrole emocional... Não tem o menor direito de me conduzir a sós até a sua carruagem e me expor aos olhos culposos da odiosa sociedade. Não pode, não deixo, não permito mais que faça isso, entendeu? – ela respirou com peso e disse: – Ou precisarei usar métodos mais eficazes para que compreenda o quanto não gosto de me sentir como um esquilo?

O escuro da carruagem não permitia ver, mas ela jurou. Tinha quase certeza de que ele segurava um sorriso.

– Que método mais eficaz seria esse? – ele deu de ombros. Isso ela conseguiu identificar pelo branco da sua camisa em movimento. – Estou muito curioso.

Kathe estreitou o olhar, mesmo sabendo que seria impossível ele notá-lo.

– Me provoca?

– Não, senhorita, apenas me deixo mover por uma irresistível curiosidade... Maldição – ele vociferou –, me pisou no pé?

– Não é bonito vossa graça praguejar na frente de uma dama. Já que não conhece o uso das boas maneiras, vejo que terei que lhe ensinar.

Ela ouviu uma risada preencher o interior do veículo como um trovão. Entretanto, certamente o regozijado não achava muita graça, visto que lhe arrepiaram os pelos do braço e da nuca.

– Vou lhe ensinar algumas coisas também.

Sem entender como, em um momento estava suspensa no ar e em outro estava sentada no colo do duque. Ele a detinha com tanta facilidade que era humilhante.

– O que pensa fazer?

– Penso lhe deixar claro... Toda vez que me desafiar em público ou mesmo na quieta solidão da privacidade, lhe darei uma lição.

– Oh, Deus, que lição? Como pode ser tão, tão, tão... – exalou o ar com força, não conseguia encontrar o impropério certo para lhe dirigir.

Devagar ele desfez o botão de pérola que prendia a sua luva. Desnudou uma mão. Ela já nem respirava e quando ele beijou cada nó dos seus dedos e depois os mordeu e sugou a cada um

deles, lento com uma vontade única, como se os dedos fossem a melhor iguaria do mundo, ela sentiu que se desfazia.

– Isto foi por ter me provocado flertando na festa, fiquei louco, o que é muito incômodo para um homem na minha posição.

– Isso é por ter negado a minha valsa.

Ela sentiu a hábil mão mover-se como uma libélula nas suas costas. Abriu sem demorar, uma fileira, inteira de botões. “Libertino” – concluiu enquanto ele desnudava um ombro e se apossava dele como se apossa de um bem vital. Pescoço e ombro foram varridos por beijos, mordidas e pela fulmegante respiração cada vez mais alterada do duque.

– Eu provoquei – disse com a voz entrecortada. – A verdade é que – viu-o erguer os olhos e fitá-la com atenção – não gostei de lhe assistir rodeado por outras mulheres – confessou, não havia mais o menor sentido em não fazê-lo. Estava rendida, esmorecida, derretida e se ele continuasse a torturá-la seria capaz de ficar ainda mais vulnerável a ele.

Sentiu um pavor de morte só de passar a mais vaga ideia de que corria o risco de apaixonar-se. E se ele continuasse a persegui-la, Deus a livrasse, ela não resistiria por muito mais. Ele era a antítese de tudo o que sempre sonhou como deveria ser o homem por quem se apaixonaria um dia.

– Por favor, me solte – pediu com horror na voz, nos músculos tensos. Ele deu uma respiração profunda.

– Desagrada tanto assim o meu toque, a minha atenção?

– Não, não é isso, é simplesmente que... É que – engoliu em seco e olhou para baixo, não foi capaz de terminar sentiu que Belmont levantava o seu rosto segurando o queixo entre o polegar e o indicador. Os lábios dele escorregaram por sua face, deixando toques quentes e leves e abrindo rastros de arpeios em sua pele.

– Não tenha medo do que está acontecendo entre nós, Kathelyn, eu quero cuidar de você.

A boca dele foi sobre a sua, movendo-se e exigindo que ela cedesse passagem. Uma mão enroscou em seu cabelo apertando a sua cabeça e deixando-a sem saída. Ela abriu os lábios e sentiu a língua que invadiu e percorreu cada espaço que devia existir na sua boca. Conforme Kathe notava o corpo perder a sustentação, com mais força ele a tomava.

Após alguns beijos que faziam o grego se igualar ao francês e movida pelo instinto, Kathelyn virou-em um movimento de pernas e sentou escarranchada no colo do duque.

Ele murmurou sem desgrudar os lábios dos seus:

– Ahhh, Kathelyn.

Ela sentiu que estremecia e que o coração dele pulsava acelerado sobre o corpete do seu vestido. Levou os lábios aos dele com suavidade, enquanto as suas mãos subiam contornando o rosto quadrado, a nuca, até alcançarem os cabelos do duque. Os seus dedos, movidos por um

entendimento que ela não conhecia, fecharam-se com força e exigiram que o beijo se aprofundasse ainda mais.

Ouviu um grunhido vindo do peito dele. Perceber que ela causava tudo aquilo, naquele homem arrastou-a a um mundo novo e inebriante. Intuitiva, deixou as mãos passearem sobre o forte torso e notou-o endurecer os músculos. Em um ato ainda instintivo beijou-o no rosto, na barba, no pescoço. Sentia a respiração masculina que se tornava cada vez mais penosa. Sem entender o que fazia, apertou-se ainda mais contra ele. Em resposta as mãos dele se fecharam em suas nádegas e a puxaram de encontro a dureza do seu desejo.

Kathelyn suspirou e gemeu.



Ele perdeu-se.

– Solte os seus cabelos para mim – pediu.

Ela enfiou as mãos dentro do penteado. Ele assistiu, embevecido, a espessa cortina dourada, envolta pela penumbra da noite despencar sobre os ombros e prosseguir desenrolando conforme ela sacudia a cabeça até cair quase na cintura.

Se acreditava que antes estava perdido, o sentido da palavra perdição ecoou em todo o interior da carruagem. Em todo o seu ser. Em toda a grande Inglaterra. Duvidava que não teria também ecoado por todas as terras do mundo, quando ouviu-a declarar enrubescida ofegante e com os olhos acesos de paixão.

– Belmont eu... – deteve-se, olhou para baixo, então subiu o olhar determinado – Eu sinto, eu quero algo... que eu não sei – ela completou a sua perdição.

– Arthur... me chame de Arthur.

– Arthur, eu preciso, preciso muito de algo que – ela ofegou – eu não entendo.

Ele fechou os olhos rendido, ao ouvir o seu nome de batismo, ser dito pelas curvas dos lábios dela, dentro da voz que o enlouquecia.

– Sim, querida eu sei... eu sei.

Nada mais o deteria, existia ou importava.

Não havia mais escolha, a faria dele ali mesmo e depois casariam. Algo rápido e discreto. Seria um escândalo, mas enfim não havia mais o que pudesse ser feito.

Abaixou-lhe o corpete, nada o impediria.

Abaixou o espartilho, nada o privaria.

Desnudou os seios, nada era tão fabuloso.

Beijava-a sem parar em todos os cantos desnudados, nada era tão devastador.

Subiu-lhe as saias, o frufu da seda em movimento, nada era tão hipnótico e sim, os baixos gemidos dela, nada era tão ditador.

Tirou o casaco, ela o ajudou. Destruuiu a gravata. Arrancou o cinto sem parar de beijá-la. Abriu a camisa, ela hesitou com a mão erguida. Olhou-o como se pedindo permissão.

– Toque-me, Kathelyn. Toque-me, por favor.

Perderam o tempo. A estrada. O lugar. O único percurso sobrevivente eram as linhas uma dentro da outra. Uma lançando loucura à outra.

Beijavam-se. Cada beijo representava uma maior profundidade e entrega. Ele sentia o peito dela subir e descer rápido junto ao seu. Quando os seios nus tocaram o seu corpo, junto ao beijo que a trazia inteira para dentro dele. Acabou.

Ele nunca mais poderia respirar algo diferente do que o ar daquela boca.

Ela deslizou a mão no seu peito. Não pensou em mais nada, exceto nos beijos, no discreto inexperiente movimento dos quadris feminino, no doce embalar dos sussurros e... na brusca parada da carruagem.

– Kathelyn – murmurou no ouvido dela, ainda muito torpe, sem entender nada. Ela pouco facilitava o entendimento, esfregava-se contra ele, tão apaixonada. O cabelo no seu nariz, o pescoço na sua boca. A mão que explorava o perfeito seio e mamilo deteve-se.

Um clarão, não um relâmpago, mas o clarão da razão se fez presente. Logo abririam a portinhola e lá estava ele, com a sua futura duquesa seminua em seu colo. Ele também em total desalinho a calça aberta, sem gravata, sem colete, sem camisa sem o fraque.

Santo Deus.

Sentia a maior dor de desejo da sua vida e o que esteve a ponto de fazer?

Quase deflorou a sua futura esposa numa carruagem.

Estava furioso. Era impossível que não estivesse. Consigo mesmo e com todo aquele desejo insuportável que sentia e que teria que vencer sozinho.

– Kathelyn querida, vista-se, rápido.

– O quê?

– Eu sei, eu sei... Escute rápido, não temos tempo – afastou-a gentilmente.

A carruagem se pôs em movimento mais uma vez. Deviam ter atravessado o primeiro portão. Logo, estariam na frente da casa da sua noiva.



Kathelyn finalmente entendia o que acontecia. Levou as mãos horrorizadas à boca.

– Não temos tempo, depois se horroriza. Agora apenas vista-se – o tom de voz dele era suave, mas havia um desespero contido em sua expressão e em seus olhos. – Depois conversaremos – concluiu enquanto também se vestia.

Com uma agilidade que provocaria inveja em qualquer assistente de quarto, ela subiu o espartilho e então o corpete. Aprumou o vestido no ombro. Alisou a saia. Apesar de nunca ter feito isso sozinha, acreditou que o desespero movia montanhas, fechava espartilhos e desenrugava sedas.

Respirou ganhando fôlego e desesperou-se.

– As forquilhas – pediu com a voz trêmula.

– O quê? – Ele refazia muito toscamente o nó da gravata.

– As malditas forquilhas – ela repetiu irritada. Afinal, tinha sido ideia dele que soltasse o cabelo.

Ele conseguiu pescar duas forquilhas no chão da carruagem, em um abrir e fechar de olhos.

Kathelyn supôs que tal velocidade, se deu, pela prática que o descarado devia ter em arrumar com eficiência damas em situações comprometedoras.

– Preciso de todas, faltam três.

– Vai ter que servir.

Ela bufou impaciente e se pôs a dar voltas no longo cabelo. Após muito breve instante, prendeu-o em um coque desalinhado.

A carruagem diminuiu a sua marcha e por fim, parou.

Momentos depois o libré abriu a porta e acendeu a luz do lampião de dentro do veículo. Estendeu a mão para ajuda-la a descer e a voz do duque soou firme.

– Espere um momento, já saltaremos. – O libré continuou em postos junto a porta aberta.

– É surdo homem? Afaste-se um pouco da carruagem, já lhe chamo para ajudar a senhorita a descer. – Tão rápido obedeceu desta vez, que Kathelyn sentiu o vento causado pelo brusco movimento do homem. Somente então, fixou-se na figura do duque.

Os lábios começaram a tremer descontrolados e uma onda voluptuosa passou a dominar os seus sentidos. Estourou em uma profunda, alta e nada contida gargalhada, em mais um ataque de riso inevitável e inconveniente, já que era a sua reputação que estava em jogo.

O cenho franzido do duque só agravou a situação.

– Santo Deus! – ela exclamou entre risadas.

– O quê foi? – ele indagou com seriedade. – Posso saber qual é a graça dessa situação nada divertida?

– É por que não se vê?

– O que foi? – repetiu ele ainda mais irritado.

– Parece que saiu de um bordel. Apesar de nunca ter visto um homem sair de um, imagino que é assim que deve parecer.

– Senhorita, não percebe o apuro que passamos?

– Ah sim – disse ainda sem conseguir parar de rir. – E suponho que levar a minha faixa de seda rosa amarrada no pescoço no lugar da sua gravata branca, não deve melhorar a nossa situação.

– O quê? – perguntou de novo. Abaixou o rosto e comprovou. O duque perdeu a compostura e derramou-se no banco de tanto gargalhar, acompanhando-a.

Após parar de rir ele falou com escárnio.

– É a última moda em Paris, senhorita, não devia se desfazer. – Mas uma sonora onda de gargalhadas ecoou de dentro da carruagem. Os librés do duque e Alex, o mordomo do conde de Clifford, olhavam tudo a alguma distância e possivelmente não entendiam nada.

Desfeita a confusão de peças e uma vez que haviam se acalmado, Arthur segurou em sua mão antes de voltar a chamar pela ajuda do libré.

– Kathelyn, creio que agora estou a cortejando oficialmente, o que acha? – Um breve silêncio se fez enquanto ela absorvia as palavras. Oh, meu Deus, ele teria, eles teriam? Ela não era mais...

– Segue donzela, senhorita, já lhe disse uma vez que nunca desonraria uma jovem dama, minha conduta não se alterou.

Graças a Deus não estava comprometida. Ainda assim, devia admitir a si mesma que viviam uma espécie de cortejo, algo talvez que fosse além do cortejo.

– Kathelyn, responda à minha pergunta.

– Sim, ela abaixou os olhos – entendo o que falou.

– Amanhã cedo venho lhe ver e quem sabe fazemos um passeio a cavalo pela propriedade.

– Está bem.

– Mas também não é direito que isso volte a ocorrer. Quero lhe cortejar como ditam os costumes, estaremos sempre acompanhados agora, de verdade.

Ela assentiu com a cabeça e saiu em direção à casa.

NA MANHÃ SEGUINTE, APÓS A NOITE MUITO AGITADA NA carruagem, Kathelyn tivera um sono muito pouco diferente da conturbada agitação noturna. Culpa do seu alterado estado de nervos.

As coisas na sua vida fugiam do controle de forma espantosamente rápidas, concluiu logo ao despertar pela manhã.

Em um momento, tudo estava tranquilo e tudo voltava ao normal. Em outro momento, o caos estava instalado novamente e tudo era uma sucessão de ações tempestuosas e reações vulcânicas.

Naquele momento, Belmont era uma tempestade vulcânica desabando em sua vida.

– Bom dia – disse Elsa.

– Bom dia – respondeu Kathelyn.

– Trouxe uma leitura muito instrutiva para a senhorita.

– Que bom – bocejou. – Adoro leituras instrutivas.

– acredite, vai adorar ainda mais esta... Recoste-se nos travesseiros deixe-me ler para você.

Em uma inocente tranquilidade ela se acomodou para ouvir a preceptora:

– *3 de Junho, deste ano – ressaltou. – O famoso e não menos cobiçado Duque. B. retornou a Londres há poucos dias, como informou a nossa segura fonte, após um longo período sem dar-nos a graça da sua estimada presença.*

– O que é isto? – perguntou Kathelyn, confusa.

– Escute – respondeu uma seca Elsa e prosseguiu com a leitura:

– *Devem estar se perguntando, o que estaria ele fazendo em Londres e frequentando festas em plena temporada? A princípio a opinião desta escritora, era que a sua excelência, lembrou de contar os seus anos de vida. Sendo assim, viera procurar uma candidata para sua futura duquesa. Percebi logo o meu engano, caros leitores. Fui informada da última noitada do duque B e cheguei à conclusão de que esse homem não vai lembrar nunca que já cresceu. Esteve nessa noite em companhia de uma dama misteriosa que pelo vestido poderia ser uma atriz ou cantora famosa. Depois disso, o duque foi visto saindo do baile de máscaras de Lady W, acompanhado de não uma, mas três jovens formosuras. Onde passaram a noite? Esta escritora não sabe informar. Mas com certeza, sabe que a noite do duque*

foi muito distinta daquela dos cavalheiros que cortejam uma dama com honradas intenções de matrimônio. O meu conselho é: desistam, jovens leitoras casadouras, o único posto a um ducado atualmente na Inglaterra, tende ficar vago por pelo menos mais uma temporada.

– Isto é uma maldade – Kathe concluiu com uma diversão disfarçada.

– Ainda tem mais – afirmou a Sra. Taylor. – Escute com atenção... 9 de junho – hoje – afirmou categoricamente. *Caros leitores:*

Que grata surpresa esta escritora teve, quando soube que o estimado Duque B. esteve presente no baile de lady G, um famoso evento repleto de jovens debutantes. Soube também esta escritora – o que deve agradar muito as mães e principalmente as suas filhas solteiras – que o Duque confirmou a sua presença em diversos eventos da mesma categoria nessa temporada. Relatou-me uma fonte fidedigna que durante a festa, vossa excelência dançou várias valsas, dispensou sua requisitada atenção a muitas damas e fixou-se em uma senhorita em especial. Chegou a dançar quebrando todos os protocolos duas valsas seguidas com a sortuda jovem. Depois, para espanto de quem assistia, o duque B. foi visto na companhia de uma jovem entrando em sua carruagem, a sós? Ficou no ar pergunta.

Será que o duque mudou o alvo da sua atenção para moças e inocentes damas? A jovem em questão, não citarei o nome, afinal, não é a função desta escritora denegrir a imagem de uma dama sem contundentes provas. Mas, se posso humildemente dar um conselho a qualquer moça seria este: Não se deixe deslumbrar pelos encantos de um duque antes que haja um compromisso firme declarando a sua intenção. Afinal, quem sempre parece sair lesada neste tipo de entretenimento arriscado é a dama e nunca o cavalheiro. Esperemos, caros leitores, o desfecho dessa nada monótona temporada.

– É de você que ela fala. – Elsa fez um expressão de desolamento e continuou com a voz arrasada. – Esta coluna é lida por todos os nobres e por todos os criados dos nobres. Dizem que até que a rainha a lê – suspirou. – O que deu em seu pai para permitir tal viagem?

– O valete dele nos acompanhou – ela sentiu-se culpada por mentir. Sentiu-se mais culpada ainda pelo o que tinha acontecido no interior da carruagem.

– O valete de um cavalheiro não é companhia adequada para garantir a honra de uma dama.

– Eu sei, Elsa, o que quer que eu faça? Papai anda assim deslumbrado com o duque. Kathelyn já havia percebido quando Belmont falava ou o seu pai concordava, ou sorria e depois concordava em absoluto. Parecia que o duque vinha cortejando ao seu pai e não à ela.

– Tomarei as rédeas da situação – a Sra. Taylor disse como um general.

– O que pretende?

– Enfrentarei o conde.



Em Mayfair quase no mesmo horário o duque recolhia a sua cartola, a sua bengala, e recebia alguns tapinhas tira poeira inexistente no ombro da casaca. Era Scott, o seu valete, quem insistia em enxergar poeira em qualquer peça de roupa.

– Excelência, sei que não quer ouvir de forma alguma a coluna de fofocas – tapa nas costas e nos ombros –, mas sinto-me na obrigação de lhe informar.

– Não quero ouvir – afirmou o duque.

– Entendo – insistiu cordialmente o valete –, mas é que esta matéria é diferente – entregou a cartola e a bengala.

– Não me interessa Scott, quantas vezes preciso lhe repetir algo tão simples.

– Mas excelência...

– Deixarei claro uma última vez, todos que me conhecem sabem da minha aversão por fofocas. Portanto, ninguém em sã consciência aborda comigo qualquer rumor, verdadeiro ou falso, da minha vida – colocou a cartola em um movimento preciso e concluiu: – Uma das grandes vantagens de ser um duque, é que quase sempre tenho as minhas simples vontades respeitadas – adicionou ao cruzar a soleira –, dentro da minha casa espero que a minha vontade seja cumprida. Fui claro?

– Sim, excelência, totalmente – confirmou o resignado valete.

FLORENCE ENTROU NO QUARTO DE KATHELYN, QUE SE vestia para receber ao duque.

– Bom dia, prima – disse a ruiva ao entrar.

– Bom dia, nos acompanha em um passeio à cavalo e depois a um piquenique?

– Você e Lilian?

– Não, Lilian está na sua aula de piano, estou aguardando ao duque de Belmont.

Os enormes olhos azuis se abriram.

– É mesmo? – perguntou Florence. – Ele... Está sendo cortejada pelo duque de Belmont?

Kathelyn ergueu as costas conforme o espartilho foi apertado e respondeu.

– Acho que é cedo para dizer qualquer coisa.

– Santo Cristo, Kathelyn – a prima a ignorou. – Eu me pergunto se o segredo para atrair os melhores partidos do reino é rejeitá-los como você faz.

– O vestido passou pela cabeça de Kathelyn.

– Não fale besteira, Florence... Sabe que fiquei de castigo um mês, mal fui cortejada.

– É isso que digo. Tivemos nossa estreia no mesmo dia... Meu pai estuda apenas duas propostas, o título maior delas é de um barão, enquanto você, prima – Florence puxou de brincadeira uma das tranças de Kathelyn e disse –, em apenas um baile, teve quatro nobres interessados e mal retornou aos bailes e já tem um duque atrás de suas saias.

– Ele não está atrás das minhas saias. – Ela lembrou das matérias lidas há pouco por Elsa. Está atrás de qualquer saia. Pensou em silêncio.

– Eu não vejo nenhum duque me acompanhar a passeios matinais ou piqueniques.

Kathe sentou na penteadeira, enquanto a donzela de quarto dava voltas no seu cabelo. A Sra. Taylor ia sentada junto à cama em um silêncio velatório.

– Belmont é só um amigo – Kathelyn lembrou dos beijos na carruagem. Talvez mais do que um amigo – concluiu para si mesma.

– Para você, querida – disse a prima tomando a direção da porta –, eles sempre são amigos. Vou me arrumar para acompanhá-los.

Quando Florence saiu, a Sra. Taylor abriu a boca.

– Não gosto da maneira que ela a olha.

– Florence?

– Ela a olha como se quisesse secá-la.

Kathe estalou a língua.

– Não fale besteira, Florence é minha amiga.

– Amigas não olham desse jeito uma a outra.

– Meu Deus, que jeito?

– Como se a odiasse por ser quem é.

Kathelyn levantou e disse:

– Ela não me odeia, ela quer o meu bem, talvez por isso olhe com essa... intensidade.

PASSEAVAM À CAVALO PELAS TERRAS DA PROPRIEDADE Kathelyn o duque, sua prima Florence e seu primo Rafael, a quem o duque mal cumprimentou. Seguiam lado a lado em um furtivo diálogo. Vez ou outra Kathelyn apontava uma parte das terras, contando algo que lhe lembrava aquele lugar específico. Quando abriram uma distância um pouco maior dos primos, Kathelyn falou o que desejava desde a leitura “instrutiva” que Elsa fizera pela manhã.

– Excelência.

– Arthur – ele insistiu.

– Muito bem, que seja. O que quero saber e vou ser bem direta – olhou-o com determinada atenção e perguntou: – Por que está me cortejando, se sabemos que esse não é o seu interesse?

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. Kathe notou que devido à tensão que se instalou em seus músculos, o cavalo que o duque montava sapateou um pouco. Logo que recuperou o controle indagou um pouco atônito:

– Por que pergunta isso? Ainda não está claro que me agrada a sua companhia?

– Sei que não intenta nada sério com dama alguma. Sei também que pelo seu estilo de vida – o duque ia franzindo o cenho e soltou um grunhido de... desgosto? Achou que sim. Ela continuou sem levar em conta o protesto: – Só se propôs a isso pelo acontecido de ontem... Apesar das notícias correrem como fogo, entendo que o que houve não me comprometerá de forma alguma, Belmont.

– Arthur – pediu o duque um tanto mais ríspido.

Ela levantou os ombros e as rédeas foram juntos, a sua égua sacudiu o pescoço.

– Arthur, não se sinta obrigado a seguir com esta encenação e volte sua atenção para o tipo de mulher que realmente o distrai e o agrada – suspirou e declarou com uma forçada dor. – Vou sobreviver. – Não foi de todo sincera, sentia um incômodo no peito. Mas, afinal, não estava apaixonada, ou estava? Isso não vinha ao caso. Ela jamais seria feliz com um homem da classe dele e sempre soube disso. Foi um engano, tudo não passou de um redundante engano. E, além do mais, ela tinha certeza que Belmont ficaria aliviado e que no final a agradeceria por tal atitude.

A expressão rígida dele demonstrava tudo menos alívio. Kathelyn sentiu-se perdida.

– E posso saber que tipo de mulher me distrai?

– Ora... Vamos, poupe-nos disso – disse tentando manter o clima ameno da conversa.

– Não, não, faço questão de ouvir.

– Bem, segundo o que ouvi, seria o tipo de mulher ou mulheres com quem saiu do baile de máscaras, logo depois de me beijar no jardim.

– O quê?

– Falaram de mim também, comparando-me a atrizes e cantoras.

Ele deteve o cavalo com um movimento brusco.

– Quem falou? – perguntou entre dentes.

– Não me ofendeu, verdade, senti-me até lisonjeada. Sempre tive um sonho secreto de ser uma cantora famosa de ópera. E também não citaram meu nome.

– Quem falou? – ele repetiu olhando para o cavalo. Ela não entendeu porque ele olhava ao cavalo, com aquela expressão séria.

– A coluna de uma tal de lady X... Odeio esse tipo de notícia. Nunca leio nada parecido, não me interessa pela vida dos nobres. Acho uma perda de tempo. Mas hoje, Elsa, digo, a Sra. Taylor, leu duas matérias envolvendo o seu nome e logo depois concluí o melhor a se fazer. Está livre da obrigação de me cortejar.

– Você realmente acredita que estou sendo forçado por culpa honrosa a lhe cortejar? Sendo que não fizemos nada além de trocar algumas carícias... Ahn, um pouco mais ousadas? Sem ninguém ter nos visto?

O que poderia ser mais ousado que aquilo? Não conseguia nem mesmo imaginar. Se desonrar uma dama não consistia naquilo, o que seria o ato conjugal? O que mais poderia haver? Ela suspirou sacudindo a cabeça.

O duque a encarava.

Ela ajeitou as rédeas que estavam frouxas na mão e disse:

– Se não é obrigado por sua conduta moral a seguir me cortejando, por que mais o faria? Deve imaginar que não conseguirá de mim mais nada, a não ser que... – deixou o resto da frase flutuando entre eles.

– A não ser que esteja pensando em me casar?!

– E está? – ela gelou completamente.

– Quero a sua companhia, quero conhecê-la melhor, quero que me conheça melhor também e deixemos o futuro nas mãos do tempo.

– Uma chance? – ela sorriu vaidosa.

– Se quer chamar assim, que seja, mas não me confunda mais. Saí da festa de máscaras sozinho, assim como você me deixou aquele dia. Antes de ir, topei com uma... amiga íntima.

Ela me perseguiu durante um tempo após a nossa ruptura. No dia da ópera eu tinha ido ver a apresentação de... Antonella, que seria minha nova... amiga íntima.

– Amiga íntima? – ela riu com recatada diversão. – Amante ou querida?

– Sim. Mas não a encontrei até hoje e pretendo não a encontrar nenhuma vez.

– Por... Por quê? – o coração disparou.

– Não é claro o motivo?

– Para mim não – disfarçou, precisava disfarçar. Olhou para o pescoço marrom brilhante da sua égua. Ouviu.

– Porque não tenho mais olhos para nenhuma mulher, apenas para aquela que insiste em desviar o olhar do meu, desde que nos encontramos hoje pela manhã.

Ela desistiu de desviar e o olhou. Jurou ter visto algo muito maior do que um par de olhos âmbar.

– Não leia e nem deixe que lhe leiam essas fofocas... A grande maioria delas são mentiras maldosas, cuja única finalidade é a de vender jornais.

Os primos voltaram a se emparelhar com eles pouco depois e terminaram o passeio falando apenas de amenidades.



No escritório do Conde de Clifford o clima não era tão ameno quanto devia ser em uma agradável manhã primaveril.

– Não senhora, não tem o direito de me questionar – bramou o conde.

– Meu lorde, apenas penso na menina e no futuro dela... – respondeu a sra. Taylor bem mais ríspida que o seu usual tom inalterável.

– Acha que sou um louco? – disse Ernest quase levantando de trás da sua escrivaninha de carvalho.

– Acho que o título ducal o impressionou. Não o culpo senhor, mas me preocupa... O duque de Belmont, tem fama de...

– Agora está ofendendo a sua excelência – interrompeu-a.

– Estou defendendo a senhorita.

– Agora está me ofendendo.

A Sra. Taylor, muito alterada pelo rumo da conversa, levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos com veemência.

– Sra. Taylor – o conde amenizou o tom de voz. – Vou lhe contar para tranquilizá-la, mas se isso sair daqui de alguma maneira eu mesmo me certificarei de acabar com a sua raça.

A mulher abriu os olhos, mas consentiu em silêncio.

– O duque e eu assinamos o contrato de casamento. O noivado será oficializado em no máximo vinte dias.

– Oh, céus, santo filho de Deus – abençoou a incrédula mulher –, quer dizer que a minha... Quer dizer a minha senhorita será...

– Uma duquesa – concluiu o conde, exultante.

– Sim meu Deus – os olhos dela encheram de lágrimas. – Não uma baronesa, ou viscondessa, nem mesmo uma condessa, mas sim, uma duquesa – suspirou trêmula de emoção. – Oh, meu lorde, me perdoe por ter... Me perdoe, mas estava tão nervosa e tão confusa.

Ernest abanou as mãos no ar em um gesto displicente e completou.

– O que importa é que não poderia ser melhor não é mesmo?

– Não, senhor, digo sim, senhor. – A expressão da Sra. Taylor tornou-se séria outra vez. Ela adicionou em um tom menos empolgado. – A senhorita será feliz? O duque será um bom marido, não é mesmo?

O conde olhou-a, confuso. Como se fosse impossível uma jovem não ser feliz convertendo-se em duquesa. A preceptora disse:

– Pergunto porque tenho tanto apreço pela menina que não posso... Oh – exclamou de repente dando-se conta. – Ela não sabe – começava a se desesperar uma vez mais. Continuou: – Vai aceitá-lo? Conhece a senhorita quando quer ser teimosa – tragou o ar agitada –, será que irá aceitá-lo de bom grado?

– Irá – respondeu sucintamente o conde. – Não tem escolha, rechaçar um duque já é por si só motivo suficiente para arruiná-la, não pode, terá que aceitar.

Não queria que a sua menina fosse infeliz. Kathelyn, com seu jeito dengoso. Com as suas teimosias por vezes engraçadas. Com sua rebeldia sem causa, conseguira conquistá-la como nenhuma outra jovem a que educou.

Por isso preocupava-se com ela.

Por isso queria que fosse feliz e, por conhecê-la, sabia que um casamento arranjado e forçado apagaria aquele brilho. Ela acreditava no amor. Seria muito triste ver uma jovem tão autêntica ser apagada pelos fatos. Kathelyn não tinha escolha. Sabia como regiam as leis da sociedade. Ela já estava prometida. Então, restava a essa preceptora um único desafio com relação ao futuro de sua pupila – fazer com que se apaixonasse pelo duque e talvez, apenas, talvez, se ela contasse com a divina providência, fazer com que o duque se apaixonasse por ela também.

– Ela será feliz, afinal ele é um duque – concluiu o conde intransigente.

– Sim, é verdade, meu lorde, e ela será a duquesa mais bela de todo o reino. – *E se depender de mim, a mais feliz também* – concluiu em pensamento.

NAS QUATRO SEMANAS QUE SEGUIRAM O DUQUE DE BELMONT não deu folga a Kathelyn. Ia visitá-la todos os dias.

Cavalgavam juntos, faziam piqueniques, passeios pelo Hyde Park e outros passeios muito comportados.

Não houve mais carruagens a sós, nem lugar algum a sós.

O máximo do contato físico que mantinham, era um beijo muito casto nas costas da mão.

Dois beijos, na verdade. Um no cumprimento e um na despedida.

Kathelyn estranhava demais, o que vinha acontecendo? Por quê?

Enquanto seu pai esforçava-se para criar situações em que pudessem ficar a sós, o duque esquivava-se como se fugisse da força dessas situações forçadas.

Elsa mantinha sua postura de preceptora, sempre a acompanhando, atenta. Mas havia algo além. A inabalável Sra. Taylor, era toda sorriso e agrados ao duque.

Todos estavam muito estranhos.

Se não fosse pela forma com que Belmont a olhava, olhos que queimavam todas as partes, ela teria certeza de que não passavam de bons e velhos conhecidos.

Elsa era, de todos, a mais esquisita.

Portava-se como uma alucinada. Tratava ao duque com mimos e carinhos que só se dirigem a um filho ou a um sobrinho. Isso era bonito de se ver. Exceto o ciúmes que Kathe sentia. Nem a ela Elsa mimava tanto.

Um dia em que tomavam o chá da tarde juntos, Elsa Taylor serviu-os como de costume e se levantou, dirigindo-se a ele:

– Veja, excelência, trouxe alguns recortes de novas descobertas arqueológicas advindas da região do Vesúvio. As peças serão leiloadas na próxima semana em um antiquário de Covent Garden... Imaginei que gostaria de saber.

– Muito obrigado, Sra Taylor. Não somente irei, como se me derem a honra, adoraria levá-las comigo.

– Oh, que empolgante! – exclamou a preceptora sem a menor vergonha.

Esta era uma das manias de Elsa, sempre recortando e colecionando notícias, tinha todas as matérias que saíam sobre o duque e Kathelyn catalogadas e organizadas por data. Apesar da resistência da jovem em querer ouvi-las, vez outra Elsa lia em voz alta ignorando os seus protestos.

– Dizem que sua excelência está apaixonado. – Foi o que a preceptora trouxe de notícia em uma manhã.

– Não seja tola, Elsa – disse, mas aquela ideia incoerente fez o seu coração dar um salto.

– Dizem que ele a olha de um jeito que envergonharia até mesmo uma cortesã nos bailes... Eu acho muito provocante e acho que deve se sentir lisonjeada. Não é mesmo?

Os comportamentos estranhos não paravam por aí. Sempre que tinha uma oportunidade ela exaltava o duque as alturas e o fazia sem a menor discrição:

– Como sua excelência estava elegante hoje, com aquela casaca verde e calça bege não concorda?

– Não reparei – mentiu.

Achava-o cada dia ainda mais atraente que no dia anterior. Isso lhe parecia algo tão improvável, que ela travava consigo mesma apostas descabidas, duvidando que no próximo dia ele pudesse parecer mais atraente do que no momento em questão.

Perdia sempre. Era humilhante. Mesmo sendo somente ela quem sabia de suas constantes derrotas. Era horrível não ganhar uma única vez.

– Só uma cega não repararia – insistia quase diariamente a dedicada preceptora.

Em outra ocasião, enquanto tomavam o chá da tarde, Elsa levantou e serviu um generoso pedaço de bolo ao duque.

– Soube que este é o seu bolo favorito, o de limão. Pedi para a Sra. Ferrel prepará-lo para a vossa excelência.

O duque sorriu com um simpático agradecimento.

Eram assim as manhãs e as tardes, ela trazia notícias que o interessavam, bolos que ele mais gostava, chás que ele apreciava. Conhaques ou uísques, sucos, quitutes e afins que o duque comentava uma única vez desfrutar mais ou menos. Elsa parecia que anotava tudo em uma agenda sem fim. Possivelmente no mesmo livro enorme em que ela catalogava as notícias referentes a Belmont que saíam diariamente.

Durante todos os passeios, as visitas, as viagens de carruagem, a Sra. Taylor parecia uma vendedora. Uma que fazia de tudo para enaltecer as qualidades tanto do duque a ela, como dela ao duque.



No decorrer dessas semanas Belmont a levou em uma das óperas prometidas.

O espetáculo foi inesquecível. Quando viu que ficariam praticamente juntos a rainha, teve a certeza de que o mundo estava invertido. Ela, que nunca se importou muito com este tipo de notoriedade, estava lá, sentada a poucas cadeiras de distância da sua monarca. Junto à mais seleta corte.

Havia apenas uns cem convidados e isso tornava o espetáculo extraordinário. Em todos os sentidos.

Kathelyn sentia um carinho cada vez maior e apreciava cada vez mais companhia de Belmont.

Esperava-o em todas as suas apresentações matinais, e ele sempre, sempre ia. Esperava com a mesma expectativa pelos passeios que faziam à tarde e pelos bailes ou saraus que participavam a noite. Ele a divertia, a fazia sentir especial e a olhava de uma maneira que a convertia em um ser invertebrado.

BELMONT E KATHELYN FORAM JUNTOS A ALGUNS LEILÕES de antiguidades. Alguns deles ficavam em áreas não muito seguras. Como Tower Hamlets. Estavam próximos a área portuária. Junto a St. Katherine docks.

– Esta foi a última ampliação do porto, feita em 1828 – o duque apontou para o lado do rio Tâmisa.

– E esses muros altos? – Kathelyn perguntou.

– Desde o início do século as docas são construídas assim, para proteger as cargas da pirataria.

– Como descobre esses lugares, Arthur? – Kathelyn perguntou enquanto jogava olhares curiosos para fora.

– Todos em Londres que possuem relíquias sabem da minha obsessão, então, sou convidado a me juntar a esses leilões mais “exclusivos”.

– Que tipo de exclusividade devemos esperar encontrar aqui? – perguntou a Sra. Taylor que forçava um horror maior do que sentia. Kathelyn percebia a expressão teatral que a sua dama de companhia adotava vez ou outra.

– Nada que as coloque em perigo. Na realidade nesse tipo de evento é onde se encontram as peças mais raras e também as mais valiosas por um preço melhor... Você ficará encantada, Kathelyn, é uma coleção de peças egípcias raras.

Kathelyn olhava pela janela muda.

– Kathelyn – o duque a chamou outra vez.

Ela sacudiu a cabeça e voltou o olhar perdido para dentro do veículo.

– O que aconteceu? – insistiu Belmont.

– Nada, por quê?

– A senhorita está pálida.

Arthur desviou o olhar para fora da carruagem que vinha parada por causa da travessia de alguns pedestres. Viu o motivo da palidez de Kathelyn. Uma mulher largada na calçada com as roupas sujas e uma criança igualmente imunda nos braços. Ele fechou as cortinas com um movimento brusco.

– Não a devia ter trazido.

– Sabia que existiam pessoas miseráveis, mas nunca tinha visto, crianças assim nessa situação.

Como ficar bem diante disso?

– Desculpe.

– Não peça desculpa, sinto-me mal por nunca ter visto antes essa parte da realidade. Sinto como se vivesse em uma redoma. Não é real, verdade?

– O que, querida?

– O nosso mundo.

– É real para quem faz parte dele.

– Existe algo que possamos fazer para ajudá-la? Eu... eu gostaria de ajudá-la.

Belmont pareceu pensar por um minuto, então, bateu no teto da carruagem afim de que parassem.

– Fique aqui – ele ordenou –, vou ver o que posso fazer.

– Deixe-me ir.

– Não, Kathelyn, é uma região... Não, fique aqui. Prometo ajudá-las – falando isso ele desceu e bateu a porta atrás de si.

Kathelyn torcia-se na janela da carruagem afim de tentar enxergar algo.

– Fecha a cortina, Kathelyn, e sente direito – exigiu a Sra. Taylor.

– Vou sair.

– Não se atreva, Kathelyn Stanwell.

– Tente.

– O quê? – perguntou a confundida senhora.

Kathelyn enfiou a mão na maçaneta e abriu a porta com um vigoroso empurrão.

– Me deter – disse já fora do veículo.



Cerca de dez minutos depois, Arthur voltava satisfeito consigo mesmo para carruagem. Havia dado um dinheiro para a senhora e oferecido um emprego em Belmont Hall. A residência ducal, em Gloucestershire. Deu o dinheiro suficiente para ela e a criança se alimentarem e se manterem por alguns dias. Além da verba para o transporte até lá. Enviaria uma carta ao Sr. Lagford, mordomo da casa, avisando-a da senhora e sua filha. Sim, sentia-se bem. Na verdade, nunca tinha feito nada parecido com isso. Kathelyn... Fez por ela, para agradá-la. No fim, sentia-se tão estranhamente feliz que resolveu, faria isso outras vezes. A verdade era que Kathelyn tocava a sua vida de...

– Mas o quê? – Olhou alguns metros à frente, a Sra. Taylor corria em sua direção. Branca como as anáguas de uma matrona. Olhou ao redor apavorado tentando entender o que acontecia. Não viu nada. Correu até a mulher. Ela disse:

– A – ofegou – A... – tentou outra vez. – Senhorita.

– Fale. – Desespero, ele entendeu o que era isso.

– Ela saiu... chegou a andar – ofegos –, então um jovem.

– Pelo amor de Deus onde? Fale.

– Aí – apontou para o outro lado e disse com dificuldade – um jovem arrancou-lhe o colar e – a preceptora levou a mão aos olhos como se pudesse desmaiar, disse – correu atrás e seus libres quando perceberam – ofegos – já havia...

Arthur não esperou a conclusão da fala mais demorada que ele ouviu na vida. Saiu correndo. Como se atrás dele viessem todos os titãs do mundo. Como se disso dependesse algo muito maior do que a vida.

Olhava em desespero crescente sem vê-la.

Corpos, trombões, empurrões e...

– Saia, desgraçado – empurrou dois homens que carregavam caixas na direção oposta a ele. Pernas e cotoveladas.

Pessoas gritando, amaldiçoando-o pelos trancos e cestos caídos.

Nunca uma rua foi tão movimentada.

Rostos, desespero. Desespero.

Branco.

O mundo entrou no branco absoluto.

Não tinham vozes nem pessoas. Nem tropeços, nem corrida ou lama ou cavalos.

Vácuo e vazio.

Era apenas ele e a violenta necessidade de encontrá-la. Até que a viu.

Luz do sol. Calor.

A vida retornando para algum lugar de dentro e o pulso... Sim, ele tinha um pulso. Respiração, o ar ainda entrava e saía e o mundo ainda existia ao seu redor.

Deteve-se a poucos metros a fim de entender o que acontecia. Kathelyn aparentemente conversava com um jovem e os seus libres iam atrás dela. O rapaz parecia que segurava algo em uma das mãos, porém não a ameaçava. Ele a escutava?

Maldita seja. Maldita. Teimosa.

Ela gesticulava com as mãos e o jovem entreolhava a ela e a rua. Devia pensar em fugir. Arrancou o casaco e em dois pulos jogou-se na frente de Kathe amparando-a em suas costas.

– Você está bem? – perguntou sem afastar os olhos do jovem.

– Sim, é claro.

– Se afaste, Kathelyn.

Ela não respondeu. O rapaz que antes estava relaxado armou-se em uma postura de briga.

– Saia daqui, Arthur, está confundindo-o – Kathe disse em um tom tranquilo.

– Você não tem saída, menino... Olhe à sua direita, dois policiais caminham para cá. – No pequeno movimento de olhos do jovem, Belmont o imobilizou em uma gravata.

– Me diga por que eu não devo matar você – murmurou próximo a orelha do jovem. Pensou em Kathelyn e no que podia ter ocorrido. Lembrou dela, acuada por ele. Está certo, ela não parecia acuada.

– Belmont, solte o jovem – ela ordenou firme.

– Mas o quê?

– Não percebe, que está o assustando.

– Assustando? – ainda estava desnortado. Ele sim, esteve apavorado por ela.

– Ele ia me devolver o colar e estávamos apenas conversando.

– Seus imbecis – ele gritou com os librés que iam estáticos – me ajudem aqui, vamos entregá-lo à polícia.

– Não – ela gritou.

– Não?

Os librés seguraram o jovem que debateu-se, xingando-os.

– Ele está apavorado, é somente um menino, Belmont. Eu prometi a ele que não o entregaria e que o ajudaria. Agora mesmo ele estava me contando o por que precisava roubar e...

– Imagino a classe de história comovente que lhe contou.

– Ele vai trabalhar em Milestone House.

– O quê?

– Eu disse, senhorita – o menino contorcia-se –, não há chance para mim nesse mundo.

– Soltem-no agora – ela ordenou aos librés que olharam para o duque.

– Não ousem fazê-lo.

Kathelyn aproximou-se do menino.

Só então que o duque reparou que ela mancava e grunhia de dor enquanto se movimentava.

– Está ferida? Vou matá-lo – Arthur avançou para junto do jovem.

– Eu mesma caí enquanto o perseguia – ela virou de frente para o duque impedindo-o de alcançar o rapaz imobilizado e disse: – Ele parou quando notou que eu havia caído, preocupou-se comigo arriscou-se a ser preso para poder me ajudar.

– Arriscou-se a ser preso porque roubou – Belmont disse indignado.

– Arriscou-se a ser preso porque parou de fugir a fim de me ajudar – ela fez uma careta de dor. Belmont pegou-a no colo sem avisar.

- Vamos... vou chamar o médico da minha família.
- Não há necessidade... Me ponha no chão.
- Leve o garoto para carruagem – disse olhando para ele. – Resolveremos o seu futuro depois que a senhorita tiver sido atendida – terminou de falar com cenho franzido.



Após revistarem o jovem, colocaram-no dentro da carruagem. Durante o percurso, a Sra. Taylor, cheirava o seu vidrinho de sais a fim de não desmaiar. Kathelyn mordida os lábios para não grunhir de dor com as sacudidas do carro e Belmont parecia um louco.

Bateu três vezes no teto do veículo.

– Devagar – disse colocando a cabeça para fora da janela. – Passem em mais um buraco e eu farei com que cavem os seus buracos eternos na terra.

– Está bem, querida? – perguntou enquanto retirava o lenço do bolso e o deslizava na testa de uma pálida Kathelyn.

– Sim, já disse que não é nada – ela tentava controlar as caretas de dor e os sons que partiam involuntários do peito.

– Ahh – não controlou e duque lançou mais um olhar excruciante em direção ao jovem.

– Ele cheira a esterco, santo Deus – reclamou Elsa.

– Pare, Elsa – disse Kathelyn –, mais um comentário seu e mais um olhar mortal de Belmont, creio que ele sumira dentro do banco. Olhou ao rapaz encolhido. – Qual o seu nome? Você ia me dizer e fomos... – Aahh – Outra sacudida e outro gemido de Kathe, seguido por três estrondosas pancadas de Arthur no teto do veículo.

– Jonas, senhorita – o menino respondeu.

– Sabe lidar com cavalos, Jonas? – Kathe perguntou.

– Não muito, senhorita.

– Não tem problema, aprenderá, parece que é um menino esperto.

– Senhorita, não está pensado – a Sra. Taylor fixou os olhos em Kathelyn com o cenho tão enrugado que serviria de leito a um rio. – Oh! Está, não é mesmo? Quer levar esse pivete para casa.

– Não discutiremos isso agora – disse o duque.

– Nem depois, está resolvido. Nós daremos uma chance a ele – ela disse isso quase ofegando. A verdade é que o tornozelo estava doendo. Muito mais do que ela deixava transparecer.

– Rápido, seus imprestáveis – o duque bateu algumas vezes no teto da carruagem.

– Vai enlouquecê-los, Arthur.

– Você está pálida – ele ignorou-a. – Encoste-se e coloque o pé machucado sobre o meu colo. Iremos para minha casa – Kathelyn abriu os olhos surpresa. O duque prosseguiu: – Se seguíssemos uma viagem até sua casa, eu mataria ou esse menino infeliz ou o condutor.

EXTERIOR PALLADIANO NA UPPER BROOK ST, DENTRO, um saguão que poderia substituir dois salões de baile. Um lustre de cristal do tamanho de um quarto. Paredes brancas ovaladas, colunas gregas e uma escada em caracol toda em mármore. Poderia ser branco demais, se não fosse o enorme vitral do chão ao teto. Vinte metros de transfusão de cores pelo sol. Degraus que não tinham fim, cobertos por um tapete vermelho. Arthur subia a escada com ela no colo, como se Kathelyn não estivesse em seus braços. Como se ela não pesasse mais que uma luva. Mal se notava qualquer alteração na respiração dele. No meio da escada, incomodada e um pouco desconcertada ela pediu:

– Eu posso ir andando.

– Não.

– Eu acho que poderia ficar na biblioteca até o médico chegar.

– Não, Kathelyn.

Ela viu um corredor enorme a perder de vista para qualquer das direções.

– Quantos quartos tem aqui?

– Quarenta e seis.

Ela não comentou, achou um enorme desperdício de espaço. Nunca entendeu muito bem porque os nobres acreditavam precisar de tantos quartos sem uso em suas casas. Em Milestone House, tinham 115 quartos, sendo que mais da metade deles ficava desocupada boa parte do ano.

Depois de alguns minutos sendo carregada pelo corredor, Arthur ainda não carregava nada. Isso se Kathelyn fosse nada. O que não era. Então, ela concluiu um tanto contrariada, que o duque devia ter muita experiência em atravessar escadas e corredores carregando peso. Peso de mulheres.

– O senhor é... – deteve-se.

– O quê?

– Forte – disse para dentro.

Na boca dele surgiu a sombra de uma sorriso orgulhoso.

– Está acostumado a carregar mulheres?

– Que pergunta ousada, senhorita – o sorriso desapareceu.
– Nem se alterou, nem mesmo a respiração, suponho que esteja habituado.
– Nunca na minha casa.
– Então, fora dela, suponho que já carregou muitas vezes.
– Vamos mesmo ter essa conversa, Kathelyn? – Isso ele já disse empurrando uma porta com o pé. Entraram.

O quarto era um jardim.

Amplas janelas convidavam a luz do sol. O azul nas paredes fazia conta de céu. Nos móveis, branco de nuvem. Uma cama enorme com dossel de flores que seguia colorindo as poltronas, o tapete e as almofadas. Era um quarto feminino, recém-decorado?

Seria o quarto da futura duquesa?

Pelo tamanho e luxo, parecia...

Não, não poderia ser. Não seria apropriado. Mordeu a boca para não perguntar. Essa sim seria uma pergunta ousada.

Belmont a colocou na cama e se inclinou sobre ela para arrumar os travesseiros em suas costas. Kathelyn respirou o aroma de Arthur: sabão fresco e almíscar.

Foi invadida pela percepção da presença inteira do duque – o calor, o cheiro que obrigava tudo nela esquentar e as lembranças da boca dele sobre a sua, havia tempo que não se beijavam. Não os beijos que ela ainda sentia, aqueles que a faziam corar somente ao evocar.

Arthur fechou os olhos e respirou fundo.

Parecia pensar o mesmo que ela. Queria que ele a beijasse. Apesar da dor no tornozelo, desejava mais os beijos do que o próprio alívio.

Ele subiu a sua saia devagar até a altura do tornozelo.

– Vou retirar o sapato – a voz do duque saiu rouca.

Ela não teve força e nem vontade de argumentar. Gemeu baixinho quando sentiu os dedos dele tocarem o ponto dolorido e logo o sapato escorregou para fora.

Ele voltou a inclinar-se para cobri-la.

Seria tão fácil beijá-lo.

Era só levantar o rosto e abrir a boca e...

Ele se afastou como se impelido por uma força oculta para longe.

– Ahn... Onde está a Sra. Taylor? – Kathe perguntou olhando para as cobertas.



Sentiu-se um cretino.

Quase a atacou na cama, que seria dela depois que casassem. A imagem era de Kathelyn deitada, exposta, com os lábios entreabertos a respiração curta, os olhos brilhando.

O cheiro.

Maldição, o cheiro de rosas era o principal culpado. Ela estava ferida e ele só conseguia imaginá-la sem roupa, com os cabelos soltos jogados no travesseiro, com ele por cima dela, com ela por cima dele, em volta dele. Gemendo e gritando de prazer. Ela estava ferida, Deus. Onde estava esse médico? Se não chegasse em cinco minutos iria ele mesmo buscá-lo.

– Logo subirá – disse tentando esconder a excitação descabida e a preocupação exacerbada.

– Excelência – entrou no quarto o mordomo do duque, o senhor Tremore –, o médico já chegou, está lá embaixo.

– Mande-o subir.

A primeira a entrar foi a sra. Taylor.

– Obriguei o menino a tomar um banho. Disse-lhe que sem um banho ele nem sequer teria o direito a ser ouvido. – A preceptora entrou como uma bala perdida no quarto. – E você, excelência, não conhece a decência? Desde quando é permitido instalar uma dama solteira em um quarto, na casa de um cavalheiro?

– Sra. Taylor – o duque disse –, visto que a dama está acompanhada de sua preceptora, não vejo onde está a agressão à decência.

– Está certo, isso agora é o de menos... Como se sente, Kathelyn?

– Estou bem, na verdade, creio que podemos ir para casa.

– O médico esta subindo – disse Arthur.

– O senhor, por favor, nos dê licença – Elsa foi para o lado da cama como uma leoa de chácara.

– Não sairei deste quarto, Sra. Taylor.

– Com licença – pediu o médico ao entrar.

– Boa tarde, Dr. Haydon – disse Belmont.

– Boa tarde, excelência, vim o quanto antes.

– Essa é a Srta. Stanwell.

– Muito prazer, senhorita... A fama de sua beleza faz jus a dona – disse o médico ajustando o monóculo.

– Obrigada, Doutor.

– Muito bem, o que aconteceu?

Kathelyn começou a contar o que havia acontecido, mas foi interrompida por uma decidida preceptora. Elsa falou que ela havia caído ao descer da carruagem sem entrar em detalhes.

– Vamos examinar esse tornozelo. Com sua licença, senhorita – o médico puxou a coberta liberando os pés de Kathelyn.

– Excelência – disse Elsa –, faça o favor de ao menos virar-se.

O duque respirou fundo algumas vezes.

– Sra. Taylor está é a minha casa. – *Kathelyn será a minha esposa*, pensou sem dizer e concluiu – não sairei daqui enquanto não ouvir o que o médico tem a dizer.

E não saiu.



– Ai! – Kathelyn reclamou quando o médico tocou no tornozelo.

– O quê? – Arthur pulou.

– Doeu.

O médico bufou e continuou o exame.

– Humm – gemeu ela outra vez.

– O senhor quer fazer o favor de ir mais devagar – Arthur pediu sem cortesia.

O doutor franziu o cenho e o encarou com uma expressão de desaprovação. Continuou o exame.

– Humm – ela tentou não gemer, mas não conseguiu.

O duque estava a um passo de distância do médico e tirou as mãos dele de cima dela com um movimento abrupto.

– Ou senhor será mais cuidadoso ou eu vou ignorar o fato de que atende minha família e a própria rainha há anos e chamarei outro médico.

– Excelência, me deixará trabalhar? Ou aconselho que chame outro médico de verdade.

– Arthur – Kathelyn falou devagar –, deixe o doutor.

– Saia excelência, será melhor para todos – sugeriu o médico.

– Não – o duque disse contrariado –, continue.

Belmont começou a andar de um lado a outro do quarto enquanto médico a examinava. Cada gemido de dor que Kathelyn dava, ele olhava para o médico como se fosse matá-lo e olhava Kathelyn como se fosse ele a sentir a dor. No final, Kathelyn gargalhava da reação exagerada do duque e Arthur por fim, pareceu relaxar um pouco.

Dr. Haydon explicou que fora apenas um pequeno entorse e que Kathelyn devia ficar de repouso absoluto durante cinco dias. Após isso, ela poderia, devagar, começar a colocar o pé no chão. Disse que a viagem até a sua casa não era indicada nesse primeiro período e que o ideal seria permanecer sem movimentar-se.

Depois da resistência inicial dela e da Sra. Taylor, que interrogou o médico com uma fúria desconfiada, a preceptora foi alojada no quarto da frente. Belmont, fixou uma cadeira ao lado da cama da futura noiva. No primeiro dia, só saiu de lá para dar ordens aos criados.

– Tragam mais bolo.

– Mais chá.

– Tragam livros.

– Compressas.

– Almofadas.

– Sente alguma coisa, Kathelyn? – ele repetia a cada dez minutos. Qualquer respiração diferente dela. Qualquer chiado que ela fizesse, ele se sobressaltava e começava como um transtornado a dar ordens para todos. Como se isso pudesse aplacar o desconforto por vê-la ferida.

UM MAU HUMOR EVOLUTIVO SE APODEROU DO DUQUE NO decorrer dos dias. Isso quem comprovava eram todos que o cercavam, com exceção de Kathelyn, que passou a contar menos com a presença dele ao seu lado.

No decorrer dos dias, os criados o evitavam desviando pelos corredores. Não se ouvia vozes na enorme residência, apenas cochichos tímidos e respostas subservientes.

O duque que tratava a todos sempre com educado distanciamento, nos dias da presença de Kathelyn em sua casa, despejava sobre todos um grosso autoritarismo. Trabalhava em um ritmo demoníaco e manteve ocupado o batalhão de 53 criados da mansão.

Supervisionou todos os contratos com os prestadores de serviços de suas propriedades e também os dos fornecedores das mesmas. Duas vezes despediu e readmitiu ao seu advogado e despediu sem readmitir ao seu administrador.

As pessoas entravam no escritório dele pálidas e saíam de lá como se houvessem enfrentado ao diabo.

Ele ia, no final dos dias, ao clube de esgrima e voltava como se houvesse matado todos os adversários. Até mesmo Scott, o seu valete, que sempre soube como lidar com a personalidade de Belmont, sentia-se um tanto perdido, mas não intimidado. Scott ainda era o único que o enfrentava com divertida ironia.

Naquela manhã, o valete entrou junto a Elsa no quarto em que estava Kathelyn.

– Bom dia, senhorita.

– Bom dia, Scott – ela disse encostando-se aos travesseiros.

– Bom dia, Elsa.

– Bom dia – respondeu a preceptora terminando de abrir as cortinas do quarto.

– Desculpe incomodá-la tão cedo... É que sua excelência pediu, aliás, ahn exigiu que entregasse logo na primeira hora da manhã.

Kathe viu um maço de folhas amareladas que o valete estendia.

– O que é isso? – estava curiosa.

– Manuscritos Gregos.

– Verdade? – ela perguntou dando um pulinho de excitação.

– Sim, senhorita.

– Muito obrigada – Kathe pegou os papéis com cuidado, como se eles pudessem se desfazer nas mãos.

– Agradeça a sua excelência.

Olhou para baixo. Mordeu os lábios por dentro e disse:

– Ele não tem vindo muito nesses últimos dias, apesar de saber que está na mesma casa. – Levantou os ombros e continuou: – Escuto-o falando alto... Ahn, bem alto com os criados.

– Ele não é sempre assim.

– Não?

– Difícil de acreditar – murmurou Elsa sentada da poltrona ao lado da cama.

– Mas é verdade – o homem suspirou e disse: – Sabe, minha família serve a família do duque há quatro gerações... Eu o vi nascer... ele foi muito esperado.

– Esperado? – Kathelyn ergueu-se mais na cama.

– Sim, a duquesa já tinha 37 anos quando o teve, e havia sofrido quatro abortos anteriores, lembro-me como se fosse hoje o dia do nascimento.

– Sente-se, por favor – Kathe olhou a cadeira junto à mesa que ficava em frente a janela do quarto.

– Com licença – pediu o homem e puxou a cadeira aproximado-a da cama. Jogou um olhar perdido para o tapete e disse: – Simon Harold, o pai de sua excelência, quase enlouqueceu de felicidade quando nasceu o seu herdeiro.

– Imagino – Kathe respirou com peso –, se meu pai tivesse tido um herdeiro, creio que ficaria do mesmo jeito.

– O oitavo duque – prosseguiu o valete – reformou uma ala inteira do palácio e quando Arthur, digo, sua excelência fez dois anos, mudou o menino para lá. Cercou-o dos mais conceituados tutores. Entretanto, com isso acabou-o privando de conviver com a mãe e as irmãs.

– Apenas dois anos... pobrezinho.

– Não se compadeça – a boca do valete abriu em um meio sorriso irônico. – Ele foi o menino mais mimado que já se viu nesta Terra... A única mulher presente na ala norte, a ala do palácio em que ele foi educado, era a pobre babá.

– Pobre babá? – perguntou a Sra. Taylor.

– Isso porque nenhuma ficava mais de seis meses com ele. A sua excelência era muito criativo, as brincadeiras amenas que as babás enfrentavam eram insetos ou répteis colocados nas suas camas – o valete disfarçou uma risada.

– Mas que horror – reclamou Elsa.

Kathe riu junto a Scott.

– E a duquesa-mãe, o que fazia? – ela perguntou com imagem de Arthur criança aprontando em sua mente.

– O duque não a deixava fazer nada para interferir, como disse, ele tinha todas as suas vontades atendidas.

– Acho que ainda têm, não é mesmo?

O valete inflou o peito de ar e disse.

– Uma das vantagens em ser um duque... Ou desvantagem... Depois que ele parou de atormentar as babás foi para Eton, o internato para meninos nobres e depois foi para...

– Deixe-me adivinhar – Kathe o interrompeu – Oxford, onde deve ter virado um perito em atormentar as mulheres, mas de outra maneira.

– Senhorita – ralhou uma brava preceptora – onde aprendeu tais coisas?

– Estou apenas curiosa...

– Ele é um bom homem, senhorita, apesar de certas condições trazidas pelo título. Sua excelência sempre ajuda àqueles que precisam. Nunca admite que fez o suficiente. Está sempre tentando melhorar a condição de vida daqueles que o servem – Scott olhou para o tapete outra vez – enxergue-o além do título, senhorita... Há um homem... – o valete arrumou a luva nos dedos e concluiu: – Há um homem cheio de... de paixão.

– Bom dia senhor Scott – levantou Elsa pronta para expulsá-lo – creio que essa conversa já foi suficiente.

Kathelyn sufocou uma risada e ouviu.

– Com sua licença, senhorita, vou mesmo atender a sua excelência, ele já deve ter despertado.

– ENGOMO A CAMISA MAIS VEZ MAIS, MEU LORDE? – SCOTT perguntou no início daquela mesma manhã, logo que saiu do quarto de Kathelyn.

– Como vou saber? Ainda não a vi.

– Penso em ganhar tempo, já que ontem tivemos que repassar todas elas três vezes.

– Se estivessem fazendo direito, não precisariam passar nem uma a mais. Entretanto, como fui obrigado a me inteirar da qualidade do serviço que cabe a você fazer, creio que não vestirei o rosto de uma velha encalhada.

– Acho que o problema das rugas hoje ocorrerá com as gravatas.

Belmont que jogava água no rosto, deteve-se.

– O que acontece com as gravatas ou com as camisas, Scott, não deveria entrar na lista das coisas que eu tenho que averiguar pela manhã.

– Sinto muito, excelência, já mandarei repassar as gravatas, assim estarão do seu agrado.

– Eu nem vi as malditas gravatas, Scott, repasse o quarto de roupas inteiro, mas não me traga esse tipo de merdas.

– Acontece que a dama ainda está aqui, excelência.

Belmont, que já se ocupava de lavar o rosto deteve-se outra vez.

– O que Cristo isso tem a ver com as rugas das gravatas, Scott? – as narinas do duque estavam infladas.

– Ajuda a criar as rugas das gravatas ou das camisas – pigarreou –, quantos dias a senhorita ainda ficará aqui?

– Esse é o último – ele ergueu as sobrancelhas. – Acabou o seu destemperedo matinal ou ainda falaremos de rugas por mais tempo?

– A minha preocupação não é de fato as rugas da vossa vestimenta, já que essas estão como sempre estiveram, desde que trabalho para vossa excelência.

– Scott, Scott, temo que a sua visão esteja tão comprometida quanto o seu juízo... Está senil, pobre homem? Teremos que conseguir um ajudante mais jovem para lhe auxiliar?

– Temo, excelência, que as rugas não estão nas roupas, e sim, em vosso semblante cansado... Não dorme direito desde que instalou a senhorita no quarto de sua futura duquesa. E

se a ausência de descanso tem a ver com peso na consciência, entendo... Isso não me parece muito apropriado, mesmo com a presença sua dama de companhia, isso pode arruinar a dama.

– O que não é apropriada é esta sua língua de trapo, Scott.

– A não ser que vossa excelência já a tenha escolhido, para ser a senhora da casa.

– Não tenho que lhe dar satisfações.

Ouviram o barulho da água sendo vertida na banheira do quarto ao lado.

– Ha-ha, aí está o problema – o valete disse para si mesmo. – A escuta não é verdade? Escuta a água do banho, a movimentação noturna. Conhecendo-o, arrisco que até o ouvido na porta de comunicação vossa excelência já colocou... Talvez até os olhos na fechadura, ou quem sabe.

– Tem-me por um moleque imbecil? Cale-se ou seu nariz caquético vai decorar a sua frente.

– É que a senhorita é mesmo a dama mais bonita que eu vi. Eu, um velho cego, reparei nisto... Quem dirá um jovem no auge da virilidade... Sim, creio que é por isso que anda pela casa há dias como uma assombração perdida e é por isso que está colocando todos como loucos... Sim, é claro – Scott ignorou a expressão de Arthur rija e os músculos que pulsavam no maxilar do duque. Era o sinal da raiva. Continuou –, é porque esta beleza dorme intocada ao lado de sua cama que o senhor está mastigando os ossos de todos que o cercam e... – não conseguiu terminar, o duque já o levantava pelo colarinho torcido da camisa.

– Mais uma palavra desrespeitosa sobre a futura senhora desta casa e eu juro que lhe faço lavar os estábulos todos os dias de joelhos.

– Excelência – disse o homem com a voz abafada –, como me faz feliz – tossiu – saber que já – mais tosses –, já elegeu a sua duquesa... A nova senhora da casa. – Aos poucos Arthur soltou as mãos do pescoço do valete. Scott se aprumou como se nada tivesse ocorrido. – Fico muito feliz, excelência, muito, muito feliz.

– Isso ainda é um segredo, velho maldito... Você tem a coragem de me desafiar porque sabe que eu não lhe mandarei ao olho dessa rua, ou de qualquer outra viela suja de Londres, não é verdade?

O valete fez uma reverência e acrescentou, separando as peças de roupas que o duque vestiria.

– Quando souberem, todos morrerão de alegria na casa... Sem exceção. Os que a conheceram a tem por uma dama muito gentil e bondosa... Veja o que ela fez pelo menino Jonas, ele que parecia um ratinho assustado no primeiro dia, já sorri e fala, apesar de pouco, fala. Também está aprendendo muito depressa a cuidar dos cavalos. O senhor precisa ver como está diferente... – o duque grunhiu. Kathelyn o enlouqueceu até ele consentir com esse disparate de ajudar a criatura que a roubou. Ainda não se sentia confortável com a situação, mas tinha que admitir que ouvir o seu valete falar o enchia de uma sensação... Orgulho?

Sentia orgulho de Kathelyn? Ouviu Scott continuar.

– Graças a bondade da senhorita, todos comentam que a dama é de rara beleza e bondade. Parabéns... Até que prova-se um homem inteligente, meu senhor.

– Oras, não me tenha em tão alta estima, Scott. Logo se sentirá aborrecido... Se perder o alvo de seus ataques matinais, o que lhe restará nessa vida? – O valete espalhou a espuma de barbear no rosto de Belmont.

– Do jeito que andam os humores por aqui, creio que um ou outro elogio podem surtir um efeito amaciador, excelência.

– Quem está de mau humor? Agora um homem querer andar vestido com o mínimo de decência, querer comer ou viver adequadamente e cuidar de suas propriedades é estar de mau humor? Está você muito sensível? A velhice lhe converteu-o em uma dama frágil?

– Não, senhor, mas também me alegro – começou a deslizar a navalha no rosto do duque e disse: – Em dois dias as coisas voltarão ao normal. As camisas voltarão a estar bem passadas, a casa voltará a estar limpa, os cavalos voltarão a estar de seu agrado e todos cumprirão as suas tarefas como é devido. Talvez, quem sabe, com sorte, até mesmo fiquem curados da moléstia que os atingiu de súbito.

– E que moléstia é essa?

– Uma tremedeira irracional disparada pelo som de sua passada e de sua voz.

– Que pouca sorte tenho que você não tenha caído vítima dessa moléstia.

A verdade é que Arthur estava molestando pelo maior desconforto que já o acometeu. Sabia o motivo disso. Um constante e doloroso aperto nas calças. A imagem de Kathelyn na cama, no quarto ao lado, vestida com nada mais que uma camisola, causava esse apertado mau humor.

Ele, que no primeiro dia não saiu do lado dela, nos últimos três dias, visitou-a escassas vezes.

O que agravava o mau humor, mas não diminuía a dolorosa ereção era a presença irritante e constante do cão de guarda babador – a Sra. Taylor.

Qualquer mínimo barulho. Qualquer abertura de porta mesmo que no meio, início ou fim de noite, a mulher saía do quarto e olhava-o daquele jeito que parecia querer arrancar até o último cabelo íntimo do seu corpo. Como ele estava encontrando alguma dificuldade para conciliar o sono com o volume extra nas calças, saiu algumas vezes do quarto durante as noites a fim de buscar qualquer distração diferente das fantasias armadas entre ele e Kathelyn.

No último encontro noturno com o cão de touca de dormir ele não resistiu e levou a mão até a maçaneta do quarto de Kathelyn – a mulher avançou.

– A senhora acha que se eu quisesse invadir o quarto, não seria mais fácil fazê-lo por dentro do meu quarto.

– Contando que a chave que liga-os está guardada embaixo do meu travesseiro, não. Acho que o caminho mais fácil seria esse, ou a janela.

Ele apenas entrecerrou os olhos sem responder. Não perderia tempo e o que restava de sua paciência discutindo com esse dragão de penhoar.

Não enquanto ele sabia que só não invadiu o quarto ao lado porque esta criatura e o seu valete esconderam as duas cópias da chave da porta de comunicação.

– Descanse, Sra. Taylor, creio que se permanecer montando guarda no corredor, padecerá de algum problema circulatório nas pernas.

Dizendo isso ele saiu em direção as escadas.

Naquela noite, ao voltar para quarto, cego de cansaço, quase retrocedeu quando entrou e creditou o que via a meia garrafa de conhaque ingerida a fim de relaxar.

KATHELYN ESTAVA SENTADA VESTINDO UM PENHOAR BRANCO. Embelezada por uma longa trança dourada que caía na lateral do pescoço. Ele parou catatônico no batente da porta e lançou alguns olhares para fora, esperando o dragão preceptor se materializar e devorá-lo. Quando não foi devorado, olhou para dentro, a fim de comprovar a imagem de Kathelyn envolta na nuvem do desejo que o cegou durante dias.

– Desculpe – ela disse com olhar baixo –, acho que não foi uma boa ideia – fez um movimento que mostrava a intenção de levantar-se.

A boca secou. As mãos perderam a estabilidade e talvez as pernas também, o único que mantinha-se erguido e muito convencido do que queria era o membro entre as pernas.

– Não... ahn – a voz dele saiu rouca e baixa. – Fique onde está. – Fechou a porta devagar e entrou. Olhou a porta entreaberta de comunicação.

Ela mostrou uma forquilha e mordeu o lábio para conter o sorriso.

Ele gargalhou.

– Shhh... quer acordar a Sra. Taylor?

– Não, de forma nenhuma – Arthur deu alguns passos em direção a ela. – E o seu tornozelo, como está?

– Já quase não dói... Eu estava me sentindo muito só e como você tem ficado pouco comigo esses dias, tomei a liberdade de visitá-lo... Não se importa?



Kathelyn agiu por pura impulsividade, outra vez. Sentia-se realmente muito só e aborrecida dentro do quarto. Mas, nem por um instante lembrou do quão inadequada pareceria visitando o quarto de um homem durante a noite. Arrombando a fechadura para visitar o tal quarto. Vestindo apenas uma camisola e um penhoar. Abraçou-se para se esconder. Talvez ela tenha em algum canto escuro da mente evocado a imagem de beijos e carícias. Não de qualquer beijo ou

carícia, mas dos beijos nos lábios dele e das carícias das mãos de Arthur. Sentiu o corpo e o quarto esquentar.

– Me perdoe – ele disse –, estive muito ocupado.

– Tudo bem... – ela piscou e respirou fundo. – Eu vim também para agradecer por ter trazido minha mãe e minha irmã para me visitar hoje, por todas as flores, pelos livros e pelos manuscritos gregos.

– Era o mínimo que eu podia fazer, a fim de que se sentisse em casa.

Kathe fechou o penhoar com a mão, apesar dele já estar fechado por fitas e botões.

– Você já os tinha?

– Alguns sim, outros comprei de um dos maiores estudiosos aqui em Londres.

Arthur sentou na cadeira de frente a ela.

– Eu queria conversar, talvez – olhou para a bandeja de prata à sua frente e disse: – Se você não estiver muito cansado, é claro.

– Eu adoraria conversar, distrair-me.

Ela olhou-o e sorriu.

– É sempre tão ocupado?

– Não, nem sempre – ele respondeu com um olhar intenso. Olhar que Kathelyn não entendeu.

Ela sentiu as bochechas arderem ainda mais.

– É verdade que conhece muitos lugares no mundo?

– Conheço a Grécia, o Egito, a Índia, o Marrocos, a Itália, a Rússia, a Turquia.

– Eu adoraria viajar tanto assim.

– Quem sabe um dia eu a levo comigo. – Ela sustentou o ar dentro do peito e fugiu da resposta ao convite.

– Como foi crescer em Belmont Hall?

– Fui educado desde muito cedo como um duque. Convivi pouco com as minhas irmãs e com minha mãe.

– E hoje, as vê mais vezes?

Arthur lançou um olhar perdido para a janela do quarto. Kathelyn se mexeu na cadeira, um pouco incômoda.

– Eu vejo a Scarlet uma vez por ano quando vou visitar a minha mãe e quando vou visitar Belmont Hall... Ela mora lá desde que o marido a abandonou e aos dois filhos.

– Eu sinto muito – ele sacudiu a cabeça. Kathe perguntou:

– Você tem apenas ela de irmã?

– Tinha uma irmã mais velha que ela. – Outra vez o olhar perdido.

– Tinha?

– Jéssica, ela foi traída pelo marido também, antes de Scarlet... Acontece que o infeliz não era discreto e a humilhava em público, resolveu se envolver com uma mulher também casada. Houve um duelo, entre ele e o outro marido traído... E... ele morreu.

Kathelyn levou a mão até a boca. Arthur continuou olhando para a janela.

– Jessica não suportou a tristeza e... – o duque respirou fundo e concluiu – matou-se.

Kathelyn abafou um gemido com a mão.

– Eu sinto muito, desculpe eu não sabia.

– Poucos sabem, contamos que ela ficou doente e não resistiu.

– Desculpe – Kathe sentiu os olhos arderem em lágrimas, Arthur a olhou. Um olhar diferente de todos os outros que já haviam trocado.

– Por isso nunca trairei minha esposa.

– Entendo – ela engoliu o choro.

– Quero ser o único para minha esposa e ela também será a única para mim.

– Você pensa em se casar logo? – Quando perguntou, se arrependeu. Não devia perguntar isso, era inadequado.

– Sim, penso.

– É claro, precisa ter um herdeiro. – Ela sabia que os nobres casavam pensando na continuidade do título.

– Acreditava que era somente por isso, antes... – E ali estava o olhar dele que tirava todo o ar da terra. “Infância, esse era um assunto bem longe de casamento.”

– Já minha infância foi bem... divertida, eu tinha sardas e meus vestidos também... quer dizer, eles viviam pintados de lama.

– Posso imaginar... Qual foi a pior coisa que você já aprontou, quando criança?

Kathe parou e pensou por um tempo, um sorriso abriu nos lábios dela e uma expressão levada tingiu as bochechas de rosa. Ela disse:

– Eu coloquei fogo em Clifford Hall.

– O quê?

– Conseguiram controlar, apenas um tapete e duas cortinas morreram.

Arthur gargalhou.

– Como foi isso?

– Eu tinha sete anos e fazia experimentos com uma vela e uma folha de papel. Queria deixá-la com aspecto envelhecido para imitar um mapa de tesouro – ela sacudiu a cabeça e continuou –, queimei toda a borda do papel e estava muito orgulhosa do resultado... Então, apoiiei a vela no chão para escrever o mapa... Acho que a cortina queria ficar velha junto com o papel e... – ela levantou os ombros, Arthur gargalhou uma vez mais, ela o seguiu.

– E o mapa do tesouro, a levaria até onde?

– Relíquias e ouro... – ela curvou os lábios para cima até os olhos brilharem e disse – sempre gostei de antiguidades e tesouros – Kathe o encarou com divertida atenção. – E você? Faz tempo que gosta de antiguidades?

– Sim... Acho que quando estudamos nossa história, entendemos o que nos tornamos, visualizamos o que nos tornaremos.

Ela acreditava no mesmo.

– Acho que os mitos ou fábulas dizem muito mais do que contam... São espelhos da nossa natureza... Na aparência alguns mostram-se simples, outros infantis; alguns são mais pretensiosos, outros nos fazem chorar. Mas nunca revelam tudo, as palavras neles são como as roupas do corpo, lhe deixam ver apenas uma parte. – Ela mexeu na trança, respirou fundo e continuou. – Algumas pessoas nem lembram que existe algo por baixo, eu sempre tento tirar tudo das palavras e quando acho que já extraí o máximo das linhas, elas voltam a abrir... Creio que nunca chegaremos ao fim. Quanto mais interpretamos e mergulhamos, mais fundo é possível ir.

– E você, Kathelyn, quão fundo devo ir para lhe descobrir?

Ela perdeu o ar com aquela pergunta.

– A verdade é que ninguém pode chegar ao fim de outra pessoa – respondeu.

– Você tem tantos segredos assim?

– Tenho tantos que nem mesmo os conheço.

– O que devo fazer para que revele ao menos os conhecidos? – Ele encostou os braços na mesa, aproximando os seus rostos.

– Os que conheço são os mais fáceis de vir à tona.

– Eu ficaria honrado em retirar algumas peças que lhe cobrem. – A respiração dele estava alterada e Kathelyn acreditou que o duque levava ao pé da letra o sentido das palavras.

– Nunca chegará a tirar todas, é impossível.

– Impossível?

– Por isso os mitos e fábulas são espelhos de nossa essência, por mais que os deixemos nus, voltam a estar cobertos. A nudez é ilusória.

– Sinto-me tentado a comprovar. – Ele apertou as mãos no braço da cadeira, como se fosse levantar. Kathelyn instintivamente recostou-se em um movimento de fuga.

– Creio que gosta tanto de história porque idolatra a natureza humana. – Ela disse rápida, tentando desfazer a eletricidade que estalava entre eles. Prosseguiu: – No meu caso é isso, não me canso de observar as pessoas. Sou fascinada pelo infinito de cada um e acho que... – Belmont levantou e deu alguns passos em sua direção. Ela continuou atropelando as palavras: – Se olharmos qualquer pessoa, veremos, entenderemos que somos uma eterna mudança, como as borboletas. Mas nunca é... – Ela sentiu as mãos do duque fecharem em seus braços e levantá-la.

Engoliu em seco. – Veja os mitos eles... ahn... revelam muito daquilo que está oculto dentro de... aahh... – gemeu quando a boca dele percorreu o seu rosto. – Eu... Eu acho que vou voltar para meu quarto.

– Shhh – ele beijou-a na orelha.

Os dois respiravam com dificuldade. Arthur passou os braços pela cintura dela e a trouxe para um mergulho de proximidade.

– Eu vou tirar todas as suas roupas. – Uma trilha de beijos deixada no pescoço. – E vou lhe deixar nua sem nenhuma ilusão. – Outra labareda de fogo marcada em seu rosto através dos lábios dele. – E vou amar você com tanta intensidade que quando acabarmos, não restará nada seu que você não tenha revelado e nada meu que permaneça oculto.

KATHELYN SENTIU AMOLECER E TORNAR-SE MOLDÁVEL nos lábios, nas mãos, no corpo de Arthur.

Ele poderia deixá-la sem que restasse nada oculto. Ela tinha certeza disso.

Belmont deslizou os lábios até tocar o canto de sua boca e passou uma mão na nuca enquanto a outra sustentava todo o seu corpo pela cintura. Ela abriu a boca, chegou a tocar os lábios nos dele.

Ouviu batidas abafadas na porta do quarto ao lado. Foi tragada para realidade.

O que pensava fazer?

Seria a sua ruína, estava sozinha no quarto de um homem.

De um famoso libertino.

De camisola.

Quase o beijando.

Ouvindo frases que nenhuma dama deveria ouvir. E gostou de ouvi-las. Não se sentia uma dama. Quase nunca se sentia.

Deus, estaria arruinada se... se... outras batidas, na porta um pouco mais fortes. Empurrou-o.

Ele tentou detê-la, estava ofegante e tentou beijá-la cego de desejo.

– A Sra. Taylor... esta aí, na porta do meu quarto.

– O quê?

Fez uma negação com a cabeça, desvencilhou-se dos braços do duque e correu como um gato queimado para dentro do seu dormitório.

Fechou a porta de comunicação no espaço de uma batida do coração. Ouviu Belmont resmungar:

– Maldita besta preceptora... Vou matá-la.

Sorriu de nervoso e travou a porta. Usou a forquilha para trancar, levou pouco mais de um minuto até conseguir.

As batidas na porta intensificaram.

– Senhorita... Está bem? Abra a porta. – Correu com os passos leves até a porta de entrada, agachou e começou a trabalhar com a forquilha. Pouco depois, entre os murros da preceptora, ela destravou a fechadura. Em um pulo meteu-se embaixo das cobertas.

– Onde está ele? – ouviu Elsa afetada avançar dentro do quarto.

Fingiu que dormia.

– Não se faça de espertinha comigo, Kathelyn. – Foi sacudida com uma discreta força pelos ombros.

– Deus o quê? O que acontece?

– Quem trancou a porta desse quarto?

– O quê? Do que a senhora está falando? Me deixe dormir.

– Estou falando da porta que estava trancada.

– Como, se não há chave nela? A senhora... bebeu?

– Não me provoque, senhorita. – A mulher foi como um raio checar a porta de comunicação, que estava trancada. Foi até a janela e abriu-a. Olhou o jardim com minuciosa atenção. Voltou a olhar para Kathelyn, que tinha um discreto sorriso nos lábios.

– Se eu desconfiar, se ao menos desconfiar, que a senhorita ou a sua excelência – aumentou o tom de voz ao dizer – tem algo a ver com isto, eu os obrigo a seguir para Gretna Green, na Escócia, e casar-se sob a mira de uma pistola.

Kathelyn bufou.

– Está delirando, deixe-me dormir.

– Graças a Deus iremos embora amanhã... Mais um dia nesta tensão e creio que teria um ataque.

Kathelyn bocejou.

– Já comunicou a papai que levaremos Jonas conosco? – Queria desviar a atenção da preceptora.

– É claro que sim... Não entendo o que viu naquele pivete, malcheiroso, mas... Sim, já arrumei tudo da instalação dele, em Milestone House. Perdemos um libré recentemente e ele será treinado para ocupar esse lugar.

– Quem? – Kathelyn conhecia todos os criados da casa e tinha muito carinho por eles.

– O senhor Trevor.

– O que houve com ele?

– Resolveu voltar para a sua terra natal... Dizia estar velho demais para ficar fora de casa.

– Bom para ele... Assim descansará junto a família.

A preceptora sentou e se acomodou na poltrona ao lado da cama.

– Agora durma, amanhã cedo sairemos daqui. – Kathelyn se acomodou e passados alguns minutos olhou Elsa largada na poltrona.

- A senhora não vai dormir?
- Vou, aqui... Vou fazer o que deveria ter feito desde o primeiro momento nessa casa.
- E o que é isso?
- Não desgrudar do seu lado um único momento.

PASSADOS POUCOS DIAS DO RETORNO A MILESTONE HOUSE, Kathelyn estava recuperada e retornava devagar às atividades da temporada.

Naquela tarde, como de costume, ela ia metida na cozinha enquanto a Sra. Ferrel ensinava a fazer um bolo de pêssego.

– Não devia fazer isso, sabe? – disse a Sra. Ferrel, mãe de Steve.

– Sei, mas a adoro porque sempre cede e sempre me deixa participar.

No início Elsa quase morria ao vê-la na cozinha. Com o passar dos anos, acostumou-se a teimosia irremediável de Kathelyn e já não discutia ou a castigava mais.

– Jonas – disse Kathelyn. – Você deve provar esse bolo, não faz ideia da mágica que Sra. Ferrel é capaz de fazer com açúcar, farinha e ovos.

– Você, senhorita, os tem reproduzido direitinho – a mulher de avental e touca, bochechas vermelhas e olhos azuis, sempre sorria mais do que a maioria. Ela ergueu a colher de pau enquanto falava. – O último que o conde provou na sobremesa do jantar, ele jurou que era o melhor que eu já havia feito na vida, fez questão de me chamar à mesa para dizer.

– Eu vi... Segurei-me para não desatar a rir.

– Nem pense – a Sra. Ferrel balançou a colher no ar.

– Pobre papai, nem desconfia que foram minhas mãos que o fizeram.

– Se ele descobre que permito que se instale na minha cozinha, irei para a rua.

– Nunca, papai prefere a ruína a perdê-la.

– Eu jamais imaginei que a comida pudesse ser algo tão maravilhoso. Na verdade, acho que nunca havia comido algo diferente de pão e, claro, batatas, as batatas eram a melhor coisa que eu já havia provado na vida – disse Jonas enquanto espiava Kathelyn bater a massa.

A jovem o olhou consternada e todos na cozinha também o encaravam. Jonas era um menino sempre calado. Quando falava, atraía a atenção de todos. As pessoas deviam acreditar que as palavras dele eram algo muito importante para serem tão poupadas.

– Bem, isso agora acabou, não é? Não passará mais fome, nunca mais. – Kathe limpou as mãos nas saias do vestido.

Os olhos do menino refletiram a massa do bolo cheios de emoção.

– Obrigado, senhorita, se não fosse por você creio que não estaria mais vivo.

Jonas contou que vinha dormindo em um galpão sujo próximo ao porto. Fazia isso escondido do dono do tal galpão. Quando foi descoberto, o mesmo exigiu que ele pagasse pelo uso clandestino do lugar, quase abandonado. Deu um prazo de dois dias para que Jonas conseguisse dez xelins. Uma quantia exorbitante para Jonas. Ele dificilmente era pago com algo diferente de comida, pelos trabalhos que realizava. Foi esse o motivo, segundo Jonas, que o levou a tentar roubá-la.

– O próximo bolo que farei será para comemorar o seu aniversário – Kathelyn disse.

– Eu não sei, senhorita, não sei quando nasci, não sei nem mesmo a minha idade.

– Escolheremos um dia e passaremos a comemorá-lo todos os anos. Quanto à idade, me parece que tem uns quinze anos, o que acha, Sra. Ferrel?

– Eu diria uns doze.

– Não – Kathe ajeitou a tigela em cima da mesa –, ele já tem até um pouco de barba.

– É, pode ser – a mulher disse espremendo a massa com as mãos.

– Gosta de ter quinze ou prefere doze?

– Gosto de quinze – o menino respondeu enfiando as mãos no bolso.

Kate intuiu que Jonas não se expressava muito, talvez porque não soubesse falar direito.

– Posso lhe ensinar a ler e escrever, Jonas, o que acha? – Kathe quebrou dois ovos junto à farinha de trigo. A Sra. Ferrel parou de espremer a massa e ficou os encarando em silêncio. Jonas olhou para baixo com as bochechas vermelhas.

– Não quero lhe dar esse trabalho, senhorita.

– Não será trabalho algum.

– Eu... – Jonas só olhava para baixo.

– Está resolvido, faremos as aulas no horário em que normalmente estaria cavalgando. – Kathelyn colocou açúcar na tigela que trabalhava e disse: – Usaremos a sala que tem ali, ao lado do estábulo e que está desocupada, assim ninguém nos aborrecerá – *Ou me matará.*

A Sra. Ferrel ainda os olhava em silêncio.

– Não acha uma boa ideia, Sra. Ferrel? – Kathe perguntou analisando a receita que preparava.

– Acho que, se o conde souber, ficará outro mês inteiro de castigo. Mas adianta dizer alguma coisa?

– Senhorita, eu não quero causar... – Jonas começou ainda mais vermelho de vergonha.

– Não causará nenhum problema, está resolvido, começamos amanhã.

A PRESENÇA DE BELMONT JUNTO A KATHELYN TORNOU-SE tão constante que ela não percebeu quando ele passou a ser essencial. Tomou plena consciência disso quando no baile daquela noite ele não apareceu.

Sentia-se mal-humorada, irritada e muito mais afetada do que gostaria. Cada novo nome anunciado ela elevava o olhar na clara, evidente e descarada expectativa de vê-lo adentrando o salão.

Belmont não dera certeza se conseguiria ir, disse que tinha que resolver uns assuntos de suas propriedades com alguns de seus advogados. Conforme as horas se arrastavam e a presença dele não se confirmava, Kathe tornava-se uma companhia desagradável. O seu primo Rafael resolveu testar isto.

– Senhorita me dá a honra da próxima valsa?

– Não estou com humor para dançar.

– Ah já entendi tudo, a dama mais bonita da festa segue isolada como uma contaminada ou uma matrona encalhada porque o seu duque não está presente. Bom, verdade seja dita, a ausência dele não faz diferença, você segue isolada quando ele está presente da mesma maneira.

Ela bufou, impaciente. Rafael devia ter percebido, mas não o fez. Continuou bastante ocupado em descontar em cima dela a sua frustração.

– Eu tenho que admitir, ele é mesmo muito bom... Em poucas semanas, consegui afastar de cima de você todos os homens solteiros ou casados de Londres.

Kathelyn ergueu a mão em um pedido de trégua.

– Pare, Rafael.

– Sabe qual aposta que corre agora nos principais clubes de cavalheiros de Londres? – o primo olhou-a com uma fingida diversão.

– Não me interessa.

– Quem será o primeiro a que o duque desafiará a um duelo, somente por olhá-la, ou por pedir uma dança – ignorou-a.

– Mentira.

– Olhe para o seu cartão de baile, prima, segue tão vazio quanto da mais enalhada solteirona.

– Eu que não aceitei aos pedidos de dança, não estou com humor, Rafael.

– As pessoas começam a olhar, vamos terminar essa conversa na varanda – ele passou a mão na curva do braço dela. Começou a puxá-la sem muita delicadeza na direção de uma das portas francesas.

– Pare, está me machucando.

– Pare você, está criando uma cena – disse entre dentes.

– Me solte, Rafael, ou juro que vou criar uma.

– E ser responsável pelo meu duelo com o duque? Imagino que se criar uma cena, talvez ele se sinta obrigado a defender a sua honra me desafiando.

Ela abriu a boca para responder e a fechou enquanto o primo a arrastava para a varanda. Uma vez lá Rafael desabafou.

– Vamos, admita – ele disse ríspido –, até de mim ele conseguiu afastá-la – bufou e prosseguiu com a sua verborragia. – Vamos, diga prima, com tantos homens para se apaixonar, parece que caiu sob o encanto de um dos únicos que mostra ser a perfeita divergência de tudo o que você sempre admirou em um. Ele é o seu pior pesadelo, descrito por você mesma diversas vezes.

– Acabou? Ou vai continuar a ofender o duque e a mim sem que eu tenha lhe feito nada.

– Esse é o problema, não percebe? – Rafael ofegava indignação. – Você não faz absolutamente nada há quatro semanas, a não ser acompanhar ou esperar este homem. Mal se dirige a mim, mal se dirige a ninguém.

– Se eu não lhe conhecesse desde que era criança, eu diria que está com ciúmes.

– Ciúmes? Sim, acertou. Estou morrendo de ciúmes... Mas, não do jeito que um homem sente por uma mulher a quem deseja, e sim, como um irmão sente de uma irmã. Estou doente de preocupação com você. – O primo segurou o guarda-corpo da varanda com força e continuou: – Estou cego de raiva daquele homem, que parece só enxergar a si mesmo. Que desfila com a senhorita como se fosse um prêmio a ser exibido e nem sequer lhe propôs em casamento ainda. – Ele fechou a mão em punho e deu um murro na balaustrada. Kathelyn se sobressaltou e ouviu: – Que trucida com olhar qualquer homem que a olha, como se você fosse uma de suas propriedades – forçou uma voz caricata de tão séria: – Eu possuo a dama mais bela e desejada de Londres e sou tão acima de todos que nem mesmo em casamento a pedi e ela está tão cega por mim que parece não ver mais nada a sua volta a não ser a minha perfeição aristocrática... Mas saibam todos, ela é uma égua, logo a descartarei por uma mais jovem e veloz. Isso, querida prima, são as segundas apostas mais concorridas dos clubes, quanto tempo ele

demorará para lhe trocar por alguma aventura mais interessante e em quanto tempo depois disso a sua reputação estará arruinada e...

Baf! Em cheio. Ela acertou a palma da mão no rosto dele.

Os olhos dela, verdes como a água, vinham cheios de lágrimas.

Virou para afastar-se, mas ele a deteve.

– Perdoe-me, Kathe – fez uma longa negação com a cabeça –, mas estou tão furioso. Perdoe-me, fui um grosso. – Ele ainda a segurava totalmente indiferente a todos que começavam a prestar atenção. Tinham acabado de cruzar as portas francesas de volta ao salão.

– Solte-me, Rafael – ordenou com a voz entumecida.

– Não sem antes me desculpar.

– Se não me soltar, vou lhe esmurrar a cara que é o que estou com vontade de fazer... e se não quer que o nosso espetáculo seja ainda maior, eu sugiro que deixe-me sair.

Ele afrouxou a mão que circundava o seu braço, ela se desvencilhou. Saiu à procura de sua mãe e Elsa que estavam do outro lado do salão. Mas, Rafael, não a deixou em paz. Passou a segui-la rente as suas costas.

– Vamos, perdoe-me... Não sei o que deu em mim, acredite, estou apenas preocupado.

– Está bem, Rafael. Agora me deixe sozinha.

O primo saiu de perto dela sem dizer mais nada.

– Kathelyn estava justamente falando a Lady Westland – disse a sua mãe quando ela se aproximou. – Quão encantador é o duque de Belmont... Como ele a trata bem.

A sua mãe parecia um bem-te-vi exibido em todos os eventos que frequentavam. Sabia apenas ladrar sobre esse assunto, empoada e orgulhosa. Exibia-a tanto que Kathelyn sentia-se como um objeto de estudo científico, que era analisado com olhares e logo após com teses.

Colunas de fofocas. Clubes de cavalheiros. As matronas da alta sociedade. As jovens da alta sociedade. Os criados. Todos, absolutamente todos, pareciam estudá-la, dar palpites sobre qual o comportamento adequado para alguém a quem um duque corteja. Como ela seria uma encantadora ou péssima duquesa. Suportou isso por tempo demais. Naquele momento, não quis suportar.

Nem se dirigiu às senhoras como assim era devido, apenas olhou a mãe diretamente e pediu:

– Mamãe, eu vou embora.

– Minha filha – Elizabeth riu sem graça –, mas sua excelência ainda pode aparecer, não devia.

Ela trucidou a mãe com o olhar e engoliu meia dúzia de pragas. Foi discreta, até de junto ao ouvido da mãe e disse:

– Não me importo a mínima.

Então olhou para Elsa.

– Vamos, parece que a minha mãe quer ficar um pouco mais. Peço que me acompanhe até em casa. – Saiu furiosa, sem nem esperar uma resposta e sem se despedir de quem quer que estivesse presente.

Estava furiosa com Rafael, por tudo o que falou a ela. Estava brava de verdade consigo mesma. Percebeu que já não havia saída e nem porque continuar se enganado. Estava apaixonada. Decidiu que, para ela, Arthur jamais seria o título. Entendeu também que, se ele a pedisse em casamento e a amasse, poderia ser feliz junto a ele. Ela não deixaria regras sociais e títulos aristocráticos comandarem a sua felicidade. O seu coração? Ela soube, já estava comandado por Arthur.

UM LUGAR MÁGICO AQUELE DOS CONCERTOS DENTRO DO palácio. Cadeiras de veludo verde e ouro. Cortinas pesadas e tetos rebuscados. De leve só os instrumentos e a música que enchia tudo. O compositor famoso era o mais próximo a um gênio tocado por Deus que ela já teve o privilégio de ouvir – Chopin.

Ele dava voo à música. Fazia tudo dentro dela flutuar. As notas no ar. As mãos que pareciam não haver. Os olhos compunham lágrimas, essas por sua vez subiam e dançavam junto aos cristais do teto, aos anjos pintados, dentro das ondas da valsa.

Belmont ofereceu um lenço, era todo um cavalheiro dentro ou fora do concerto. Ela pegou sem desviar os olhos inundados do pianista. O lenço abriu na mão enluvada e pesou. Quase o derrubou. Então, olhou-o intrigada. Lenços não pesam. Viu o brasão de Belmont e viu algo cintilar despojando refração com a luz das velas.

A luz brigava com as lágrimas, com as notas, com os nobres, com ouro do teto das sancas e com tudo no mundo.

Lenços não trazem diamantes na ponta.

Não era um diamante preso ao lenço, era... era...

Santo Deus, era isso mesmo?

A respiração subiu e voou junto com a música. Os pulmões ao certo já haviam abandonado o concerto.

Era um anel, com uma pedra enorme, um diamante enorme.

Sem entender direito olhou para o duque que olhava apenas para ela. Como se não houvesse rainha, ou música, nem voo das notas ou anjos curiosos no teto. Ele foi ao seu ouvido.

– Kathelyn, você me daria a honra de ser minha duquesa?

Tudo ficou quieto.

Não havia mais espaço algum e nenhum tipo de voo que não fosse o do seu coração.

Ele sorria parecendo um pouco inseguro.

Estava nervoso?

Ela não respondeu. Venceu a distância da cadeira e atirou-se na boca dele. Beijou-o, afinal, não havia mais ninguém.



Ele soltou o ar e respondeu com os lábios dando leves toques nos dela. Seguiu o piano. Mas como era Kathelyn, ele sempre se perdia. Logo o beijo discreto aprofundou o que levou as suas mãos a segurar o rosto dela. Logo estavam ofegantes.

Alguém pigarreou atrás deles. Lembrou onde estavam.

Deus Santo, beijavam-se como se estivessem em uma casa de reputação duvidosa. Nem mesmo na intimidade permitida pelas paredes de um quarto, os nobres beijavam com tanta entrega e paixão as suas esposas. Somente as suas amantes. Kathelyn sorria ruborizada, ele não se envergonhou e nem se arrependeu.

– Minha Kathelyn – Arthur sussurrou quando escorregou o anel no dedo de sua noiva. Sua futura duquesa.

No dia seguinte, muito divididos, os jornais lutavam para decidir qual notícia tinha mais destaque. De um lado a notícia formal do noivado do nono duque de Belmont. De outro, a notícia da fofoca espalhada pelas línguas ditas santas, dos beijos despudorados que o duque trocou no concerto dentro do palácio com a Srta. Kathelyn Stanwell.

O casal não se importou com a divisão das colunas nos jornais. Estavam apaixonados demais para perderem tempo com qualquer assunto que não fosse como apressar ao máximo a celebração das bodas.

Capítulo 27

– AIIIII. CHEGA, É MEU LIMITE – KATHE DISSE APÓS OUTRO duro puxão do espartilho. – Deus amado, se é preciso tudo isto para ser uma duquesa, desisto. Simplesmente não caso mais. – Estava afogada entre tecidos, sedas, aviamentos, rendas, fitas, brocados, babados, anáguas. Braços, puxões, medidas e torções de pernas. Observados por olhos sorrizados, calor dos infernos e cinco mulheres eufóricas. Cinco francesas loucas que eram consideradas o furor da moda em Londres.

Os olhos sorrizados eram de Lilian, ela gargalhou.

– Isso é para ver como tudo aquilo que praguejamos, volta como um peso sobre nossos ombros. No seu caso eu diria que é peso do ducado.

– Engraçadinha – Kathe entrecerrou os olhos.

Lilian levantou os ombros.

– Você tanto maldisse os títulos e os nobres que aí está, vai se casar com maior deles.

– Aiii, madame Pierre! *Ces't ci bon*, ou qualquer outra coisa que a faça parar... Mas, eu juro que se me der um outro puxão eu lhe farei engolir essas rendas.

Madame Pierre apenas riu e balançou a cabeça em uma negação.

– Está nervosa, é muita coisa para resolver, não é? – perguntou a costureira.

– Não, estou nervosa com os seus puxões infernais.

– Mas é para o seu vestido de noiva, tem que ser perfeito.

– Nem mais um puxão – levantou a mão dando um basta.

Lilian dobrava-se de rir.

– Vamos, Kathe, é para o seu vestido de noiva e você será uma duquesa, não uma camponesa.

– Belmont pagou a madame uma centena de vestidos, chapéus, roupas íntimas e outras afetações do vestuário, capaz de vestir cinco duquesas, três condessas, quatro viscondessas e não quero mais. Estamos aqui há horas. Não suporto mais, ai! – Ela secou com os olhos, a francesa agora tinha ajuda de mais duas mulheres para torturá-la.

– Acabou, senhorita. Vamos tirar as medidas para o vestido de noiva mais esplendoroso que o reino unido já viu.

Kathe não conseguia falar. Começou a abanar as mãos como se o calor a tivesse matando e a emitir uns gemidos que não saíam.

Lilian sufocava-se de rir. Os braços de Kathelyn adotaram movimentos desesperados.

– O que é isso, Kathe? – disse Lilian. – Quer voar? – Mais gemidos abafados e risadas loucas de Lilian.

– Deus, madame Pierre! Os lábios dela não estão ficando roxos?

– Mon Dieu, exageramos, vamos rápido, afrouxem. – Três cordões soltos depois, Kathe caía sentada no chão com a cabeça entre as pernas.

– Eu... – ofegou – tirem isso de mim – mais respirações curtas em busca de ar –, tirem agora.

– Sinto muito, essa forma de usar o espartilho é última moda na França.

– Vou casar sem espartilho algum – disse ainda sem ar. – E se Belmont quiser uma noiva com espartilho, ele que importe uma da França.

Lilian voltou a gargalhar.

– É com certeza a duquesa mais fora dos padrões que a Inglaterra já viu. Belmont pode perder o título?

– Você está engraçada hoje, não é, Lilian? Belmont ficará viúvo antes de casar se eu tiver de aturar mais cinco minutos disso. Por favor, madame, me vista.

– Mas... mas e o vestido de noiva?

– Você já tem minhas medidas para um guarda-roupa imperial, apenas improvise.

– Mas é o seu casamento.

– É, e pretendo chegar viva nele.



O casamento estava marcado para o final de setembro.

– Dois meses – foi o decreto de Belmont diante do seu pai, sua mãe, Lilian, da duquesa-mãe e de todos que falavam que seria impossível cumprir tantas formalidades em menos de seis meses. Uma festa de noivado, convites para mais de mil pessoas, a organização da festa de casamento e outra infinidade de eventos que eles deviam participar juntos, como noivos.

– Dois meses ou saímos daqui agora, consigo uma licença especial e nos casamos em poucos dias... sem festas, sem nada.

– Você não seria louco – disse a duquesa-mãe.

Ele respondeu com silêncio.

Não é preciso dizer que em pouco tempo de conversa ele perdeu a paciência. Passou a falar em trinta dias, enquanto todos os outros lutavam para conseguir os dois meses do prazo original.

Afinal, estavam apaixonados e provavam isso em público.

Quanta descortesia e falta de princípios. Era o que todos achavam, quando o casal permanecia junto o tempo todo em bailes, dançavam todas as valsas, percorriam Londres de mãos dadas ou abraçados. Continuavam trocando beijos vergonhosos em qualquer lugar.

Os jornais insistiam em afirmar que essas demonstrações entusiasmadas de afeto por parte de uma dama, só eram perdoadas pela alta sociedade, quando a dama em questão iria se tornar uma duquesa. Quase qualquer coisa é perdoada quando se tem um ducado lhe amparando.

“Chegará um dia quando tudo mudará na minha vida, onde vou fazer o bem para os outros e um dia em que você me amará, eu vou dar todo o meu coração, entretanto, enquanto sofrer, vamos ficar em silêncio, e manter nosso amor por sua recompensa em me entregar.”

Kathelyn tinha acabado de dar a aula matinal de escrita para Jonas. Após um mês, o menino fez progressos notáveis. Mas... continuava sem falar muito.

Havia cem mil maneiras de perder o amor de uma mulher? Era uma frase de George Sand. A autora que estava lendo. Conseguia pensar em umas dez maneiras, mas cem mil? Dentre as cem mil que existem justo a que não se previu é a que se realiza? Seriam as mulheres seres tão exponencialmente complicados?

Esses livros não eram permitidos para damas. Não eram permitidos para ela, na verdade. Talvez para quase todas as damas. Era um livro que abordava o adultério, o divórcio, o sonho do casamento romântico. Um protesto contra as convenções sociais que cerceavam as mulheres.

Ela lia com um tecido de bordado no colo, caso alguém entrasse, estaria protegida pelo disfarçar das agulhas. Voltou ao livro cercado pelo som do piano de Lilian.

– Aqui está você – disse Florence entrando na sala –, a noiva mais feliz desse mundo.

Kathelyn já havia colocado o livro embaixo do colo e trabalhava dois pontos toscos na tela redonda.

– Bordando? Acho que um título de duquesa tem poderes descomunais.

– O quê? – ela olhava com atenção para o emendo de linha que viravam os pontos mal colocados.

– Você bordando, merecia uma pintura – a prima falou e sentou-se à sua frente.

Apesar de Kathelyn gostar dela, Florence era uma pessoa estranha. Um pouco estranha. Vivia mais fechada no quarto do que em qualquer outro lugar, isso quando estava ali, em Milestone House. Depois que a Sra. Taylor chamou a sua atenção sobre a maneira com que ela a olhava, passou a notá-la de outra maneira. Florence estava sempre pegando as suas coisas emprestadas. Mesmo as de uso pessoais como pentes e meias. Às vezes fazia isso sem pedir. Em

algumas ocasiões entrara no quarto e a viu sentada em sua penteadeira. Nunca tinha achado isso esquisito até Elsa a alertar.

No dia em que ela anunciou o noivado com o duque, a prima sofreu com uma urticária pelo corpo.

A Sra. Taylor disse que era de nervoso. Kathelyn preferiu pensar que era por qualquer outro motivo.

– Sabe aquele vestido que usou na sua reestreia? – Florence perguntou.

– Sim, sei.

– Se importaria se fizesse um igual?

Não, ela não se importava com esse tipo de coisa, porém se a Elsa estivesse presente condenaria a prima.

– Não, pode fazer.

– Que bom, sabia que não iria se importar. – A prima levantou ao mesmo tempo que a porta da biblioteca abriu, outra vez.

– Bom dia, Florence. Bom dia, Kathe – disse Lilian ao entrar.

– Bom dia – Florence foi em direção a porta. – Me deem licença. Posso pegar o vestido para levar à minha costureira?

– Sim, pode.

– Obrigada, outra vez... Que bom que é tão generosa e despreendida. – Dizendo isso ela saiu e encostou a porta da biblioteca.

– O que ela queria? – Lilian perguntou ainda olhando para a porta a qual Florence saíra.

– Um vestido meu para copiar o modelo.

– Outro? – A irmã abriu as mãos no ar.

– Esse é o terceiro que ela quer imitar. – Kathe arriscou outro ponto torto e mordeu o lábio para não rir.

– O terceiro? Isso é muito estranho.

– Mulheres copiam umas às outras.

– Florence copia você desde que é pequena, até o seu jeito de andar e falar ela imita – a irmã enrugou o nariz e disse: – Acho que ela ensaia na frente do espelho.

– Você e a Sra. Taylor podem abrir um clube de observação da Florence.

Ela mesma começava a se irritar um pouco com certas... manias da prima.

– Florence ainda dorme na cama da sua mãe... Ela me dá medo.

– Que maldade, ela sofre de terror noturno – Kathelyn tentou não rir.

Lilian sentou junto à irmã.

– É uma moça bonita, mas não parece estar satisfeita com o que tem.

– Ela come muito bem e sempre a escuto dizer, estou satisfeita – Kathelyn brincou.

Lilian gargalhou.

– Isso é verdade – ela olhou a tela do bordado nas mãos de Kathe e perguntou: – O que está lendo?

– George Sand – Kathe respondeu com um sorriso torto, assim como estava a sua tentativa de bordado.

COMO ELA ADORAVA OS DIAS DE VERÃO. ENCHER O PULMÃO de verde, amarelo campestre, azul floral e translucidez.

Adorava os dias quentes, daqueles que ninguém aguenta ficar fora de casa porque o jardim ficava vazio e tudo ficava verde azul translúcido sem gente.

Os murmúrios dos leques abanando, das plumas cortando o ar e das lamúrias grudentas, ficavam fechados dentro de casa. Fora só um murmúrio, o das águas do rio e dos pássaros menos calorentos que faziam esse trabalho sempre.

Ela olhou o relógio do saguão e viu que ainda tinha um par de horas até Belmont chegar.

Olhou outra vez e aproveitou que os seus parentes estavam escondidos do calor em seus quartos. Alguns parentes ficavam um pouco mais, mesmo com recente fim da temporada. Aproveitou que Elsa cochilava na cadeira da sala íntima e saiu.

– Augusto – olhou ao redor no jardim. Assobiou. – Augusto – disse com mais ênfase.

– Au-au – Augusto respondeu.

– Isso, garoto, venha cá – ela se ajoelhou e o cão lambeu-a no rosto. – Chega, chega, vamos nos divertir.

– Au – Augusto concordou, o rabo comprido balançava isso.

Augusto era um cachorro de caça malhado da cor do carvão e das nuvens.

Ela correu ao estábulo e pediu para selarem a sua égua.

Partiu com Augusto galopando ao seu lado.

Quinze minutos de cavalgada depois, saltava do cavalo em frente ao rio. A porção onde ela sempre nadava nos dias mais quentes. Quer dizer, que ela nadava *escondida* nos dias mais quentes. Porque nadar no rio era coisa de criança e nunca, jamais de uma dama. Quem dirá de uma futura duquesa. Deus, jamais! Por isso, não mergulharia inteira. Queria apenas se refrescar. Não poderia molhar o cabelo. Entraria até a metade. Molharia a nuca e o rosto.

A culpa da quebra de protocolo era do calor e obviamente do rio. Ele não a deixava esquecer o quanto era um alívio entrar nas suas águas nesses dias de verão. Olhou ao redor, certificou-se de que estava a sós e tirou o vestido.

Usava apenas a camisa fina de baixo e os calções. Era mais fácil nadar sem espartilho. Era mais fácil qualquer coisa sem um espartilho. Fez uma trouxa organizada com as roupas descartadas. Os pés foram os primeiros a receber as carícias geladas.

– Hummm – soltou lá de dentro.

As pernas ciumentas cobravam a entrada. Ela ouviu-as.

– Ai, Deus, que delícia.

Entrou devagar até estar coberta até a cintura. Molhou o rosto com cuidado. Teria que sair logo, a fim de voltar antes de qualquer pessoa chegar ou levantar.

Esta era uma das únicas partes do rio em que a forte correnteza curvava-se em um bolsão. Era possível nadar sem ser arrastada abaixo como uma pedra. O rio era mesmo muito generoso, logo todo o calor foi substituído por alívio. Sentiu a corrente de energia. Ela adorava.

– Augusto – olhou o cachorro que corria na margem, eufórico. – Vamos, entre, está uma delícia.

– Venha garot... Não, larga isso! Augusto, solta já. Solta isso agora mesmo! Não, não, Augusto, solte aí mesmo... náaooo. Solte! Não, volte para margem. Ah, não!

Nadou desesperada enquanto assistia o seu vestido ser arrastado pela correnteza.

Deu braçadas e pernadas e entrou na área em que a correnteza era forte, forte demais. Foi tomada pela força da água, desespero e aflição. Morreria arrastada pelo rio, como um tronco. Atrás de um ridículo vestido. Morreria nua no rio. Até a sua morte seria escandalosa. Ela não podia morrer de um jeito discreto e comum?

Lutou. Lutou muito nadando em diagonal. Engoliu água e continuou lutando. Conseguiu após um esforço desumano alcançar um galho. Segurou com toda a força das mãos, dos braços, da vida. Conseguiu se erguer e sair. Estava na margem oposta do rio. Olhou para a roupa fina ensopada que vestia.

Estava toda molhada, e agora? Cabelos e tudo.

Grande coisa estar molhada, o maior problema era a ausência de roupa.

Estava quase nua.

Correu pela margem até o ponto seguro, sem correnteza. Augusto abanava o rabo e latia do outro lado. Onde ela devia estar. Do lado que deviam estar as suas roupas se o alucinado, louco do cachorro, não tivesse soltado o vestido no rio.

– Eu vou atravessar este rio – gritou. – É bom você ter fugido daí, porque se eu lhe pegar você é um cachorro morto.

– Au-au-au!

– Não ouse me responder eu vou acabar com sua raça. – Entrou no rio.

Ela o olhava fritando-o.

– Au-au-au-au!

Quando estava com a água até a cintura ele entrou no rio e jogou-se em cima dela lambendo-a.

– Seu verme peludo. O que deu em você? – lambida. – Está bêbado? – lambida, lambida, lambida. – Olha o problema que você me botou – lambida. – O que vou fazer? – lambida. – Se me matarem, você morre comigo – lambida e mais lambida.

Kathelyn, com anos de prática em sair de situações complicadas, não conseguiu pensar em uma só saída que não representasse a sua ruína, seguida da morte. Se descesse o rio pela margem em cima do cavalo alguns 3000 metros a propriedade acabava e a segurança também. Essa ideia podia levar à morte. Se subisse em direção à casa, pela hora mais avançada do dia, todos já estariam fora do quarto, possivelmente na varanda ou em qualquer lugar e com todos os parentes. Essa ideia era a ruína.

Fez o que podia, desceu os 3000 metros a pé para poder se esconder com mais facilidade se precisasse e olhou até o limite que alcançava. Não viu nem sombra do vestido. Voltou até onde estava o cavalo. Augusto ia ao seu lado abanando o rabo e cheirando tudo.

– Cachorro estúpido. – Sentou com as pernas dobradas no peito. Quanto tempo até começarem a procurar por ela? Olhou para o céu. Pela posição do sol, Belmont já devia estar em casa. E duquesa-mãe, e sua tia-avó e toda horda de parentes que ele pudesse ter vivo. Iam resolver detalhes do casamento. Em pouco mais de quinze dias seria uma duquesa e estava nua.

Por que essas coisas aconteciam com ela?

Nua na margem de um rio, com um cavalo e um cachorro.

Ela, a futura duquesa de Belmont. 9ª duquesa de Belmont.

Pensou no tamanho da árvore genealógica necessária para fazer nove duques.

Centenas de anos de tradição e muitos leques, chás e normas e mais tradição.

Com certeza, se puxasse um braço ou uma perna da árvore, encontraria reis, rainhas e princesas.

Os nobres eram todos parentes. Ela mesma devia ser prima de 63º grau de Belmont.

Era uma mistura de braços e pernas nobres.

Puxa de lá da prima da sua tia avó, de cá do do irmão do primo do seu bisavô e pronto, você se encontra no meio de um encruzilhada de parentes esnobes sem fim e tolices sem fim.

Será que alguma duquesa já desfilou meio nua, por uma casa cheia de nobres aparentados e afetados?

A duquesa nua de Belmont riu do recém-criado título. A risada virou uma gargalhada. A gargalhada foi abafada por um barulho familiar – tchac-thaca-thac. – alguém estava na trilha de cima a cavalo. Era a sua única saída. A menos chamativa. Com sorte seria alguém bom o bastante para ajudá-la e não contar nada a ninguém.

Subiu um pouco o barranco para ver.

– Meu Deus, não pode ser... é? – abanou os braços.

– Steve.

Ele voltou?

O homem deteve o cavalo levou a mão até testa e ela? Esqueceu que estava ensopada e meio sem roupa. Saiu correndo em uma louca disparada.

– Steve?

– Sardenta?

– Sim, você voltou? – ela gritou correndo. – Deus, como? Quando?

Alguns metros a mais andados com o cavalo e ele saltava à sua frente.

Abraçou-a entusiasmado.

– Que saudades, sardenta.

– Eu também... quando você voltou?

– Ontem à noite – eles continuavam abraçados.

– E não ia me procurar, seu tratante.

– Eu ia em seguida, estava apenas testando os arreios dos cavalos e...

– Você não respondeu minha última carta – ela fez um beicinho desolado.

– Nessa altura eu já sabia que voltaria e... Meu Deus, você – ele se afastou um pouco e correu o olhar por todo o corpo feminino.

– Pare, não vê que estou quase nua?

– Sim – olhos arregalados –, estou vendo.

– Vamos, tire o seu casaco. – Ela cobriu o que conseguia do corpo com as mãos. – Dê-me seu casaco.

Steve tirou. Ela vestiu rápida e fechou-o sobre o peito.

– Cadê a sua roupa?

– O rio estúpido, cúmplice do cachorro demente levou.

– O quê?

– O rio sequestrou.

– O rio?

– Sim, Steve, o rio levou embora.

– Você está nadando escondida de novo, não é? – O amigo abriu as sobrancelhas em um arco.

– O que você acha? Que estou aqui nua, porque agora ando assim pela propriedade?

Ele olhou para o cachorro e então para o rio e a boca começou a tremer.

– Não ria de mim, eu mato você e mato também esse cachorro idiota que jogou meu vestido no rio.

Ele estourou em uma gargalhada.

– Ai, sardenta, eu não acredito e se eu não aparecesse o que ia fazer, voltar nua para casa?

– Acho que sim.

Os dois gargalharam como faziam quando eram crianças. Até terem que apoiar um no outro. Até respirarem com dificuldade.

Ela correu os olhos pela roupa do amigo e disse recuperando o ar:

– Você está muito elegante, Steve... Vejo que conseguiu ganhar o dinheiro que se propunha.

– Consegui juntar algum dinheiro sim, sardenta...

– Você vai ficar?

– Somente por alguns dias, enquanto resolvo uns negócios por aqui.

Kathelyn olhou para baixo, amuada.

– Ei, sardenta, assim você me desmonta.

– Nunca mais será o mesmo, não é verdade?

– Nós crescemos, Kathelyn... Mas o carinho que sinto por você jamais mudará.

– Eu sei... – ela engoliu a certeza de que as coisas mudam sempre.

– Tenho um presente para você – ele cutucou um galho de árvore com a ponta do pé e disse. – Na verdade são seis presentes.

– Minhas caixinhas – a voz saiu cheia de riso.

– Sim.

– Você não esqueceu – as lágrimas caíram dos olhos dela. – Obrigada. Kathe o abraçou.

– Senti sua falta – o amigo disse com a boca no cabelo feminino.

Steve era um artista talentoso, esculpia e montava caixinhas de música. Peças que ele a presenteava desde que ela tinha cinco anos. Uma no aniversário e outra no Natal. Ela respirou fundo e disse:

– Eu também, e graças a Deus está aqui, porque preciso de ajuda.

– Sim, estou vendo, estava morto de saudades de suas façanhas.

– Isso não é façanha, isso é uma tragédia – Kathe o empurrou de brincadeira.

– Por quê?

– Belmont e toda a sua família ducal já devem estar em casa.

– O seu noivo título?

– Quem lhe contou?

– Minha mãe.

– Ele... bem... ele não é apenas um título, me trata com respeito, preza a minha liberdade e não quer me enquadrar nas normas sociais. Ele é... diferente.

Steve voltou a cutucar o galho solto com o pé.

– É mesmo, sardenta? Um duque? Difícil de acreditar.

– Eu também não acreditei no começo... Mas você vai conhecê-lo e logo verá... Sei que ele não fará oposição a nossa amizade. – Ela fechou o casaco sobre o peito e disse: – Ele gosta de antiguidades como eu, ele me faz rir e ele me faz sentir coisas...

– Coisas, sardenta?

– Coisas. Que os homens fazem as mulheres sentirem.

– Ele – Steve franziu o cenho. – Vocês... Eu devo matá-lo?

– Pare de bancar o irmão mais velho antiquado. Não foi nada disso, nós apenas nos beijamos – dizendo isso ela corou.

– Sardenta – o amigo estreitou os olhos –, você está apaixonada?

– Acho que devo estar, mas como Belmont não disse nada sobre isso, eu não admiti em voz alta... – Ela respirou com peso. – Justo pelo título mais alto que existe acredita?

– Assim é a vida.

– Não vai me dar as felicitações?

Steve tocou na aba da cartola.

– Agora que vejo que está feliz de verdade e que não está sendo obrigada a casar, vou sim. Parabéns, sardenta! Desejo que você arranque toda a pompa do duque com o seu temperamento.

Ela mostrou a língua com uma careta.

– Agora, vamos, você precisa me ajudar.

– Vou descer o rio atrás de sua roupa?

– Não... Não há tempo para isso. – O rio era enorme e ela mesma já tinha descido boa parte dele a pé, sem encontrar nem rastro do vestido. – Vamos subir pela trilha dos fundos e então, você vai vigiar o entorno, enquanto eu escalo a árvore até o meu quarto.

– Como nos velhos tempos?

– Sim.

No início existia uma proibição intermitente quanto à amizade dos dois. Mas, como eles não desistiram de se encontrar às escondidas e como o conde preferia perder a vida, as filhas e talvez até mesmo as posses à Sra. Ferrel – mãe de Steve – que, segundo o conde, era a melhor cozinheira do mundo, a amizade entre Steve e Kathelyn era suportada. Contanto que nunca estivessem as sós, o que eles obviamente nunca obedeciam e contanto que Steve não influenciasse Kathelyn a fazer coisas que as damas não deviam fazer. O que eles também não seguiam. Durante os três anos da ausência de Steve, Kathelyn provou ao pai e ao resto da família que não era a má influência de qualquer amizade que a levava a ter comportamentos inadequados, e sim, a sua própria personalidade indomável. Como a definia o conde.

– VAI LOGO, SARDENTA! – DISSE STEVE ABAIXADO, ENQUANTO Kathelyn usava as mãos dele de calço para subir em um galho mais alto.

Impulsionou o corpo para cima. Colocou o pé no galho gordo e lateral. Com habilidade de quem já fez isso uma centena de vezes, passou a escalar entre troncos retorcidos e folhas que sacudiam aonde ela pisava, agarrava e se apoiava.

Era uma salgueiro enorme. Forte e resistente. Kathelyn rezava, conforme tinha que caminhar por galhos mais finos. Esses lembravam os rocamboles da mãe de Steve. Torcidos e cheios de geleia. Massa bem fina. Mais um pé, outro puxão e o último impulso. Colocou as mãos no batente da janela e com toda força jogou o corpo para cima. Entretanto, antes que seus pés alcançassem o chão prometido, ouviu:

– Tenho certeza, minha Lady, de que Kathelyn não se importará. Ademais, ela já deve estar retornando do seu passeio matinal. – Era sua mãe quem falava.

– Sendo assim, vou dar um espiada, estou mesmo muito curiosa para ver o vestido de noiva dela. – E essa outra voz era possivelmente a da duquesa- -mãe, a sua futura sogra.

E ela? Estava ensopada, de roupas íntimas e com certeza com boa parte dessa mesma roupa meio – olhou para baixo – negra com folhas e terra.

Não teria tempo, não poderia, como iria se apresentar assim?

Sem pensar, ela voltou pelo caminho que tinha tomado – o da árvore é claro. Conseguiu descer o corpo justo a tempo, pouco antes de ouvir a porta do seu quarto sendo aberta e as vozes tornando-se claras e límpidas.

– Não sei o que deu na Sra. Taylor para se atrasar com Kathelyn dessa maneira, ela nunca fez isso. Era a sua mãe mentindo para livrar a sua cara. Pobre Sra. Taylor, deveria estar escondida em algum lugar e só poderia botar os pés para fora desse lugar quando Kathe resolvesse aparecer. Ou descer da árvore em que estava pendurada. Ou arrumar uma roupa para se apresentar sem causar uma comoção. Então, Kathelyn, meio atordoada, passou a descer com uma velocidade apressada.

Tão apressada que não reparou no sinal claro de Steve, para que ela se detivesse onde estava. Para que ela não prosseguisse passo a passo, pernada a pernada, galgando proximidade em relação

ao chão. Quando estava apenas a poucos metros do final começou a dizer em voz alta e muito atropelada entre as palavras e os movimentos.

– Steve, corra até a Sra. Taylor. Não, voe até lá... primeiro encontre-a, é claro – tomou fôlego se pendurou no galho, olhou para um ponto seguro no chão disse: – E assim que encontrá-la, suplique a ela por um vestido, eu... eu vou me esconder – pulou no chão e deu dois passos em falso. Tropeçou na raiz da árvore.

Por que esse salgueiro ganancioso tinha que ter tantos galhos e raízes?

Por algum motivo incoerente Steve não estava lá, servindo de apoio a ela.

E só porque o louco do amigo fazia uma vénia para o ar, enquanto ela descia da árvore a trombada do seu corpo nele, levou os dois ao chão.

Ao chão não, a lama no chão. Já que havia chovido a noite inteira e a chuva para infortúnio de Steve costumava fazer isso com a terra.

Infortúnio de Steve porque como ele fazia uma vénia e não viu Kathelyn se desequilibrar, o tranco o levou de cara na lama e ela embolada por cima como uma lá.

– Ai, meu Deus – ela disse enquanto se levantava. – Você está bem? – perguntou e viu o amigo levantar, limpar o que conseguiu de lama da cara e das mãos. Kathelyn mordeu a boca para não rir.

– Se fosse você eu não riria – ouviu Steve dizer.

– Se fosse você, eu teria sido mais útil e teria nos equilibrado no lugar de se colocar no meio caminho e...

– Kathelyn, eu tentei avisar – Steve olhava para frente com a expressão endurecida, enlameada e o corpo rijo.

– Tentou avisar que eu ia cair? Você ficou parado, aliás, o quê você estava imaginando fazer? Conversar com as formigas? Lustrar os sapatos?

– Kathelyn... – Algo no tom de voz tenso do amigo, a fez girar a cabeça até o local que Steve olhava. Mais precisamente ao ponto a uns 15 metros de distância onde Steve olhava. Exatamente na varanda da casa.

Ela conseguiu contar rápido: oito pessoas entre cavalheiros e damas. Todos eles parados e vestidos como era o esperado para ocasião. Todos olhando com expressões nada naturais no rosto, o que também era esperado pela cena que tinham o privilégio de assistir.

Mentalmente, Kathelyn reconheceu o seu futuro marido e viúvo. Pela expressão assassina do seu pai, logo ela estaria morta.

Ela só conseguia culpar o cachorro, o calor que a levou até o rio e o seu pai.

Por que o pai?

Porque fora ele com a sua genialidade brilhante quem resolveu projetar uma varanda na parte traseira da casa, de maneira que a mesma fosse estrategicamente construída para ter a

melhor, mais frontal e desimpedida vista do maldito salgueiro. A árvore acabou de entrar na lista dos culpados pelo seu assassinato.

Então, sem restar nada mais que pudesse fazer, executou uma impressionante reverência.

Claro, ela sabia que não foi perfeita. Enquanto arqueava a cabeça, sentiu alguns pingos de água escorrer no rosto. Sabia também que não foi a mais decorosa reverência. Enquanto ela dobrava-se para executar o movimento, o casaco largo de Steve abriu, deixando à mostra metade das suas roupas íntimas ainda molhadas.

Olhou de esguelha para o lado e viu o amigo arqueado em uma magnífica vénia. Estaria coberto de lama até o dedão do pé se ele não estivesse de botas. Olhou para frente e viu outra outra vez um duque, um conde, dois barões que eram tios do duque, uma viscondessa, tia-avó do duque. Mais três respeitadas damas da alta sociedade, assistindo de camarote aquela cena bizarra que ela e Steve protagonizavam no jardim.

Kathelyn começou a gargalhar. Afinal, tirando a parte do seu assassinato, era tudo muito engraçado. As expressões atônitas, o silêncio atroz, e claro, o ridículo que ela encenava na frente de duas das três maiores fofoqueiras da sociedade.

Steve rendeu-se ao magnetismo da risada e começou também a gargalhar.

Belmont foi o primeiro a se mexer entre o grupo de estátuas. Avançou rápido em sua direção e agarrou-a pelo braço.

– O que está acontecendo aqui?

Kathelyn, que parou de rir no momento em que engoliu a fúria dos olhos do duque, respondeu um pouco insegura.

– Um calor enorme, um cachorro ladrão, um rio cruel, um amigo que me ajudou e um salgueiro cheio de galhos.

– Eu não estou para os seus joguinhos, Kathelyn – apertou um pouco mais o braço dela. – Por que você está assim?

– Ah, isso – ela passou a mão descontraída pela lapela do casaco que vestia e disse – É do Steve... Ele me emprestou, achando que seria melhor do que estar apenas de roupas íntimas eu...

– Tire agora.

– Está louco? Como podere... – Ele nem a deixou concluir, já arrancava dela a peça de roupa e a cobria com o casaco dele. Jogou a peça desprezada no chão. Uma ofensa imperdoável entre cavalheiros. Malditas regras estúpidas.

– O senhor e eu marcaremos um encontro de honra – disse Belmont.

– O quê? – Kathe gritou sem nem mesmo perceber.

– Srta. Stanwell – o duque continuou entre dentes. – Suba para seus aposentos. Se vista adequadamente como uma dama e se apresente diante de mim em quinze minutos. – A boca de

Kathelyn só não caiu até a lama, porque estava grudada no rosto.

– Excelência, o que o senhor tiver para resolver com Steve, digo, com o Sr. Ferrel, o faça na minha frente. Eu que o coloquei nessa situação.

– Suba agora. – A voz de Arthur era fria como gelo e petrificava todo o quente verão ao redor.

– Não subo – plantou os pés no chão e cruzou os braços sobre o peito. – Não até eu explicar o que aconteceu e você ouvir como um homem civilizado.

Ele não olhou para Kathelyn e sim para Steve:

– Amanhã, escolha os seus padrinhos, nos encontraremos no...

– Não – gritou Kathelyn. – O que você pensa estar fazendo?

– Tentando salvar o que vai restar da sua reputação até amanhã – ele disse com a voz baixa enganosamente calma.

– Você não é louco... Você não faria isso, não houve nada... Ao menos deixe-me explicar.

Kathelyn sentiu a mão do seu pai fechar no braço com força. Em seguida o tranco de um violento puxão que a derrubou de joelhos. O conde parecia tão transtornado que nem reparou que a arrastava de joelhos em meio à lama, galhos e pedras para dentro de casa.

– Solte-a agora. – Kathelyn, apesar de não ver, soube que era Belmont quem urrou e quem agarrava o braço do seu pai, impedindo-o de continuar a puxá-la.

Ela limpou as lágrimas dos olhos e levantou ignorando a dor dos recentes arranhões nas pernas. Viu o seu pai perder a cor do rosto enquanto Arthur crescia em cima dele.

– Nunca mais encoste um maldito dedo em cima dela, agora ela é minha responsabilidade. Ela me pertence, entendeu? – ele falou com o controle perdido e o que se perdeu foi a razão de Kathe.

– Eu não pertencço a ninguém! – Tudo o que mais temeu estava ali, jogado na cara dela. – Eu não sou um objeto ou um cavalo, eu não pertencço a você – olhou para o pai –, e nem a você – terminou olhando para o duque. Correu para dentro de casa.

AMARRARAM O SEU ESPARTILHO. NO QUARTO ERA AUDÍVEL apenas o som do atrito dos cordões e uma respiração que se tornava mais difícil. Colocaram o vestido por cima das roupas de baixo. Ouviu-se o frufu da seda. Pentearam os seus cabelos e um cachorro latia, lá fora. Talvez o louco do Augusto. Através da janela a luz do dia era filtrada pela cortina de renda. Os pássaros alheios a todo o caos interno continuavam os seus gracejos.

Kathe olhou-se no espelho e lamentou não ser como Lilian. Lamentou não ser o que se espera de uma dama. Fez isso porque sabia que não seria jamais uma duquesa adequada, por mais que todos à sua volta tentassem. Ela entendeu que existia algo dentro dela que nunca permitiria. Então, lamentou por seu pai, por sua mãe e por sua irmã. E por último lamentou por Arthur. Entendia que por mais que ele jurasse ser imune às normas rígidas e estúpidas exigências sociais, nenhum duque poderia ser totalmente isento.

Fechou os olhos e puxou o que conseguia de ar para dentro. Decidiu dar um basta na autocomiseração. Nunca teve muita paciência para os lamentos.

– O que acontecerá? – ela perguntou de olhos ainda fechados.

– Explique-se com calma para ele, Belmont é um homem razoável, vai entender. – Essa era a voz abafada de Elsa, que tentava passar uma calma que ela não devia possuir.

– Eu não vou aceitar que ele duela com Steve, mesmo que...

– Ele não vai, Kathe... Os homens são assim. Eles estouram e depois se acalmam e percebem a besteira que fizeram... – Ela puxou o penteado com um pouco mais de força do que o habitual – claro que o seu comportamento foi quase imperdoável para uma futura duquesa, mas... – A preceptora tocou no seu rosto com o carinho de uma mãe. – Você é só uma menina e Belmont é um homem já maduro, ele vai entender.

– Eu não quero perdê-lo... eu... – engoliu pesado como se a fita do cabelo tivesse descido pela garganta – apesar de tudo, eu acho que o amo... e sinto tanto, em não ser... diferente.

– Kathelyn, não lamente por ser quem você é... A sua autenticidade é o seu maior tesouro.

Ela arregalou um pouco os olhos.

– Nunca imaginei ouvir isso de você.

– É porque você nunca precisou ouvir isso como agora.

Ela viu pelo espelho a porta do quarto abrir e sua irmã aparecer como um trovão. Tinha o rosto alagado de lágrimas e era a própria tempestade.

– Oh, Kathe, sinto tanto... Belmont está tão nervoso. Ele pediu que a chamasse e disse que se você não descer em cinco minutos, ele mesmo vem lhe buscar.

Kathelyn levantou como uma imperatriz, colocou no rosto a expressão mais digna que alcançou e abraçou a irmã.

– O meu maior medo é estragar as coisas para você, Lilian, eu a amo muito minha irmã e também lhe admiro demais. Hoje tudo o que mais queria, era ser como você.

– Não fale besteira eu sou uma covarde e você, Kathe, veio com todo o estoque de coragem e ousadia, não restou nada para mim – Lilian tentou rir e continuou: – Você, como eu? Você é minha heroína, você me inspira e... nunca pense ao contrário.

Kathelyn tragou o ar com força.

– Vou enfrentar a fúria de um duque.

– Sim, essa é a Kathe que eu conheço.

– Eu te amo demais.

– Eu também.

ESTAVAM COMENDO OS MÚSCULOS DO CORPO DELE. ISSO era o que acontecia. Assim que Kathelyn desapareceu de dentro de casa, começou o banquete. Primeiro foi o pai da dama que quase caiu de joelhos na sua frente pedindo perdão pelo comportamento inadequado da filha – aquele estúpido infeliz.

Depois, foram os seus tios junto com a sua tia-avó e as duas primas: Lady Diane Worth e Lady Margareth Winblenton – aquelas duas velhas fofoqueiras –, todos despencaram de boca nele como se fosse um peru assado pronto para ceia.

Desfiou mentalmente as normas da etiqueta a mesa. As exigências sociais em talheres e pratos e padrões. Ele e Kathelyn seriam desossados em baixelas de prata. Todos, sem exceção, estavam se refestelando em cima do escândalo protagonizado por sua futura duquesa.

Foram tantas perguntas e ensaios de desmaios e insinuações nada indiretas de como ele devia conduzir a situação, a sua vida e até mesmo a sua noite de núpcias, que no fim do banquete ele estava exausto.

Drenado mentalmente, fisicamente e se existisse um espírito até ele estaria ofegante diante da gula demonstrada.

Depois que cessou a onda de falso desespero nasceu na boca de todos presas e nos olhos o ascender da caça predatória.

Ele era só a brincadeira de início. O título ducal por si só era capaz de domar um circo de bestas. A real refeição seria Kathelyn. Ele sabia, em menos de horas todos sem exceção, estariam devorando-a. Logo ele que nunca dava satisfações de sua vida a ninguém, que nunca precisava responder perguntas mais de uma vez. Ele, que odiava qualquer tipo de menção – feita por segundos ou terceiros da sua privacidade. Ele, o nono duque de Belmont que não se importava nem um cominho com o que pensassem ou falassem de sua pessoa, estava dentro do escândalo do ano, talvez, da década.

Possivelmente o maior dentre as oito perfeitas gerações anteriores de duques. Todos sempre tão impecáveis. Por isso, nunca quis se casar. Pelos seus atos ele respondia, sempre respondeu sem a menor parcela de culpa.

Ele era um duque, as pessoas não têm coragem ou falta dela para transformar um duque em um parvo. Mas agora, não respondia apenas por si, e sim, por Kathelyn. Se ele não a amparasse, a honra dela seria analisada, julgada e condenada – seria eleita a nova rameira de luxo da coroa e nunca seria aceita como uma duquesa.

Como a sua duquesa.

Ele responderia por isso.

Afinal, o que ela fazia despencando de uma árvore vestindo apenas o casaco de outro homem e roupas íntimas? O casaco do homem que ele encontraria ao amanhecer.

O homem respondeu ao convite do duelo com uma frase concisa: “Vossa excelência está cometendo um erro. Mas, se assim insiste, nos encontraremos” – disse, virou as costas e saiu.

Uma atitude cavalheiresca demais para quem era apenas o filho da cozinheira, como o conde o definiu.

Uma amizade que Kathelyn insistiu em manter por anos às escondidas. Que passassem por cima do cadáver dele, mas não a permitiria seguir com tal amizade. Isso se o homem seguisse vivo. Ele sim, o seguiria. Tinha muita experiência com armas. Tinha a habilidade de permanecer calmo onde a maioria dos homens perdem os nervos. E um homem perderia a vida para lavar a honra, aplacar a raiva que sentiu quando viu Kathelyn com aqueles trajes, com uma intimidade desleal com aquele servente.

Era muito sombria essa distinção de classes, de pessoas, de cultura. Mas, elas existiam e se tornavam evidentes quando misturava-se aquilo que devia permanecer intacto.

Honestamente o que o irritava mais era o próprio descontrole experimentado.

Ele podia matar ao bode sem precisar duelar com ele.

Não haveria um duelo. Decidiu. Não se abaixaria a esse ponto. Não duelaria com um simples filho de uma criada, com o antigo cavaleiro.

Se o matasse seria absolvido de qualquer acusação.

Só de imaginar ele e Kathelyn juntos, sentia uma vontade infernal de atirar todas as balas da Inglaterra no desgraçado.

Bufou impaciente.

Estava cego de nojo de seus pensamentos. Sabia que o ódio sentido nada tinha a ver com a classe do homem. Nunca foi dado a esse tipo de observação mesquinha, nem pensava tanto nos criados para se aborrecer com eles.

Sabia que a raiva que insuflava o ar dos seus pulmões era por aquele sujeito ter se metido onde não deveria. Por fazer Kathe sorrir e talvez outras coisas além de sorrir.

O que fazia Kathelyn? Será que o traía? Não. Ela não poderia.

Tomou duas, três doses de conhaque e nada aplacava o humor em que se via mergulhado.

Já havia andado de um lado a outro da biblioteca uma centena de vezes. Nada abrandava a queimação que ardia as suas entranhas.

O que Kathelyn fazia com aquele... Ouviu o barulho da porta abrir e então fechar. Viu-a apoiar as costas no batente com a expressão de uma criança que acabou de aprontar.

Respirou fundo.

Acontecia algo estranho com ele, diante de situações de extrema pressão ou raiva, ou ciúmes? Ele mantinha um controle externo invejável. A sua ira era traduzida no olhar mordaz, na voz ácida, na postura arrogante que fazia parte do sangue ducal. Essa mistura era capaz de desequilibrar até o mais centrado cavalheiro e de fazer tremer a mais firme dama. Ele, por sua vez, ficava muito cômodo com o medo que causava em todos. Com o respeito forçado ou admirado que o título proporcionava.

Onde ele passava era reconhecido o peso da sua nobreza e o tamanho da tradição de sua família. Esse peso fazia os pescoços dobrarem-se para baixo, as vozes abaixarem e os olhares penderem para fora dos dele. Não havia para um duque o conhecimento prévio do que é a vontade, já que todas elas eram cumpridas como se quem as desejasse fossem aqueles que as cumpriam.

A vontade dele era a verdade. Não toleraria a mentira. Nunca tolerou.

– Primeiro você vai me explicar o que resultou naquela cena absurda e ridícula que eu assisti – começou o duque.

– Eu... – ela suspirou – sei que vai parecer...

ELE ERGUEU A MÃO. O QUE ASSUSTOU KATHELYN NÃO FOI a raiva que enxergou nos olhos amarelos. Nem o fogo com o qual estava acostumada a lidar. O que a gelou até embaixo da espinha, foi o tom frio e baixo de voz, o olhar gelado. Amarelo gelado? Era possível uma cor quente parecer fria? Sim, ela comprovou.

– Apenas explique, minha lady.

– Sim, excelência. – Já se sentia doída antes mesmo de trocar três frases inteiras. Ele não a repreendeu por usar o tratamento formal, há muito dispensado entre os dois.

Kathelyn contou passo a passo, desde que saiu de casa pela manhã, até o momento em que caiu em cima de Steve. Ele escutou tudo em um silêncio duro.

– Entendeu? – perguntou ela no final do seu relato.

– É a história mais absurda que já ouvi em minha vida.

– Não acredita em mim?

– Eu acreditar não fará a menor diferença para a corte que espera ansiosamente a oportunidade de transformar qualquer dama em uma pária.

– As línguas nunca haviam lhe importado se desfiavam doces ou amargos ao pronunciarem qualquer nome, o que mudou? O seu gosto, excelência? Ou teme uma indigestão social?

– Ser motivo da alegria no reino parece assim tão tentador para você, senhorita? Eu garanto que o meu nome proporciona diversas sensações, a alegria é a última da lista.

Ela olhou para o tapete no chão e perguntou:

– A alegria viria antes ou depois da vergonha?

– Nesse caso a vergonha antecede a alegria.

– Então, devo entender que se envergonha?

– Envergonho-me, Srta. Stanwell? Tenho motivo para andar de cabeça baixa enquanto os meus pares sussurram o meu nome?

– O que acha, excelência? Se nadar no rio da minha propriedade e perder acidentalmente a roupa e pedir ajuda a um amigo, ser vista nessa situação por alguns nobres é motivo para matar a um homem inocente ou mesmo para arriscar perder a sua vida, então sim, creio que tem motivos para envergonhar-se.

Os dois estavam sentados. Ela regia com a postura impecável da dama que fora treinada a ser. Ele vestido em todo o orgulho conferido por 500 anos de duques em suas veias.

Em um silencioso escrutínio ele levantou, ainda em silêncio e como se nada no universo pudesse contestá-lo. Aproximou-se e passou o polegar no lábio dela. No inferior. Até o ter molhado. Até ela ofegar, mesmo sem querer.

– Ele a beijou, Kathelyn? Ele tocou nessa boca que me pertence?

– Se ainda não sabe a resposta, então. – Ela virou o rosto, livrando-se da carícia. – Quem se envergonha sou eu... Parece mais fácil para você acreditar na história que montou em sua cabeça do que em minhas palavras.

– E que história seria essa?

– Não sei, quem a montou foi vossa excelência, não poderia nem imaginar.

Arthur voltou a sentar e a vestir um sorriso irônico.

– A história começa com uma dama que adora se aventurar sem medir os buracos que essas aventuras cavam em torno de si e em torno a todos que a circulam. Uma dama que ignora o seu lugar e mistura-se com quem não deve – Kathelyn empalideceu, ele continuou. – Uma dama que não tem ideia do atrativo que provoca aos homens e por isso, joga com esse poder. – A boca dela abriu. Ouviu-o prosseguir. – Então, um dia essa dama acorda e descobre que um amigo de infância retornou, após uma viagem longa. – Kathe tomou ar como se fosse falar, Belmont disse ignorando-a: – Essa dama convida ao amigo para um mergulho inocente no rio. É um dia quente, que mal pode haver nisso? Afinal, eles já fizeram isso muitas vezes enquanto crianças. Então, talvez, na inocência da brincadeira, o rio carrega as roupas dela sem que perceba. Está muito ocupada entretendo-se com jogos infantis. – Kathelyn começou a respirar com peso. Belmont não se abalou. – Quando se deram conta, haviam perdido o horário... Que criança sabe quando parar de brincar, não é mesmo? E foi aí que a dama lembrou que tinha um parvo de um noivo disposto a sustentar todas as suas aventuras à espera dela. Então, sem tempo de procurar o vestido perdido, ela correu para casa com medo de ser descoberta – ele estalou a língua com desdém explícito –, claro que se envergonha, Srta. Stanwell, pois não sou o parvo de sua história... Talvez tema também, porque todos aqueles que já tentaram me fazer por um, se arrependeram até a morte.

Kathelyn entendeu que ele estava muito nervoso com tudo o que aconteceu e que não raciocinava direito. Sentia-se dividida entre a vontade de fazê-lo acreditar e a indignação por ele não confiar nela. Parecia um homem virado de... de ciúmes? E parecia também muito ameaçador. Se Kathelyn não estivesse tão nervosa, juraria estar sentindo um pouco de medo. As mãos tremiam um pouco e a respiração estava mais rápida. Engoliu em seco e a voz não quis sair. Pigarreou antes de conseguir se expressar:

– Percebe que está tão imerso na arrogância e na raiva que mal raciocina? – ele franziu o cenho e apertou as mãos em punhos.

As mãos dela caíram cruzadas sobre o colo.

– Acha mesmo que se eu quisesse me divertir com alguém às escondidas, o faria em plena luz do dia? Dentro de um rio visível para a trilha principal da propriedade? Sabendo que o meu noivo estaria a qualquer momento, dentro da mesma propriedade? – O duque levantou. Ela disse. – Ofende-me perceber que a minha palavra para você, não vale nada. Me ofen... – ele olhou-a como se pudesse drenar a sua fala – ofende... – prosseguiu menos decidida – mais ainda que me entenda tão inepta assim. Se fosse tudo o que sua história inventou, teria que ser muito inca... – Ela gaguejou, Arthur deu dois passos na sua direção – incapaz. – Kathelyn sentia o tremor por todo o corpo. Tudo em si brigava com a vontade de explodir em tristeza. Notava-se dividida entre o desespero por ele não a levar em conta e a raiva por tudo o que ele falou.

– Quem é você, Belmont? – Ela empertigou-se ao perguntar, não o deixaria ver o quão afetada estava. Não deixaria. Disse: – Em um momento parece tão invulnerável a qualquer regra ou a qualquer opinião alheia. Tão apaixonado e verdadeiro, amigo e humano. Em outro parece um... um duque – ela pronunciou como se fosse uma ofensa.

– Isso é porque eu sou um, Srta. Stanwell. Por mais que despreze, é a verdade. Nasci conde. Um título que muitos homens não carregam a vida inteira, eu já suportava quando estava na barriga da senhora minha mãe. Logo depois fui feito marquês. Mas, o que guiou a minha educação, o meu mundo, tudo o que eu podia e devia ser foi o ducado. Quando se nasce herdeiro a um título desses, você já é, antes mesmo de herdar a honra ou a maldição.

– Não, eu o conheço, está alterado... Você não é assim, está agindo diferente.

– Diferente como? Acha que eu não me importo com o título que levo? Como, senhorita? Ele é parte inseparável do que me formou. O mundo vê, ao duque de Belmont. – Ele falava com uma postura tão autocrática, Kathelyn nunca o tinha visto dessa maneira. Ouviu: – Eu fui criado para esquecer o que é ser alguém que não, quase um príncipe. Mesmo fazendo de tudo para ter o alívio algumas vezes, é impossível esquecer totalmente. Eu não posso me desvincular de algo que nasceu comigo, como um braço ou uma perna.

– E o seu coração, nasceu no seu peito ou também foi herança do título, Belmont?

Ele riu com ainda mais ironia. Uma ironia fria. Sumiu o resto de ar que ainda existia no pulmão, na biblioteca, talvez, no mundo.



Arthur sentiu-se atingido. Por algum motivo ainda inexplicável e nem por isso menos irritante, tudo em Kathelyn o atingia em proporções enormes. Ele não estava acostumado a sentir-se assim.

– O que quer que eu responda? Que o meu coração não está contaminado? Ou que ele veio como um dote, pesado e registrado no testamento da sua excelência, o duque anterior? – odiava tudo o que estava dizendo a ela. Se odiava ainda mais por dizê-lo de maneira tão arrogante e implacável. Queria parar. Sem saber por que, não parou. – Você Srta. Stanwell, como primeira filha de um conde, se casaria com quem? Com um burguês ou com um marquês? – ele apoiou o braço na estante de carvalho ao lado da poltrona de Kathelyn. Ela torcia as mãos na saia do vestido como se estivesse nervosa? – Ele continuou: – Mesmo que, em um ato de extrema rebeldia e admirável coragem, resolvesse fugir com um simples cavaliço. – Os olhos dele arderam ao pronunciar isso. – Fugisse em nome do tão sonhado amor. Tenho certeza de que em poucas semanas, ou até mesmo dias, sentiria-se muito motivada com a ausência das cinco refeições diárias, com a falta de uma donzela que a ajudasse todos os dias e noites a se vestir, pentear e banhar... – ele ergueu os ombros e disse: – E se não houvesse os vestidos? Como seria, senhorita? Quantos vestidos uma dama precisa para estrear na sociedade?

– O que está tentando provar?

– Vinte vestidos ao mínimo... Sim, claro que não poderia levá-los todos. Que tristeza, não? Mas, sempre há uma saída. Poderia deixar de dormir em uma cama, para acomodá-los no quarto. Já viu como é pequena a casa de um criado? Sentiria-se em uma casa de bonecas afogada em seu enxoval inglês.

– Não me trate como uma desmiolada, coquete e fútil.

Ele ignorou.

– Mas quem precisa descansar, não é mesmo? Quando se tem um mundo a explorar... – O duque levou a mão ao queixo em uma pose pensativa e concluiu: – Sim, claro que esse mundo se reduziria bastante... Talvez, a uma horta que teria que cuidar com as próprias mãos, tão acostumadas ao trabalho. Ou, sempre lhe restaria a opção de ser criada de alguém. Com a sua educação, conseguiria com sorte, ser dama de companhia de alguma jovem cujo céu sorria na hora do seu nascimento. Uma dama que não imagina o que é ter arear pratas, ou lavar o chão, ou mesmo apertar espartilhos. Cerzir roupas e limpar sapatos o dia inteiro, para comer pão no final do turno e para manter este glorioso mundo em pé. Tudo em nome do amor.

– Espantoso, como conhece com tanta propriedade a vida dos mais humildes. Faça-me o enorme favor de ir ao inferno dissertar, Excelência – ela terminou fazendo uma medida com a cabeça.

Ele riu com desprezo.

– Não tem os modos de uma dama, Srta. Stanwell.

– E o senhor tem os modos de um duque – ela sustentou o olhar o desafiando.

– Você jamais se casaria ou seria feliz com alguém inferior a um barão. Deixemos de lado a beleza do idealismo igualitário. Em toda a dita igualdade há um corpo inteiro podre, eu já o vi muitas vezes e entendi. – Ele cruzou os braços, exalava tamanha autoridade que se a rainha entrasse na sala, seria capaz de lhe prestar uma profunda reverência. Disse:– Já fui ingênuo como a senhorita uma vez. Se bem que no meu caso por muito menos tempo. Faço de tudo o que está ao meu alcance para me desvencilhar do peso das amarras sociais... Mal vivo na Inglaterra, como já deve saber. Mas, quando quero encontrar a uma esposa, onde vou buscá-la? Nas Índias? No meio da criadagem? Ou no restrito e exclusivo belo mundo da aristocracia? A senhorita, por mais que o despreze, fez o mesmo. Então, não me condene.

– Queria uma esposa? Desde quando buscava por uma?

Ele não respondeu a pergunta.

– Onde imagina que viveremos boa parte de nossas vidas?

– Na Inglaterra – ela disse olhando para baixo.

– Onde crê, criaremos os nossos filhos?

– Na Inglaterra.

– Em que meio, senhorita, você acredita que circularemos? Entre os criados e os cavaleiros ou entre aqueles que nos são iguais? – Ele se sentiu podre por dentro. Mas foi impossível não dizer, ainda tinha a imagem de Kathelyn meio nua junto àquele... homem.

– Pare! – ela gritou.

– Não. Pare você, Kathelyn – ele deu dois passos mais para junto dela. – Quem acredita está enganando? Podemos ser imunes a toda esse mundo que nos ergue e que nos sustenta? Sim, é claro que podemos, o máximo possível. Mas, não por todo o tempo e nunca por toda a vida.

– Pare agora! Eu não preciso disso para ser feliz eu não... Eu nunca vou me render a isso. – As mãos dela iam fechadas sobre o colo.

– Eu também não preciso da hipocrisia para ser feliz. Não é ela que nos faz feliz. Mas se a hipocrisia ergue os dentes e lhe esmaga, você acha que pode manter-se em pé? Como você se sentirá quando todos aqueles que conhece lhe virarem a cara e lhe oferecerem o desprezo a cada passo que dá? Como se sentirá quando os filhos que tivermos forem perseguidos na escola e privados de participarem das atividades sociais que todos participam? Você crê não precisar dessa hipocrisia enquanto ela é sua amiga, Kathelyn. No momento em que ela lhe vira a face e mostra sua fealdade, entenderá que, por mais que corra, ela acaba lhe engolindo viva. E se acha que seus amigos criados também não irão lhe negar o apoio e não lhe julgarão e não lhe condenarão por ser diferente deles... Se engana uma vez mais, a ingenuidade desempenha esse papel melancólico.

– Eu odeio – ela olhou ao redor –, eu odeio me sentir assim e... Eu odeio vo... – deteve-se.

– Me odeia, senhorita? É isso que ia dizer? Ou odeia as verdades que estou lhe apresentando e que sabe, pois é inteligente, são irrevogáveis.

– Não... vá embora, excelência – ela disse com a voz sumida. – Nem sequer acredita em mim. Julga-me capaz de traí-lo nas vésperas do nosso casamento. Julga-me inferior, não é verdade? Acha que eu sou uma criança mimada que não conhece o mundo. Talvez eu não conheça o mundo como vossa excelência, mas eu conheço o que eu acredito... O que eu desejo para o meu mundo, para a minha vida e se vossa excelência me desculpar eu preciso... preciso lavar o cabelo.

Não me chame assim, quis dizer e não disse. Não me chame pelo título... pensou, condoído. Você, Kathelyn, foi a única mulher que eu conheci que parecia me enxergar para além de Belmont. Quando me chama assim, recordam-me que eu tão pouco tenho saída.

Ela olhava para baixo, parecia desnordeada.

Ele disse:

– Você não pode fazer tudo o que vem nessa mente criativa e inquieta, Kathelyn, por mais doloroso que isso seja, acredite é a sua, a nossa realidade. A realidade de todos os seres viventes. Existem regras a ser seguidas. Pode parecer tentador sair burlando-as, tentar trapacear, conseguir dobrar os códigos seguidos. Mas para fazê-lo com autoridade, sem correr o risco de ser devorada, não basta seguir os desenfreios do seu coração. É preciso saber como e quando. Assim, enquanto você burla as convenções, a regra não se dá conta disso e os próprios legisladores o aplaudem.

Ele viu lágrimas nos olhos dela, que orgulhosa tentava esconder.

– Levante-se – pediu com a voz abafada. Ela não se moveu, então, ele insistiu. – Por favor.

Ela se ergueu e ele a abraçou. Queria dizer que acreditava nela. Mas, como ficaria se o fizesse? *Eu acredito em você, Kathelyn. Eu acredito. Acreditava? Queria acreditar. Meu Deus, ela estava tremendo?*

Respirou fundo diversas vezes a fim de não perder o controle outra vez com ele, mesmo nessa ocasião. Entendeu que a havia assustado. Sentiu-se muito pior do que julgava poder.

– Kathelyn, há verdade em tudo o que eu falei... E beleza no que você acredita. Mesmo tendo que responder certas regras e convenções, mesmo eu ainda sendo um... um...

– Duque? – ela perguntou encontrando o olhar dele.

– Sim, talvez dentre de todas as possibilidades... Eu acabe sendo a mais certa para você. Eu quero agir da melhor maneira com você. Eu espero conseguir.

– Espero ser feliz.

– Eu a farei feliz, acredita? – Ele tomou a sua boca, não a deixou responder. Ele era quem precisava do beijo, muito mais do que admitia para si mesmo.

– E você acredita em mim? Vai cancelar o duelo? – ela perguntou com os lábios no queixo dele.

– Cancelar o duelo ou não, nada mais tem a ver em acreditar no que diz – ele também não estava certo se acreditava no que ela falou. Não tinha certeza. Entretanto, a possibilidade de perdê-la parecia tão difícil. Ele se convenceria daquela história ridícula. Arrumaria uma maneira de se convencer. Era mais fácil isso do que a ideia de separar-se dela. Ouviu-a.

– Tem a ver com o que, então? Como poderá ser feliz ao lado de uma mulher que acredita, pode lhe trair a qualquer momento?

– Acredito em você, sua história é tão estapafúrdia que só pode ser verdade. Encerremos esse assunto – disse sem estar realmente convencido. Tentaria esquecer esse assunto.

– Então, por que não desiste dessa loucura de honra e balas?

– Não discutiremos isso.

– Como imagina conseguir um resquício de paz, após matar um homem inocente? Ou talvez, o que seja pior – ela nem percebeu que falava em voz alta – e se você morrer?

– Importa-se se eu morrer, Kathelyn? – ela virou o rosto para baixo. – Importa-se, Kathelyn?

– É claro que sim, apesar de agora sentir raiva do que está fazendo conosco, de quem está tentando parecer, sim, eu me importo. Arranca-me a alma pensar no que está prestes a se dar... E nem o consolo de saber que o seu adversário foi o desgraçado no resultado das balas eu terei – ela suspirou e disse:– Steve é meu amigo e eu o amo como um irmão e...

– O ama? – ele endureceu, esfriou. Trabalharam todos os poros da sua pele. Ficou coberto de suor. Acreditou que agora sim, iria matar ao desgraçado. Iria naquele exato momento. Não aguentaria esperar até o amanhecer. Ele nunca ouviu isso de mulher alguma. Ele nunca ouviu isso nem mesmo de suas irmãs ou de sua mãe. Ele nunca nem esperou ouvir isso. Mas, escutar essa frase da boca de Kathelyn, da mulher que era dele. E a frase ser direcionada a outro homem, foi demais para Arthur.

– Como um irmão – ela respondeu.

– Sinto muito Kathelyn, eu terei que matar ao seu irmão. Sim, será ele a morrer. Então, guarde as poucas lágrimas que tinha reservadas a mim e chore tudo ao luto desse homem que você diz amar.

– Como um irmão, entende? Nunca como um homem.

– Ele a viu em roupas íntimas, em roupas íntimas e ensopadas. Ele viu mais do seu corpo do que qualquer outro homem. O duelo nada mais tem a ver com a sua suposta traição. Se assim fosse, nem estaríamos tendo essa conversa... Ele morrerá porque colocou os olhos em você, porque eu preciso defender a sua honra – *Porque você o ama e porque eu não tenho certeza de mais nada* – pensou sem dizer.

– Sendo assim, creio que respondeu à sua pergunta... Jamais serei feliz nesse mundo que você quer criar para nós.

– Sim, o será. – Dizendo isso, ele fez uma reverência forçada e saiu.

Deixou Kathelyn a sós com uma desesperada angústia e um grito preso na exigência da etiqueta.

O CAOS MATINAL SE ESTENDEU COMO TENTÁCULOS INVISÍVEIS, por todos os cantos da grande propriedade. Rodeando as pessoas, sufocando-os e comprimindo-os como uma infiltração sem misericórdia alguma. Todos os convidados deram desculpas educadas para se retirarem. Todos, inclusive os parentes que estavam hospedados, sofreram de uma terrível indisposição, ou foram apanhados pelas mais absurdas eventualidades e imprevistos. Tiveram que lamentavelmente fazer as malas como condenados e partiram como se fugissem da peste.

A casa estava vazia. O ar dentro dela parecia intolerável e, de fato, era. Assim que Belmont saiu, tudo mergulhou em um silêncio que fazia eco. Era a quietude danosa que corrói os sonhos, destrói os fundamentos e quando menos se espera demole a paz.

– Se ele matar Steve, juro que não caso e se morrer tão pouco me caso. Resultado, não me casarei de forma alguma – Kathelyn sentia-se entorpecida. Era como se não tivesse corpo que sustentar nem emoções que perceber. Desde que Belmont deixou-a na biblioteca, ela perdeu até a capacidade de pensar. Sentia-se como uma boneca de pano.

Lilian segurava as suas mãos.

– Acalme-se, Kathe, Belmont estava muito nervoso. Ele, como todo e qualquer homem, precisa de um tempo e talvez de uma bebida para recobrar a razão. Perceberá que esse duelo é um grande erro, não apenas por nada ter acontecido, mas porque, bem... os duelos são ilegais.

– Isso nunca foi motivo para impedir os homens de continuar realizando essa idiotice. – Kathe fechou os olhos cansada e ouviu a voz baixa da irmã:

– Eu sei... mas, Steve não é um cavalheiro, ele pode recusar o duelo sem a menor enxaqueca honrosa.

– É isso, vou falar com Steve agora, ele não precisa participar disso.

– Não será necessário – alardeou o seu pai entrando na sala íntima.

– Está tão seguro assim que será Belmont o vitorioso? – perguntou Kathelyn desafiadora.

– Sim, estou... Mas, infelizmente não viverei para comprovar isso, já que o covarde vai embora.

– Vai embora? Como assim vai embora? – Kathe se pôs de pé, como se uma faca tivesse entrado em suas costas.

– Pegou todos os trapos que ele juntou na vida e está deixando a propriedade... Aquele bastardo, covarde.

– Pare – Kathelyn cuspiu como um soco –, não o ofenda, se ele vai embora, dou graça a Deus e digo que esperto é. Demonstra ser muito mais racional do que qualquer nobre com suas questões de vida e morte. Como se a vida valesse menos que um par de botas. – O conde aproximava-se a passos lentos com o rosto vermelho, os olhos saltados e com a boca presa em uma linha reta.

– Kathelyn, pare – pediu a sua irmã.

– Não, Lilian, eu quero deixar claro e sei que é melhor fazer isso agora. Não me casarei com Belmont, se ele não vier aqui antes do horário deste maldito duelo que não ocorrerá e confesse que caiu em si e que percebeu o crime que estava prestes a cometer... Sem isso, não casarei.

O conde deu uma gargalhada que fez tudo estremecer na sala.

– Casará-se com ele, mesmo que tenha que ir amarrada e arrastada para o altar. Não será a primeira desmiolada da história a rechaçar um duque e arrastar-nos para a ruína. Não tem escolha, está decidido.

– Que eu saiba, nessa sociedade nojenta, ainda resta alguma dignidade para a mulher. Mesmo que chegue aos pés do altar amarrada preciso pronunciar as palavras, eu aceito.

O conde, envolto em uma fogueira de fúria, soltava brasas pelos olhos. Agarrou o braço de Kathelyn com tanta força que a queimou e cuspiu fogo arrastando-a pela sala.

– Se ele ainda a quiser depois da cena de hoje, você casará. Aprenderá o seu lugar e o fará agora. – Ela reclamou da força com que o pai a sacudia. O conde continuou: – Não tem escolha, o contrato de casamento foi assinado há meses atrás. Está comprometida, amarrada e entregue perante a lei.

Os céus desabaram e o mundo abriu-se em um buraco sem fim. Tudo dentro de Kathelyn foi sugado para o vazio.

Até aquele momento ela tinha certeza de que Belmont irromperia as portas da casa, como um cavaleiro dourado e afirmaria que a única coisa que importava era ela e mandaria ao inferno duelos, convenções e normas. Porque a felicidade deles era mais importante que qualquer regra, ou honra, ou imagem.

– O quê? – ela conseguiu dizer.

– É isso o que ouviu, senhorita, está tudo assinado há meses, desde que ele começou a lhe cortejar, já era por direito seu senhor. – Kathelyn abafou um grunhido com as costas das mãos. Lilian estava pálida. O conde ofegava. Todo o horror que ela levou durante anos de ser tratada como uma mercadoria estava ali, escancarado em sua vida. O mundo gritou no vermelho que nascia de dentro:

– Essa é a ridícula maneira como são tratadas as mulheres. Como éguas em leilões, como cabras incapazes de pensar por si só. – O conde ainda a segurava, ela disse entre os dentes. – Como seres frágeis que não podem abrir a boca sem que alguém as ordene ou comande. Não comigo, não em minha vida. Não casarei, prefiro o exílio, o convento, a forca, a morte a ser tratada como um bicho incapaz de se orientar. Sou um ser humano e tenho direito de escolher com quem vou dividir meu leito, minha vida. O pai apertou mais a mão em torno do seu braço, ela disse com voz presa pelo choro. – Belmont é um monstro... Como pôde? Sabendo o horror que eu levo disso como ele foi capaz de me negociar? – perguntou para si mesma.

– Kathelyn, basta – disse a irmã com ênfase. Ela talvez enxergasse o que Kathelyn não via, o pai que parecia levar toda a raiva do mundo dentro dele.

– Vou lhe dar agora a educação que por fragilidade não dei quando era criança e veja no que resultou; é um desastre, é uma vergonha para mim, para a sua mãe e para sua irmã.

– Não! – gritou Lilian desesperada. O conde agarrou Kathe pelos braços, pelo cabelo, pelas mãos, pelas pernas e a puxava com uma fúria determinada.

Lilian chorava e Kathelyn disse com a voz mais firme de sua vida:

– Basta! É para o quarto que quer me levar?

O conde, transtornado, continuou arrastando-a de todas as maneiras.

– Eu vou andando – ela berrou.

Ernest soltou uma mão, então a outra. Ele respirava com o peso de dez homens. Ela ergueu-se, com todo o orgulho capaz de manter. Olhou para irmã que desmanchava-se em lágrimas.

– Não, pai, por favor, não faça – ouviu Lilian soluçar.

Kathelyn respirou fundo e ignorando as pernas trêmulas, foi caminhando com a rigidez de uma rainha.

O conde dentro da correnteza de raiva que o arrastava. Cego, surdo e não mudo gritou:

– Para o seu quarto.



Kathelyn já aguardava na posição que sabia, ele ordenaria ela assumir. Dobrada com as nádegas expostas como um animal.

Esperava sentir o queimar da palmatória. Lembrava as duas vezes que foi castigada com ela em sua vida. O pai, por mais louco que estivesse, nunca perdia o controle. Ela estava preparada para sentir a dor que lembrava. Ouviu a porta abrir e fechar. Ouviu uma respiração brusca atrás de si. Escutou o seu pai dizer e não reconheceu aquela voz.

– Acho que sempre fui muito frouxo com você... Olha o resultado. Lê e estuda como um homem, fala como uma perdida. Você entenderá que aqui nesta casa existe uma hierarquia e aprenderá a obedecê-la.

Então, algo rasgou o ar.

Tudo no mundo se desfez.

Somente a dor era real. Aquilo não era a palmatória. Mordeu os lábios com força. Não queria gritar. Sentiu as lágrimas encherem os olhos e escorrerem por todo o rosto e no tecido da cama onde estava apoiada.

– Será a esposa mais submissa deste reino – o ar foi rasgado outra vez pelo zumbido e veio a dor da carne que ela sentia não resistir.

– Nunca – disse entre dentes.

– Vai se casar e será a noiva mais realizada que já se viu. – Outro corte no ar e outro corte em sua alma abriu-se.

– Nunca – saiu mais como um soluço.

– Irá me respeitar e ao seu marido como é devido.

Já não restava ar a ser cortado, nem força que pudesse recorrer para não gritar. Gritou:

– Só respeito quem me respeita. Vocês não me respeitam. – Achou que disse, não teve certeza.

Seguiu-se ar sendo desmantelando e gritos que sempre negavam e negavam, até não restar fôlego, nem força, só lágrimas.

Por mais incoerente que aquilo pudesse ser, em algum momento ela já não chorava pela dor da surra. Chorava porque a única pessoa que ela queria que a salvasse daquela tortura, que a levasse embora para um mundo longe de tudo aquilo, era um rosto que vinha e voltava e imergia de dentro sem que ela concedesse. Era o rosto do homem que ela queira odiar naquele momento. Era o rosto de Arthur.

Depois de tantos zumbidos no ar e tantos cortes de gritos sufocados que pareciam não levar fim, a casa toda estava gritada e ninguém mais sabia o que era paz.

O conde despencou com a cabeça entre as pernas, chorando como um menino desolado do paraíso para o inferno que ele mesmo criou e regeu.

Kathelyn ainda sem ser ou saber levantou, abaixou as saias, passou pelo conde que ia infernado, sentado no chão. Andou com movimentos involuntários e saiu do quarto.

No pé da escada sua mãe e irmã levaram as mãos à boca ao vê-la sem cor em pele nenhuma. Com risco de sangue nos lábios, vermelhos de tanto morder para não gritar, falhou o joelho uma vez e quase caiu uma segunda vez. Antes de alcançar os degraus da escada, Kathelyn desmaiou.

ARTHUR NÃO ESTAVA MENOS TORTURADO. ENTROU NA carruagem obcecado de raiva. Queria matar o homem que Kathelyn dizia amar como irmão, como amigo, como inferno.

Durante o percurso para casa só conseguiu assistir a morte desse homem, que se tornava mais fria e cruel conforme ele ouvia Kathelyn dizer que o amava.

Mataria-o e esqueceria essa angústia.

Kathelyn seria somente dele e logo não se lembraria dessa história.

Ela podia estar falando a verdade.

Acreditaria nisso.

A ideia de terminar o compromisso com ela era inconcebível. Só por isso mataria.

Como se ao matá-lo pudesse lavar todo o pecado e toda a suposta traição.

Em que tipo de alucinado ele havia se convertido?

Quando matar se tornava uma necessidade para fugir da solução de romper um noivado, o que isso significava?

Preferia matar ou morrer a perdê-la?

Sendo verdade o que ela falou ainda assim precisaria matá-lo?

Talvez Kathelyn tivesse razão.

Talvez isso fosse uma loucura.

Ela era uma loucura em sua vida.

Dentro de si.

Lembrou da conversa que teve com o Tio, logo que assumiu o noivado. Será que o que o seu tio falou sobre Kathelyn, era verdade?

Não. Não queria acreditar nisso.

Queria acreditar no que ela falou. Precisava acreditar no que Kathelyn falou... porque... porque... estava apaixonado. Engoliu em seco. Sentiu os músculos tencionarem diante da ideia.

Olhou para fora e viu uma vendedora de rosas vermelhas. Ele levava rosas vermelhas todos os dias para ela.

Kathelyn tornara-se quase... substancial? Lembrou do dia em que ela falou das rosas.

Passeavam em um jardim, durante um chá realizado na mansão do conde de Portland.

O amigo era conhecido por amar e admirar as rosas. Possuía o jardim descrito por todos como o éden das flores. Especialmente as rosas despencavam de todas as espécies, como cerejas cheias em cachos petalados. Vindas de terras variadas. Era um espaço roubado do tempo, onde tudo ficava colorado de aroma. Kathelyn estava iluminada. Ele, naquele dia, iludido por tantas flores, não se deu conta em absoluto que era ela quem enchia o ar, ditava a beleza e consumia todas as rosas com a sua risada. Kathelyn tinha cheiro de rosas. Ele soube que eram elas que iam atrás dela e não o contrário.

– Isso aqui é alguma coisa mágica – ela disse entre as roseiras naquele dia.

– Não, Kathelyn, você é mágica – ele quis responder de dentro da carruagem, na sua lembrança. Naquele dia há pouco mais de um mês, ele apenas sorriu embasbacado, como não poderia estar?

– Eu amo as rosas – ela continuou –, não são perfeitas?

– Se assim acredita – ele disse. – Nunca as analisei dessa maneira. – As rosas para Arthur cumpriam um papel: alegravam as mulheres, as suas amantes, ex-amantes. Só isso. Nunca havia parado para olhá-las ou mesmo para dissertar sobre uma rosa. Nunca nem mesmo havia as cheirado direito. Sim, claro que conhecia o cheiro. Era cheiro de rosa. Agora, era cheiro de Kathelyn.

– São as minhas prediletas, as vermelhas, é claro.

– E por que as rosas?

– Olhe – ela apontou para uma –, venha aqui. – Então, desafiando o decoro ela pegou a sua mão e removeu a luva. Devagar dedo a dedo. Uma peça apenas. Sem ter ideia do quanto aquilo era sedutor. Sentiu-se descontrolado e incomodado. Como era possível ficar excitado, por ter uma luva removida em meio a um jardim? Em meio a um chá? Em meio a tias-avós e, Santo Cristo, era somente uma luva.

– Feche os olhos – ela disse, então ele sentiu a mão dela guiar a sua até a rosa.

E continuou levando-o a acariciar as pétalas com os dedos. Como se tratasse de um ato de devoção.

– É como a pele humana, percebe?

Em seguida, o fez tocar a parte interna do pulso dela com pequenos círculos.

Cristo. Ele estava tremendo? Guiou a sua mão até a rosa outra vez.

– Vê? São iguais, acho isso tão fascinante.

A boca estava seca. O ouvido zumbia e ele controlava-se para não respirar como se tivesse corrido três léguas. Uma luva. Um toque no pulso. Em uma porção minúscula do pulso dela e não nos tornozelos ou no pescoço. O efeito foi desconcertante e abrasador.

Ela continuou sem se dar conta do que fazia nele.

– As pessoas acham que a rosa é comum demais. Preferem a raridade das orquídeas ou a fragilidade das camélias. O que me intriga nisso é que ela é perfeita, e por ser perfeita, todos a querem. Então, quando a possuem, ela passa a ser vulgar. Comum. Não é engraçado isso?

– O quê? – ele mal ouviu. Só conseguia olhar para os lábios dela e comparar com a cor das rosas e com a textura das pétalas.

Só conseguia precisar da boca dela.

Kathe continuou. Ele deu graças a Deus por ela sempre ter o que falar e assim distrai-lo. Podia tentar esquecer a incômoda pressão nas calças. Por sorte, ela estava de lado para ele, olhando fixamente ao jardim.

– Assim é o homem – ele disse.

– Quando possui algo deixa de admirá-lo?

– A maioria.

– Passa a achar vulgar o que desejou?

– O entusiasmo da conquista, depois o aborrecimento da mesmice.

– Eu penso que somos todos tolos.

– É mesmo, senhorita? – Por fim, ele conseguia voltar a respirar um pouco melhor. – E por quê?

– Deixamos de ver a beleza e singularidade das coisas só pelo fato de já termos alcançado-as. Que tolice.

– Então, por isso admira as rosas?

– Não, nada com essa filosofia talvez exagerada, apenas as acho perfeita... Olhe de verdade para qualquer uma delas – ela disse.

Ele, em um silêncio contemplativo, pela primeira vez em sua vida, viu de verdade uma rosa.

– Enxerga? Todas as curvas que ela desenha para abrir? – Kathelyn abrindo-se para ele. Foi impossível não traçar um paralelo. – É como uma dança – a dança dos lábios dela ao falar –, parece que todas elas estão aguardando o tempo certo de uma música para mostrar-se ao mundo. – “Mostre-se para mim, Kathelyn.” – E então, acontece – ela prosseguia hipnotizada.

– No intervalo entre as escalas, na pausa da respiração, quando menos se espera. É quase imperceptível a dita espera. Elas se soltam e valsam sem medo exibem a essência guardada – ela suspirou. – Nunca serão vulgares. – Ele já não olhava para rosa alguma e não respirava bem outra vez.

– Ahn – pigarreou –, é uma poetisa a senhorita?

– Não, apenas gosto das rosas.

– Das vermelhas?

– De todas, mas as vermelhas me atraem.

– Atraem?

– É claro.

– Claro?

– O vermelho do sangue, que é vida. O vermelho do coração que é para mim como uma rosa.

– É mesmo? – ele tentava em vão tirar as imagens de Kathelyn deitada e nua em uma cama coberta de pétalas e tentava manter-se atento ao que ela falava.

– Feche o coração e privará o mundo da beleza de sua essência.

– Acho você uma beleza.

Ela corou e deixou as rosas ainda mais rubras.

– O vermelho da coragem, da motivação, da força – Kathe abaixou a voz –, da paixão e do amor.

Foi o fim da linha para ele.

Agarrou-a com um desespero louco, e beijou-a como um imprudente. Alheio a qualquer audiência que sabia existir.

Beijou-a até estarem os dois sem fôlego. Até ele querer jogá-la no meio das roseiras. Não. Haveria os espinhos. Entretanto, beijou-a até ela estar ainda mais rosada do que o jardim. Até ele ter o corpo todo doido de necessidade. Até ela pedir sem ar que ele se detivesse.

Levava os olhos arregalados e brigava com boca pelo direito do ar.

Arthur viu a poucos metros duas matronas da sociedade abanando-se ultrajadas com seus leques. Como se pudessem desmaiar. Ele encarou-as com o olhar que só um duque como ele podia e sabia fazer. Sustentou o desafio, até que as senhoras escandalizadas não puderam fazer mais nada que deixar, quase assustadas, o jardim.

Os dois riram abraçados e voltaram a se ocupar das pétalas nos lábios.

Não devia se importar com mais nada. Nem com suposta traição, nem com duelo, nem com o que falassem dela ou dele. Quase tudo era esquecido, relevado quando se é um duque. A pergunta era: ele seria capaz de esquecer essa história? Não sabia. Entretanto, tinha uma única certeza, não seria capaz de esquecê-la. E somente por essa certeza, acreditar na inocência de Kathelyn não era uma opção, era uma necessidade.

KATHELYN ESTAVA DEITADA DE BRUÇOS NA SUA CAMA, sentindo a dor pela surra que competia com a dor pela recém-descoberta atitude de Belmont. Tinha acabado de ler uma carta que Steve deixou para ela, junto às seis casinhas de música prometidas. A Sra. Taylor preparava um banho com ervas medicinais no quarto ao lado. Ouviu duas batidas na porta.

– Entre – disse enxugando as lágrimas.

– Oi, querida, como você está? – era a sua prima Florence.

– Oi – ela disse dobrando a carta. – Estou machucada.

– Eu sinto tanto, Kathelyn, o seu pai, o Conde, perdeu a cabeça, minha mãe disse que ele fez as malas e partiu para Clifford Hall. – A mãe de Florence era a irmã mais nova de seu pai. Sua tia.

Kathelyn olhava a carta em silêncio e não respondeu.

– Minha mãe disse que seu pai fugiu com medo da reação de Belmont ao descobrir o que ele lhe fez.

Kathelyn sentiu-se trêmula, além da dor física existia a dor moral. Ela não queria estar tendo essa conversa. Nem com Florence, nem com ninguém. Muito menos com Florence.

– E vocês? Achei que tinham ido embora junto a todos. – Foi o mais simpática que conseguiu.

– Eu não podia ir embora sem lhe dizer adeus. – A prima fez uma negação com a cabeça. – Já está tudo pronto, vamos logo em seguida.

– Obrigada – Kathelyn gemeu de dor.

– Quer ajuda com algo?

– Não, obrigada.

– E... Bem, e o duque? Vocês se entenderam, não é mesmo?

Kathe respirou fundo algumas vezes e disse:

– Ele acredita que terá o duelo dele e que seremos felizes depois disso... Eu já não sei de mais nada.

– Então seguem noivos?

- Sim, creio que sim – Kathelyn disse depois de conter outro gemido de dor.
- Quem bom, minha querida, ele realmente deve lhe amar e...
- Com licença, senhoritas – era a Sra. Taylor, junto à donzela de quarto.
- Kathelyn, o banho está pronto – Elsa disse e se aproximou. Ela e a donzela ajudaram

Kathelyn a se erguer.

- Estimo as melhoras – disse a prima quando as mulheres deixavam a habitação.

Kathelyn não viu que quando se afastava, os olhos da prima Florence, iam postos na carta dobrada em cima da sua cama.

– ELE NÃO TEVE A DECÊNCIA DE ME PROPOR ANTES DE assinar o contrato.
– Kathelyn estava deitada de bruços na sua cama. A Sra. Taylor tinha acabado de passar um creme de arnica para aliviar a dor da surra matinal.

– Você o aceitou, Kathelyn, Belmont não a forçaria a se casar contra vontade – disse a Sra. Taylor da poltrona em que estava sentada.

– Ah, Não? Tem certeza? Que escolha ele me deixa quando o contrato foi assinado?

– Não é bem assim, Kathe – disse a irmã que vinha sentada no chão e passava a mão em seus cabelos.

– O que dói mais do que a surra é a traição do homem que eu acreditei ser diferente, eu acreditei que Belmont se importava comigo.

– Mas ele se importa – disse Lilian. – Não fale besteira, Belmont é o cavalheiro mais dedicado que eu já vi, ele a idolatra. – A Sra. Taylor, terminou o curativo e ajudou a baixar as saias de Kathelyn.

– Não, ele não pensou nem por um momento em como eu me sentiria ao descobrir... Porque é obvio que isso viria à tona, mais cedo ou mais tarde.

– Pense bem, é assim que os cavalheiros agem. É essa a tradição, Kathe, o duque não cometeu nenhum crime. Não fez nada diferente do que qualquer cavalheiro faria ao lhe cortejar.

– Não, Lilian, ele não fez nada de diferente e esse é o problema. Eu nunca quis ser cortejada por alguém assim.

– Não fale isso, sei que Belmont lhe fará a dama mais feliz de toda a Inglaterra. Ele a mima como se fosse uma criança. – A Sra. Taylor serviu uma xícara de chá.

– E o pior – disse Kathelyn arrumando a almofada embaixo da barriga – é que mesmo tendo sido tratada como uma égua... eu... eu não quero cancelar o contrato, mesmo se pudesse... acho que não faria, simplesmente porque o meu coração idiota resolveu se apaixonar por um cínico, dissimulado, manipula...

– Kathelyn! Pare agora mesmo ou eu me encarregarei de fazer com que seu traseiro queime por um mês mais – ameaçou a Sra. Taylor.

– Steve me deixou uma carta no meu quarto, como costumava fazer – era Kathelyn outra vez. – Ele deixou o endereço de onde posso encontrá-lo, caso precise de ajuda...

– Desde quando Steve entra em seu quarto? – Elsa perguntou.

– Fazia isso quando éramos crianças... – disse Kathelyn. – Deixava presentes ou bilhetes na minha penteadeira. Nunca mais havia feito algo assim. Talvez ele não volte mais... – Kathelyn correu os olhos pelo chão e disse: – Elsa, você encontrou uma das páginas da carta de Steve, só consigno achar a primeira.

– Não, não vi.

– Por sorte o endereço era curto e gravei de cabeça – Kathe suspirou –, com toda essa confusão, ninguém está com cabeça para nada.

– Belmont deve aparecer em breve, pense no que falará a ele sobre a surra. Não queremos outra briga, não é? – perguntou a Sra. Taylor.

– Direi a verdade e eu nem sei se ele vai se importar.

– Kathe, claro que vai se importar. Sei que ele será um bom marido – Lilian afagava a sua mão.

– Será?

– Converse com Belmont, tenho certeza que vocês se entenderão – era Lilian quem a consolava.

– Sim, conversarei, você me conhece, sempre tento resolver as coisas com todos... Quem dirá com o homem que eu... que eu...

– Ama? – Lilian perguntou. – Você o ama, Kathe?

– Apesar de tudo – suspirou. – Não escolhemos isso.

– Ah, que romântico... Terá o seu casamento por amor, não percebe? Pode não ter vindo exatamente com planejava, mas aí está...

– Deus lhe ouça.

– Sim, minha irmã – Lilian beijou as suas faces. – Eu sei, será tão feliz. Sei que Belmont se já não a ama, poderá lhe amar.

– Não acho que ele me ame, se amasse não teria feito o que fez.

– Talvez justamente o fez porque lhe ama e não quer lhe perder – disse Lilian.

– E se não ama, você fará com que ame – a Sra. Taylor arrumou o serviço de chá.

– Como?

– O que você quer, que não consegue? – A preceptora descontraiu-se um pouco. – É a pessoa mais obstinada que eu conheço.

Todas riram esquecendo por um breve momento o clima de guerra, contratos, duelos e surras.

O DUQUE ESTAVA TRANCADO EM SEU ESCRITÓRIO, LENDO. Já havia decidido como agir. Portanto, não tinha motivo para sentir-se tão tenso. Mas, estava.

Afinal, enfrentaria um homem em um duelo.

Depois tentaria esquecer toda essa história de traição e tentaria ser feliz junto a Kathelyn.

Manteria-se concentrado nela.

Ouviu chamarem à porta.

Não! Não estava com disposição para receber ninguém.

– Com licença senhor – era o senhor Tremore, seu mordomo. – Tem uma dama à sua porta, e apesar de ter dito que o senhor não receberia ninguém, ela insistiu muito. Disse que veio falar sobre... ahn... – O mordomo pigarreou e continuou: – Sobre um assunto particular.

– Quem é?

– Não quis se identificar, apenas falou que era urgente e que era um assunto que seria do vosso interesse.

Ele bufou. Levou as mãos cansadas até os olhos ainda mais exaustos e disse:

– Peça para ela entrar.

– Boa tarde, excelência. – A jovem magra demais para ser considerada atraente fez uma genuflexão.

Ele a olhou em silêncio. O que ela fazia ali? Lembrou-se das escassas conversas que teve com ela. A última estavam próximos ao lago em Milestone House. Kathelyn corria junto a dois primos menores. Jogavam bola. Florence, naquele dia disse:

– Assim, quem a vê, jura que ela será tudo menos uma duquesa – a jovem riu e continuou: – Olhe, até a barra do vestido vai suja de lama. – Belmont naquela tarde, não olhava para barra de vestido algum. Olhava sim, para o brilho nos olhos de sua noiva, para as faces vermelhas e para o sorriso dela, capaz de curar até um moribundo. Naquele dia, ele respondeu:

– Será a melhor e mais bela duquesa já vista.

Será? – questionou-se em silêncio enquanto ainda encarava a dama à sua frente.

– Desculpe, sente-se, por favor – disse após perceber que se perdeu nos pensamentos.

– Ahn... excelência, me perdoe sei que... bem, na verdade estou fazendo isso em nome da decência e da moral. E da honra de um voto tão sagrado como o casamento é que eu... bem eu... – Ele notou que a mulher mal conseguia respirar.

Belmont, não estava com paciência para nada.

– Diga logo, pelo amor de Deus.

– Desculpe – ela engoliu em seco e tirou uma página de papel dobrada de sua bolsinha. Disse: – Kathelyn deixou em cima de sua cama... eu não ia ler, mas quando ela saiu do quarto a carta caiu e eu peguei, apenas para devolver – a jovem apertava o papel na mão, parecia nervosa. Continuou: – Então, eu vi o seu nome e acabei lendo. Sei que é errado... mas, creio que muito mais errado é o que ela... eles pretendem fazer.

– Dê-me a carta, senhorita – ele disse entre os dentes.

– Sim, claro. – A jovem estendeu o papel e Belmont pegou sem hesitar, apesar de sentir-se trêmulo por dentro.

Leu.

Então, querida Kathe sardenta, não vou me despedir. Direi no lugar um até logo. Caso resolva deixar o duque de Belmont plantado no altar a sua espera, deixo o meu endereço. Se quiser ou precisar escapar dessa vida... Prometo-lhe um mundo de aventuras. Ou então... seja tão feliz como puder e não deixe que ninguém leve embora a luz do seu olhar.

Nunca a esquecerei.

Com amor,

Steve Ferrel

Rua 23, casa 11 Amsterdã –Holanda

Ele viu tudo negro. Tudo estava tingido de forma sem cor. Nada mais respirava ou se movia. A vida se esvaiu diante da certeza da traição de Kathelyn.

Fechou os olhos e amassou a borda da mesa com as mãos. Respirou tanto quanto era possível. Ouviu.

– Excelência, posso... posso fazer alguma coisa?

Havia uma pessoa sentada à sua frente. Ele não estava sozinho. Era a prima de Kathelyn.

– Por favor, senhorita, pode ir embora, obrigado – disse no tom de voz mais natural que conseguiu e mesmo assim pareceu um animal ferido.

– O senhor Ferrel foi embora, portanto, não haverá o duelo, a fuga dele para mim, é uma confissão de culpa declarada.

– Já entendi isso, agora, por favor, levante a senhorita, e vá embora – ele ainda estava de olhos fechados.

– Podemos dar um passeio pelo parque... posso, posso lhe ajudar a se acalmar.

Ele levantou empurrando a mesa com um estrondo. Florence deu um pulinho para trás.

– Eu não quero me acalmar, senhorita, e quero sim, que vá embora e me deixe em paz.

A jovem levou as mãos até a boca como se estivesse horrorizada diante da sua grosseria. Levantou, fez uma reverência e saiu.

APESAR DO ESGOTAMENTO FÍSICO E MENTAL, KATHELYN SÓ conseguiu fechar os olhos quando o dia ameaçava criar raízes no céu.

– Kathelyn. – Era a voz abafada da Sra. Taylor. Ela com esforço abriu os olhos. Estava com a sensação de ter acabado de dormir. Enxergando com alguma dificuldade, os olhos tinham areia, ela viu o rosto da preceptora.

Elsa estava lívida, como se houvessem se apresentado diante de si todos os fantasmas penados do mundo.

– O quê? – a voz saiu fraca.

A Sra. Taylor fez uma negação com a cabeça.

– Eu sinto muitíssimo.

– O quê? – Kathelyn jogou as mãos sobre a boca. – Alguém morreu?

– Não... apenas... leia.

Elsa estendeu um jornal e Kathelyn percebeu que a voz da sempre implacável senhora, vinha entumecida. Com um horror que impregnava os músculos ela pegou ao jornal.

A preceptora tocou trêmula na nota central.

O mundo girou conforme os olhos se apoderavam das letras. Tudo confundiu-se ao redor. Os sons em preto e branco eram impressos e gritavam no papel. A claridade distribuía o fundo das palavras. As mãos esmagaram o folhetim. Os olhos lacrimaldos de incerteza percorreram duas, três vezes a mesma notícia.

– Como? – ela perguntou sem nem perceber que falava.

– Não sei – respondeu a preceptora.

– Deve haver algum engano... ele... não seria capaz.

– É o mais respeitado folhetim do reino, não creio senhorita.

– Não! – ela gritou com um soluço estrangulado. – Ele não seria capaz. Não dessa maneira fria e cruel, ele não faria isso.

– Eu sinto tanto, Kathelyn.

– Não, eu não acredito. Eu sei que nunca faria, não assim. – Ela jogou o jornal como se as páginas a tivessem mordido e a Sra. Taylor abraçou o corpo convulsivo de choro incrédulo,

indignado.

No canto jogado no chão, o jornal exibia a nota oficial sob o selo de Belmont do término do seu noivado com a Srta. Kathelyn Stanwell. Sem qualquer explicação que justificasse tal ato.

Após alguns ecoados soluços o quarto aquietou-se. A Sra. Taylor ainda a abraçava.

Kathelyn disse:

– Se isso for verdade, o meu pai vai me matar.

– O seu pai depois que lhe castigou fez uma mala às pressas e saiu de casa dizendo que visitaria Clifford Hall e que só o esperassem de volta dentro de uns cinco dias.

– Eu sei... Florence me falou, e a minha mãe?

– Ela ainda não se levantou.

– Me ajude, Elsa – Kathelyn jogou os pés para fora da cama sentindo a dor da surra.

– O quê? O que pensa fazer?

– Vou até a casa de Belmont, creio que tudo isso deve ser algum engano... Após a cena de ontem eu já não tenho certeza de nada. – Respirou fundo duas, três, quatro vezes. – Mas, se não for um engano, ao menos terei o prazer de cuspir na cara dele.

Seguiram para Londres ela, a Sra. Taylor e Jonas. O caminho de quase uma hora, foi feito em um silêncio cavalado pelo ritmo do veículo e pela tensão galopada no ar. Quando se aproximavam, Jonas disse com um brilho de satisfação nos olhos:

– Se isso for verdade, senhorita, autoriza que eu o mate?

– Não, Jonas, não autorizo. – O rapaz fechou a cara outra vez.

– Me esperem aqui – ela disse abrindo a porta da carruagem.

Subiu os degraus com a pose de uma dama orgulhosa. Ergueu os ombros, levantou o queixo, bateu na porta da casa como se fosse convidada.

Bateu algumas vezes a mais.

A breve espera evidenciou aquilo que ela tentava em vão afastar. As mãos tremeram um pouco, ela sentiu uma fina camada de suor cobrir a testa e um frio cobriu todo o estômago. Se o coração não estivesse estilhaçado, ela poderia dizer que ele doía. Por fora, ela se mantinha erguida.

A porta abriu, era o senhor Tremore, o mordomo de Goldengate House.

– Srta. Stanwell – o homem que a conhecera nos dias em que passou lá, fez uma reverência impecável.

– Bom dia, Sr. Tremore. A sua graça, o duque, por favor.

O mordomo olhou para baixo e então para os lados e ainda sem olhá-la nos olhos respondeu:

– Sinto muito, senhorita, a sua excelência o duque não se encontra.

– Tudo bem... por uma alegre coincidência, eu tenho o dia livre hoje. Eu o esperarei – disse recolhendo as saias no intuito de entrar.

– Senhorita, o duque não retornará.

Ela que dava dois passos para dentro da casa deteve-se.

– Não retornará cedo?

– Não nos disse quando retornava.

Ela tentou sorrir e manter o ar despreocupado.

– Eu espero mesmo assim... Preciso muito falar com ele – notou a expressão sentida do mordomo.

– Ele partiu, senhorita.

– Partiu?

– Sinto muito, ele deixou Londres.

– Deixou Londres?

– Receio que deixou a Inglaterra.

– A Inglaterra? – Ela, sem perceber, repetia as frases como uma criatura inepta.

– Sinto muito, não nos disse onde ia. Apenas que deixaria o país por tempo indeterminado.

– Por tempo indeterminado... – Tudo ficou escuro. Segurou, orgulhosa, no batente da porta. Respirou fundo algumas vezes, não desmaiaria como uma dama afetada. Nunca foi disso. Ergueu o olhar e encontrou um consternado mordomo.

– Entre, por favor, senhorita, deixe-me oferecer um chá ou uma água.

Ela anuiu desnorteada e deu alguns passos para o interior da casa. Antes que o mordomo saísse, ela perguntou:

– Você já leu, não é verdade?

– Sim, senhorita, sinto muito. – Kathelyn fechou os olhos.

– Ele ao menos falou alguma coisa, explicou, disse qualquer coisa?

– Ele nunca faz, senhorita.

– Sei. – Ela voltou a encarar o mordomo.

– Chegou em casa ontem, entrou na biblioteca, arremessou livros. Não, primeiro recebeu a uma dama e logo em seguida arremessou os livros. Inclusive alguns objetos de sua coleção contra as paredes. Só saiu algumas horas depois, estava muito... ahn, bêbedo. Então, ordenou que arrumassem as suas coisas, pois ele iria partir. Antes de o sol nascer ele deixava a casa junto com Scott e creio que então, tenha ido ao jornal antes de... – o mordomo estava vermelho de puro constrangimento – de deixar a cida...

– Ele não falou comigo – Kathe o interrompeu. – Ele não disse nada... Eu não sabia de nada. Como poderia saber? Em um momento estava tudo entendido e então... Desculpe, senhor, não tem nada a ver com isso e ainda é o seu patrão, não é verdade? Apenas, por favor, se

o senhor entender ser possível. Caso o veja alguma outra vez na vida, que creio, o fará. Diga a ele que nunca mais... – Respirou fundo engolindo a massa do choro na garganta e concluiu: – Que ele nunca mais se aproxime de mim, porque se o fizer, eu o matarei. – Sorriu com os lábios incertos e fez uma genuflexão ao despedir-se.

Entrou na carruagem e disse uma única frase:

– De todos os defeitos que um homem pode ter, Belmont tem o pior deles, é um maldito covarde.

Mas ela não era. Nunca foi uma covarde. Enfrentaria de queixo erguido o furacão que sabia, entrara em sua vida.

Entendeu tudo muito rápido. Ele não acreditou em uma única palavra que ela deu sobre a cena envolvendo ela e Steve.

Então, de maneira fria, sentindo-se traído, em nome do seu falso orgulho – covardes não possuem orgulho real – ele armou a sua vingança em dois atos.

O primeiro, a conversa, os insultos na biblioteca.

Ele planejou e executou aquilo que declarou antes, seria a sua destruição. Lembrou das palavras duras e geladas do duque:

– “Você crê não precisar dessa hipocrisia enquanto ela é sua amiga, Kathelyn, no momento em que ela lhe vira a face e mostra sua fealdade, entenderá que por mais que corra, ela acaba lhe engolindo viva.”

Belmont a entregou para ser comida viva. E descreveu a receita de como seria devorada, com um cruel prazer.

Ela não se entregaria, não sem antes lutar.

O erro da estratégia de Belmont é que não seria apenas Kathelyn que cairia, e sim, sua inocente irmã e toda a sua família. Não se entregaria sem lutar. Lutaria até a última gota de sangue secar em suas veias.

Dois dias depois vestiu-se com a sua armadura – um fabuloso vestido de baile. Abatida pela dor presente da surra e da traição, ela seguiu. Enquanto a sua mãe chorava em desespero pelo o que ocorrera, a sua irmã implorava para que ela ficasse em casa, pelo menos por alguns dias.

Ela e sua fiel preceptora partiram para um baile concorrido, apesar do fim da temporada.

– O que pretende ao fazer isso? – Elsa perguntou quando a carruagem parou na entrada da mansão onde se daria o baile.

– Enfrentá-los... Me acovardar e ficar em casa agora é o mesmo que assinar a minha culpa – respirou fundo e disse: – O faço por Lilian. Muito mais por ela do que por mim.

Na entrada foi anunciada como de costume. Apoiou a mão na curva do braço da Sra. Taylor, respirou fundo e ergueu a vista para o salão.

Os lustres de Cristal estavam lá. As portas francesas erguiam-se por toda a extensão exibindo o jardim. A orquestra ainda não havia começado a tocar. Então, era de se esperar o usual burburinho das conversas, sempre presentes em tais situações. O conversar não estava presente. Tudo ficou silenciado através de olhos acusadores.

Os mesmos olhos que a dissecavam com invejosa admiração, a reconheciam cortinados de desprezo. Cobriam-na com uma fria indignação. Ela sentiu as pernas falharem. Tentava se convencer em vão de que aquelas pessoas não lhe importavam a mínima. Só não retrocedeu e voltou ao vestíbulo correndo em uma envergonhada fuga, porque era orgulhosa ou ingênua demais. Afinal, tinha apenas dezessete anos. A Sra. Taylor, com mais que a idade dela de experiência em lidar diante das feras da aristocracia, apertou o seu braço em um gesto de apoio.

– Kathelyn – a preceptora sussurrou no seu ouvido. – Agora que estamos aqui, mantenha-se firme. Ela seguiu o conselho mesmo sem sentir o corpo e sem conseguir pensar em nada a não ser em escapar dali.

Avançaram pelo salão e conforme o faziam, as pessoas afastavam-se como se ela fosse uma praga. Como se somente a sua proximidade fosse um risco à saúde. Parecia que quem a tocasse, perderia os braços e as pernas instantaneamente.

Enquanto Kathelyn ganhava sem dificuldade, o espaço livre para ela. Atrás de si, o burburinho voltava. Ela tinha certeza, o mesmo fervia somente com o seu nome. Quando, enfim, alcançou um ponto mais isolado, recostou-se em uma pilastra. Mantendo-se fora da vista de todos.

– Eu acho que quero ir embora.

– Saiba, senhorita, que nunca em minha vida me orgulhei tanto de uma pupila – a preceptora disse com a voz firme. Elsa jurava ser imune a qualquer emoção porque as emoções eram inadequadas às damas. Não considerava as posturas obstinadas uma emoção. Também não constava na lista das emoções para Elsa, a fúria despontada por situações tidas por ela como injustas. Era capaz de passar por cima de um exército de malfeitores se alguém ferisse àqueles que lhe eram estimados e manter-se empertigada e elegante sobre a sua bengala.

Kathelyn piscou para espantar as lágrimas. Ela, que acreditou não precisar desse mundo, nem dessas pessoas para ser feliz. Estava sufocada. Sem ar pela dor do abandono de Belmont e pela maneira que ele encontrou de provar a ela que toda a sua vida, esteve errada.

Sim, talvez precisasse da aprovação desse mundo para estar em paz. Nem tanto por ela, tentava se convencer, e sim, por Lilian, por seus pais, pela Sra. Taylor.

Quem ela queria enganar?

Estava dilacerada porque o homem que ela amava a entregou para ser um brinquedo nas mãos, na boca da sociedade. Estava destroçada porque Arthur não acreditou nela.

– Esse baile é a coroação da minha ruína e da conseqüente ruína de Lilian... Mas, não vou me abater... Não vou.

Dizendo isso ela ergueu as saias e se deslocou para meio do salão. Foi sobre olhares cheios de uma repulsiva condenação. Ninguém, nem aqueles que diziam ser seus amigos. Nem mesmo dois ou três parentes que ela localizou entre os convidados, vieram lhe cumprimentar e oferecer apoio. A sua prima Florence, essa olhou-a com uma indiscriminada soberba e quando Kathe sorriu, em um pedido de ajuda, ela virou o rosto com o queixo empinado.

Olhavam-na com arrogante desprezo. Como se sempre soubessem que esse seria o seu fim e estivessem apenas aguardando por isso.

Quando havia se acostumado aos olhares que arrastavam-na para a força social e quando acreditou que o pior havia passado, notou Lady Somerset, a anfitriã da festa, vindo em sua direção.

– Srta. Stanwell – disse a mulher após cumprimentá-la com frio distanciamento –, desculpe-me, mas creio que houve algum engano – só então Kathelyn notou que ela vinha com dois criados, que a cercaram. – Não costumo receber em minha casa mulheres de sua classe. Por favor, senhorita, queira se retirar. – Ela olhou horrorizada para os lados e todos sem exceção, estudavam com um cruel interesse a cena.

– Acompanhem a senhorita até a saída, por favor, e se por acaso houver algum outro convite para qualquer atividade na minha residência, faça a gentileza de ignorar... Com certeza se trata de outro engano.

Kathelyn respirou fundo, engoliu o seco que vinha dentro da boca. Mordeu os lábios para não chorar.

Sentia uma espécie de torpor, como se tudo não passasse de um sonho. Como se pudesse acordar a qualquer momento. Ouviu de dentro dos rostos, entre nuvens e sons distorcidos a voz real da Sra. Taylor.

– Em anos como preceptora, eu nunca tive tanta certeza como tenho agora, que todos esses títulos de damas e cavalheiros, todos esses gestos afetados e normas rigorosas são vestes falsas e escondem pessoas mais sujas do que qualquer meretriz barata e mais cruéis do que assassinos sanguinários – bateu com a bengala no chão como se para evocar a força do que acabara de dizer. – Vamos – puxou o braço de Kathelyn que seguiu-a entre saias, nuvens de véus, olhares de monstros e línguas em um campo de batalha.

OS DOIS DIAS SEGUINTEs FORAM SUGADOS DENTRO DO mesmo torpor irreal. As notícias no jornal, aquelas que eram sutis, diziam que Kathelyn passou de futura duquesa a uma pária em apenas um dia.

As notícias dos veículos mais escandalosos, não por isso, menos lidos, contavam com sórdida ironia que Kathelyn continuava a ser a mulher mais desejada da Inglaterra, porém não como esposa e sim, na cama de todo cavalheiro, como amante.

O problema com o fim do noivado, anunciado como um espetáculo ao reino, não se dava tanto pelo fim em si. Mas, sim, devido às cenas de beijos e caricias protagonizadas pelo casal durante o compromisso. Pela fofoca inevitável do encontro dela, em roupas íntimas na companhia de outro homem. E claro, pela maneira nada parcimoniosa como Belmont declarou o fim do noivado. Quase uma acusação escrita da culpa e da desonra de Kathelyn. Antes ela era considerada corajosa, autêntica, cheia de personalidade e paixão pela vida e agora...

– Ela manteve três amantes ao mesmo tempo – disse Lady Herbert ao um grupo de pessoas enquanto passeavam no Hyde Park.

– Ele a seduziu logo que se conheceram, depois cansou-se, sabe como os homens perdem rápido o interesse por esse tipo de mulher leviana – ouviu-se no salão de baile de lorde Brooke.

– Dizem que ela era amante do filho de uma criada há anos e que flertava com todos os homens do reino, está grávida e necessita um marido com urgência – cantarolou uma voz feminina em um dos camarotes do teatro real.

– A mim nunca enganou, tenho um sentido apurado para esse tipo de mulher. Sabia que nunca seria uma duquesa, porta-se pior que uma mulher de vida duvidosa – outra voz feminina fez-se ouvir em um salão de chá em Mayfair.

– Temos que abrir os olhos, logo ela estará se atirando em cima dos homens casados, nossos maridos poderão ser os próximos a cair na teia dela – respondeu uma dama nesse mesmo salão.

– Estou louco para ter a oportunidade de levá-la ao mesmo altar que Belmont – uma voz masculina ecoou entre gargalhadas em um clube de cavalheiros.

– Aposto 500 libras que consigo convertê-la em minha amante – respondeu outra voz no mesmo clube.

Nesse dois dias ela foi amante e meretriz. Sedutora e seduzida, tola e ardilosa. Mentirosa e vulgar. Um perigo aos bons costumes e uma vergonha à classe.

Foi desejada e odiada mil, milhões de vezes e em posições diferentes.

Enquanto a condenavam, exaltavam e trituravam-na em todos os locais de Londres, a sua mãe bordava e chorava em um resignado silêncio. A sua irmã tentava trazer um otimismo náufrago a situação, onde não havia espaço para qualquer esperança. Não em relação a ela.

Entretanto, com o passar dos primeiros dias e o abrandar das emoções mais tumultuosas, Kathelyn entendeu que poderia viver reclusa em casa e não chamar a atenção sobre si e sobre os escândalos vinculados. Assim, com tempo, as pessoas a esqueceriam.

Lilian poderia ter a sua apresentação na sociedade. Ela seria lembrada como exemplo as damas que tentam aventurar-se e que devem manter a conduta esperada.

Com o tempo, sabia, seria esquecida.

Talvez, em alguns anos e se Lilian conseguisse um bom matrimônio, poderia voltar a frequentar os salões londrinos. Não que ela quisesse isso. Apenas considerava a possibilidade futura de sentar-se junto às matronas encalhadas. Então, fofocar sobre a vida alheia e invejar qualquer pessoa que desfruta um pouco de calor, paixão e aventura.

Cruzes.

Não. Jamais faria isso. Mas poderia, sim, ser feliz em Milestone House, junto a sua família, junto às pessoas a quem amava e ter uma vida mais simples, isenta de normas e exigências sociais. Logo mais partiriam para Clifford Hall. As terras do condado. Essas eram as duas casas que amava e onde cresceu.

Sim, ela poderia ser muito feliz desfrutando da vida como sempre acreditou, o faria. Cavalgar, andar descalça, cozinhar junto à Sra. Ferrel. Ler e estudar. Nadar no rio. Livre. Poderia ser feliz assim. Então, aproveitar os filhos que Lilian teria e os amar como se fossem dela.

Sentiu um aperto nas costelas.

Ela sempre quis ter filhos. Talvez isso não fosse mais possível, porém, poderia e encontraria a felicidade de outras maneiras e...

– Senhorita – era a sra Taylor –, o seu primo Rafael deseja vê-la.

– Peça para ele entrar – ela disse com um sorriso de alívio pousado nos lábios.

Rafael era o único parente que a entenderia, que a conhecia... Sempre o considerou, junto a Steve, como um irmão. Sempre a defendia, colocava-se ao lado dela nas infinitas discussões familiares. Ele sempre oferecia a sua amizade e conforto. Com certeza soubera o que se passou e viajou até Milestone House para confortá-la.

Era um grande alívio dentro de um caos como esses, contar com algumas pessoas verdadeiras e gentis. Sim, os verdadeiros amigos se conhecem nas horas da aflição.

– Bom dia, prima – ele se aproximou e beijou-lhe a mão.

– Bom dia, Rafael – Ele ficou em pé olhando-a em silêncio.

– Sente-se – ela indicou o sofá de frente.

Ele aceitou o convite.

– Acabo de vir de Londres.

– Humm... então, já deve ter se inteirado de tudo.

– Bem, prima, na verdade, nunca vi alguém mais famosa do que você. É o assunto de todos em qualquer lugar, do mais elegante aos mais... duvidosos.

Ela cruzou as mãos no colo.

– Infelizmente creio que isso não é nenhum elogio, estou errada?

– Vim ver como você está lidando com tudo isto.

– Lidando com o quê? – ela elevou as sobrancelhas e meteu uma expressão zombeteira no rosto. O primo gargalhou.

– Por isso sempre a adorei – disse ainda rindo. – Fiquei sabendo de sua aparição extraordinária no baile da Lady Somerset.

– Alguém tinha que fazer alguma coisa, não é verdade?

– O quê? – Rafael franziu o cenho, pareceu confuso.

– Desde que me conheço por gente, escuto que as perucas ridículas de Lady Somerset são a chacota da temporada. Tinha que dar um assunto realmente interessante à boa sociedade. – Rafael voltou a gargalhar. Ela continuou: – Oras, você me conhece, sou caridosa.

Ele riu mais um pouco da brincadeira. Quando parou de rir, franziu o cenho em uma expressão preocupada.

– E o seu pai Kathelyn, como reagiu?

– Ele ainda não sabe.

– Não sabe?

– Creio que não, está viajando, foi visitar Clifford Hall.

– Kathelyn, o que imagina que irá acontecer quando o conde se inteirar de tudo?

– Acho que ele vai ficar furioso – ela olhou para baixo –. talvez me castigue, talvez eu não possa nunca mais sair de casa... – suspirou. – Mas sabe? Não me importo, creio que poderia ser feliz aqui e papai me perdoará, entenderá... ele sempre entende.

– Kathelyn – o primo sacudiu a cabeça –, talvez seja muito pior do que isso.

Ela arregalou os olhos.

– Pior? Pior como?

– Você jogou o bom nome da família na lama. Isso é muito, muito grave.

Ela contorceu as mãos na saia. Somente então, a sua expressão demonstrou o conturbado de dentro. Olhou para baixo respirou com peso. Engoliu em seco.

– Aquele bastardo – Rafael explodiu.

– Por favor, não me diga que você sabia que isso iria acontecer e que tentou me alertar já está – deteve-se.

– Está o quê?

– Dói, Rafael. Eu acreditei que o amava – tomou o ar com uma condoída lentidão. – Mas há de curar, há de parar de doer – piscou fundo e lutou para espantar as lágrimas.

– Não estou aqui para falar do bastardo do Belmont.

– Ninguém o considera assim, somente eu fui a suja da cena. Um duque, sem honra ou não, sempre está certo. A sociedade jamais levantaria a defender uma mulher quando um homem a acusa – ela riu com frieza. – Sabe quem nos condena? Nós mesmas. As mulheres, condenamos umas às outras a honra ou a desgraça. Como a honra sempre está a favor da palavra do cavalheiro, não nos resta apelo algum.

– Kathelyn, sabe o quanto a estimo e quanto me preocupo com você. Sempre foi assim desde que éramos crianças – o primo a olhou de um jeito intenso. Kathelyn não entendeu.

– Obrigada, Rafael, eu aprecio muito o seu apoio.

– Quero lhe dar mais do que isso... – Rafael olhou para baixo e corou? Sim, as bochechas assumiram um tom vermelho.

Kathelyn sentiu o coração disparar. O que ele quis dizer com isso? E por que a olhava como se estivesse culpado pelo o que iria falar?

– Quero que conte com a minha proteção e amparo.

Os olhos de Kathelyn orbitaram e ela sufocou um soluço nervoso. Ele iria pedi-la em casamento?

Rafael ajoelhou na sua frente. Ele iria?

Ah, meu Deus, ele realmente iria.

Levou as mãos até a boca e esteve tão surpresa que ficou tonta. Piscou fundo e disse com a voz sumida.

– Rafael, não.

– Espere, por favor, me escute... Eu posso acomodá-la em uma casa confortável. Terá uma carruagem somente sua e criados, joias e tudo o mais que desejar. Poderá sair às compras, poderá ir a festas. Claro que não as que estava habituada, mas será livre e ninguém lhe fará mal.

– Eu não posso me casar – parou. A boca caiu.

Isso não foi um pedido de casamento, foi?

Não. Pedidos de casamento não acompanham a oferta de uma casa e criados e jóias e festas e, Santo Deus.

O que acontecia com o mundo?

Rafael acabou de lhe propor que ela fosse sua querida? Sua meretriz de luxo? Sua amante?

Piscou fundo uma vez mais. Só podia ter entendido errado. Ele nunca. Não faria. Era uma brincadeira, é claro, sempre tão gozador e irônico. Logo ele desbocaria de rir da cara de tola pasmada que ela devia estar fazendo.

Começou a rir.

– É sério, faria tudo isso? Até mesmo uma carruagem? – estalou outra gargalhada prazerosa e disse: – Mas, de verdade, adoraria um pavão... Li que as amantes mais famosas e mais prestigiadas sempre tem um – respirou entre as risadas no ar.

Rafael que estava sério, levantou-se.

– O que você acredita irá acontecer quando o conde se inteirar?

– Você não pode estar falando sério – ela ainda sorria.

– Não lhe restará nada Kathelyn, não terá para onde ir. Creio que o que estou lhe ofertando é mais do que oportuno diante de sua situação.

– O quê? Oportuno? – ela engasgou.

– Poder, Kathelyn, estou lhe oferecendo poder.

Ela gargalhou outra vez, porém, essa foi uma risada nervosa, afetada, incrédula.

O primo ignorou.

– Uma amante é muito mais livre do que uma esposa. Terá, enfim, a vida a que nasceu para ter. Não precisará dar satisfações a ninguém, não precisará prestar contas a sociedade para sobreviver. Uma amante, Kathelyn, tem muita influência sobre um homem. As mulheres mais poderosas e independentes da história foram aquelas que souberam dominar a sedução, moldá-la ao prazer de um homem e vencê-lo na cama. O único lugar onde vocês têm o absoluto controle, onde mandam antes de consentirmos.

Ela levantou em silêncio e caminhou até a janela. Colocou os dedos no vidro e a atenção na vista de dentro. Escondia a decepção que escorria dos seus olhos. Mordeu os lábios por dentro para não chorar. Respirou fundo tantas vezes quanto necessitou e disse:

– Sempre o considere como um irmão.

– Eu também, Kathelyn, mas você cresceu e teria que ser um estúpido ou um cego para não notá-la. É uma das mulheres mais bonitas que já vi e não se trata somente de sua beleza física, tem algo que está além do visível. Tem dentro uma força que transforma as outras mulheres em sombras.

– Acha que sou capaz de vender o meu corpo, de moldá-lo ao jogo da sedução em nome da liberdade? Que liberdade quando ainda dependerei de estar nua para consegui-la? Que poder quando a submissão dita a condição vigente?

– Penso em você, será muito melhor que seja eu o seu protetor, alguém que lhe adora.

– Adora? – ela virou para ele. – Quantas mulheres que adora foram oportunizadas pela mesma generosa oferta de sua parte? A sua mãe? Não, não... talvez, a sua irmã?

- Não repita isso, Kathelyn.
- Não me chame de Kathelyn, Senhor.
- Achei que fôssemos amigos.
- Engraçado, eu também.
- Julgava-se apaixonada por Belmont, não é verdade? Por isso concedeu a ele aquilo que me nega embaixo de ofensas. Sempre a tola romântica. Agora, entretanto, parece mais tola.
- E você, senhor, parece um idiota que não serviria nem para manter uma tola.
- Procure-me caso a rua a faça mudar de ideia.
- Nunca mais me procure, nem mesmo se perceber o quão nojenta e desleal foi a sua ideia.

– KATHELYN, ACORDE. – ERA ELIZABETH, SUA MÃE. HÁ quantos anos não vinha despertá-la? Desde que era uma criança. A presença da mãe, sempre tão longe, mais uma lembrança do que real.

Elizabeth, a dama impecável. Tão prendada, educada e perfeita. O exemplo da serenidade e do autocontrole. Demonstrar qualquer emoção não fazia parte da cartilha de uma dama. Os escassos sorrisos se tornaram mais raros com o passar dos anos. Até eles faziam parte de um ritual planejado.

“Não desperdice sorrisos” – dizia ela. “Uma dama não sorri em demasia. Uma dama não sente em exagero. Como os pilares do bom comportamento, não temos direito de falhar, somos o exemplo onde se espelham toda a sociedade. A civilidade depende de nós.”

Elizabeth, desde que começou o caos na vida de Kathelyn, só chorava.

Discreta, mal se via qualquer expressão em seu rosto. Os rastros úmidos eram a única prova que seus olhos sentiam. E Kathelyn sentia junto. Acima de tudo, sentia-se culpada e amava a sua mãe. Não que pudesse demonstrar esse amor com o entusiasmo desejado. Mas, amava-a, porque era a sua mãe. Foi quem a ensinou junto às preceptoras tudo. Kathelyn sabia o quão sensível era a mãe. Mesmo sem nunca ver emoção alguma nela. Elizabeth demonstrava um amor contado com os olhos e com a alma.

– Filha – a mãe a beijou com o rosto molhado, o seu pai deseja vê-la. Precisa se vestir e...

– Ele retornou?

– Sim, hoje logo que o dia amanheceu.

– Ele já sabe?

– Sim. Está no escritório lhe esperando.

– Está muito bravo?

Elizabeth olhou para baixo sem responder.

Kathelyn se levantou e se vestiu com ajuda da donzela de quarto. Quando saía ouviu a sua mãe dizer:

– Eu sinto muito, minha filha, eu tentei, fiz de tudo o que podia. Eu sinto muito. – A mãe cobriu os olhos com as mãos. Kathe se aproximou, buscou com os braços o refúgio. A mãe a

abraçou. Por um momento achou que o corpo dela cederia. Foi um abraço curto, mas cheio.

– Vá, minha filha, desça. Não o faça esperar mais. Temo o que pode... Apenas desça.

– Entre – ela ouviu o voz do pai ecoar no escritório após dar duas batidinhas na porta. – Sente-se – ele continuou sem a enxergar olhando com atenção algumas folhas de papel. Ela sentou.

– Acabo de receber uma carta do advogado de Belmont. – Ela segurou o ar, ouviu o pai continuar. – É uma carta de cobrança. Tenho exatos 30 dias contados da data de ontem para pagar a multa de cem mil libras pela ruptura do noivado.

Kathelyn sentiu uma mão invisível apertada as suas costelas. Além do espartilho, a mão entrava nos ossos e triturava o ar. Isso era muito, muito dinheiro, mesmo para eles.

– Ele não pode, foi ele quem rompeu o contrato.

O pai ainda sem levantar a atenção dos papéis disse com a voz deserta de emoção.

– O advogado dele alega infidelidade faltando dezoito dias para o casamento, o que configura praticamente um adultério, segundo esta carta – ele sacudiu a página e somente então a olhou. Kathelyn preferia o vazio do olhar baixo. Era ausência de vida que o conde tinha nos olhos. – Você quebrou o contrato, não Belmont.

– Ele está louco – Kathelyn afirmou com a voz afogada.

A mesa esmurrada pelo punho do conde saltou em protesto.

– Cala a sua boca ordinária e me escute – ela abaixou o olhar, o seu pai continuou sem oferecer nenhum consolo. – Em trinta dias, se eu não pagar a quantia que ele me pede, ele me levará ao tribunal, mesmo sendo um conde, ele é um duque. Creio que a sua cabecinha vazia ainda não se deu conta disso. Nenhum juiz se colocará ao lado de uma mulher vulgar, desmiolada e que foi vista seminua por pelo menos cinco testemunhas respeitáveis junto a um criado. Uma mulher que desfilava orgulhosa, trocando beijos despudorados com seu noivo, pelos quatro cantos de Londres. Uma mulher que não presa o seu bom nome e que desgraçou toda a sua família, vítima da leviandade, da falta de decoro e da sua desonra.

Kathelyn sentiu os olhos arderem em uma silenciosa descrença. A fúria gelada de seu pai era muito mais aterradora do que a fúria cega, quando ele lhe deu a surra.

– O senhor foi quem criou mais da metade das oportunidades que eu tive, para exhibir os beijos despudorados. Fazia questão de, sempre que possível, deixar-me a sós com o duque. Como se ele fosse Deus.

– Eu confiava na sua honra, no seu senso de decência. Não sabia que era uma mulher sem valor. – Uma veia pulsava na testa dele.

Kathelyn apertou as mãos nos braços da cadeira. O conde disse sem encará-la:

– Você tem exatamente duas horas para deixar essa casa. – Ela intuiu que poderia ouvir isso quando a mãe entrou no seu quarto. O pai continuou: – Deixará tudo que eu comprei com meu dinheiro, todos os presentes que ganhou do duque. Sairá com a roupa do corpo. Não tem direito a mais nada. Nunca mais me procure. A partir de agora eu não sou seu pai. – Ela mordeu a boca e cravou as unhas na palma das mãos com força. Com muita força. As lágrimas desceram sem orgulho pelo rosto. Ouviu: – Se me vir passar na rua ao seu lado, desvie. Se estiver morrendo de fome, morra antes de me aborrecer. Esqueça essa casa, o seu nome e tudo o que um dia você já considerou seu. Saia daqui – o conde não alterava o tom de voz e agora olhava-a como se estivesse despachando um negócio que o aborrecia. Kathelyn tentou respirar e ouviu: – Saia desta casa como a meretriz que você é, com a cabeça baixa, porque mesmo esse queixo erguido que a boa vida lhe deu, será dobrado pelo o que ela lhe reserva.

– Onde eu irei? – saiu em voz alta, mas a pergunta foi feita para si mesma, o conde que ouviu respondeu-a.

– Para onde vão as mulheres sem honra, para a rua, para o bordel, para o inferno se assim desejar. Agora saia daqui, eu tenho que tentar salvar o que restou da minha família.

ELA SAIU DO ESCRITÓRIO EM BRANCO E PASSOU PELA biblioteca deserta.

– Papai, papai, olhe, eu já alcanço – Viu-se, outra vez menina.

– Meu tesouro, cuidado – o pai agarrou-a pela cintura, tirando o banquinho dos seus pés. – Quantas vezes já lhe disse para não subir nos móveis, meu anjo, pode se machucar.

– Mas eu consegui, eu alcancei a fileira dos livros que mais gosto.

– Eu sei, muito bem, já está uma mocinha. Porém, conheço um jeito melhor de alcançar ainda mais alto.

– É mesmo, qual é?

– Assim. – Quando percebeu, o conde elevava-a sobre os ombros. O ar entre eles ficou cheio de risadas.

Fora um bom pai. Não era o tirano que apareceu nesses últimos dias. Ele a fazia sorrir e dizia que ela era a riqueza dos seus olhos e sempre trazia presentes de suas viagens. Como Kathe só gostava dos livros e dos bichos, o pai vivia entrando em casa com um filhote de pato nas mãos, ou com um cachorrinho pulguento enrolado nos braços. Também trazia livros de contos infantis e os lia para ela. Kathelyn vibrava toda a vez que a voz forte do pai brincava de virar as páginas e de inverter o mundo em outras histórias na frente da lareira.

Ela o amava.

Ele destruiu o que restava do seu coração.

Passou para o vestíbulo e se viu criança escorregando pelo corrimão da grande escada circular, junto a Lilian. Subiu com o vazio acompanhando-a. Entrou no quarto que foi seu até aquele dia. Estava sentada no batente da janela. Viu todas as noites luadas em que conversou com a irmã até o dia ganhar sol. Tudo acabou.

– Eu já sei – ela estava tão cega que não viu a Sra. Taylor, sentada na cadeira ao lado da cama.

– Eu sinto muito – engoliu um soluço –, creio que também lhe arruinei...

– Oras não seja tola Kathelilyn Stanwell e venha até aqui – a preceptora abriu os braços, Kathelilyn se jogou no seu colo e chorou.

– Eu vou com você, minha menina – ouviu Elsa dizer.

– O quê? Ele também a mandou embora?

– Não, ele não me mandou embora, eu é que não poderia jamais lhe abandonar desse jeito.

– Sra. Taylor – suspirou. – Será o fim para nós duas, eu não posso ser tão egoísta, eu não posso permitir.

– Creio que você não tem escolha, senhorita, eu irei de qualquer maneira. – Ela levantou o rosto do colo da preceptora e a olhou. O mesmo coque severo, nos cabelos listrados de branco. O mesmo vestido de linha de cor escura e rígida. Os olhos castanhos cheios da luz de lágrimas. Ela nunca havia visto Elsa chorar.

– Eu sei o que é ficar sozinha no mundo, minha menina.

– Sabe?

A preceptora assentiu:

– Eu me vejo muito em você. Eu costumava ter essa vontade pela vida, esse entusiasmo e paixão por tudo o que nasce em seus olhos. Era jovem – Kathelilyn voltou a encostar o rosto no ombro da mulher e ela continuou –, tinha acabado de fazer quinze anos, era filha única de um visconde. Eles, meus pais, haviam ido até Londres. Morava em Nothumberland – suspirou –, uma longa viagem até a capital, nunca havia saído de lá. Eles partiram e não voltaram mais. Dizem que foi culpa de um ajuste mal feito nas rodas da carruagem. Perdi-os e perdi tudo em um dia.

– Eu sinto muito.

A preceptora passou a mão no cabelo de Kathelilyn.

– O título foi herdado por um primo do meu pai que eu havia visto poucas vezes na vida. Ele ficou responsável por minha tutela e eu só poderia herdar os bens que não estavam vinculados ao título quando fizesse 25 anos. Os dois anos em que eu passei na casa dele, foram os piores da minha vida. O meu primo era um homem horrível. Ele procurava e arrumava desculpas para me punir. Os castigos suaves pareciam com a surra que o conde lhe deu alguns dias atrás. – Kathelilyn desenhava uma negação horrorizada com a cabeça. A preceptora continuou com a voz calma. – Eu fugi, aguentei muito, nem sei porquê fiquei tanto tempo. Foi então que cheguei em Londres há anos. Eu fui educada para ser uma dama. Tinha uma carta de referência falsa assinada pelo meu primo. Não custou a conseguir um emprego como preceptora.

– Sra. Taylor... – Kathelilyn deu uma respiração tremida. – A senhora largou tudo? E a sua herança?

– Soube depois de alguns anos que o meu primo estava arruinado, perdeu tudo. Inclusive o que era meu nas mesas de jogos.

– A senhora nunca pensou em buscar isso? Em tentar reaver o que é seu por direito?

– Eu construí uma vida nova – a preceptora suspirou e continuou. – Entendi que quem doma o mundo é a forma que escolhemos olhar para ele e não a forma como ele se apresenta diante de nós – ela colocou uma mexa de cabelo atrás da orelha de Kathelyn e disse: – Eu escolhi, enterrar o que um dia fez parte do meu passado, para ficar em paz... Até mesmo o meu nome.

Kathelyn ergueu-se para encará-la:

– Elsa? Esse não é o seu nome?

– Elsa Taylor foi a minha preceptora.

– E o seu nome real?

– Anne Lanchester.

– Meu Deus.

Kathelyn voltou a encostar a cabeça no colo acolhedor da preceptora.

– Eu ainda não consigo acreditar que terei que deixar essa casa, a minha família, tudo o que sinto amar, tudo o que sou. Como conseguiu, Elsa? Como continuou respirando?

A preceptora deu uma longa e audível respiração e disse:

– Assim.

– Dói demais, mesmo respirar parece doer – ela olhou ao redor e afirmou: – Esse é o único lugar que aprendi a chamar de casa.

A Sra. Taylor tocou o rosto de Kathelyn, com carinho.

– Você sempre estará em casa quando mergulhar no seu coração – Elsa afirmou, enquanto os dedos desfiavam uma mecha do cabelo de Kathelyn.

– Sim, vou tentar me sentir dessa forma – ela concordou com a voz fraca.

– Faremos juntas, minha menina, não lhe deixarei.

– Acho que não sou uma boa pessoa.

– Por que, Kathelyn?

Ela engoliu o choro da voz e disse:

– Porque me sinto incapaz de insistir que não o faça.

– Já lhe disse, estou decidida, você não tem escolha.

– Nunca vou conseguir lhe chamar de Anne. Me desculpe.

– O que há, pois, em um nome? O que se chama rosa, com outro nome, teria o mesmo perfume. Foi comigo assim. Será com você.

– Shakeaspere... – Kathe olhou para baixo –, obrigada.

Elsa levantou-a, deu um beijo na testa dela e disse:

– Vou arrumar minhas coisas, venho lhe buscar quando estiver pronta.

Logo que a preceptora saiu, Lilian irrompeu no quarto aos prantos ainda de camisola.

– Você não vai, não vou deixar.

Kathelyn enxugou a dor do rosto. Sabia que tinha que ser forte e que não podia desfazer-se diante da irmã menor. Sabia também que largá-la seria o que lhe arrancaria tudo de dentro.

– Não tenho escolha, a casa – engoliu – é dele.

– Eu vou junto, eu não vou deixá-la, vou com você.

Lilian virava-se, com intuito de sair do quarto, possivelmente para se trocar e Kathelyn a segurou pelos ombros.

– Não, Lilian.

– O quê?

– Não – ela usava toda a sua força para não desmoronar de chorar.

– Eu não posso ficar sem você – a irmã soluçou.

Kathelyn esfregou a mão no bochecha de Lilian, um gesto resgatado da infância das duas.

– Eu também não, mas será apenas por um tempo.

– Como vai ser? Você é minha força. – Lilian cobriu os olhos chorando.

– Você não pode ir comigo, Lilian, aqui, olhe para mim – ela pediu com a voz cortada. – Aqui é a sua vida, você nasceu para pertencer a tudo isso. Eu sempre soube que acabaria em um lugar diferente. – A irmã a abraçou com corpo convulsivo.

– Como você vai ficar? Para onde vai?

– Eu vou ficar bem, Li – forçou um sorriso – bem melhor do que no meio de tantos leques e babados... Olhe, eu mal consigo me equilibrar com todas essas saias. – Abriu os braços querendo desviar a atenção da irmã do seu rosto para o corpo.

– É sério, minha irmã, o que será de você?

Ela não sabia e estava aterrorizada.

– Eu não partirei sozinha, a Sra. Taylor vai comigo, eu creio que vou ficar bem.

– Eu sinto tanto, eu sinto tanto. Tenho vontade de matar ao papai por ser tão cruel. Eu nunca o perderei. E quanto a Belmont? – a irmã ofegou e disse: – Gostaria de empalá-lo em praça pública.

– Deixe a parte de Belmont para mim – ela tentou sorrir outra vez, mas os lábios tremiam muito.

– Promete? Promete me mandar notícias?

– Sempre. Rezarei todos os dias para que encontre um marido que seja bom e que cuide bem de você.

– Eu ainda não acredito que isso está acontecendo.

Ela passou a mão pelo cabelo da irmã.

– Logo tudo não passará de lembranças ruins, logo estaremos as duas juntas de novo.

– Promete?

Dessa vez Kathelyn não respondeu. Ela não queria prometer algo que sabia, poderia nunca acontecer. Uma hora depois a Sra. Taylor vinha buscá-la para partirem.

Ela tentou despedir-se da mãe, mas Elizabeth estava encerrada no quarto. Havia tomado uma dose de láudano para a dor de cabeça.

A mãe nem ao menos disse adeus.

Nem um abraço ou um aceno a distância.

Nada.

Kathelyn sentiu-se traída uma vez mais.

O pai continuou trancado em seu escritório como se não fosse uma filha, se não uma estranha a ir embora de sua vida para sempre. Lilian ficou com ela até cruzarem a porta de casa, a última imagem que Kathelyn viu da irmã foi desolação. Quis tanto pegá-la nos braços. Quis que nada daquilo tivesse acontecendo. Queira mudar tudo, fazer tudo diferente.

Desceu as escadas frontais. Na estrada que conduzia ao portão havia algumas pétalas vermelhas, trazidas pelo vento das roseiras. Elas estavam murchas. Marcavam o caminho como contas secas. Vermelho quase negro. Eram flores iguais a essa que Belmont a presenteava, sempre. Ela nunca odiou tanto as rosas. Abaixou, pegou uma das pétalas entre os dedos.

– Para que eu não me esqueça de quem arrancou mais que sangue do meu coração.

Elsa apenas a olhava, ela guardou a pétala no decote do vestido. Abaixou outra vez e recolheu um punhado de terra do chão.

– Para não esquecer minhas raízes. Guardou dentro do bolso da capa do vestido. Quando cruzavam o portão de saída ouviu um grito esbaforido.

– Espere, senhorita, espere.

– Jonas? – Kathelyn olhou, perplexa, o jovem que se aproximava.

– Vou com a senhorita.

– Não Jonas, você não vai.

– Conheço Londres, sei o que pode ser essa cidade para duas mulheres sozinhas, comigo estarão protegidas.

– Aqui você tem uma cama e comida, não meu querido, você não vai.

– Salvou minha vida... A senhorita me deu o único lar que o eu conheci, a seguiria mesmo que fosse para o inferno.

– Bem – disse a Sra. Taylor com a boca torcida –, o pivete finalmente pode ser de alguma coisa útil. – Ele fez uma reverência zombeteira e Kathelyn conseguiu achar alguma graça entre as lágrimas.

– Que grupo singular nós formamos – Kathe disse e passou pelo portão de Milestone house. – Se afastou alguns passos e contemplou a casa a alguns quilômetros de distância. Era uma construção imponente, exibida em cima de um platô. Ficou parada ali, como se pudesse assistir

toda a sua vida. Como se quisesse desenhar aquela imagem na retina. Despediu-se por dentro do pai que não conhecia, da mãe que dormia, da irmã que chorava.

Sentiu as lágrimas descerem no rosto, molharem o pescoço. Uma a uma elas enterraram a sua história. Num silêncio de eco cabível somente a um funeral, Kathelyn se despediu de tudo que a fez.

– Adeus – disse em voz alta, recolheu as saias e saiu.

Não olhou para trás nenhuma outra vez.

LONDRES 1843.

Belmont acabara de chegar para mais uma reunião com o seu sócio. Há três anos ele resolveu diversificar os seus investimentos. Possuía muitas terras e em pelo menos metade delas existia algumas das maiores minas de carvão e de minério de ferro da Inglaterra.

Com o crescimento do uso de ambos os recursos, tanto pelas fábricas nas caldeiras, como nas indústrias, tendo em vista que as suas terras forneciam matéria-prima para esses industriais, que se tornavam cada vez mais influentes e ricos, associou-se a um dos principais fabricantes de locomotivas e motores a vapor do Reino Unido.

Ele tinha certeza de que para aí apontava o futuro.

As indústrias que começaram a se desenvolver de maneira tímida. Com o uso dos motores a vapor cresciam e espalhavam-se, na mesma velocidade que tais motores proporcionavam à produção. O transporte tanto de matérias-primas, alimentos, como do produto finalizado corria nas vias rápidas feitas pelas novas linhas de ferro.

O crescimento populacional de Londres a tornava o maior centro urbano da Europa. Esse crescente populacional era também a exigência de quantidades maiores de produtos alimentícios e para uso próprio. A única maneira de suprir essa demanda era a velocidade na produção conseguida através das novas máquinas e do transporte desses produtos, conseguido através dos motores a vapor.

Ele tinha também a certeza de que a velocidade e praticidade da nova indústria e do novo transporte ganhariam ao mundo, como já vinha acontecendo.

Associou-se a um dos maiores inventores da indústria locomotiva, o senhor John Brown.

Estava para começar uma reunião, onde o sócio apresentaria a ele o seu novo projeto. Uma máquina, que segundo o mesmo, iria revolucionar ainda mais esse meio.

A maioria dos seus pares na câmara dos lordes o criticava por estar associando-se a um comerciante proveniente da classe operária. Ele respondia com o habitual cinismo às críticas. Dizia que enquanto a escolha dos pares continuasse garantindo que lhe sorrisse a maior fortuna do reino, ele manteria a política do bom relacionamento entre as classes.

Idiotas. Era assim que Arthur considerava quase todos eles. Um bando de homens indolentes e preguiçosos que mal trabalhavam. Queriam manter-se às custas de um sistema arcaico e ao que tudo indicava, falido. Isso provava o número crescente de nobres arruinados por gostos extravagantes, excesso de gastos e escassez de trabalho.

A grande maioria dos mesmos nobres vivia preso dentro dos padrões que moveram a sociedade durante centenas de anos. Cegos pelo delírio de poder, eles empobreciam. Já os ditos burgueses engordavam cada vez mais o bolso, tornando-se respeitados pela gordura, pela audácia e tino com os inovadores negócios.

Arthur nunca se iludiu. Também não se incomodou com isso. Para ele, a diferença do sucesso e da sobrevivência de um homem estava na capacidade dele se moldar e seguir as alterações do mundo. Para ele, os seus pares viviam um momento decisivo, ou acordariam do delírio de soberania e se renderiam às novas exigências da economia mundial ou se acabariam entre conhaque, cartas, cavalos e cartolas.

– Excelência – saudou o sócio ao entrar na sala.

– Como vai, Sr. Brown? – O sócio já era um senhor de idade avançada e quem assumia o seu lugar à frente na indústria era o filho Stephan Brown. – Bom dia Stephan.

– Bom dia, excelência.

– O primeiro trem dormitório já é um sucesso – disse John.

– Sim, era o que imaginávamos – Belmont apoiou os cotovelos na mesa.

– Temos mais de 7000 km de vias férreas somente no Reino Unido e os outros países caminham para o mesmo destino – John mexeu em uma pilha de papéis na sua frente e disse: – Os Estados Unidos acabam de encomendar mais dez máquinas.

– Sobre o pedido para produzirmos as locomotivas e o projeto da linha férrea da Bélgica, excelência, como caminhamos? – perguntou Stephan.

– Eles são um país independente há dez anos, estão com fôlego e ânimo para investir, de nossa parte, os projetos já foram pré-definidos, devo ir para Paris onde me reunirei com o Conde de Delors e com o primeiro-ministro da Bélgica. Como planejamos, ficarei por lá de três a quatro meses até estar tudo implementado, nesse meio tempo tentarei estreitar nossa relação com Jaques Faure – disse Belmont.

– Faure mostra-se mais favorável à ideia de uma sociedade conosco – contrapôs John, Jaques Faure era o empresário que investia, na linha férrea da França.

– E como é esse projeto novo? – perguntou Belmont. – Já está concluído?

John abriu alguns desenhos sobre a mesa e explicou.

– As rodas motrizes passarão a estar atrás da caldeira, permitindo assim o uso de rodas de grande diâmetro e um aumento de velocidade. Parece simples depois que pensamos na ideia. Isso representará... – a voz do velho foi se esfumando junto aos desenhos da nova locomotiva.

Belmont pensou em Paris, fazia três anos que não visitava a cidade. Não porque tivesse qualquer problema com as vielas e mansões parisienses. Nem que tivesse qualquer desavença com Felipe I. Não.

Até simpatizava com o rei francês eleito pela burguesia liberal. O rei tinha ideias políticas modernas. O problema dele com a encantadora Paris era que...

Nem ele mais sabia ao certo qual era o problema. O fato é que há três anos havia planejado passar a sua lua de mel lá com Kathelyn.

A lembrança ainda causava uma contração nas vísceras. Quando largou Londres e anunciou o fim do noivado daquela maneira impulsiva, não pensava em nada.

Estava possuído pela certeza da traição de Kathelyn.

Estava possuído de ódio por sentir-se tão idiota e tão manipulado.

Acreditou naquele momento que tudo nela era uma farsa. Desde a encenação da inocência como... Tudo.

Três anos após sair da casa de Kathelyn, uma conversa retornou à mente dele. Uma que ele não deu atenção, mas que voltou a cobrar o seu lugar naquele dia infernal em que recebeu a carta de Steve das mãos de Florence. Lembrou-se da voz do tio, ele tinha acabado de ficar noivo de Kathelyn quando o irmão do seu pai o procurou:

– Tenho um assunto muito desagradável para tratarmos, meu sobrinho – disse o seu tio, visconde de Ward, alguns dias após o anúncio do noivado com a dama.

– Se é desagradável a essa hora da manhã, faça a gentileza de esperar eu digerir meu desjejum.

– Não sei se poderei voltar a Londres tão cedo, enfrentei uma viagem de cinco horas para estar aqui à sua frente.

Belmont bufou.

– Fale, então, tio, o que os meus ouvidos, na divisão do fardo com sua palavras, podem ajudar a suportar?

– Eu não sabia que você estava procurando uma noiva.

– Agora tenho que lhe pedir permissão para isso?

– Arthur, eu sou o irmão do seu pai, depois que ele se foi, eu...

– Ainda é o meu tio – Arthur não tinha muita paciência com esse tipo de conversa que ele intuiu cheirar mal antes de começar.

– Você sabe que o pai da Srta. Stanwell esteve, antes do início da temporada, recolhendo informações sobre você, os seus gostos, o tipo de lugares que frequenta, até mesmo o seu tipo... ahn... o tipo de mulher que lhe atrai.

– Que interessante, tio, e posso saber onde conseguiu essa informação?

– Alguns cavalheiros do clube que frequento comentaram comigo depois do anúncio do seu noivado, eles riem e dizem que o duque de Belmont foi apanhado na estratégia de Stanwell.

– Foi uma estratégia, então?

– Pense comigo, Arthur, que debutante gosta de antiguidades e comporta-se de maneira tão livre em público? – Arthur franziu o cenho e o tio concluiu: – Dizem que você conheceu-a em um baile de máscaras, baile esse que Stanwell sabia que você estaria presente.

– Não diga, o meu futuro sogro me seguia pelas ruas de Londres? – Belmont perguntou com evidente ironia.

– Não, ele é amigo íntimo e vizinho de lorde Withmore. O mesmo nobre contou a vários outros cavalheiros que havia perdido as peças mais estimadas de sua coleção e que você as levaria embora no dia do baile de máscaras.

– E posso saber como soube disso, tio? O senhor anda me investigando? – O duque usava um tom de voz perfeitamente calmo.

– Assim que você começou a demonstrar um interesse fora do comum pela dama, conhecendo o caráter duvidoso de Stanwell, eu mesmo passei a procurar informações. Depois contratei um investigador profissional que me ajudou a reunir tudo. Parece que o conde e a dama em questão tem em você um alvo certo há alguns anos. O conde instruiu a dama sobre tudo a seu respeito.

Belmont deu um murro na mesa que gritou derrubando alguns livros e papéis.

– Com que direito o senhor investiga a minha noiva e a família dela sem a minha autorização?

– Com o direito que sei, não daria se eu lhe pedisse – Arthur estava com as narinas infladas e o rosto torcido de raiva. O tio prosseguiu –, com o direito do segundo na sucessão ao ducado. Não quero que a futura duquesa de Belmont seja...

– Se eu fosse o senhor, tio, eu não terminaria essa frase. – O tom de voz gelado e baixo deteve o velho, só por um momento. Ele prosseguiu.

– Apenas quero que pense, Arthur, não vejo nada de errado em uma dama querer caçar o melhor partido da Inglaterra. O que não aprovo é que a dama em questão arme uma armadilha e construa uma imagem de mentira para lhe apanhar, junto ao pai dela que é um homem sem honra. Se pensa que a dama é inocente, tenho meus motivos para acreditar que ela tinha um caso amoroso com um...

– Se o senhor disser mais uma palavra, não é só indigestão que vai me causar e sim uma enorme dor de cabeça, por ter que levar um tio ao duelo.

– Vejo que está decidido.

– Ainda precisa dizer alguma coisa?

– Não, Arthur.

Naquele dia ele ignorou tudo o que foi dito pelo tio. Com o mesmo desprezo que ignorava tudo o que não lhe interessava ouvir. Porém, diante das evidências da suposta traição de Kathelyn, no meio da fúria, teve certeza de que tudo não passou de uma estratégia. Kathelyn era a mulher mais ardil que já conhecera.

– Não acha, Belmont? – o sócio o despertou do devaneio.

– Desculpe, senhores, estou com uma enorme dor de cabeça. – Tempos depois ele deixava a casa do Sr. John Brown onde se reuniam sempre.

Entrou na carruagem com a cabeça no novo projeto, nos lucros que isso traria e na viagem longa que faria dali alguns dias. Viu uma vendedora de rosas. Inviavelmente perguntou-se aonde estaria Kathelyn. Lembrou-se do dia em que ouviu falar dela pela última vez.

Após a saída de Londres e anúncio do fim do noivado, Belmont foi viajar por suas propriedades a fim de se inteirar da administração das mesmas. Foi com trabalho que ele preencheu os últimos três anos.

Virou um obcecado por trabalho.

Durante quase dois meses, após a ruptura do noivado, viajou em um ritmo alucinante percorrendo todo reino. Comprou terras, implementou melhorias nas minas, contratou novos administradores. Um para cada propriedade que lhe prestavam contas semanalmente.

Começava a trabalhar em um ritmo animalesco nas primeiras horas da manhã e só parava quando caía adormecido sobre a mesa. Não foi incomum nesses dois primeiros meses o seu valete, Scott, o acordar no meio da noite no escritório para que ele fosse à cama.

Isso quando não bebia até o ponto em que mesmo o seu teimoso valete não conseguia movê-lo um palmo para o quarto.

Lembrou daqueles dias, logo após o fim do noivado.

O conde de Stanwell havia pago a dívida pela quebra do contrato, um mês após a ruptura do mesmo... Outra punição que ele quis aplicar em cima de Kathelyn. Ouviu em sua mente entre os passos dos cavalos a voz do Sr. Smith, o seu administrador-chefe, conduzi-lo há três anos:

– Excelência – disse o senhor Smith –, o conde pagou as 100 mil libras mais os juros pelo atraso de trinta dias, hoje.

Belmont olhou para baixo. Aquilo não apacava nada que rasgava por dentro. Aquilo não melhorava nada.

– Ele teve que vender as terras do condado e algumas propriedades a mais.

– Não me interessa – disse impassível. Mentiu, sentiu-se um crápula miserável.

– Achei que talvez tivesse curiosidade em saber que mesmo tendo recebido pela venda de tais propriedades, as terras que o conde de Stanwell vendeu foram para o patrimônio da sua família.

– Como assim, homem, está louco?

– Não, excelência, foi o seu tio, o visconde Ward, quem as comprou. Na verdade pagou a um homem para comprá-las sem precisar aparecer.

Belmont sentiu o chão abrir e o tragar.

– Como sabe disso?

– O tal homem é por coincidência meu cunhado e ganhou um bom dinheiro para fazer a negociação no lugar do seu tio.

– Por que diabos meu tio fez isso?

– Creio que não seria adequado ele aparecer nessa situação, sendo o seu tio, poderia ser mal interpretado, no fim, fez um favor ao Stamwell.

– Não. Não fez.

Teria sido injusto com Kathelyn? Teria se precipitado?

Ele sabia que o que atormentava dia e noite não era a certeza da traição e sim, a dúvida do seu julgamento que levou a perda. Lia e relia aquela maldita carta dezenas de vezes por dia.

Hora convencido da traição. Em outro momento, convencido de que havia se precipitado. Podia ao menos ter ouvido Kathelyn. Ter dado a chance de ela explicar-se.

A perda de Kathelyn engolia os seus dias e digerida as suas noites há dois meses.

Ele a via em todos os lados que virava. Era um fantasma, o espectro mais vivo que existia. Vivia dentro de suas fibras.

Sentiu-se esmagar por dentro. Teria sido injusto? Teria o seu tio algum motivo oculto e algum interesse particular, para aquela conversa?

Sabia que não ficaria com a dúvida.

Já não vivia direito nem sem ela.

Foi atrás da única pessoa que saberia. A única pessoa que registrava em silêncio tudo o que acontecia com a família. A mulher mais sabia que conhecia.

Não uma sabedoria tirada de livros ou filosofias, e sim, uma sabedoria conquistada na vida. A sua mãe. A viagem até ao palácio de Belmont Hall, durou um dia e meio e foi excruciante. Ele passou e repassou os fatos centenas de vezes por hora.

A cada vez que repassava, a cada hora que multiplicava as lembranças daquele dia, com a conversa do tio em sua mente junto a carta... Carta que poderia ter sido uma brincadeira entre amigos, não poderia?

Chegava a redundante e infernal conclusão de que agira impulsivamente. Levado pelo ciúme e talvez pelo orgulho?

Demorou dois meses para concluir o erro da conta de suas ações. Quando chegou lá, a duquesa-mãe o esperava. Talvez ele tivesse agido precipitadamente com Kathelyn.

– Meu filho – disse a sua mãe aquele dia –, que ventos bons o trazem? – Ele beijou as mãos da mulher. Caroline Harold era uma dama irrepreensível. Respeitada e temida. As pessoas sabiam que ela tinha a capacidade de ler por dentro de quase todos, sem precisar de muito esforço.

– É uma pena, chegou um mês atrasado...

– Como?

– Não leu minha carta?

– Eu não estava com cabeça para ler cartas que falavam de Kathelyn.

– Como disse, é uma pena.

– O que é uma pena?

– Que só chegue agora.

Arthur sentou na poltrona em frente a sua mãe e apoiou os cotovelos nas pernas.

– Eu preciso lhe perguntar algo, não posso mais esperar para saber – tomou o ar como se buscando coragem e disse: – O tio Jonathan, tem algum motivo pessoal para querer denegrir a imagem do conde de Clifford e talvez vingar-se ou prejudicá-lo de alguma maneira?

A mãe verteu o chá na xícara fina de porcelana com movimentos precisos e tranquilos. Serviu-se de dois cubos de açúcar. O tilintar da colher contra a louça, era o único barulho que se interpunha com o leve batucar do pé nervoso de Arthur. A duquesa deu um gole longo no líquido enfumaçado. Outro gole. Fez isso em um contemplativo silêncio. Então, apoiou a xícara sobre a mesa e disse:

– Todos os motivos do mundo, é claro. Ele odeia Stanwell. – Arthur sentiu o suor ocupar as palmas da mão. “Teria sido injusto, meu Deus?”

– O seu tio cortejou Elizabeth Stanwell.

– A mãe de Kathelyn?

– É claro, existe alguma outra?

– Por que não me disse isso antes?

– Que diferença isso faria? Não vi porquê dizê-lo.

– Conte-me o que aconteceu, talvez isso faça sim, diferença.

– Ele e o conde eram muito amigos, frequentaram Oxford juntos e dividiam farras libertinas. O que eu soube é que em uma dessas farras desavergonhadas, apostaram quem conquistaria a dama que era tida como a mais correta e pudica da época. Parece que levaram tão a sério a disputa que no final de uma temporada pareciam mais inimigos jurados de morte do que amigos de colégio. O resto é fácil de deduzir, Stanwell ganhou a dama e casou-se com ela. O seu tio jurava-se apaixonado por Elizabeth. – A Duquesa-mãe deu outro gole no chá, voltou a xícara a mesa e continuou: – Dizia que Stanwell só se casara com ela para que ele não o fizesse. Já

não era mais uma simples aposta entre amigos. Estavam envolvidos orgulho e honra. Segundo o seu tio, Stanwell comprou o pai da dama com o condado. Ele jurava que Elizabeth teria escolhido a ele. Jurava que estavam apaixonados e que ela foi obrigada a casar-se – Arthur respirava com dificuldade, a duquesa prosseguiu: – Desde então, o nome do diabo é mais suave a seu tio do que o de Enerst Stanwell.

– Meu Deus – ele levou as mãos aos olhos.

– Quando soube que você estava cortejando a Srta. Stanwell, quase enlouqueceu. Para o seu tio Jonathan, o seu casamento com a filha de Ernest significava outra vitória do conde em cima dele.

– Por que não me disse?

– Desde quando você escuta alguém? Nem a carta que lhe enviei há um mês você leu. Iria me interromper na primeira frase, se tentasse lhe aborrecer com esse tipo de engendro familiar.

– Eu me deixei envenenar por ele... talvez... talvez tenha cometido – respirou fundo. – Preciso ouvi-la. Preciso falar com Kathelyn.

A mãe vestiu um olhar consternado.

– Eu disse que era tarde.

– Não, não é, eu sei, fiquei louco, me precipitei – ele apertou o nariz para aplacar a tensão e continuou: – Deus, eu anunciei o fim do noivado em maldito jornal, sem nem ao menos ouvi-la. Estava louco e cego. Sentia-me um parvo, estava tão transtornado com a cena que tinha acabado de assistir e com uma carta que recebi... – Ele apertou as têmporas. – Enlouqueci com as palavras no papel, fiquei doente por ter me deixado enganar, por ter me deixado levar pela idiotice de sentir-me apaixonado. Sempre acreditei que somente os idiotas se apaixonavam e senti-me um idiota e fui...

– Arthur – a mãe o interrompeu. – Meu filho, você, além de não ler minha carta, não lê os jornais, não conversa com ninguém a respeito do que acontece no mundo?

– Sabe que não, só leio a coluna de negócios e quanto a fofocas... O que aconteceu? – o duque empalideceu, cenas de uma tragédia desfilaram em sua mente.

– Creio que diante das circunstâncias não restou alternativa a ela, senão... – A duquesa deu outro gole longo e calmo no chá, enquanto um vinco largo de tensão nervosa se aprofundava na testa de Arthur.

– Senão?

– Senão casar-se, é claro.

– O quê? – Arthur tinha certeza de que ouvira mal.

– A Srta. Stanwell casou-se com um estrangeiro... de Nápoles, eu acho. – Outro gole foi dado no chá, enquanto todos os órgãos de Arthur entravam em um estado de torpor incrédulo.

– Casou-se? – repetiu sem nem perceber.

– O que mais podia fazer?
– O que mais podia fazer? – Ele ainda não tinha integrado a afirmação da sua mãe nos sistemas que respondiam com inteligência.

– É claro, estava arruinada.

– Casou-se quando? – ele nem ouviu o motivo que sua mãe lhe dava.

– Creio que há um mês.

– Um maldito mês depois, trinta dias depois do suposto fim do nosso noivado?

– Suposto fim? Para mim e para toda sociedade ficou muito claro que era um fim real.

– É claro que era, e pelo visto a minha ex-noiva estava tão ansiosa por casar-se que não esperou o compromisso esfriar no túmulo... Trinta dias – bufou para si mesmo. Enquanto ele se carcomia de dor, ela se entregava de corpo... Cristo... Se entregava a outro homem. Enquanto ele se curvava de remorso e morria um pouco a cada hora do dia pelo fim, pelo que tinha acontecido. Ela casava-se com um estrangeiro e ele levava ao altar a tortura dela não ter sido sua.

Entretanto, o que doía de verdade e o que ele não quis perceber, é que diante disso se estabelecia o fim definitivo. Ela nunca mais seria dele.

– Percebo do que me livrei, se a tivesse convertido em duquesa não levaria nem trinta dias para pular na cama de outro.

– Acho que você não entendeu, Arthur, parece que a dama não tinha saída.

– A saída que sempre encontra é o uso do otário mais próximo disponível.

– Você não está sendo racional, ponha-se no lugar da dama.

Ele morreu duas vezes nos últimos sessenta dias, a primeira com o fim do noivado, a segunda com esse anúncio inesperado. Não se sentia capaz de se inteirar de nada mais.

– Para mim é o suficiente... O que acabo de ouvir é a prova de que minhas ações, apesar de impulsivas, não foram infundadas.

– Mas filho, você ao menos considera a hipótese...

– Tive a resposta que vim buscar. O pai da dama não tem honra, não mede suas ações para ganhar aquilo que intenta alcançar e parece que fez um bom trabalho na educação da filha.

– Aonde você vai? – perguntou a duquesa ao ver que o filho saía da sala sem nem mesmo se despedir adequadamente.

– Voltar a me ocupar do que vale a pena, coisa que eu nunca deveria ter deixado de fazer – disse. – *E nunca mais gastar nem os meus pensamentos com a Srta. Kathelyn Stanwell* – pensou sem dizer e saiu.

Ele tentou durante esses três anos não gastar mais nada com Kathelyn. No que cabia a palavras ou ações, ele se saiu bem na tal economia. Sempre que ouvia o nome da dama ou de qualquer pessoa relacionada a ela ser mencionado, pedia licença e partia sem a menor cortesia.

Sempre que alguém tentava falar algo desse passado, ele exigia, sem elegância, que tal pessoa se limitasse a conversar da própria vida. Então, todos à sua volta passaram a ignorar a existência de Kathelyn Stanwell. Como se a presença ducal tivesse a força de extinguir a existência da dama e de todos os seus da face da Terra.

Mas, sobre os pensamentos, Arthur, por mais que tentasse, e tentou, não conseguiu. Lutava contra as lembranças com o ímpeto de quem quer livrar-se de uma doença maligna. Sem sucesso. O mal havia se infiltrado em seu sangue.

Durante os três anos de separação, não houve um só dia em que o primeiro pensamento do duque não fosse o rosto de Kathelyn e uma só noite em que o último risco de consciência, não fosse o retrato do sorriso dela.

Demorou quase um ano para buscar uma nova amante. Então, nos dois anos seguintes, houveram algumas mulheres em sua vida.

Pobres criaturas cheias de defeitos.

Ele instintivamente comparava-as a ela. A comparação era quase uma necessidade. Buscava qualquer traço de semelhança nas mulheres que escolhia. A cor dos olhos. O formato da boca. A curva dos seios. O rosa dos mamilos. O jeito do cabelo. A risada. A forma de andar. A maneira de olhar. A teimosia quase irritante. Mas, mesmo naquelas que a princípio parecia haver pontos mais fiéis ao retrato da obsessão original, tornavam-se em pouco tempo, sombras de uma idealização não satisfeita.

Sentia-se como um artista louco que busca a perfeição em sua obra e nunca encontra a paz.

A perfeição, como Kathelyn, sempre estaria à deriva em seu delírio.

Restou, diante desse constante estado de insatisfação, afogar-se em novos projetos, investimentos audaciosos, viagens a lugares exóticos e na reclusão social separatista. Frequentava apenas os eventos onde sabia, não iria encontrar com ninguém que evocasse a figura de sua doença.

Ele levava consigo o esboço do que nem lembrava, foi um dia.

Scott dizia que o duque tornou-se ainda mais cínico, azedo e inflexível.

O rosto cinzelado, quase a maneira de um Adonis, fora carregado por uma dureza convicta no olhar e por um sorriso tão indócil, que quando ele se aproximava até os cavalos desviavam os olhos para o chão.

No final desses três anos, Arthur, dentre todos os projetos que ocupavam o seu tempo, tinha uma nova meta. Buscar e encontrar uma noiva que fosse longe dos seus sonhos inquietos, a distância descomunal do que para ele foi um dia, a única mulher que amou.

KATHELYN ACHAVA INCRÍVEL A MANEIRA QUE AS PESSOAS funcionavam.

Conte uma boa história, atraente e singular. Dê a elas algo o que falar e um retrato onde apoiar tal história. Pronto. Você tem uma imagem construída.

Essa imagem se é mais interessante que a real, oblitera a verdade e ganha vida através dos que acreditam nela.

Kathelyn era a prova viva disso.

Quando deixou a Inglaterra, há três anos, não era mais que uma menina, assustada e destroçada pelos homens que acreditou amar.

Foi ao encontro de Steve na Holanda.

O amigo recebeu em sua casa a ela, a Sra. Taylor e Jonas.

Em pouco tempo ela era a viúva do senhor Giacomo Borelli e irmã de Steve.

O casamento com o italiano, foi o último rumor que se inteirou, corria sobre ela em toda Londres.

Que pouca sorte teve, casou-se e nem vinte dias após o matrimônio, seu marido caiu doente e morreu.

Na Holanda, passou a cantar no palácio real. Isso não graças a sua viuvez e sim, graças a Steve e ao relacionamento dele com o príncipe.

Kathelyn ficou famosa e por ser uma mulher, poderia se considerar rica.

A outra imagem facilmente engolida e alimentada à sua volta, era de que ela converteu-se na protegida do príncipe. Algo útil para todos. Justificava o fato do príncipe Philippe passar todas as noites na casa onde morava.

Isso ajudou a insuflar a sua fama.

A amante do príncipe. A deusa amante do príncipe, como era conhecida. Philippe, o príncipe da Holanda, converteu-se de falso amante a amigo verdadeiro.

Presenteava-lhe como cabia a um príncipe fazer com a sua amante: joias, roupas, uma casa nova, cavalos, carruagens, criados.

Kathelyn, em menos de dois anos, tornara-se a sensação dentro e fora da corte na Holanda.

Era tão celebrada e cultuada, que vinham nobres e damas de outros países somente para ouvi-la cantar. Quando faziam, diziam entender o porquê do príncipe, que nunca se envolveu publicamente com mulher alguma, estar perdidamente apaixonado por ela.

Na intimidade, eles davam boas risadas das cenas e dos comentários armados. Era uma distração brincar de inventar histórias e fazer com que todos acreditassem nelas.

Envolta nessa aura surrealista, ela deixou a Holanda com o posto garantido de primeira cantora na academia real da música em Paris.

Mudou-se para a rua Gaillion, em um bairro elegante, próximo, ao grand palais, a rua Richellie onde ficava a ópera que atuava e aos jardins das tulherias.

Paris era um cidade que transbordava arte e beleza. Diferente de Londres, onde tudo sempre foi tão dentro de normas e padrões. Onde mesmo a beleza pedia licença para as rígidas exigências sociais. Em Paris, a beleza respirava a cada pedra colocada nas ruas e em cada dama que ousava criar sem seguir padrão.

Paris encantou-a desde que olhou nos seus olhos pela primeira vez.

Festas colossais. Jardins regados a champanhe. Burgueses dançando junto a nobres. O próprio rei fora eleito por eles. Paris, que inspirava tantos homens a pensar por outros círculos. Ousada emoção circulava entre as veias azuis e as cortinas rubras dos cabarés. Sim, ela foi amada em Paris e a cidade a amou em troca com uma intensidade que Kathelyn não absorvia inteira.

Londres ficava cada dia mais distante. As escassas notícias que ela teve de casa nesses três anos foram tão poucas que podia numerá-las.

A mais difícil de todas – a sua mãe morreu doente, um ano após ela sair de casa. Soube disso há poucos meses. Não teve o direito de dizer adeus, nem de perdoar ou pedir perdão. Não teve o direito de viver o luto que se cabe a uma filha.

A sua irmã casou-se com um visconde, não soube quem. Steve, que fora a Londres uma única vez nesses três anos, disse que ela mudou-se para os lados da Escócia e que não tinha outras notícias. Rezava todas as noites para que a irmã fosse feliz. Ela nunca respondeu uma única carta, das dezenas que Kathe escreveu.

O seu pai estava arruinado, desde que vendeu as rentáveis terras para pagar a multa da quebra do contrato de matrimônio, se afundou em dívidas. Steve contou que Milestone House estava irreconhecível. Não quis entrar em detalhes e Kathelyn preferiu não saber. Doía demais a ideia de que tudo em seu mundo ruía.

Belmont tornou-se um dos homens mais ricos e poderosos da Inglaterra. Mais do que já era. Por ela, Belmont poderia estar morto e enterrado no próprio dinheiro. Mentira. Por mais que se odiasse e se odiava por isso, não conseguiu jamais esquecê-lo. Queria-o tanto que passou a odiá-lo. Nunca se achou capaz de odiar alguém. Estava enganada. Não conseguia odiar nem mesmo o seu pai com a porção que lhe era cabível. E tinha Rafael, por ele, sentia nojo. Parece que toda a

porção de ódio possível a ela sentir, fora desviada para figura de Belmont, é como se ele sugasse e absorvesse a culpa que devia recair sobre todos.

Mas, acima do ódio era feliz. De verdade. Conseguiu refazer os fragmentos que restaram dela. Conseguiu encontrar o seu espaço no mundo. Sentia-se privilegiada em muitos aspectos.

Estava em Paris há três meses junto a Elsa e Jonas. Steve e Philipe também morariam lá por um ano.

Ao chegar, começaram os rumores. Logo todos souberam que ela acabara o romance com príncipe holandês e ele, perdido de paixão, correu atrás de sua protegida. Agora, eram somente bons amigos. Assim, todos os homens que antes mantinham uma pouco comedida distância a perseguiram de dia e de noite.

Philipe e Steve moravam na mesma rua, eram vizinhos de jardim.

O príncipe e o amigo resolveram assumir em Paris que... bem, eram mais que amigos.

Isso scandalizou uma vez mais o belo mundo. Disseram que ele ficara tão arrasado em perder a sua amante, que a única maneira de encontrar consolo, foi nos braços do irmão da dama.

– Vamos incrementar o assédio que você anda sofrendo – disse Philipe uma noite entre vinhos e velas e um jantar de reis.

– Acho que não quero, de verdade, sinto que já é o suficiente o que recebo.

– Não seja tola – respondeu Philipe –, vamos fazer você ter todos os homens de Paris, da França, da Itália e talvez até mesmo do grande reino aos seus pés – Kathelyn riu movida por champanhe.

– Nem pensar – disse Elsa, irritada. – Sou eu quem tenho que administrar esses malucos e a horda de presentes.

– Não seja chata, Elsa, deixa a gente se divertir e deixe Lysa decidir. – Philipe verteu champanhe na taça da mulher e disse: – Beba, irá lhe fazer bem.

– Eu não bebo e você sabe disso.

Lysa, era assim que todos a chamavam agora. Era o seu nome artístico. Somente Elsa, Jonas e Steve ainda a chamavam de Kathelyn.

– E aí, sardenta, vai querer provocar mais com o imaginário masculino?

Ela pensou em negar. Então, sem que convidasse veio Belmont à mesa, o seu pai e logo Rafael.

– Não pense em fazer isso, Kathelyn Stanwell – disse o seu pai.

– Ainda não cansou das rosas, Kathelyn? – perguntou Belmont.

– Não teve o suficiente, minha querida? – contrapôs Rafael.

– Calem a boca, seus malditos – ela murmurou em voz baixa.

Decidiu que sim, gostaria de se colocar acima de todos os homens do mundo.

– Por que não? O máximo que pode acontecer é eu ganhar algumas joias a mais.

– Essa é a minha menina divertida – disse o príncipe e ergueu a taça em um brinde. – Eu garanto, *cherrie*, quando espalharmos a nossa história, você será a mulher mais cobiçada do mundo e mais invejada também.

– Qual o plano, alteza? – ela perguntou erguendo o olhar em desafio...

– Eu espalharei que você anuncia a escolha de seu novo protetor através das cores que usa ao cantar.

Elsa virou os olhos para cima. Philippe continuou.

– Enquanto você canta com... sei lá, esmeraldas, é porque está livre, ainda não se decidiu.

– Muito bom, Philippe, isso fará os homens irem ao teatro todas as noites – Steve deu um gole na sua taça e concluiu – e manterá todos com os olhos em você.

– As peças usadas, mude-as de lugar sempre... no decote.

– Ou no sapato – Steve disse.

– No cabelo – continuou Philippe. O príncipe abriu outra garrafa de champanhe. Diremos que você, antes de ir para Holanda, passou seis meses na Índia.

– Na Índia?

– Sim, *cherrie*, tendo aulas do Kama Sutra e de pompoarismo.

– Pompaoa... o quê? – Kathelyn sentiu que o champanhe aquecia a sua mente e rosto.

– Uma técnica oriental antiga e que todo homem um pouco mais... culto, terá o volume de suas calças aumentado, só com a ideia de que Lysa Borelli pratica essa arte, ahn... milenar.

– Vossa alteza não tem decoro? – Elsa disse com olhar pequeno.

– Como sabe se não tenho o decoro? Por acaso conhece o termo ou a técnica artística ao qual me refiro?

Steve gargalhou.

Elsa dobrou o guardanapo que estava em seu colo.

– Não, mas conheço-o e imagino que tipo de arte criativa e milenar é essa.

– Estou curiosa – Kathelyn se continha para não rir da cara furiosa da preceptora.

– É uma ginástica que fortalece o músculo feminino mais apreciado pelos homens.

– E que músculo é esse? – quem perguntou foi a Sra. Taylor após arrumar os fios do seu coque que não estavam soltos.

– Não acho que a senhora alguma vez já o tenho usado – o príncipe deu outro gole despreocupado no champanhe. Steve parecia se morder para não rir e Kathelyn sacudiu a cabeça desaprovando a brincadeira do amigo.

– Não existe nenhum músculo do corpo sem uso.

– É o músculo que recebe o... bem, como dizer isso sem lhe ofender? – A mulher arregalou os olhos e Kathelyn tapou a risada com a boca. Philippe continuou: – É o músculo que recebe a parte mais bonita do homem dentro. – Elsa franziu o cenho. O príncipe continuou impune. – É o músculo feminino que recebe o órgão reprodutor masculino, símbolo da varonilidade. Orgulho de tantos e... – abriu as mãos no ar – perdição de outros.

– Oras, seu... – a Sra. Taylor ergueu-se na mesa – Seu... devia lhe dar uma surra de bengala, apesar de ser um príncipe.

– Eles ficarão loucos – Philippe ignorou a ameaça da mulher e se dirigiu a Kathelyn.

– Vocês é que são loucos, todos vocês. – Dizendo isso, ela marchou furiosa para fora da sala de jantar.

– Uma mulher com as emoções tão controladas. – Philippe disse em tom de ironia. Todos riram em seguida.

BELMONT CHEGOU EM PARIS HÁ CINCO DIAS. EM MAIS DA metade do seu tempo útil, esteve reunido com projetistas e com os investidores da Bélgica. Agora sentava-se em um dos mais bem localizados camarotes do teatro da Academia real de Música da França. A Salle Le Peletier.

Um espetáculo de teatro deveria caber quase duas mil pessoas acomodadas em poltronas de veludo roxo e braços dourados.

O público ia devagar, tomando os seus lugares sob um pé direito de trinta metros de altura e sob um lustre que cobria metade dele. Os camarotes em gomos redondos eram sobrepostos na abóboda roxa púrpura. No centro dela sumia o roxo e descendia um azul misericordioso.

Dourado e roxo em gomos recortados entre camarotes e teto, davam a sensação presente de estar no interior de uma coroa gigante.

Já estivera nesse teatro outras vezes.

Nunca deixava de admirá-lo.

Essa noite ia particularmente curioso. Sempre foi um apreciador das óperas. A curiosidade não se dava pela peça que seria apresentada, apesar de ser uma peça inédita de Wagner. A curiosidade se dava pela euforia histérica em que pareciam mergulhados todos os homens de Paris.

Bem, todos os que ele teve contato, isso é claro.

Acontece que nos últimos cinco dias, quando não estavam conversando de negócios, falavam da tal cantora de ópera que morava na cidade havia três meses.

Estava curioso porque era homem.

Naturalmente estaria curioso para ver a causadora de tal comoção masculina.

Contaram que ela foi amante de um príncipe e que havia acabado o romance há pouco.

Desde então, virou o objeto de desejo e a causa das maiores apostas entre cavalheiros na cidade. Evidente que estava curioso.

– Dizem que a dama está para escolher quem será o seu novo protetor – falou Jaques Faure –, dizem que enquanto ela canta com uma rosa branca, é o sinal que ainda não se decidiu por ninguém... Ouvi que recebeu uma proposta irrecusável do duque de Clermont.

– Clermont, pelo amor de Deus! O homem tem idade para ser pai dela – reclamou o conde Delors. O Conde era sócio de Belmont na negociação com a Bélgica e com os Estados Unidos. Ele e Jaques Faure eram parceiros nessa negociação.

– E você, Delors, já tentou ganhar atenção da dama? – Belmont perguntou.

– Eu e toda a corte francesa. Há duas semanas ela cantou no palácio outra vez e foi o ponto alto da visita do sultão da Turquia à corte de Felipe.

– Ah, essa história é demais – disse Faure com um sorriso aberto. – Contam os que estiveram lá, que o sultão se encantou tanto com a dama, que ofereceu uma fortuna ao rei a fim de comprá-la. O problema é que na cultura turca, é quase uma ofensa a recusa em cima de um valor tão exorbitante por uma mulher.

– Dizem que Lysa teve que deixar o palácio escondida pelas passagens secretas – o conde gargalhou.

– Contam que o sultão ficou tão ofendido diante do sumiço da jovem, que o rei Felipe foi forçado a oferecer cinco cortesãs no lugar, e somente assim, o homem ficou satisfeito.

– Acontece que Lysa caiu nas graças do nosso monarca. Ele a chama para cantar no palácio ao menos uma vez por semana, já foram vistos inclusive passeando nos jardins do palácio durante a tarde – Faure se recostou na cadeira.

– Ela tem um senso de humor extraordinário, eu mesmo ouvi a dama contar o episódio da fuga pelas passagens secretas do palácio – disse Delors. – Ela relatou que os dois guardas que a acompanharam se perderam no meio dos túneis e passagens e começaram a brigar entre si, enquanto ela gargalhava sentada no chão da escura passagem. Contou-me que ria sem parar da ridícula situação que vivia.

– Eu daria bastante dinheiro pela oportunidade de perder-me com ela por passagens escuras – disse Faure.

– Parece que não se trata de uma mortal. Se estivéssemos na Idade Média seria queimada como feiticeira. – Belmont foi irônico. Já estava um pouco sem paciência com o repetido assunto.

– Seria um enorme desperdício, mesmo que nunca a leve para a cama, sempre me diverte – contrapôs Delors.

A orquestra começou a soar os primeiros acordes.

– Comprove por si mesmo, tenho certeza que depois que a vir, será em outro tipo de fogueira em que pensará – disse o conde.

– Veremos – foi quase um desafio lançado as forças invisíveis.

– Ah, Belmont... Se padecer da mesma doença que caíram todos os homens que enxergam na França, nunca, sob hipótese alguma, envie rosas vermelhas para a dama – foi Jaques quem falou em tom de voz baixo.

– E por quê?

– Lysa as odeia, devolve-as como se tivesse recebido um tapa na cara... Todos sabem disso e bem. Como entendo que não tenho chances com a dama, apostei em você.

– Pelo amor de Deus, só pode estar brincando – Belmont soou irritado.

– Shhh – uma matrona francesa que estava sentada ao lado ordenou com os olhos entrecerrados.

A cortina abriu. O teatro mergulhou no silêncio da expectativa. A orquestra começou a tocar a abertura. Uma única figura de vestido vermelho destacava-se no cenário de uma floresta. Ela estava de costas. Os cabelos iam meio soltos em ondas quebradas até a cintura. O corpo, as curvas, o branco dos ombros. Sentiu a respiração riscar a garganta.

O tom da cor de cabelo.

A única pessoa que ele conheceu que tinha essa dádiva dourada, no lugar do cabelo era...

Não podia ser.

Segurou com força nos braços da poltrona e a voz dela preencheu tudo.

Não era humana, era a voz de uma fada.

Se a luz celestial falasse, seria assim que soaria.

Ela ainda estava de costas e ele não estava mais na ópera. Estava em uma pequena sala de música sendo acariciado na alma pela voz mais perfeita que ele já ouviu.

A voz que era sua.

Porque ela cantava para ele. Todas as manhãs ela cantou para ele, por mais que houvessem cem parentes e criados e...

Fechou os olhos. O corpo inteiro tremeu em confirmação.

Não podia ser.

O timbre elevou-se ao impossível e uma lágrima estúpida quis tocar-lhe o olho. Ele soltou o ar. Ela ainda estava de costas.

– Como ela se chama? Como você disse que era o nome dela?

– Lysa – respondeu Faure, sobressaltado.

– Shhh – ouviram novamente.

Ele não ouviu mais nada. Nem a voz da partitura divina. Nem o amigo que falou algo ao seu lado. Ela virou de frente e mais nada existiu.

Um rosto que secaria de inveja qualquer mulher, que desbotaria toda pintura ou reprodução de Vênus. Ali estava ela, encarnada, e nenhum homem seria capaz de reproduzi-la.

Nunca.

Ela não estava distante, mas era impossível enxergar com nitidez os olhos vivos de esmeraldas líquidas. Voltou a respirar.

– Kathelyn – soprou como uma invocação. Como se ela pudesse desfazer-se entre notas e instrumentos. Entre vermelho e folhas e...

– Belmont, você está bem? – Somente então olhou ao redor. Estava com a mão torcendo a jaqueta de Jaques Faure, com o punho fechado como se o homem o devesse alguma explicação pelo inconcebível.

– Não, com licença, não estou – levantou sem se importar com os protestos vindos das cadeiras vizinhas. Levantou alheio ao mundo e saiu do camarote. Tinha o corpo todo instável.

Kathelyn!

Santo Cristo. Como uma deusa de vermelho, ainda mais fascinante do que ele recordava. Uma rainha da sensualidade. Sacudiu a cabeça, desceu as escadas sem perceber que os amigos vinham atrás.

– Belmont – gritou o conde Delors.

Deteve-se.

– O que aconteceu, homem? Ficou tão impactado que perdeu a razão? – Delors perguntou com uma risada irônica.

Perdeu a razão, o ar, a estabilidade e possivelmente toda a sensatez.

– Não me sinto muito bem, acho que vou para casa descansar.

– Quer ajuda, precisa que chamemos a um medi...

– Não – interrompeu brusco ao conde. – Obrigado, apenas, preciso descansar.

Trancado no seu escritório há mais de quatro horas, ele lutava com uma garrafa de conhaque que o desafiava.

A garrafa jurava que seria impossível ele terminá-la e manter-se em pé e ele jurava que, depois de ver Kathelyn após três anos, nada mais o derrubaria.

Ela, vestida de vermelho era a sedução realizada.

Dava voltas em cima da sedução e gargalhava na cara dela.

Ela no palco resgatou os três anos de fantasia e desejo reprimidos, trouxe-os de volta em árias completas.

Ouviu batidas na porta, sabia quem era.

– Entre, Scott, meu bom valete.

– Ahn... Excelência, creio que devemos parar por hoje.

O duque gargalhou.

– Devemos? Espere – pegou um copo verteu conhaque nele e deslizou na mesa em direção ao valete. – Scott, se quer que paremos em algum momento, você tem que começar a beber comigo.

– Vamos, excelência.

– Aquela cabra vermelha – grunhiu. – Aquele anjo da tentação.
– Senhor, receio que já teve o suficiente por hoje.
– Sabe qual o problema, Scott?
– Não, senhor.
– É que eu não tive o suficiente e nem sequer tive... Esse é todo o problema.
– Senhor – o valete apontou para a garrafa e disse: – Não considera uma garrafa quase esvaziada o suficiente?
– Estou falando da cabra de vermelho.
– Vamos descansar, excelência, amanhã me conta sobre a tal cabra de vermelho.
– Eu não descanso direito há três anos. Não desde que aquele tormento fantasiado de mulher entrou na minha vida.
– A quem se refere, senhor?
– Não se faça de estúpido.
– A Srta. Kathelyn?
– A Srta. Kathelyn? – disse com desdém. – Quanta cortesia. Refiro-me a mesma dama que agora é conhecida por Lysa Borelli. A mulher mais desejada de toda a França, de toda a maldita Terra.
– Senhor? – o valete sacudiu a cabeça sem entender.
– A Srta. Kathelyn é agora amante mais disputada do *beau monde*, a mulher que era para ser somente minha... Deus sabe quantos homens já tiveram aquele corpo. Já se perderam ali. – O duque apoiou o rosto nas mãos. Estava exausto.
– Vamos subir, senhor, deixe-me ajudá-lo.
– Ela será minha, Scott.
– O que, senhor?
– Kathelyn, Lysa, cabra... Será minha nem que eu tenha que mover todas as locomotivas do mundo até o sol. – Sacramentando isso, ele levantou e caminhou sem ajuda até o quarto.

– EU ADORO OS BAILES DE MÁSCARAS, NÃO SÃO INSTIGANTES? –

Philipe apontou enquanto eles moviam-se entre as pessoas.

– Eu sempre adorei – disse Kathelyn desviando de um imperador romano.

– Quanto tempo até eles lhe reconhecerem e caírem como formigas no açúcar?

– Não estou contando tempo.

– Nem precisa.

Kathelyn olhou para frente e um grupo de homens apontava em sua direção.

– Vamos – sorriu e agarrou a mão de Philipe arrastando-o entre os convidados.

– Mas que camponesa tão ousada você é, Lysa – disse Philipe, rindo.

– E você é um pirata sortudo por contar com uma camponesa disposta a se esconder em algum canto sob sua capa.

– Por que estamos fugindo? Steve voltará da mesa de bebidas e não nos encontrará.

– Naquele grupo que apontava em nossa direção, creio que vi o marquês de Dousseau e aquele seu amigo insuportável, o senhor Boudy. Ele estava fantasiado de coelho... Que homem em posse de sua honra se fantasiaria de coelho?

– Ahhh, Lysa, como você é maldosa. Os coelhos são mestres em reprodução.

– Cristo me livre. Será que era nisso que o homem pensava? – levou as mãos à boca e gargalhou.

– E quanto a Dousseau fantasiado de um rei nórdico?

– Devia vir fantasiado de sarna ou de carrapato, assim que me sinto quando ele está por perto – fez uma negação incrédula com a cabeça e disse: – E o que é todo aquele pó branco que ele usa no rosto?

– Isso ele usa com ou sem fantasia.

– A última vez que plantou um beijo em uma das minhas luvas de cor escura, ela ficou metade coberta de branco o resto da noite.

Kathe sentiu uma mão no seu ombro.

– Essa camponesa é a dama mais fabulosa da festa, só pode ser madame Borelli.

Philipe mordeu o lábio para não rir. Kathelyn virou e encheu o pulmão de ar.

– Boa noite, monsieur Dousseau, como vai a sua encantadora esposa?

– Encantadora? Madame Borelli, não conhece o espelho?

– E o senhor, que original vir fantasiado de fantasma.

– Sou Odin, o Deus dos vikings, não um fantasma.

Philippe engoliu uma gargalhada. Kathe disse:

– Permita-me apresentar, meu grande amigo o príncipe Philippe Van Persen da Holanda.

– Muito prazer, alteza.

– Creio que já fomos apresentados em outra ocasião.

– Creio que sim.

– A senhora ofusca todas as damas, madame Borelli – disse o senhor Boudy.

– O senhor é um coelho – respondeu Kathelyn, com o tom de voz incrédulo.

– Você sabia que os coelhos são os animais que conseguem fazer o maior número de filhotes... – Kathelyn sufocou um grunhido. Philippe, que ia conversando ao lado com o marquês, mordeu a mão para não rir. Ela ouviu: – Os coelhos não fazem nada mais nos seus dias além de...

– Graças ao bom Deus – o interrompeu – não tem uma cauda felpuda aqui atrás do meu vestido. Não é mesmo? Ou orelhas enormes saindo do meu penteado, senão, como ficaria a nossa ópera?

– Estou procurando vocês há tempos. – Steve juntou-se ao grupo. Ele, como Philippe, vinha fantasiado de pirata.

Não demorou muito para Kathelyn estar cercada de pelo menos uma dúzia de cavalheiros. Ela sorria e tentava manter uma simpática distância. Sabia que esse papel fazia parte do seu personagem público. Já estava conversando com o grupo há mais de quinze minutos. Não queria ficar nem mais meio. Virou a cabeça para os lados buscando uma saída e uma desculpa que a livrasse de todos de maneira educada. Os olhos correram por homens e mulheres fantasiados pelo salão.

– Lady Blondet veio com um bolo na cabeça – Philippe disse na sua orelha.

– Oras, não seja maldoso, esse é o cabelo da dama – ela respondeu divertida.

– Mas ele é azul.

– É o cabelo da dama. – Kathelyn ria do comentário do amigo, quando todos os sentidos e funções foram detidos em uma coluna. Uma enorme sombra negra se sobrepunha no salão. Encostado na coluna em questão, com os braços cruzados relaxado e natural.

Uma assombração de negro.

O falcão a olhava.

– Kathelyn, você está bem? – foi Steve quem perguntou.

Ela tirou o olhar da sombra e soltou o ar que nem percebeu ter retido.

– É... É ele.

– Quem, sardenta?

Ela tomou coragem e voltou a olhar. Levou a mão à boca. Estava trêmula.

– Sumiu... Tenho certeza.

O quê?

– Era ele...

– Quem, meu Deus? – interveio Philipe.

– Está bem, madame? – perguntou um dos cavalheiros que a rodeavam. Em seguida, uma onda de perguntas similares e exageradas romperam.

– Posso pegar algo para beber? – disse Dousse.

– Quer me acompanhar para tomar um ar? – perguntou Boudy.

– Precisa de algo? – ouviu outra voz masculina.

– Me tire daqui. – Apertou o braço de Steve, que abraçou-a pelo ombro e conduziu-a para longe do grupo.

– Quem era, Kathelyn? – Steve perguntou uma vez que estavam a sós, em um lugar mais isolado do salão.

– Era o falcão – piscou fundo –, Belmont.

Silêncio.

– Não acredito, o nosso herói deformado? – Philipe fez uma negação horrorizada com a cabeça, dizia que se não fosse pelo duque, eles não teriam Lysa em suas vidas, por isso Philipe chamava-o assim.

– Devo agradecer ou desafiá-lo para um duelo?

– Não – ela apontou para Philipe. – E não – apontou para Steve e disse: – Não desafiarão a ninguém e também não agradecerão – respirou fundo, havia parado de tremer. – Talvez nem seja ele, talvez... Talvez tenha visto coisas... Mas tenho que ter certeza. – Recolheu as saias e saiu pelo salão. Philipe intentou segui-lá. Steve o deteve.

– Deixe-a, se for mesmo ele, apesar de querer enfiar uma bala na bunda do desgraçado, ela precisa fazer isso a sós. Mesmo que não admita, sei que espera por isso há três anos.

– Mas...

– Vamos apenas tentar mantê-la a vista.

KATHELYN IA ABRINDO CAMINHO DESVIANDO DE RABOS DE saias e de galanteios ao pé do ouvido. Ia com uma decidida firmeza olhando sobre ombros, perucas e plumas. Estava com a consciência meio nublada, as vozes e os rostos pareciam misturar como num sonho. Por vezes, tinha certeza de que o via, em cantos ou em colunas. Como se soubesse que estava sendo procurado.

Aparecia e desaparecia.

Apesar de afirmar a cada passo que seus olhos a enganavam o seu corpo sabia o contrário.

A mesma reação frenética estava de volta.

A reação, que ela acreditou, homem nenhum mais despertaria em seus sentidos.

Homem nenhum.

Ela não permitiu, ela nunca mais permitiu.

Mantinha-se erguida respirando e procurando-o sob máscaras, capas e pinturas, cortinas e confusão.

A porção dela que precisava da confirmação, ainda exigia os passos, dirigia o pescoço a movimentar-se encontrando os rostos. A fazia seguir imersa em um transe.

Era um sonho. Não era real.

Ele não podia voltar a aparecer em sua vida.

Sentiu-se tonta, ainda mais confusa. Alguns cavalheiros tentaram segurá-la, rindo e oferecendo o usual flerte sem descrição. Ela livrava-se bruscamente das mãos e dos corpos que a impediam de continuar buscando.

Até que o viu.

Ele estava encostado em um canto e a olhava.

Não tinha riso nos olhos nem na boca. Ela teve certeza de que dessa vez Belmont conseguiria o que era o desígnio de um predador. Ela não resistira se ele tentasse entrar de novo em sua vida. Ele a mataria.

Não! Gritou tudo em si.

Não.

As células do corpo exigiram luta. Não, ele não acabaria com ela. Sacudiu a cabeça. Ele não a derrotaria. Recolheu as saias e saiu em direção a varanda.

Respirava o ar morno anoitecido de orvalho e flores recolhidas. Tentava se acalmar. Ordenar os pensamentos.

O que ele fazia ali?

Por que não parecia nem um pouco surpreso ao vê-la? E por quê, Deus, por quê, ele vestia-se da mesma maneira de quando se conheceram há três anos?

Viria atrás dela? Por quê?

Sentiu um choque na espinha e os pelos da nuca subiram. A advertência instintiva da presença de um predador natural. Ela sabia que ele vinha às suas costas. Viu a enorme sombra negra erguer-se, sobrepor-se a ela e tentar engoli-la.

Fechou os olhos e tomou o ar que cabia a uma presa.

Inflou o pulmão na capacidade máxima para crescer em postura, em decisão e força.

Ela não era uma presa. Não mais.

– Não se aproxime de mim ou juro que o mato.

Os grilos responderam e ela continuou:

– A mesma fantasia da primeira vez que nos vimos... Por quê? – saiu sem que ela se desse conta.

Ele não respondeu. Ela apertou as mãos.

– Se a sua ideia era trazer qualquer tormento com puxões do passado, não funcionará.

– Kathelyn – em voz baixa e rouca ele invocou o reconhecimento de tudo o que os ligou, os envolveu, os construiu.

– Não senhor, se engana. Não me chamo Kathelyn.

Ele se aproximou, ela perdeu o pouco de ar que ainda conseguia sustentar.

– Uma valsa?

– Não, não danço com sombras, somente o faço e desfruto quando faço com homens.

– Uma valsa, Kathelyn.

Ela virou para encará-lo e disse:

– Perdeu a sua dança. Esqueceu-a há três anos. Negou-a publicamente, redigiu em um maldito jornal. Não há mais valsas para o senhor. Muito menos há alguma Kathelyn... Por favor, não me estranhe mais e não me dirija a palavra – ela olhou para a frente e concluiu: – Não converso com assombrações. – Entrou no salão. Cruzou as portas duplas francesas. Parou procurando por Steve e Philippe. Queira ir para casa. Sentiu um braço de ferro rodear a sua cintura. A respiração curta e a boca dele colada na orelha a fez perder a firmeza das pernas.

– Uma valsa e você lembrará quem é, entenderá que eu estou muito bem disposto e vivo – apertou-a mais contra o corpo – e saberá também, que sou um homem inteiro. – Os dois

estavam ofegantes.

Ele a fazia sentir tudo o que estava adormecido há anos. O corpo, a voz, a boca, a respiração, o calor dele. O cheiro de almíscar, o cavanhaque, as mãos. Ela tinha esquecido que podia, o que era possível ser despertado em seu corpo. Desejo. Cru. Duro. Possesso.

– Solte-me – ela pediu com ódio dele e de si.

– Eu sei, sinto-a. Não terei minha valsa, mas terei você... Porque na verdade, já a tenho desde a primeira vez que nos vimos.

– Tudo o que tem de mim é nojo e desprezo.

Ele a soltou, mas não sem antes dizer:

– Provarei que você está enganada.

KATHELYN TOMAVA O DESJEJUM EM SILÊNCIO. TINHA UM rastro escuro embaixo dos olhos – a prova de que a noite foi um problema. A Sra. Taylor olhava-a com uma calma atenção, enquanto movia a colher na xícara de chá. Kathelyn, que ia hipnotizada pelos morangos à sua frente, nem notou o que fazia.

– Se continuar passando geleia em seu pão, a faca chegará ao prato. – Elsa disse em tom analítico.

Kathelyn suspirou.

– Estou distraída, é só. – Ela tinha jurado não pensar mais no encontro da noite anterior. Como?

– A festa foi boa?

Kathelyn não respondeu. Continuou mastigando em um contemplativo silêncio.

– Os morangos criaram olhos?

– Sim – ela respondeu.

– Ah, criaram?

– O quê?

– Olhos?

– Que olhos?

– O que acontece, minha menina?

Ela coçou a cabeça. Suspirou outra vez.

– Já é o centésimo suspiro para os morangos – disse Elsa.

– Eu o vi, ele veio atrás de mim na varanda e pediu-me uma valsa.

– Quem?

Silêncio.

– Os morangos – disse Kathe.

– Os morangos?

– São vermelhos como as rosas.

A Sra. Taylor passou o guardanapo na boca.

– E por isso essa introspecção matinal?

– Não quero mais.

– Morangos?

Kathelyn fechou os olhos.

– Belmont.

– Claro que não... Mas o que os morangos têm a ver com isso?

– Foi ele quem vi ontem.

– Belmont?

– Sim.

Elsa cobriu a boca com as duas mãos e perdeu a cor do rosto.

– Como está tão tranquila?

– O que posso fazer?

– Matou-o?

– Claro que não.

– Que bom, reserva-me o prazer de fazê-lo.

Kathelyn deu um gole no chá, que tinha esfriado.

– Acho que não o veremos mais. Espero que não.

– Santo Deus, Steve, o que fez?

– Depois que permitiu que eu falasse com ele... Philippe e ele.

– Deixaram falar com ele?

– Sim.

– Vou matar Steve, o que ele tem na cabeça?

– Olhos, boca, pescoço, nariz – Kathelyn abria os dedos no ar contando –, cabelo, orelhas.

– Como não socou Belmont até a morte? – A Sra. Taylor se abanava com o guardanapo.

– Pedi que não o fizesse.

Elsa olhou para baixo por um tempo e disse em seguida:

– Está certa, o passado tem de ser superado e esquecido. E se olharmos para o presente...

Temos tudo, não é mesmo? Até mais do que já tivemos e creio que talvez ele desapareça novamente.

– Com licença, senhoras era François, o mordomo – acabam de chegar. – Ahn – o homem pigarreou –, acabam de chegar, algumas flores para senhora.

As duas mulheres ficaram olhando escandalizadas para o mordomo. Afinal, ela recebia dúzias de flores, todos os dias.

– Obrigada François, coloque nos vasos de costume e...

– Madame, é que... bem... Ahn... São muitas.

– Muitas?

– Creio que mais de uma centena.

– Bem, isso é novo, não é verdade? – sacudiu os ombros e colocou o guardanapo do colo sobre a mesa. Disse: – Arranje-as aonde der e...

– É que são rosas vermelhas.

O eco do relógio se estendeu do saguão até a sala de jantar por alguns momentos.

– Belmont, maldito – Kathe olhou para baixo.

– Jogue-as todas – disse Elsa – fora de casa.

– Não! – Kathelyn ergueu a mão. – Pensarei o que fazer. Veio algum cartão junto?

– Sim, madame – o mordomo se aproximou e entregou um envelope branco.

Ela o abriu.

Relógio, relógio, relógio.

Colocou-o sobre a mesa e disse com olhar vago.

– Por quê? Pergunto-me se ele já não teve o suficiente...

– Deixe-me ver – Kathe estendeu o braço e Elsa agarrou o bilhete.

O relógio voltou a aumentar o insistente batucar entre as salas.

– Minha Artemis? Diz apenas isso? – Elsa perguntou.

– Sim. A meretriz sagrada... Ele está jogando comigo. Eu só não sei por que, vingança?

Kathelyn teve certeza de que Belmont voltara para atormentá-la. Para esfregar na sua cara tudo o que foi tirado dela. Para comprazer-se ao confrontá-la derrotada. Ele devia acreditar que ela convertera-se em uma cortesã de luxo. Para homens como Belmont, esse é o mais baixo que uma dama poderia chegar.

Kathelyn também cresceu acreditando nisso. Hoje tinha outra certeza. Conheceu algumas das mais famosas cortesãs de Paris. Uma delas era uma das mulheres mais cultas e fascinantes que já conhecera.

Ser meretriz ou não, não era para Kathe o atestado da crueldade ou da bondade.

Ela teve certeza de que Belmont viera vestido com a secura da crueldade.

Voltara para humilhá-la.

Para fazê-la reviver feridas que nunca cicatrizaram por completo.

Elsa a encarava.

– Acredita que ele quer fazer mais mal do que já lhe causou? Nem mesmo ele pode ser tão frio e...

– Talvez não esteja satisfeito.

– Talvez a queira.

Kathelyn fez uma negação com a cabeça.

– Quer me humilhar, jogar na minha cara coisas que remetem a nosso passado. É a maneira dele mostrar que saiu vitorioso. Que conseguiu provar tudo o que eu jurava ser falso.

– Eu vou falar com ele, vou exigir que desapareça.

– Não. Vou deixar claro que não sou mais a menina inocente que ele conheceu. Não sairá com a falsa satisfação de que conseguiu me reduzir ao que quer que ele imagine.

Levantou com a elegância de uma princesa. Saiu no vestíbulo e pegou um dos jarros já montados com as rosas vermelhas. Olhou-o com uma falsa tranquilidade e arremessou-o contra a porta da entrada. Viu o mordomo, Marie e Jaqueline, duas de suas criadas que olhavam-na com uma pálida surpresa.

Quando saía ouviu Marie, que era a sua ajudante de quarto, sussurrar:

– Por que ela odeia tanto as rosas vermelhas?

Kathelyn girou e respondeu com calma:

– Não odeio as rosas vermelhas, odeio ao homem que elas me lembram.

BELMONT ESTAVA REUNIDO COM PRIMEIRO MINISTRO DA Bélgica, com o conde Delors e com o senhor Faure.

– Acredito que três locomotivas é o número mínimo para o início das operações – disse o conde.

– O ideal seria pensarmos em cinco máquinas e depo...

– Com licença, excelência. – Era Scott quem interrompia. O duque olhou por cima do monóculo sem mover o ângulo da cabeça que ia voltada em direção a mesa.

– O senhor pode vir aqui um instante?

Ele retirou o monóculo, apoio-o sobre a escrivaninha e disse:

– Senhores, por favor me deem licença – saiu encostando a porta do escritório.

– O que houve, Scott, a casa está pegando fogo? – perguntou com as sobrancelhas erguidas.

– Não senhor, mas está sendo enterrada.

– Enterrada?

– Acompanhe-me, senhor.

– Mas o quê? – Belmont estancou na porta de sua casa onde jaziam no chão, uma centena de rosas.

– Pediram para lhe entregar isso. – Scott estendeu um envelope branco.

Após ler o bilhete, a boca do duque curvou para cima de um jeito cínico.

– Peça para limparem toda esta bagunça – Belmont disse e deixou o cartão em cima do aparador, próximo a porta. Voltou para reunião sorrindo entre divertido e instigado, sabia o que iria fazer.

No aparador, um cartão solitário mostrava a letra de esmerada caligrafia:

Não recebo rosas vermelhas de ninguém.

Já do senhor, não receberei flor alguma.

Cordialmente.

Lysa Borelli

Kathelyn ensaiava uma nova composição naquela mesma tarde com o maestro do teatro, o senhor Courdec.

O seu mordomo entrou e em silêncio deixou um bilhete sobre a mesa de centro. Em silêncio também saiu a fim de não interromper o ensaio.

Os olhos de Kathelyn o seguiram enquanto elevava a voz nas escalas exigidas.

Resistiu a curiosidade até o ensaio terminar.

Não queria se importar com a resposta de Belmont, se é que esta era uma resposta. Não queria se importar com nada a respeito de Belmont. Se é que era de Belmont, o cartão. Despediu-se do maestro e pegou o envelope.

A Sra. Taylor entrou enquanto ela encarava o bilhete ainda sem decidir se lia-o ou jogava-o fora.

– Já tomou conhecimento? – perguntou a preceptora.

– Exatamente ao que se refere?

Elsa apontou com a cabeça para o bilhete.

– É dele, não é?

– Sim.

Sem falar mais nada, ela pegou a nota e leu com uma nervosa atenção.

Querida Artemis,

Sinto muito que as rosas não tenham agradado.

Envio outras.

Quantas vezes voltarem a ser devolvidas, tantas vezes lhe enviarei o dobro delas.

A.H.

– Quantas rosas chegaram?

– Duzentas, creio.

– Separe-as em ramos de dez, Belmont terá uma surpresa. Ah... E chame Jonas, tenho um trabalho para ele.

KATHELYN VOLTAVA DE UM PASSEIO PELA CHAMPS ÉLYSEES, em companhia de Steve e Philipe. Riam com divertida descontração de suas piadas particulares.

– Até mesmo a Srta. de Lacroix entrou na sua lista? – perguntou Steve.

A Srta. de Lacroix era a solteira mais desesperada para agarrar um partido na França. Tão desesperada que na última temporada, não recebeu quase nenhum convite para baile ou sarau. Tão desesperada que os cavalheiros fugiam dela como se ela tivesse os poderes da Medusa.

– Essa foi a primeira da lista – Kathelyn disse tomando fôlego entre as risadas.

– Quantas foram ao total? – Philipe apoiou a cartola e a bengala na chapeleira próxima a porta.

– Umas trinta sortudas – disse Kathelyn tirando o chapéu.

– Todas solteironas rejeitadas? – Foi Steve quem perguntou.

– Quase todas tão ou mais desesperadas que Srta. de Lacroix por um marido.

– Sua mulher sem coração, por que não me deixou participar da escolha das felizardas? Teríamos rido três dias – Philipe disse levando a mão ao peito.

– Vocês estavam fora de Paris antes de ontem e tínhamos pressa, as flores não podiam murchar... – Kathelyn ainda não parara de rir.

– Foi Jonas quem entregou as flores às damas?

– Sim, nem preciso dizer o quanto ele adorou fazer isso... Vocês sabem, se eu permitisse, Jonas seria capaz de matar Belmont. Ou pelo menos de tentar matar.

– Ouvi dizer que ontem tinha uma fila de damas na casa de Belmont. Elas foram responder com generosa disposição a gentileza do duque em enviar flores às suas residências – Philipe falou entre risadas e foi acompanhado no coro de diversão por Kathelyn e Steve.

– Adoraria ter visto a cara dele – disse Kathe.

– Poderá ver – era voz da Sra. Taylor. Ela e Jonas se aproximaram.

– Por quê? – Kathelyn perguntou e desfez o laço que prendia a capa.

– O duque está aqui – respondeu Jonas. – Tentamos impedir que entrasse. O senhor François bateu com a porta na cara dele uma vez, na segunda ele entrou usando a força.

– Ele ameaçou chamar a polícia e denunciá-la por fraude, caso não fosse recebido por você.
Ainda hoje – disse a Sra. Taylor.

Kathelyn suspirou.

– Tão típico dele coagir as pessoas sob ameaças.

– Deixe eu lidar com ele, Kathelyn – exigiu Steve em voz baixa.

– Não, eu não vou permitir que resolvam as coisas com a barbaridade masculina, já basta no que resultou o encontro de vocês há três anos.

– Posso conhecê-lo? – disse Philipe com olhar insinuativo. – Adoraria dar um rosto ao mito.

– Infelizmente ele não é um mito, e sou eu quem tenho que mandá-lo de volta ao lugar da onde veio. Onde ele está?

– Na biblioteca. – A sra. Taylor encarou a porta fechada mais à frente como se houvesse um dragão lá dentro.

– Vou resolver isso. Vou exigir que desapareça da minha vida.

Kathelyn alisou as saias do vestido cor pêssego e ergueu-as um pouco a fim de caminhar até a biblioteca. Ouviu a voz de Jonas.

– Não beba o chá e nem coma as massas que servimos há pouco.

– Por quê? – Kathe virou a fim de olhar Jonas. – Colocou algo... Não me diga que? – ela prendeu a respiração.

– Não, apesar do muito que gostaria, não colocamos veneno – disse a Sra. Taylor. – Jonas apenas me ajudou a enxertar aquela pimenta indiana que ganhou de presente e que acreditamos nunca a usaríamos, nos biscoitos.

Kathelyn afogou uma risada. A Sra. Taylor continuou.

Naturalmente ele precisará de um frescor depois... Me certifiquei de prepará-lo com todo o nosso estoque de genciana⁷.

– Ah, deixe-me entrar, por favor – o príncipe fez um gesto de súplica.

– Vão para casa, assim que ele for embora vou até vocês.

7 Erva muito amarga utilizada para fazer remédio digestivo

BELMONT ANDAVA DE UM LADO A OUTRO NA BIBLIOTECA. Sentava. Levantava e andava toda ela outra vez. Perdeu a conta de quantas vezes fez isso cerca de uma hora e meia em que esperava Kathelyn.

A sala era elegante e feminina. As paredes pintadas em azul-claro e as poltronas cobertas com motivos florais. As estantes de carvalho iam forradas do chão ao teto por todo o tipo de títulos. Se alguém que não a conhecesse entrasse no cômodo, juraria que os livros de filosofia e história grega, egípcia, romana, estavam lá apenas para decorar. Ele sabia que se tratando de Kathelyn ela deveria não somente ter lido, como estudado boa parte deles.

Apenas para impressionar? Parte do jogo de seu personagem montado?

Podia vê-la sentada, lendo ao lado da lareira durante as noites. Lembrou que ele mesmo sonhou em fazer isso na companhia dela, quando acreditava que seriam casados. Será que ela levava os amantes para ler junto ao fogo e então faziam amor naquele tapete persa?

Tapete que ele pisava e odiava pelas imagens que recorreram tal suposição.

Odiava-o ainda mais porque desejava com toda a pele e ar do seu corpo que fosse apenas ele que a deitasse naquele chão e que a possuísse.

Quantos foram?

Quantos homens a tiveram?

Essa pergunta o enchia de um ódio instintivo e de uma vontade primitiva de matar tais homens.

Que despropósito.

Ele mesmo abrira mão de possuí-la exclusivamente. Ainda mais ridículo era cogitar isso, Kathelyn não era mulher de um homem só.

Não era mulher para se ter como esposa.

Era mulher para ser uma amante.

A mulher que ele mais desejou na vida.

Ele sentia-se próximo a um jovem inexperiente. Estava nervoso, não somente muito irritado com a ousadia de Kathelyn, mas também nervoso pela ideia de que a veria em breve.

Sentia as vísceras contraírem a cada barulho no corredor e isso nada tinha a ver com a vontade de dar-lhe umas palmadas.

O frio interno era pura expectativa.

Queria castigá-la também, é claro.

Merecia umas palmadas por tê-lo feito responder a uma penca de damas desesperadas. Damas que acreditavam estarem sendo cortejadas por ele.

Maldita mulher ousada.

Mandou as rosas para cada uma das solteironas de Paris. Nem mesmo as velhas e gordas ficaram fora da lista de Kathelyn.

Ele passou os últimos três dias tendo de responder a cada uma delas e explicando aos pais das damas que as flores entregues, algumas com cartões bem inadequados, se trataram de uma brincadeira de mau gosto em seu nome.

Nesse três dias infernais, recebeu uma dúzia de mulheres. Algumas chorando em desespero por sua negação. Três damas simularam um desmaio de indignação. E fora desafiado a um duelo.

O pai de uma das damas ficara tão enlouquecido com a nota que acompanhou as flores e que parecia comprometedor, que só desistiu do duelo quando ele pagou uma quantia indecente a fim de compensá-lo pelo desgaste causado.

Ele podia mandar prender a cabra de vermelho inconsequente.

Ela falsificou o lacre com o brasão ducal. Mulherzinha desafiadora.

Mas no lugar de querer encerrá-la em uma prisão, estava ele preso a um desejo obsessivo que o perseguia há três anos e que o comia vivo desde que colocou os olhos nela, em cima daquele palco. Ouviu a porta abrir. Ela estava com um vestido matinal. Sentiu o ar gelar no estômago. Apesar de vestida assim, parecer mais a jovem que ele conheceu há três anos, ela desenvolveu-se, amadureceu e ficou ainda mais impressionante.

Kathelyn fechou a porta com as costas.

– Boa tarde – ela disse depois de executar uma genuflexão –, me espera faz tempo? – Ele jurou que tinha uma ironia contida na maneira que ela sorriu.

Há três anos, ele quis dizer.

– Não, mas o suficiente para conseguir ler todos os títulos da estante.

– Esteve ocupado, então?

– Decidido a falar com você, nem que tivesse que ler todos os títulos e as obras completas dessa sala.

– Falaram que estava mesmo decidido, quase machucou o Sr. François ao forçar a entrada... Uma lástima, devia se envergonhar, pois ele tem o dobro de sua idade e metade – ela disse isso percorrendo o seu corpo com os olhos, ele sentiu a respiração acelerar – do seu tamanho – concluiu.

– Não vai se sentar? – ele olhou uma das poltronas à frente.

– Não, pretendo terminar tudo por aqui, muito rápido.

Ele quis terminar rápido. Na verdade, quis rasgar o vestido dela e possuí-la ali, em pé com as costas contra porta. O seu corpo exigia que ele terminasse muito rápido. No lugar disso perguntou:

– Diga-me uma coisa, estou em dúvida, na França qual é a pena para falsificação e fraude?

– Não sei, por que deveria saber?

– As damas que eu recebo há três dias, revoltadas e desconsoladas, não concordam com isso.

– Tem recebido muitas damas em casa? Bom, não é de se estranhar... – ela levantou os ombros. – Julgo que não mudou os seus hábitos libertinos... Mas de fato, não me interessa e não sei porque estamos discutindo isso – Kathe elevou o olhar, desafiando-o.

– Não vim antes porque a sua ousadia e irresponsabilidade me mantiveram muito ocupado... Eu fui desafiado a um duelo.

– Eu lamento muito.

– Lamenta?

– Sim, se está aqui é porque não morreu nele.

Arthur deu uma risada fria.

– Kathelyn, não brinque comigo... Não sou o tipo de oponente com o qual queira fazer os seus jogos sujos. Creio que se lembra o que aconteceu a última vez que tentou me fazer de parvo.

– Na verdade o que lembro agora é a certeza que não mudou em três anos: eu não quero tê-lo em minha vida de forma alguma. Nem como amigo, nem como inimigo... Para mim, vossa excelência é irrelevante. Sendo assim, se dirija a minha pessoa com respeito. Sou madame Borelli para o senhor.

Ele olhou-a por algum tempo em silêncio, depois disse:

– O nome de seu finado marido italiano?

– Não é de sua competência, mas sim, era o nome dele.

A postura arrogante dela, o olhar frio e a maneira desdenhosa que ela se dirigia a ele transformou toda a excitação que sentia em irritação, raiva.

– Você foi muito rápida, madame, demorou nem trinta dias depois do fim de nosso noivado para arrumar um imbecil que acreditasse nas suas artimanhas... Diga-me, Kathelyn, o pobre imbecil, que Deus o ampare, acreditou ser o primeiro em sua cama?



– Não ouse trazer o passado para esta casa e jogá-lo como uma rede em cima de mim. Eu não vou aceitar seu presente, seja ele qual for. Volte carregando-o. Suma da minha vida, não mande flores, não escreva notas, não me peça valsas, não me dirija a palavra, não me reconheça em qualquer lugar. Aquela jovem que você lembra, não existe mais... Tudo o que ela foi morreu. O senhor ajudou a abrir a cova – ela tremia de raiva. Continuou: – Não tem o direito de entrar na minha casa – Kathe deu um passo à frente e disse –, de dirigir-me qualquer que seja atenção – deu outro passo encurtando a distância entre eles. Prosseguiu: – Não tem o direito de me pedir explicações ou de querer que eu justifique qualquer coisa da minha vida – deu mais um passo e poucos centímetros os separavam. Eles respiravam com peso. Ela disse: – Vá embora, Belmont, e não volte nunca mais.

Há quase três anos era Lysa Borelli. Ninguém tiraria isso dela.

O duque agarrou-a com as mãos pesadas e apertou a curva dos seus braços.

– Lysa ou Kathelyn, não me importa o nome que terá na minha cama. Borelli ou Stanwell. Quando estiver gemendo de prazer, não vou me lembrar qual era ou é o seu nome e o número de homens que já desfrutaram da sua entrega não fará qualquer diferença. Madame – ele colou os lábios na orelha dela. Sussurrou: – Eu vou lhe fazer minha tantas vezes que você não será capaz de lembrar qualquer número ou nome, entendeu?

Kathelyn sentiu as pernas fraquejarem e a respiração não descia mais. O calor sobrepôs-se a raiva. A voz, as palavras de Arthur a dissolveram.

Tudo nela precisava ser consumido e absorvido. Era o único meio de voltar a ter forma. Respirou com o corte da dissolução. Os olhos queimavam um sem-fim de necessidade e um todo de emoções conturbadas.

Ódio ferveu tudo de sangue e pulsou o desejo que drenava a alma.

Passou os lábios pelo rosto dele, ouviu-o gemer. Ouviu-se gemer. Eles mal respiravam. Ela o odiava por isso. Arthur moveu as mãos que detinham os seus braços e envolveu-a pela cintura. Apertou-a e moldou-a contra ele. Até que respirar não era mais possível. Até virarem uma única brasa que desfazia livros, palavras e passado. Os lábios dele agentes e braços do fogo que marcavam as suas faces, tomaram posse do pescoço e ela? – Ofegos e fragmentação.

Ele também ofegava e gemia como se estivesse morto antes disso. Uma mão do duque cavou o seu cabelo enquanto a outra ainda a atava pela cintura.

– Minha Kathelyn – ele disse. O peso evocado pelas palavras a trouxe de volta devagar. Belmont estava prestes a beijá-la e ela? Estava a um passo de permitir, de retribuir. Ela respondia com a mesma insanidade que a desmembrou no passado. Maldito. Odiava-o. Odiava-se por isso.

– Você já teve muito – ela soprou a centímetros da boca do duque. – Isso é tudo o que terá de mim.



Belmont, sem ouvir, nem entender, avançou até colar os lábios nos dela. Kathelyn soltou os braços que o envolviam e endureceu o corpo.

– Nunca mais, Belmont.

Ele prosseguiu com intento de beijá-la. As mãos dela se firmaram sobre o peito do duque e usando o corpo, ela empurrou-o para longe.

Arthur piscou fundo uma, duas, três vezes e sacudiu a cabeça respirando com dificuldade.

– Fora daqui, excelência – ela disse sem fôlego.

– O quê? – Ele estava de olhos fechados.

– Nunca mais se aproxime de mim. Ou eu juro, juro por tudo o que me mantém viva que se arrependerá.

Ele abriu os olhos.

– Arrependo-me desde o momento em que a vi pela primeira vez, estou disposto a reclamar a ausência de paz que o seu falso pudor meteu em minhas veias. Não me arrependerei mais.

– Fora daqui.

– Será minha, Kathelyn.

– Quando a noite ganhar a luz do sol.

Ele deu um sorriso torto, ainda respirando com dificuldade.

– Você é quem ganhará a claridade de que nunca deveria ter me feito por um dos imbecis que lhe rodeiam.

– Suma da minha vida ou será coroado como o rei deles.

– Não é mais uma questão de escolha – Ele arrumou a jaqueta e deu alguns passos em direção à porta.

– Alguma vez o déspota sugeriu que fosse diferente?

Belmont deteve-se com a mão na maçaneta.

– Lute e verá todos os seus esforços tornarem-se contra você.

– Está me ameaçando?

Ainda de costas para ela o duque disse:

– Não, madame, estou refletindo o que recebo de volta... Percebe que quem cria o déspota são as escolhas dos que não admitem que existe uma hierarquia pelo bem da ordem a ser seguida?

– Não brinque comigo... Não sou mais a menina estúpida que conheceu – ela disse entre os dentes.

– Nunca foi, não é verdade? Porém agora, eu sei com quem estou lidando. – Ele girou a maçaneta.

- Não sabe, excelência, o maior engano de um rei deposto é subestimar seus inimigos.
 - Ou superestimar os seus aliados e fazer por amigo um traidor – ele abriu a porta.
 - Não quero entrar nesse jogo. Não me obrigue a fazer isso.
- Somente então o duque girou o corpo a fim de olhá-la.
- Não a quero obrigada, Kathelyn, a quero muito bem disposta... E saiba, assim será.
 - Não me chame de Kathelyn, miserável.
 - Como desejar, madame Borelli... Essa é uma concessão que posso fazer.



Passados alguns minutos da saída do duque, a Sra. Taylor entrou na biblioteca. Encontrou uma pálida Kathelyn largada na poltrona, com os braços caídos em direção ao chão. Elsa disse:

- Aquele homem insuportável, nem tocou nos biscoitos e no refresco.
- Silêncio. Kathelyn ia com olhar perdido nas tábuas do assoalho.
- Creio que terá outras oportunidades.
 - Como assim? – disse a Sra. Taylor abrindo os olhos com uma indignada surpresa.
 - Ele deixou claro que voltará.
 - Santo Deus, o que esse homem quer?
 - Me destruir, acredito.
- A preceptora ergueu os ombros e empertigou-se.
- Vou chamar Steve, iremos atrás dele e resolveremos isso.
 - Ele vai se arrepender.
 - O que disse? – deteve-se a preceptora antes de cruzar a porta.
 - Não faça nada, Elsa, ainda não.
 - Mas... Mas por que?
 - Sou eu quem vai resolver isso.

TRÊS SEMANAS DEPOIS DAS PROMESSAS TROCADAS ENTRE Arthur e Kathelyn. Juras muito distintas das reservadas aos amantes apaixonados ainda ecoavam na biblioteca e reverberavam no interior dela. Ela dizia estar bem, jurava que não se importava mais.

Repetia a si mesma uma centena de vezes que não fazia diferença o que Belmont fazia ou deixava de fazer. Continuou com a sua vida e o ritmo de suas atividades.

Entre as óperas que cantava e as festas que frequentava, Kathelyn ria, flertava e divertia-se na companhia dos amigos.

Somente quem a conhecia muito, notava uma tensão acumulada sobre os olhos. Tensão disfarçada com pincéis e pó para o rosto. Os homens que a cortejavam não notavam a sutil distinção arroxeadada sombreando o seu olhar. Nem sequer notavam que a dama estava mais sarcástica e menos comedida em suas posturas. Ao contrário, compraziam-se ainda mais da companhia menos reservada de Kathelyn. Lysa para eles.

– Diga-me, madame – foi o conde Delors quem a chamou. Um dos seus assíduos admiradores. – Crê que irá dar-nos a honra da sua presença no baile em homenagem ao príncipe russo, amanhã à noite?

– Eu irei cantar antes para o rei e seus convidados... Depois – suspirou e disse com um cansaço forçado –, creio que sim, sobraré alguma energia para dispor durante o baile.

Kathelyn havia convidado o conde para tomar o chá da tarde em sua casa. Era esse tipo de atitude que vinha deixando os cavalheiros que a cercavam bem animados.

No dia anterior ela passeou durante horas na companhia do senhor Goudan. O primeiro-ministro da Bélgica. E no anterior a esse, o feliz dono de sua atenção particular fora o senhor Faure, sócio do conde Delors.

Entretanto, diferente do que fazia parecer, os interesses da dama eram distintos ao de selecionar um amante. Queria conseguir informações sobre Belmont e tudo que dizia era a respeito do duque. Por isso, os cavalheiros convidados aos encontros com a cantora, eram todos homens que direta ou indiretamente, tinham alguma relação com o duque e seus interesses. É claro que a dama não era nenhuma tola. Tomou o cuidado para não ser mal interpretada diante

desses convites não usuais – ela, Philipe e Steve, fomentaram a notícia de que Lysa Borelli decidiria em breve qual seria o seu novo protetor.

– Delors, irá se associar a um dos homens mais ricos e influentes do mundo? É verdade o que ouvi falar? – ela levou a xícara até os lábios e deu um gole quase de mentira no chá.

– Refere-se ao duque de Belmont?

Kathelyn gracejou-o com um sorriso.

– É o que dizem, que ele é um dos homens mais ricos e...

– As pessoas engrandecem demais um simples homem.

– Mas é o seu sócio?

– Eu tenho minhas próprias capacidades.

Kathelyn levantou do sofá

– Não duvidei disso um único momento. – Caminhou entre a mesa de chá e sentou-se ao lado do conde. Tão próximo que se ele esticasse as pernas, ela pararia no colo dele.

– Costuma investir em locomotivas, *monsieur*? Acho fascinante essas máquinas – Kathelyn, percebendo que o conde não gostou de falar em outro homem, mudou de estratégia.

– Na verdade sou amigo do primeiro-ministro da Bélgica. Eu uni o ministro à Belmont, e foi o ministro quem apresentou ao Duque o Sr. Vanderbilt. Vamos construir alguns barcos a vapor com ele. Entre a encomenda da Bélgica de locomotivas e a do senhor Vanderbilt, que é um industrial americano, creio que entreguei ao duque um enorme negócio para sua indústria. Por isso ficamos sócios.

– Interessante – ela disse pegando as mãos do conde. – Diga-me, e o senhor Faure, onde entra?

– O senhor Faure é meu sócio nessa transação, ele investirá comigo e ajudará na construção de algumas das máquinas.

– Entendo, e não existe nenhum outro industrial no mundo capaz de suprir esse mercado tão promissor?

O conde franziu o cenho. Ela se justificou.

– Oras, penso se não seria importante dividir um monopólio?

Delors riu e desabotoou um botão que prendia a luva de Kathelyn.

– Infelizmente, o duque é sócio do maior inventor dessa indústria e que acabou de desenvolver um projeto que revolucionará uma vez mais a mesma indústria.

– Nossa, e o senhor já viu esse projeto?

– Já, uma vez, sem muitos detalhes – ele desabotoou uma casa a mais e a respiração do conde tornou-se pesada. Ele disse: – Isso é uma mina de ouro, e se caísse nas mãos erradas...

– Não gosto nem de pensar no que poderia ocorrer.

– Alguns homens enriquecerem às custas de outros. – Outro botão foi desfeito.

– Conheço alguns homens que creio, seriam capazes de matar ou morrer por um projeto desses.

Delors livrou-a de uma luva. Ela continuou.

– É verdade que o senhor e Belmont praticam esgrima juntos?

– Sim. – O conde levou a mão desnuda à boca e Kathelyn engoliu em seco enquanto os lábios masculinos desciam sobre sua pele. Ela sentiu a língua do conde correr entre seus dedos. Delors era considerado um homem atraente e sedutor. Culpa dos olhos azuis que perfuravam pedras, dos cabelos negros sempre em uma desordem harmônica e da fala persuasiva feita por uma voz rouca.

Ela continuou com a própria voz incerta.

– Quanto tempo Belmont pretende ficar em Paris?

O conde levantou o olhar, ainda segurando a mão de Kathelyn.

– Eu não estou gostando de falarmos de outros homens... Especialmente de Belmont, que sei, vai a todas as suas apresentações e sei também, parece ser o único homem com autorização de lhe enviar rosas vermelhas.

– Eu as devolvo como faço com qualquer um que desconheça ou ignore minha estranha aversão.

Kathelyn sabia que sim, devolvia as dúzias de rosas que Arthur enviava diariamente a ela. O duque mandava as flores de volta uma e outra vez, até que ela se cansava. Até que as flores eram descartadas com as sobras do dia.

Mas, os bilhetes que acompanhavam as rosas, ela mantinha guardados. Como se eles fossem a prova de que a angústia crescente que a envolvia tinha uma justificativa. A nota do dia anterior como a do outro, vinha com um sádica descrição do seu dia:

Notei que o senhor Faure comprazeu-se do passeio ao seu lado.

Não se esqueça, Kathelyn, faz isso porque ainda permito que brinque de escolher.

Estúpido arrogante. A cada nota nova que chegava como um intento de posse do duque, ela sentia que o ódio por ele era carregado e aumentado. Ele, como a ave de rapina que era, não aparecia. Nem lhe dirigia a palavra. Devia a espreitar das sombras, ou mandava que alguém o fizesse. Com o passar dos dias, Kathelyn começou a sentir uma obsessão cega em encontrar os olhos que a escrutinavam. Tinha certeza em alguns momentos, que o via de dentro da carruagem, ou esgueirando-se como uma víbora nas sombras. Mas, não conseguia surpreendê-lo e nem mesmo localizá-lo de fato. Com exceção das noites na ópera, onde o duque ocupava o mesmo camarote, Kathelyn sentia-se cercada e seguida por um fantasma. Maldito.

– Lysa, eu realmente me sinto à beira de um surto – Delors retirou-a do seu devaneio.

– O quê?

– Estou louco por você.

Ela levantou do sofá e alisou as saias.

– Nos veremos no baile amanhã, *monsier*?

O homem permaneceu olhando-a sem responder. Perdido dentro do próprio transe por um tempo.

– Sim – levantou-se fez um vénia. Beijou a mão sem luva e disse antes de sair.

– Pense, Lysa, o que tiver ao meu alcance, estou disposto a lhe dar para que seja minha.

Ela suspirou com um sorriso vazio nos lábios.

AONDE IA, AS MULHERES OLHAVAM-NA COM AUTÊNTICO interesse. Ou com sincera inveja. Os bailes em que madame Borelli confirmava a presença eram um evento diferente daqueles em que a cantora se reservava ao direito de não participar. Isso porque, mulheres criavam um frenesi em suas costureiras e todas debatiam qual seria o próximo modelo estreado pela dama.

Kathelyn era atendida pela estilista mais exclusiva de Paris.

Madame Valois criava para ela vestidos que a mesma dizia tirar dos sonhos. A costureira garantia que a jovem era a modelo que ela sempre quisera trabalhar.

Ela foi buscar o vestido que estava pronto para o baile daquela noite.

– Você, madame Borelli, foi feita sob medida para desfilas as minhas mais audaciosas criações – repetia a costureira toda vez que Kathelyn provava um dos novos modelos. – Toda a estilista de Paris inveja-me por vesti-la.

– Eu diria que todas as damas invejam os modelos que eu desfilo.

– Elas invejam porque é Lysa Borelli quem os veste. É perfeita para os meus modelos que são também perfeitos, sem nenhuma falsa modéstia.

– Elas enxergam em mim aquilo que querem enxergar, mas nunca me veem de verdade. – Kathelyn olhou para o espelho e deu uma volta. Parou e encarou a costureira pelo reflexo. Apontou para a sua imagem refletida e disse: – É só isso que veem, um reflexo, uma projeção de suas fantasias.

– Algo a está incomodando, não está?

Kathelyn sentou na poltrona ao lado da costureira e começou a desabotoar o vestido.

– Eu criei essa imagem e alimentei-a – abriu apenas uma mão e disse: – Não tenho por que me arrepender.

– Se esse reflexo sente-se turvo por causa de um homem, garanto que não vale a pena.

– Estou apenas um pouco cansada.

Madame Valois se aproximou e ajudou-a tirar o vestido.

– Tenha o nome que tiver o culpado por esse cansaço, não merece suas horas de sono.

– Tem razão.

– Amanhã meu atelier é que estará cheio... E sou eu quem ficarei sem descansar. Enquanto as damas se esbofeteiam por mais um vestido que se pareça com esse – a costureira apontou para o vestido recém-tirado. – Lembre-se, querida, não é só um reflexo que elas querem imitar.

– Obrigada.

Madame Valois, refazia os laços que prendiam o vestido.

– Posso lhe dar um conselho?

– Sim, pode.

– Seja feliz, Lysa.

– Eu sou...

– Eu só consegui ser feliz de verdade quando parei de dar importância ao que pensavam sobre mim.

– Eu acho que nunca...

A costureira levantou a mão interrompendo-a.

– Acha que não sabia o que falavam sobre mim?

Kathe apenas ergueu os ombros.

– Fui amante do rei, o que trouxe muitos amigos importantes e também inimigos. As pessoas falam sempre da vida dos outros, isso os distraía da própria vida.

– Acontece que a vida dos outros deve parecer mais interessante.

– Não, acontece que a maioria das pessoas tem medo de viver e falam dos outros para esquecer esse medo.

Kathelyn pegou o recém-tirado espartilho e entregou à madame Valois.

– Como a senhora conheceu ao rei? Já era uma costureira?

– Sim, era uma costureira e ele não era o rei. Eu tinha apenas 16 anos e ele... Já era bem mais maduro. Conheceu-me quando ainda era um conde e pagava um enxoval para sua amante.

– Madame Valois abaixou o olhar perdido. – Foi uma dessas paixões que tentamos entender sem conseguir.

– A senhora ficou muito tempo com ele?

– Dez anos. Foram anos muito felizes e também muito difíceis.

Kathe mordeu o lábio, pensativa.

– É verdade... Ahn... Verdade o que dizem sobre os seus filhos?

– Sim. – Madame Valois tinha os olhos postos no vestido que ela embrulhava em uma folha de papel. – Sim, é verdade, eles são a parte difícil da história.

– Santo Deus.

Kathelyn suspirou consternada. O que todos contavam era que madame Valois e o rei tiveram dois filhos e que os mesmo foram tirados dela quando ainda eram bebês.

– Para ser amante de um conde, que é irmão do rei, existem muitas regras a seguir.

Kathelyn continuou olhando a mulher. Viu-a entregar seus dois filhos pequenos e aquela imagem deu um nó em sua garganta.

– A senhora nunca mais os viu?

Madame Valois sorriu sem achar graça.

– Os vejo sempre.

– Eles sabem quem é a senhora?

– Creio que sim, mas nunca me dirigiram a palavra. São nobres muito influentes hoje.

– Então é possível que eu...

– Os conheça?

– Sim.

– Creio que os conhece.

Apesar de curiosa, Kathelyn segurou a vontade de saber e não perguntou o nome dos nobres. Entendia o que era ter a sua privacidade invadida. Respeitou o silêncio voluntário da mulher.

– A senhora é uma baronesa, mesmo assim não lhe foi permitido criar as crianças?

– Eles são descendentes da família mais tradicional de nobres da França... Eu? Uma baronesa que ganhou o título por ter tido a oportunidade de servir... Intimamente o irmão do rei. O futuro rei. Já é um escândalo por si só eu não ter parado de trabalhar.

Kathelyn assentiu e a costureira continuou.

– Sei que me compreende, a senhora também ama o que faz... Deixaria de fazê-lo somente porque não precisa do dinheiro?

– Não, nunca deixaria de cantar.

Madame Valois entregou o embrulho para Kathelyn e ajudou-a terminar de se vestir.

– A vida passa muito rápido, Lysa, para desperdiçarmos com mesquinhas.

– Tem razão, madame.

– Existimos somente naquilo que realizamos, não deixe de viver por medo da opinião dos outros.

– E a vingança, madame? Acha que esse impulso é condenável?

– É isso que lhe tira o descanso? A necessidade de responder a alguém?

– Um homem. Apenas um homem que me tirou tudo e... então voltou e quer tirar mais. Ele quer me deixar sem nada. Creio que ele quer a minha paz e...

– A vingança? – a costureira a interrompeu. – Uma satisfação fugaz. Se vale a pena? Contanto que não seja você, querida, a parte mais atingida dela.

Kathelyn mordeu o lábio por dentro. Tentou não mostrar as lágrimas que sentiu encher os olhos.

– Vê? – a mulher estendeu um lenço de seda. – Está sofrendo.

– Como conseguiu, madame? Como conseguiu seguir tendo que fingir que não conhecia seus próprios filhos?

– Eu nunca fingi.

– Mas, como?

– São eles que não sabem ou fazem não saber. Eu? Nunca os esqueci durante um segundo da minha vida. Seja o que for que estiver lhe atormentando, não esconda de si mesma. Então... Viva.

– Obrigada, madame, por tudo.

AQUELA NOITE, APÓS A APRESENTAÇÃO DA ÓPERA, ELA E os outros principais cantores da companhia, uniram-se aos demais convidados para participar do baile no palácio das Tulherias em homenagem ao príncipe da Rússia.

– Lysa – disse Baptiste Calvet, o primeiro tenor da Academia Real de Música. – Soube que a ópera contou com um dos maiores investimentos particulares já feitos?

– Mais um rico excêntrico, apaixonado por óperas?

– Parece que com a verba investida, temos coberto os gastos das duas próximas montagens inteiras.

– Se isso não é uma boa notícia, o que seria?

Ela olhou ao redor, o salão de baile no palácio era enorme. Espelhos que aumentavam o esplendor dourado cintilante e refletia as valsas, os vestidos as velas e as portas que davam para o jardim das Tulherias. Os franceses orgulhavam-se de fazer tudo o que trazia mais beleza ao mundo. Ouviu a voz de Baptiste:

– O tal cavalheiro é amigo do rei e nosso monarca ficou tão entusiasmado com a doação, que fez o seu conselheiro de artes mandar uma nota para Couderc, convidando-nos para o baile.

– Por isso fomos convidados?

– Você sempre é convidada.

– Sabe tão bem como eu que não sou convidada aos bailes oficiais de dentro do palácio...

Somente aqueles menos...

– Formais?

– Isso não é verdade – ela bateu com leque de leve no ombro do amigo. – Sou convidada para bailes menos...

– Exclusivos?

– Ia dizer chatos.

– Diga isso ao conselheiro das artes, a Couderc nosso maestro e ao cavalheiro que vem junto a eles em nossa dire... Santa Mãe de Deus, que homem é aquele?

– Aquele? – Kathe disse com um fio de voz. – É o nosso investidor. – Ela teve certeza. As palmas molhadas de suor também tiveram. O suor não era por nervoso ou insegurança, o suor

das mãos, da nuca e o calor que a invadiu, nada tinha a ver com gratidão ou admiração. Ela estava coberta de ódio.

– Madame Borelli – disse um sorridente conselheiro das artes o senhor Debet. – Quero lhe apresentar o mais recente colaborador das artes em nosso país e um admirador do seu trabalho. O duque de Belmont.

Ela estendeu a mão enluvada e deu um sorriso forçado. Disse:

– Excelência, sinto-me honrada em ser apresentada ao senhor, outra vez. Pergunto-me, quantas vezes isso pode acontecer em uma mesma vida? – ela fingiu divertir-se com a brincadeira de suas palavras.

– Conhecem-se? – perguntou Courdec.

– Sim – Belmont não explicou.

– Lysa querida – disse Courdec –, a sua excelência o duque, ficaria encantado em dançar a próxima valsa com a senhora.

– Ficaria? – ela perguntou sem medo de soar ofensiva.

– Ahn... Madame Borelli, qualquer cavalheiro deste salão assim o faria – disse o Debet sem disfarçar o constrangimento pelo modo áspero de Lysa.

Belmont fez uma vénia indicando a concordância com as palavras do conselheiro. Em seguida estendeu o braço para levá-la até o salão.

Na frente do conselheiro real e do seu maestro, o duque a encurralou e deixou-a sem alternativa a não ser aceitar o braço estendido.

Caminharam em um silêncio digno de uma procissão sacra em um enterro. Kathelyn sentia vontade de providenciar um defunto e se não fosse pela risada contida nos lábios de Belmont, todos jurariam que seria ele o pobre enterrado.

Os acordes da valsa iniciaram.

Kathelyn engoliu em seco.

Violinos e violoncelos faziam a função de compassar o ar que entrava e saía. O salão de baile no palácio, entre espelhos e molduras de ouro. Entre lustres de cristais e afrescos no telhado, não dizia nada a eles. Nem mesmo estava lá.

Belmont vestia o seu uniforme de gala. Blusa vermelha e calça preta, punhos e gola dourados. O peito era atravessado por uma faixa azul e as medalhas contavam uma a uma, a história centenária da realeza em sua família.

Kathelyn estava de vermelho. Não um vermelho envergonhado. E sim, um bordô sangue. Rosas de tecido contornavam o branco do seu colo e o vale do decote.

Sentiu a mão enluvada do duque contornar a sua cintura. Com certa hesitação, ofereceu a sua mão à dele.

Trêmula apoiou a outra mão no ombro masculino.

Começaram a girar.

Belmont deixou o braço ganhar espaço na sua cintura e aproximou-os mais. A música encheu os tecidos, o chão e os corpos.

A mão dele subiu pelas costas de Kathe, até se fechar na nuca. Enquanto a mão dela sem que percebesse, correu ao mesmo destino fechando-se na nuca do duque. A respiração de Kathelyn tornou-se irregular.

Belmont, aproximou o rosto até a ponta do seu nariz tocar o dela.

A respiração dele envolvia a sua boca e tornava o ar denso e quente.

Olhava-a por dentro. Ele apertou a mão na sua nuca e enroscou os dedos no seu coque. Kathe ouviu um gemido. Perdeu ainda mais o ar ao perceber que foi ela quem emitiu o som.



– Acho que Lysa já escolheu o seu novo amante – era o senhor Faure quem provocava o conde Delors. Continuou: – O que para mim é ótimo, já que apostei uma indecente quantia que seria ele quem levaria a dama. O conde que fulminava o casal com os olhos como se fosse possível carbonizar o duque durante a valsa, disse:

– Está usando-o para chamar a atenção... Veja por si mesmo, mais da metade do salão está com os olhos vidrados na dama enquanto ela valsa.

– Valsa? – cutucou Faure. – Chamaria na melhor das hipóteses de uma demonstração de posse... Eles estão quase... Copulando?

– Cale a boca, Faure.

– Calma, Delors, vai ficar tão empobrecido assim se perder a aposta?

– Não seja estúpido, sabe que não.

– Então... Desfaria a sociedade com Belmont por causa de uma mulher?

O conde riu de maneira irônica.

– Mulheres, mulheres, negócios fora disso.

– Ainda bem.

– Não cante vitória ainda, meu amigo, esse jogo está apenas começando.

– Meu Deus! – Ouviu-se no outro lado do salão. – Eles estão se beijando em meio ao salão de baile no palácio? Isso seria muita ousadia até mesmo para Lysa – era o senhor Boudy quem falava.

– Não estão se beijando... Estão, apenas, bem próximos – Doussaeu respondeu mal-humorado.

– É um duque, afinal.

- Não sei o que esses estrangeiros vêm fazer aqui, comem nossa comida, bebem nossa bebida, ganham dinheiro em cima do nosso povo e...
- Dormem com nossas mulheres.
- Madame Borelli, não faria isso.
- O quê?
- Escolher um inglês. Isso seria uma traição ao povo que a acolheu com tanta... disposição.
- A dama mesma é inglesa – disse Boudy com uma diversão irônica.
- Ela despreza os ingleses.
- Pela maneira como dança com um deles não parece... desprezar.
- É apenas uma valsa.
- Diga-me, Doussaeu – senhor Boudy deu dois tapinhas no ombro do nobre e concluiu: a dama sequer já dançou uma valsa consigo?
- Vou pegar uma bebida – disse o homem com a expressão carrancuda no rosto branco de pó.
- Não sei como o rei insiste em convidar essa mulher vulgar para os bailes da corte – disse a viscondessa de Limoges em outro canto próximo a entrada da varanda.
- Acho ela magnífica, e esse duque inglês? Não dariam metade de suas fortunas para tê-lo entre os lençóis?
- Não seja vulgar, Marie – a viscondessa abanou-se freneticamente com o leque.
- Não sou vulgar, sou... sincera.



Para Kathelyn e Arthur não havia comentários, nem olhos, nem chão. Não havia nada, nem ninguém que pudesse interferir no transe que os envolveu.

A valsa terminou. Eles demoraram a perceber que não giravam e que sim, estavam parados no meio do salão. O mesmo esvaziava para dar lugar a próxima peça. Ofegantes e com os lábios quase em contato, seguiam alheios a qualquer coisa externa.

– Vá para casa comigo – a voz do duque saiu falha.

Kathelyn piscou fundo. Soltou as mãos em contato com Arthur. Afastou-se um pouco. O chão voltou a existir. O lustre também. A orquestra tímida começava a outra peça. Sentiu que ruborizava ao dar-se conta da onde estavam e como dançavam.

– Por favor, Kathelyn, vamos para casa comigo, por favor – ouvi-o pedir. Levou as mãos até as bochechas que ardiam vergonha e humilhação por ter uma vez mais perdido o controle.

– Nunca. – Recolheu as saias e tentou sair a mão de Arthur que se fechou em seu braço, não permitiu a fuga.

BELMONT DESPENCOU DO ÉDEM AO INFERNO EM DOIS acordes. Passou de desnortado a furioso. Sentia-se próximo o indignado por ter se deixado descontrolar desse jeito. Estava tão excitado que quase a beijou no meio do salão de baile. Então ele implorou:

– Por favor, Kathelyn.

– Nunca – ela respondeu.

Humilhou-se uma vez mais por causa dela. Enquanto respirava com dificuldade tentando recobrar o controle do próprio corpo, ela quis sair. Ia deixá-lo ali, em pé no meio de todos. Sozinho. Era uma cabra artilosa. Jurou que nunca mais se deixaria humilhar por ela.

– Solte-me – disse.

– Você vai para casa comigo – ele disse com uma falsa cortesia.

– As pessoas estão olhando, solte-me.

– Vou fazer o que devia ter feito desde a primeira vez que nos vimos. – Dizendo isso ele apertou o elo da mão em torno ao braço dela e puxou-a sem medir a força.

Kathelyn quase se desequilibrou diante do tranco. Então, se aprumou e passou a segui-lo.

– Me solte ou eu juro que vou lutar contra você aqui.

Ele não respondeu estava cego e continuou praticamente arrastando-a para fora do salão. Não se deteria por nada.

– Excelência – disse o marques de Dousseau. – Colocando-se na sua frente –, se me dá licença, madame Borelli prometeu dançar a quadrilha comigo e... – o homem tocou no ouvido – creio que já está começando.

– Com licença – Kathelyn disse.

– Ela não irá dançar, senhor, desculpe-a por isso. Mas temos um assunto pendente para resolver.

– Um assunto pendente? – o marquês entreolhou os dois.

– Algo que madame me deve e esqueceu de cumprir.

O marquês sorriu, parecia confuso.

– Deve algo para sua excelência, madame?

– Acho que é um mal-entendido.

– Posso refrescar sua memória... – disse Belmont com uma forçada educação. – Há três anos eu e a madame.

– Basta – ela ergueu a mão direita em um gesto bruto. – Creio que me lembro. Desculpe-me, marquês, deixaremos nossa quadrilha para uma próxima ocasião.

Dousseau cumprimentou-os com a cabeça e se retirou.

Ele sentiu-se despido com o olhar dela de cima a baixo, ainda a segurava, ela disse:

– Solte-me, vamos resolver isso.

Uma vez na entrada do palácio, Belmont pediu a sua carruagem e Kathelyn desabou.

– Seu monstro, seu porco miserável. Quem você acredita ser para me levar desse jeito?

Ele a olhava possuída de raiva, irresistível, ela gesticulava e ofegava. O seu busto obediente subia e descia em uma velocidade sedutora. Toda a vez que inflava o peito com ar, o decote tornava-se pequeno ou grande demais. Ela seria dele, naquela noite. Mesmo que... Mesmo que tivesse que chantageá-la. Estava decidido e gostou muito dessa decisão.

– Tire os olhos do meu decote, não tem mesmo o menor decoro, não é?

– Se não queria que olhassem, porque oferece uma imagem tão privilegiada? Vista-se adequadamente e não terá olhos pousados em seu decote.

– Pois bem, olhe vontade – ela inflou ainda mais o peito. – Isso é tudo o que terá... Por favor – ela chamou um dos porteiros sacudindo a mão –, consiga-me um carro de aluguel.

Belmont piscou fundo.

– Eu deixarei a madame, não será necessário.

O porteiro ficou em silêncio aguardando, ela explodiu.

– Faça o que estou pedindo.

O homem movimentou o corpo no intuito de seguir a ordem.

– Não faça – o criado deteve-se.

– Escute com atenção, Belmont – ela deu dois passos e parou a escassos centímetros do rosto do duque e disse: – Eu dormiria com cada homem daquele salão e da França antes de deixar o senhor me levar para casa. Entendeu?

Ele a estreitou. As mãos detendo os braços uma de cada lado, fechando-se na altura dos cotovelos. Olhou para o criado que ainda os assistia, confuso.

– Fora – ordenou. O homem olhou em dúvida para Kathelyn e o duque disse:

– Sabe quem sou? – o criado negou com os olhos arregalados. – Sou o duque de Belmont, amigo do seu rei e se não... – antes que Belmont terminasse, o criado já havia se afastado. Kathe tentava soltar-se das mãos pesadas que a dominavam.

Começou a chover.

Uma tempestade abrupta anunciada pelo recente vento. As copas das árvores verdes pela primavera dançavam isso. Os trovões berravam indignados com a cena apresentada na frente do

palácio centenário da França. Kathelyn grunhia tentando se soltar.

– Seu bruto, monstro... O que vai fazer, me tomar a força? Jogar-me dentro da carruagem e me violar?

Ele foi até a orelha dela ofegante e emudecido pelo gotejar possesso. Disse controlado e calmo uma dicotomia com a chuva:

– Adoraria compartilhar essa noite em seus braços receptivos e saiba que se para isso tenho que arrastá-la à força e lembrá-la como você se perde em meus braços, o farei.

– Três anos passaram e você fez o quê? Uma universidade de especialização em estupidez e arrogância? – Ela gargalhou, irônica, jogando a cabeça para trás.

Foi a vez do duque gargalhar.

– Já a sua língua mantém-se a mesma. Conte-me, senhora... Afia-a todos os dias? Ou o corte de suas palavras é um traço naturalmente manifestado?

– Acho que não cortei o suficiente, ainda mantém as mãos em mim, excelência. – A carruagem do duque parou. – Vai ter que me botar a força.

– Como desejar – ele disse.

KATHELYN SENTIU O CHÃO DESAPARECER. O MUNDO VIROU para baixo quando Belmont a jogou sobre os ombros, como um saco de batatas.

– Seu animal – ela gritou. Viu as botas dos criados do duque movimentarem-se. Ouviu a portinhola abrir.

– Guardas, soldados, qualquer pessoa! Socorro. Esse homem é um louco. Prendam-no – disse sem fôlego e sentiu ser impulsionada para dentro do veículo. O corpo parou escarranchado sobre o banco. A porta fechou e ouviu Belmont dizer:

– Sou um duque, ninguém prende um duque.

– Você faria isso? – Kathelyn sentiu a voz sumir.

– O quê?

– Teria-me a força?

A chuva batia no teto da carruagem, competindo com o barulho dos cascos dos cavalos em movimento.

– Não. Nunca.

Ela deu uma exalação longa e cortada.

– Então, solte-me.

– Kathelyn, eu estou disposto a pagar, estou disposto a lhe retribuir e a dar tudo o que você ousar sonhar. Será rica. Estou disposto a lhe transformar na mulher mais rica da França... Apenas...

– Tenho que me entregar a vossa excelência de bom grado... – ela o interrompeu, mordeu a bochecha por dentro e cravou as unhas nas palmas das mãos. Belmont a transformou em uma meretriz. Todos os homens, menos ele. Escapou dentro de si. Mas, ele acabara de fazer.

– Não será por muito tempo – ele continuou –, somente enquanto estou em Paris, logo devo voltar para Londres e então estará livre e terá dinheiro suficiente para fazer da vida o que entender ser válido.

Ela sentiu as lágrimas agulharem os olhos. Por sorte estava escuro no interior do veículo. Ele não veria.

– Não me deito por dinheiro, excelência.

Um trovão nasceu da boca meio aberta do duque.

– Nunca fiz – ela fechou os olhos e sentiu as lágrimas escorrerem no rosto, pescoço e colo.

– Escolhe os seus amantes como, senhora? – Arthur encheu a carruagem com a ironia contida em sua voz.

– Escolho aquele que mais me compraz. Como sabe, ganho o meu dinheiro de outra maneira. – Um trovão ecoou e tremeu tudo dentro dela outra vez. – O meu corpo não está à venda.

Chuva. Chuva. Chuva.

– Tudo tem um preço, Kathelyn. Não me tome por um imbecil que não sabe distinguir uma mulher experiente, de uma donzela recatada.

– Já demonstrou não saber uma vez – disse para dentro. Ela foi inocente. Belmont não acreditou nisso.

– Fui ingênuo, me deixei guiar pela emoção... Não jogue na minha frente os seus feitos e a minha confiança errônea. Só os tolos cometem o mesmo erro duas vezes.

– Só os cegos enaltecem um erro de julgamento, a sentença e a pena.

– O que proponho aqui nada tem a ver com cegueira ou tripudiação em cima do passado. – O duque apoiou o calcanhar esquerdo no joelho direito. Uma postura relaxada. Mantinha a mesma aura que exalava a certeza de sua superioridade. Ele continuou: – Sou um homem de negócios e sei que a senhora também é... Uma mulher de negócios. Quero tê-la. Não medirei esforços para isso.

A boca dela tremia. Ódio. Raiva. Dor.

– Você seria da terra o último ser a quem eu procuraria para negociar qualquer coisa. Não tem nada que me interessa, excelência, sendo assim, creio que esta conversa está encerrada.

– Muito bem, Kathelyn, se intenta tornar as coisas mais difíceis lhe farei enxergar por um outro ângulo antes de tomar a sua decisão... Tenha em mente o quanto contribuí para ópera em Paris e quanto o rei me leva em consideração. Existem outras cantoras talentosas, posso, quem sabe, sugerir o nome de algumas ao rei.

– Está me coagindo?

– Não, madame, estou sendo transparente. Se tiver que cortar a sua única fonte de renda a fim de que a minha proposta se torne mais tentadora, o farei.

Uma vez mais Belmont entrava em sua vida e tentava lhe tirar tudo que fazia sentido. Ela não permitiria.

– Eu sempre consigo o que quero e se pensa que estou lhe coagindo, saiba que não, uma vez mais, estou sendo sincero.

– Mudamos a forma de livre comércio para extorsão? Muito bem – ela engoliu toda a dor e todo o ódio e disse convencida: – Vamos negociar – ganharia tempo. O pedido de vingança

ecoou nos seus ossos junto a um clarão rasgado no céu e uma bomba que explodiu as nuvens em seu interior.

– Amanhã – ela disse. – Vá até minha casa e resolveremos amanhã.

– Agora, na minha casa.

– Estou disposta a entrar em um acordo, nada acontecerá hoje à noite. Leve-me para casa e resolvemos isso amanhã, ou juro, resistirei até o último rastro de força que me faz inspirar.

A chuva apedrejava o teto da carruagem.

– Amanhã, às nove, na minha casa.

Ele estava negociando o direito de usar o seu corpo, como devia tratar qualquer outro negócio. Kathelyn respirou fundo algumas vezes e empurrou pela garganta abaixo a vontade de chorar.

KATHELYN BATEU NA CASA DE MADAME VALOIS EM UM horário impróprio. Usava uma capa de noite, por baixo o vestido de baile ainda molhado.

– Entre, Lysa – a costureira disse enquanto Kathelyn tirava a capa. – Meu Deus, está ensopada.

– Madame Valois, perdoe-me a hora, mas preciso... Preciso muito de seus conselhos.

Enquanto tomavam um chá quente com bolo, Kathelyn contou tudo à madame Valois. No fim de seu relato a senhora olhava-a consternada.

– Como resistiu, minha menina? Santo Deus, a filha de um conde.

– Não sinta pena de mim, por favor.

– Claro que me compadeço, mas não sinto pena... É uma mulher forte demais para inspirar pena.

– Obrigada.

– Após três anos o duque retorna e lhe extorque? Porco. Se pudesse o esganaria com uma das minhas fitas de seda.

Kathelyn sentiu os pelos do corpo arrepiarem. Ela não entendeu por quê.

– Preciso responder. Ele não pode entrar em minha vida e ameaçar tirar tudo de novo.

Madame Valois verteu mais chá na sua xícara.

– Sabe Lysa, a vingança pode envenená-la também.

– Eu já estou envenenada, caso contrário nem pensaria nisso.

– Tem razão – a costureira deu um gole na bebida quente e disse –, existem maneiras de levar um homem a perder o juízo.

Outros goles foram dados enquanto Kathelyn sentia a água da chuva de seu vestido escorrer pela pele.

– Como?

– Cem mil libras foi a multa que ele cobrou do seu pai?

– Sim.

– Peça duzentas mil libras.

– Isso é muito dinheiro.

– Não para um homem rico como ele.

– Não me venderei por...

A costureira ergueu a mão impedindo-a de continuar.

– Claro que não se entregará... Ao contrário, minha querida, você terá o controle absoluto. Leve-o a loucura, nunca permitindo a ele ter acesso total, nem mesmo dê qualquer alívio – madame Valois ergueu os olhos –, entende?

– Sim.

– Use de todos os artifícios que uma mulher possui, a fim de enlouquecer um homem. Entretanto, com o seu corpo ele nunca encontrará a satisfação esperada... Então, quando ele estiver a ponto de perder o controle, isso o tempo fará acontecer, você...



– Eu o dispensarei de maneira fria e calculada. Nada pode humilhar mais um homem do que sentir que foi passado para trás, que foi desprezado. – Kathelyn contava aquela mesma noite deitada em sua cama.

– E se ele perder o controle? E se ele usar a violência a fim de conseguir o que acredita ter pago para ter? – perguntou Steve.

Kathelyn sentiu o sangue fugir da cabeça com as imagens que se formaram.

– Já pensei nisso, então me certificarei de comunicar o fim do que nunca houve em um ambiente público, ele não terá o que fazer e eu? Fugirei na manhã seguinte com metade do dinheiro do acordo que...

– Já terá sido pago – disse Steve sorrindo de satisfação. – Sardenta, você virou uma mulher cruel.

– Não. Belmont faz isso aparecer em mim.

– Não a estou julgando, acho que o canalha merecia coisa até pior que isso.

– Mas eu estou julgando – levantou-se a Sra. Taylor da poltrona ao lado da cama –, você não se meterá dessa maneira com esse homem. Se quer puni-lo, muito bem, deixe-me dar lhe uma surra. Ou Steve pode fazê-lo, mas não se envolverá dessa forma.

– Estou decidida, Elsa.

– Está disposta a fazer tudo isso, somente a fim de que Belmont não tire tudo o que você reconstruiu em sua vida... Não faz sentido algum, quando você mesma pensa em abandonar tudo pela satisfação da vingança, daqui a dois meses.

– Daqui a dois meses, a temporada terá acabado e as apresentações diminuído, e além do mais, não será Belmont quem me tirará algo, senão eu mesma... Sem contar que teremos

dinheiro para vivermos muito bem pelo resto de nossas vidas.

– Vai se destruir.

– Não vou. Finalmente tenho a minha chance de responder por tudo o que ele me fez passar... Não tire isso de mim, Elsa.

A preceptora fechou a mão com firmeza no crio da bengala.

– Não quero que sofra.

– Como? Quando o único propósito na existência desse homem, parece ser o de me levar a sofrer?

– Ela está certa – disse Steve esticando os braços –, conte comigo. sardenta.

– E você Jonas, o que acha? – ela perguntou para o jovem que assistia a tudo no habitual silêncio.

– Posso matá-lo quando tudo acabar?

– Claro que não – Kathe disse com o cenho enrugado.

– Sendo assim – o jovem sacudiu os ombros –, vá em frente.

– Não quero recolher seus pedaços. Eu lembro como você ficou na última passagem dele em sua vida – disse a Sra. Taylor.

– Dessa vez, eu darei as cartas.

NA MANHÃ SEGUINTE ÀS NOVE EM PONTO, A JOVEM MAIS admirada e desejada de Paris, batia na porta da residência do duque de Belmont. Vestia-se com um traje muito elegante. Levava os cabelos recolhidos em um coque severo. Quem a visse, diria que ela estava pronta para assistir uma missa. Não uma missa qualquer. Mas, aquelas reservadas para velar um pobre morto. Ia inteira trajada de preto. Se não fosse pelas pequenas rosas bordadas em vermelho, na borda da roupa, na certa, todos apostariam se tratar de uma jovem viuva.

– Entre – disse o duque após as duas batidas que o seu mordomo deu na porta.

Kathelyn cruzou para o interior do cômodo e fez uma genuflexão ao cumprimentá-lo. Ouviu a porta fechar atrás de si. Respirou fundo e correu a vista por todos os lados do cômodo. Era um escritório luxuoso e masculino. Surpreendeu-se ao se deparar com uma estante de vidro e algumas peças de coleção em seu interior. A curiosidade de admirar as peças, quase a fez dar um passo em direção a estante. Deteve-se ao ouvir.

– Sinto muito, madame, alguém faleceu? – ela viu um sorriso contido e lacônico na boca de Belmont.

– Sim, meu marido, hoje é o dia de sua morte – respondeu com certa rispidez.

O sorriso do duque fechou. No lugar dele nasceu uma ruga de forçado pesar no meio das sobrancelhas.

– Que admirável devoção senhora... Então, hoje fazem exatamente três anos que ele faleceu?

– Não, excelência, como me casei um mês após a ruptura do nosso noivado e como ainda não fazem três anos do mesmo, ou o senhor desaprendeu a fazer conta... Ou se esqueceu de tudo o que nos envolveu.

Belmont olhou-a de cima a baixo.

– Ou a senhora já era casada antes mesmo do fim de nosso promiss...

– Hoje é o dia de sua morte. Ele faleceu no dia 16 de outubro. Hoje é 16 de maio. Eu costumo me vestir assim todo o dia 16. Isso o incomoda? – ela perguntou com uma exagerada cortesia.

– De maneira alguma... Como poderia tamanha demonstração de amor e fidelidade me incomodar? – o duque suspirou com peso. – Uma lástima que ficaram casados somente...

– Trinta e dois dias.

– Lamentável. Mas... – ele elevou as sobrancelhas. – Não menos admirável a sua entrega verdadeira ao luto.

Ela alisou as saias do vestido.

– Ainda chora por ele, madame?

– Sabe muito bem que não sou de chorar.

– Claro que não... Desculpe-me, devia ter lembrado de sua valentia e determinação. Então, extrapola todo o seu sentir pesaroso nos dias 16?

– É um sinal de respeito, vossa excelência. – Ela deu ênfase no título e concluiu analisando uma sujeira inexistente na luva. – E assim me senti hoje pela manhã, com disposição a usar negro.

– Devo ficar lisonjeado?

– Como desejar – ela inclinou a cabeça.

– Vamos aos negócios? Ou veio aqui somente para encontrar consolo pela morte do seu defunto marido?

Kathelyn notou que Arthur era irônico com ela. Olhou para estante.

– Posso? – disse já se aproximando.

– Fique à vontade.

Ela abaixou no pé da estante e um estalar ecoou no interior do escritório.

– Foi mesmo o senhor quem criticou tal mecanismo de trava?

– As peças aqui não estão sob nenhuma ameaça... Cuido muito bem da segurança de minhas propriedades e...

– Nossa – Kathelyn disse ao passar a mão em uma peça de cerâmica na cor turquesa –, é egípcia, não é?

– Sim, é uma peça que tem pelo menos...

– Uns dois mil e quinhentos anos... – ela analisou a imagem e continuou. – Foi somente no império novo que o pigmento azul passou a ser amplamente utilizado, para tingir diversos objetos, inclusive estátuas como essa.

– Certo – ele fingiu não estar impressionado.

– Sabe como eles conseguiam pigmentar a pedra?

– Não.

– É uma mistura de sílica, cal, cobre e álcali. Esse conhecimento ficou perdido durante milhares de anos... – Kathe observava a peça com atenção. – Ele só foi mencionado no século I, antes de Cristo, na literatura Romana por Vitruvius – ela sorriu para a estátua. – Mas, Vitruvius

cometeu um erro, disse que a técnica agora chamada de azul egípcio fora inventada na Alexandria e que era uma mistura de limalha de cobre e natrão. Deixou de fora cal, um componente importante do azul egípcio... Graças ao Sir Humphry Davy, quem estudou bastante sobre essa técnica em 1815, a verdade veio à tona.

O duque a olhou em silêncio com os olhos entrecerrados e disse parecendo intrigado:

– Eu o conheci quando ainda estava no colégio, meu pai assistiu a aula de despedida dele na Academia Real.

– Sorte do seu pai... Ele era um químico brilhante. Entretanto, parece que o seu assistente, o sr. Michael Faraday, é ainda mais ousado.

– Eu o conheço.

– É mesmo? E já teve o privilégio de acompanhar alguns de seus experimentos?

– Sim, ele demonstrou algo denominado de eletromagnetismo... Creio que o futuro está nas mãos de homens como ele.

– Adoraria assistir à uma de suas aulas... Mas, damas não podem, então – ela suspirou ainda olhando a peça – divirto-me estudando o passado.

Por alguns instantes, Kathelyn se esqueceu do tempo. Do passado deles, de tudo. Por alguns instantes era como se ainda fossem noivos e desfrutassem de interesses em comum. Ela adorava conversar com Arthur.

– Achei que só se interessava pelos gregos – ele disse de maneira ríspida e devolveu-a ao presente e todo o peso dele.

– Gosto de todas as civilizações – ela encarou-o com uma ruga entre as sobrancelhas. – Tenho estudado bastante sobre o Egito... Penso, um dia quem sabe, visitar esses lugares.

– Sabia o que encontraria aqui, não é verdade?

– O quê?

– Tanto conhecimento... Deve ter se informado que as relíquias egípcias faziam parte da minha nova obsessão.

Ela piscou fundo.

– Como?

– Não a condeno. De forma nenhuma... Anos atrás, isso me irritou. Mas agora, estamos ambos negociando. Ambos sabemos o que esperar disso... Na verdade, admiro-a, é muito boa no que faz.

– No que faço? – Kathelyn não podia sentir-se mais perdida.

– Madame, não precisamos esconder-nos em cima de armações... Há três anos tentou usar deste artifício e não deu certo, agora temos toda liberdade. Não é necessário nenhum jogo.

– Que artifício?

– Por favor, não faça isso. Nós sabemos o que você intenta ao demonstrar conhecimentos tão incomuns para uma mulher.

– E o que eu intento?

– Está aqui para negociar, senhora, e admiro-a por tentar valorizar-se. No seu lugar eu faria o mesmo.

Ela fechou os olhos. Respirou fundo algumas vezes. Abriu-os com lentidão. Não enxergou nada além do vermelho ódio.

– Vossa graça acredita que eu estudo para impressioná-lo?

– No passado creio que foi só a mim que quis impressionar, agora, acredito que utiliza disso com todos os homens.

Ela estreitou o olhar. Não deixou de ver todo o escritório tingido de rubro.

– Não faça essa cara, eu não a condeno ao contrário...

– Fez e faz muitas ideias a meu respeito.

– Você dá motivos para isso.

– É uma lástima.

– O quê?

– Ao contrário do senhor, eu fiz pouca ideia de com quem eu estava lidando.

– Realmente, senhora, não veio aqui para discutirmos. Tenho mais o que fazer com o meu tempo do que... – Um estouro de vidro interrompeu a fala do duque, que agora olhava lívido, pequenos fragmentos azuis do que fora a estátua de um Deus Egípcio.

– Ohh. Sinto muito – Kathelyn disse. Sentiu de verdade o coração doer pelo que acabara de fazer. Entretanto, não conseguiu se deter. – Escorregou – disse e olhou para rosto endurecido de Belmont, um músculo pulsava no seu maxilar. – Desconte do valor que vamos negociar. É claro, se achar gentil fazer isso, já que foi um acidente.

Silêncio.

– Olhe – ela apontou para um vaso dentro da estante é um vaso do império médio? Deus... Ainda mais antigo não é verdade? – Foi até a estante e passou os dedos sobre a peça. Continuou: – O que dizia mesmo? Eu estudo para impressionar? Eu fiz isso quando éramos noivos ou antes, afim de garantir nosso compromisso? – ela elevou o jarro até a altura do olhar. Disse: – Uma peça de rara beleza, seria uma pena se algum aciden...

O duque levantou em pulo. Ficou em pé atrás da escrivaninha e exigiu entre os dentes.

– Chega, Kathelyn. Basta. Sente-se e vamos tratar o que veio aqui para fazer.

– Muito bem – ela disse e colocou a peça dentro da estante. – Se fosse o senhor, trocaria o segredo dessa trava tão simplória. Pode evitar futuras perdas – Kathelyn sentou diante dele.

ESSA ERA KATHELYN STANWELL, A ÚNICA MULHER CAPAZ de fazê-lo migrar por diferentes e extremos estados de humor, em menos de trinta minutos.

Logo que a viu quis gargalhar.

Que mulher vai negociar um contrato de amante, trajada como uma viúva recatada?

Ela não deixava de surpreendê-lo.

Depois, quando ela começou a dissecar sobre a peça e o seu tingimento, teve uma ridícula ereção. Ridícula porque, que homem tem uma ereção ao ouvir sobre pigmentos e fórmulas químicas?

O problema não consistia na descrição do azul egípcio e sim, dessa descrição nos lábios de Kathelyn.

Só conseguia se fixar na imagem dela com uma bata branca, como usavam as egípcias. Então, soltou os cabelos dela e tirou a bata enquanto ela falava sobre cal, sílica e o que diabos quer que fosse.

Logo, irritou-se com o próprio descontrole. Afinal, não conseguiria pensar direito com uma maldita ereção. Ela arrancaria dele o que quisesse.

Apenas para trazer a sanidade de volta, trouxe o passado para a conversa.

Passado que terminou quebrado em cima do tapete Ispahan que cobria o chão do seu escritório. Quis estrangulá-la por quebrar uma peça tão rara e que custou tanto a conseguir.

Maldita ousada. E só por isso ele a desejava dez vezes mais. Se isso era possível.

– Vou ser direta – ouviu a voz de Kathelyn lhe cobrar a atenção. – Quero duzentas mil libras. Cem mil agora e cem mil no término do contrato.

Sentiu um murro na boca do estômago. O quê? A mulher estava louca.

– Está louca? Tem noção de quanto dinheiro é isso?

– Sei bem.

Não. Não tinha a menor e mais vaga ideia.

– Não sabe, madame.

– Se é muito para o senhor... – ela apoiou as mãos nos braços da cadeira com o intuito de se levantar.

– Não é muito para mim, mas é uma quantia indecente para esse tipo de contrato.
– Disse que estava disposto a me fazer a mulher mais rica da França.
– Sim, sei o que eu disse. Mas, com essa quantia, seria a mulher mais rica de toda a Europa.
– O que peço não é nenhum absurdo, já que 100 mil libras foi o valor que o senhor cobrou do meu pai pela quebra do contrato de matrimônio. Contrato esse, que eu nem fui avisada da existência, nem da suposta quebra...

– Contrato que a senhora rompeu – ele a encarou com atenção e o aparente descaso com que ela mencionava o passado irritou-o.

– O senhor – Kathelyn bateu algumas vezes de leve em cima do tampo da mesa e disse – assinou um contrato sem o meu conhecimento, inseriu nesse mesmo contrato, uma multa abusiva e pelo que soube... até o juro pelo atraso do pagamento da mesma recebeu, e agora me acusa novamente de ter rompido esse documento – ela se ergueu em postura e perguntou com o orgulho na voz. – O senhor é um homem inteligente, me diga, como pode ser possível alguém quebrar um contrato que não foi avisada da existência?

– Eu não sabia que a senhora teria que ser previamente avisada sobre a necessidade de manter-se fiel.

– Eu gostaria de ser previamente avisada, quando sou negociada como um terreno.

Ele sentiu um músculo tremer no maxilar e o rosto esquentar de raiva.

– Se a senhora acredita que trazendo o passado para a mesa, obterá alguma vantagem no que estamos negociando aqui, está muito enganada.

– Quero 200 mil libras e como o senhor recebeu metade desse valor dos cofres da minha família, pela quebra do contrato do nosso casamento, acredito que não encontrará dificuldade em levantar tal quantia.

– Isso não vem ao caso, estamos falando de dois contratos absolutamente diferentes.

– É mesmo? São assim tão diferentes? Nos dois o senhor negociou e negocia pelo direito de me levar à cama.

– Não banalize o que ocorreu e nem vulgarize o que ocorrerá.

– Eu não estou aqui para banalizar o que ocorreu. Quanto a vulgarizar o que ocorrerá... É o senhor quem conclui isso.

– Quando soube do contrato de matrimônio?

Ela respirou fundo antes de responder

– Essa é outra condição, Belmont, como o senhor mesmo deixou claro, ninguém terá vantagem alguma em levantar o passado... Então, sugiro para nosso bem, que não falemos mais dele.... Nenhuma palavra, pergunta ou acusação. Essa é a única maneira de não nos matarmos, no lugar de nos tornarmos amantes.

Ela era mesmo admirável. Que outra mulher poderia, sem ser Kathelyn, pedir a quantia absurda de 200 mil libras por um contrato de amante a ainda assim parecer na mesma medida, sensata e irresistível? Não falar sobre o passado era, sem dúvida alguma, muito sensato.

– Me parece bem razoável.

– Então... Temos um acordo.

– Cem mil libras e garanto, essa quantia é dez vezes maior do que já paguei por qualquer amante.

Kathelyn encheu o pulmão de ar. Quando falou não alterou o tom tranquilo e firme de sua voz.

– Não fui eu que lhe procurei, caso não recorde, não tenho interesse algum em levar isso adiante. O meu pedido é inegociável.

– Cento e cinquenta, Kathelyn, essa é a minha última oferta.

– Faça cumprir a sua ameaça, excelência... Faça o rei me tirar da Academia real de música. Ontem eu estava nervosa e não raciocinava direito. Me acalmei e entendi que eu não me importo. Persiga-me, use de todos os seus meios honestos ou desonestos para ganhar aquilo que intenciona. Sempre haverá novos lugares para ir e novos começos disponíveis. Você não é ameaça alguma para mim – Belmont fechou as mãos em punho em cima da mesa. Ela continuou: – Ou acertamos o acordo que eu quero agora ou... divirta-se tentando destruir a minha vida. Você já tirou tudo o que um... – deteve-se.

– Duzentas mil libras, então, que seja – ele sabia que valeria a pena cada uma dessas duzentas mil.

– Assinaremos um contrato que a partir do dia em que, ahn... nos deitarmos juntos pela primeira vez, se estenderá por três meses, podendo ser renovado por mais três conforme o interesse de ambas as partes.

– Para alguém que nunca se vendeu, a senhora está se saindo muito bem.

Ela fechou os olhos, pareceu... ofendida?

– Uma última condição.

Cristo, ele vinha se mordendo para não pular em cima dela e rasgar-lhe a roupa ali mesmo. Não queria esperar nem mais cinco minutos, para fazer valer o preço que pagaria.

– O quê? – perguntou com a voz rouca, culpa da luxúria que o queimava vivo.

– Eu decidirei como, onde e quando consumaremos o contrato.

Ele não entendeu e ficou em silêncio.

– O que acha? – ela perguntou.

Acho que eu quero você nesse minuto. Inteira. Ele pensou, mas disse:

– Eu não entendi esta última condição.

– É simples, nós só faremos ahn... – ela ruborizou? Desde quando mulheres experientes ruborizam ao falar de sexo? – Eu decido quando será nossa primeira vez.

– Agora – ele disse e ficou de pé.

– Controle-se, excelência, não será agora... Eu preciso de um tempo.

– Quanto tempo? – Não, não e não. Gritou todo o desejo em seu sangue.

– Eu não sei ao certo, funcionou assim com os meus outros amantes. Eu só me entrego quando estou definitivamente muito entusiasmada.

– Entusiasmada? – ele sacudiu a cabeça.

– Na verdade, Belmont, quero que você se empenhe e me prove que valerá a pena.

– Vou lhe provar agora – ele moveu o corpo na intenção de alcançá-la.

– Não funciona assim – ela quase gritou.

Ele parou. Kathelyn disse:

– Você tem que me cortejar.

– Cortejar?

– Sim, alguém com minha criação, exige que seja dessa maneira.

– Você só pode estar brincando.

– Não estou e quer saber? Estou ficando cansada de tudo isso, se você não concorda – ela sacudiu os ombros – conheço meia dúzia de nobres que aceitariam qualquer uma das minhas condições.

Ele sentou outra vez e respirou fundo, uma dezena de vezes. Essa mulher... Ela enlouquecia todos os homens ou somente a ele?

– Está bem, Kathelyn, você decide quando... Porém, eu ficarei em Paris por apenas três meses, quero uma garantia de quanto tempo esse seu entusiasmo pode demorar a se manifestar.

– Já disse que não funciona assim.

– Mas comigo terá que funcionar – ele falou com a calma que não sentia. – Ou então, tome o caminho de volta e se prepare, pois eu vou cumprir a minha palavra.

Ela ficou em silêncio, ele sentiu o coração surrar os ossos.

– No máximo dois meses.

Belmont gargalhou sem achar graça. Kathelyn ainda o tomava por um parvo. Parecia estar tão controlada que ao certo devia estar acostumada a negociar esse tipo de exigências loucas. Descabidas. Isso ao entender do corpo dele que ao contrário dela, estava muito insatisfeito e descontrolado.

– Bom dia, madame. Procure uma nova ocupação.

– Eu garanto que se levar dois meses e não encontrar o momento ideal, nós consumaremos o contrato e então, nos próximos três meses, poderá me visitar, quantas vezes desejar.

BELMONT FICOU EM SILÊNCIO A ENCARANDO. ELA ESFORÇAVA-SE para não demonstrar o quão insegura e nervosa estava.

Por fora devia parecer que era uma mulher fria e que negociava o seu corpo, como quem negocia um pedaço de presunto.

Mas por dentro estava decomposta.

Ele hesitava, é claro que ele hesitaria. Eram exigências muito estranhas. Mesmo para alguém conhecida por tratar esse assunto de maneira distinta. Aquelas eram condições... Estranhas.

Parte dela implorava para que tudo terminasse. Para que Belmont desistisse de interferir na sua vida e a mandasse embora, sem exigir nada. Outra parte queria com verdadeiro desespero que o duque aceitasse as suas condições e assim, ela poderia se vingar.

– É claro que nesses dois meses, criaremos outras intimidades.

– Que intimidades?

Ela venceu os bloqueios, a sua consciência e levantou. Caminhou até estar de frente a ele e sentou no seu colo. Encostou os lábios nos dele.

Belmont ficou tão surpreso que a princípio não teve reação.

Assim que o duque retribuiu ao beijo com uma fome apaixonada ela entrelaçou os dedos na grossa massa de cabelos castanhos. Aprofundou a exigência da sua boca e chupou a língua dele. Ouviu-o ofegar e gemer. Uma vez. Ela sugou com mais intensidade e ele gemeu uma segunda e uma terceira vez.

Tão abrupta como começou, ela encerrou o beijo. Colou a testa na dele tomando o ar com dificuldade.

– Eu preciso de você – Arthur disse.

– Eu serei sua – ela falou na orelha dele e levantou.

Alisou a saia, penteou alguns fios do cabelo que se desprenderam do coque. Fez isso enquanto lutava contra o tremor das pernas.

– Temos um acordo? – perguntou com a voz fraca.

– Sim – ele respondeu e jogou a cabeça para trás apoiando-a no respaldo da poltrona.

– Cristo, sim – repetiu.

– Um último pedido – ela disse, ele ergueu a cabeça para olhá-la.

– Não me chame mais de Kathelyn, ela morreu há três anos.

O duque olhou para baixo e ela jurou ver uma dor contida em sua expressão.

– Está bem, Lysa – disse e logo apareceu um fio de sorriso. A máscara cínica estava vestida outra vez.

– Então, nos vemos...

– Amanhã à noite a levarei para jantar.

– Está certo.

– Kathe... Lysa. – Ela que já tomava o caminho da porta, deteve-se. Girou a fim de encará-lo.

– Sim?

– Enquanto durar o nosso acordo... Antes ou depois da consumação, você não verá outros homens.

– Você nem precisava pedir algo semelhante.

– Eu falo muito sério.

– Ofende-me.

– Não finja ser... Não quero que você nem mesmo saia sozinha com qualquer outro homem. Fui claro?

Ela ergueu-se abrindo os ombros orgulhosa.

– Cristalino.

– Se eu suspeitar que a senhora não cumpre essa parte do contrato, eu mato ao homem que a ajudou a me enganar... Quanto a você, em pouco tempo, acreditará que a morte teria sido bem vinda. Entendido?

Kathe respirou fundo e engoliu a raiva que sentia.

Ele a tinha como uma mulher vulgar e sem palavra, incapaz de manter-se fiel por poucos meses. Pudera não ter se casado com ela.

Belmont nunca a amou de verdade.

Talvez ele até a odiasse, como ela o fazia.

Independente das supostas ideias que fez a seu respeito, nada justificava as ações dele no passado. Nada justificava a maneira como ele a tratava ali, naquele momento. Ameaçando-a. Coagindo-a. Extorquindo-a.

Vingança, proclamaram os seus sentidos.

– Da mesma maneira deve agir, senhor. Não procurará outras mulheres enquanto o nosso acordo estiver vigente.

– Então... Temos um acordo – ele disse. – Pedirei para o meu advogado redigir o contrato.

– Pedirei ao meu para lê-lo.

– Amanhã pela manhã o entrego assinado.

– Eu o devolvo assinado à noite.

– Até amanhã, Lysa.

– Até amanhã, excelência.

Quando saiu da casa de Belmont, ela encostou à porta de olhos fechados e tomou várias respirações profundas.

– Meu Deus, o que eu fiz? – Tinha o corpo todo trêmulo.

NAS TRÊS SEMANAS QUE SEGUIRAM, KATHELYN OU LYSA como preferia ser chamada e o duque de Belmont se viram todos os dias.

Às vezes à tarde e à noite em um mesmo dia.

Passeavam juntos, riam de coisas que somente eles encontravam graça.

Frequentavam bailes, jantares, teatros. Andavam à cavalo nos parques e iam a antiquários em busca de relíquias.

O duque estava em todas as suas apresentações e ela?

Cantava olhando somente para ele.

Por vezes, Kathe também o olhava durante os dias. Em silêncio, admirava a maneira como ele conduzia os seus negócios, o senso de humor afiado dele. Era como se nunca houvessem se separado. Era como se não houvesse um abismo os separando.

Cada encontro que eles tinham, Kathelyn deixava o duque avançar um pouco mais.

Ela planejava e executava tudo o que seria feito, antes de permitir qualquer avanço.

A Sra. Taylor, era o retrato de uma mulher insatisfeita.

A preceptora desenvolveu um curioso tique nervoso. Toda a vez que abria a porta para o duque, ou que o cumprimentava, ou que ouvia Kathelyn relatar a Steve entre risadas, como havia sido a noite anterior, a mulher balançava a cabeça e estreitava o olhar em uma séria desaprovação. Nos últimos vinte dias, a preceptora balançou muito a cabeça.

Kathe e Arthur beijavam-se com uma fúria crescente.

Faziam isso durante boa parte do tempo em que ficavam juntos.

Na outra parte, enquanto estavam com as respectivas bocas livres, divertiam-se e conversavam sobre todo tipo de amenidades.

Tudo correria muito bem, exceto pelo nada irrelevante detalhe que a cada dia que passava o duque mostrava uma insatisfação maior e Kathelyn mergulhava em uma questionadora angústia.

Culpa?

Como poderia se sentir culpada pelo o que fazia? Fora ele quem pediu, exigiu isso. Ele quem voltou para atormentá-la. Ele que era o único culpado.

Mas Kathelyn, nem sempre estava tão resolvida assim. Isso porque enquanto seduzia e manobrava ao duque sentia-se suja.

Acreditava estar se vendendo por um prêmio, cujo preço a pagar era alto demais.

Sentia-se envergonhada, não pelo o que fazia.

Mas por não querer parar.

Esperava todos os dias pelas carícias trocadas, como uma criança espera o Natal. Quando o duque não ia vê-la, por qualquer que fosse o motivo, ela frustrava-se a ponto de se trancar no quarto e sofrer. Ela deveria ser a prioridade na vida de Belmont.

Se houvesse um inferno, ela iria para ele?

Kathelyn não acreditava no inferno da igreja, achava que os homens eram bons demais em sacanagens, para delegar funções ao diabo.

Às vezes, em meio a essa culpa nova, vinha reclamar a sua atenção, o seu pai e principalmente sua irmã. Kathelyn sabia que há tempos já poderia ter ido até eles.

Deveria ter perdoado ao pai quando soube que ele perdera tudo e que Milestone House estava despencando.

Devia escrever para saber da irmã. Pagar alguém que a informasse com quem Lilian se casara. Ela deixou de escrever para a irmã há dois anos. A única pessoa que ainda sentia-se na obrigação moral e emocional de cuidar. As cartas que Kathelyn enviou a ela, tinham o gosto ruim de nunca terem retorno.

Por anos, Kathelyn não teve notícia alguma de ninguém da família. O conforto de não saber como iam foi alterado quando Steve voltou da Inglaterra, há alguns meses.

Desde então, empurrava tudo para o futuro.

Qualquer dia eu os procuro. Qualquer hora eu envio alguém por Lilian.

No conforto da sua cama todas as noites ou no silêncio da absolvição da igreja, ela fazia preces por cada um deles.

As preces tinham esse poder mágico de apaziguar a dor e a sensação de descaso.

Descaso.

Ela fazia questão de lembrar dele junto a Belmont. Quando o oferecia como uma medalha.

Todo dia ou noite em que ela o mandava parar e pedia para ele ir embora. O duque a olhava a princípio com uma sede abrasadora. Depois com uma segura predatória. Às vezes ela se assustava com a expressão que o rosto dele tomava quando ela o interrompia.

– Boa noite, excelência, por hoje é só – ela dizia sempre. Belmont colocava a cara que dava arrepio na espinha. Ela nem tentava entender aquela expressão: Raiva? Posse? Insatisfação? Descontrole? Frieza? Tudo misturado.

– Quando? – ele perguntava.

– Ainda não – ela respondia.

O duque respirava fundo. Ele fez muito isso nas últimas três semanas. Kathelyn sorria – uma tentativa de amenizar a tensão entre os dois. Ele não se sentia amenizado, apenas virava-se e ia embora.

– Até amanhã – sacramentava antes de deixá-la.

Logo ela afundava na angústia.

Apesar do muito que tentasse manter-se distante e sem se envolver, tudo em seu corpo a desafiava ao contrário. Por vezes seguidas quase perdeu o controle. Sentia-se estúpida e frágil. Chegou a se ouvir implorar internamente para que ele a tomasse, mais de uma vez. Muito mais de uma vez. Algumas noites atrás ela se atrasou de propósito. Iriam a um baile juntos. Ela pediu para a Sra. Taylor fazer Belmont subir ao seu quarto. Elsa sacudiu a cabeça várias vezes e a atendeu. O duque entrou.

Era a primeira vez que entrava no seu quarto.

Ela estava de costas com vestido aberto.

Ouviu o estalar da porta que se fechou. Kathe disse:

– Desculpe, eu me atrasei, se importaria em abotoar para mim?

Ela ouviu os passos firmes de Arthur e sentiu a respiração quente dele em sua frente. Sentiu os lábios dele na sua nuca e arqueou o pescoço para trás. As mãos dele envolveram a sua cintura, subiram até os seios, por dentro do vestido.

Era a primeira vez que ele a tocava ali em três anos.

Sentiu o corpo dele tremer ou era o dela que tremia?

Arthur girou-a e beijou-a com a fúria dos vulcões da terra, o sangue de Kathelyn era a lava de todos eles. A boca dele dona da dicotomia, desceu firme e macia pelo colo, cobriu todo o seu ombro.

Kathelyn não entendeu como ele conseguiu abaixar o vestido até a cintura sem que ela notasse. Só notou quando a boca de Arthur envolveu um dos seios. As pernas perderam a firmeza e ela caiu sentada na cadeira da penteadeira.

Sentou com Arthur no meio das pernas a sustentando com os braços em suas costas e sugando toda a pele nua.

Ela sentiu o hálito do duque sobre os seios.

– Preciso de você, não posso, não consigo mais esperar.

Achou que dizer não seria impossível. Tinha certeza de que todo o plano de vingar-se ia abaixo através das mãos e da boca do duque.

Então, ele parou por um instante para livrar-se da casaca, começou em movimentos atropelados tirar a gravata. O frio da brisa noturna trouxe o gelo da realidade. Não permitiria. Tinha ido longe demais, para deixar o seu corpo estúpido ditar as regras do jogo. Ergueu o vestido sobre o colo. Levantou-se e disse sem fôlego.

Ainda não...

Ela andou para longe do alcance de Arthur. Passou a fechar as costas do vestido. O duque estava de joelhos, paralisado na mesma posição.

– Temos que ir, ou vamos nos atrasar.

Belmont respirava com dificuldade. Porém, fora o movimento de vai vem do peito largo dele, nada mais se movia.

– Vamos ou perderemos o jantar – ela disse um pouco insegura.

Ele levantou devagar, passou as mãos no cabelo sem a olhar, pegou a casaca, ainda sem olhar para ela, caminhou até a porta com passadas que pareciam querer esmagar ossos – continuou sem olhá-la – abriu a porta e bateu com uma bomba que estremeceu até o lustre de cristal do quarto. Kathelyn olhou a porta e o lustre, quando teve certeza de que ambos estavam bem, correu sem pensar para fora.

– Belmont – chamou o duque que estava no fim da escada. Mas, ele não deve ter escutado. Desceu correndo atrás.

– Belmont – foi mais incisiva afinal, era teimosa, sempre foi.

Ele continuou sem ouvi-la. Nem sequer moveu a cabeça para trás.

Pegou a cartola. Ela se plantou ao lado dele.

– O que acontece? – Definitivamente ele ficou surdo. Ou ela ficou transparente, ele não moveu os olhos a fim de encontrá-la.

Pegou a bengala, a capa e saiu batendo a porta na cara dela.

Kathelyn demorou um tempo olhando para a madeira, até entender que ele não só a ignorou por completo, como bateu aquela porta pesada e entalhada no seu nariz. Girou atordoada e encostou-se no batente.

Os lábios tremiam.

Frio?

Um bolo se formou na garganta e um gosto ruim subiu a boca.

Encontrou o olhar da Sra. Taylor, parada no meio do corredor.

A preceptora balançava a cabeça, é obvio. Respirou fundo ainda balançando a cabeça, recolheu as saias e saiu murmurando algo. Kathelyn entendeu – *Loucos e estúpidos*. O resto perdeu-se no eco do vestíbulo.

Ela nunca se sentiu tão perdida em toda a sua vida. Dormiu aquela noite encolhida lutando contra as lágrimas.

NA NOITE SEGUINTE, BELMONT APARECEU COMO SE NADA tivesse acontecido. Ao entrar, cruzou com Steve e Philipe no vestíbulo, os dois estavam de saída.

Caminharam em silêncio até a biblioteca.

– Aceita um brandy? – perguntou Kathelyn.

– Uma taça, por favor.

Ela serviu uma dose e sentou junto a ele no sofá. O duque mantinha uma postura educada, mais reservada do que a normal e distante. Tomou a taça quase toda em silêncio, então perguntou.

– O Príncipe e Steve são...

– Amantes? – ela concluiu por ele.

Arthur afirmou com a cabeça.

– Sim, são.

– E você foi amante de Philipe?

Ela olhou-o em silêncio por um tempo. A verdade agulhou a sua língua e voltou para dentro do peito.

– Sim.

– E eles já eram amantes quando você e Philipe...?

– Não.

– Suponho que com Steve se deu da mesma maneira...

– Como assim?

– Você e Steve estiveram juntos enquanto... – o duque olhou para frente e fechou a mão com mais força na copa da taça. Continuou – estávamos noivos e continuaram a se ver durante o seu romance com Philipe?

Kathelyn levantou em um pulo do sofá. Parou de costas para ele olhando os livros da estante.

– Essa é a imagem feita, não é?

O relógio e as respirações eram o único som audível dentro da biblioteca.

– Estou perguntando...

– Que diferença fará a minha resposta, não acreditou nela há três anos e ela também não mudará nada agora – ela lutava contra a ansiedade em que entrou com aquela conversa.

– Eu só imaginei que...

– Não imagine mais nada – ela girou o corpo a fim de encará-lo.

– Sem passado, não é mesmo? – ele perguntou, mas dessa vez a voz veio cheia de ironia.

– É isso mesmo, sem passado, excelência.

Olharam-se em um silêncio cheio de relógio, estalar de madeira e outros pequenos barulhos presente nas ruas, como os passos de cavalos, alguns grilos e...

– Jogamos uma partida de xadrez? – o duque disse.

– Por que não?

– Se eu ganhar quero uma resposta.

– Que resposta?

– Só farei a pergunta se ganhar.

– Não falarei sobre o passado.

– Não perguntarei sobre o nosso passado.

– E se eu ganhar?

– Pergunte-me qualquer coisa... Não tenho nada a esconder.

Kathelyn ignorou a agulhada, pensou por um tempo e então respondeu:

– Aceito.

Jogaram durante três horas com uma compenetração mortal. Como se perder ou ganhar significasse a ruína ou a ascensão. Depois de duas tentativas de xeque mal-sucedidas, Belmont ganhou.

Mediu-a com um determinado silêncio durante um tempo. Kathelyn tentava não sorrir de nervoso.

– Vamos, pergunte.

– Estou pensando.

– Achei que já havia decidido o que perguntar.

– Não conto com a vitória antes de tê-la.

– Vá para casa e pense com calma – ela sugeriu batendo os dedos no tabuleiro.

– Não – ele disse com um risco de um sorriso zombeteiro.

Mais alguns momentos de silêncio.

– Está fazendo de propósito.

– Não estou – ele disse com fingida inocência.

– Quer me pôr ansiosa a fim de que eu responda por impulso.

– Não.

– Então, se compraz em criar expectativa... Pergunte logo, pelo amor de Deus – ela levou uma unha a boca e mordiscou-a. – Está me matando de aflição.

– Tem tantos segredos assim?

– Não. Apenas alguns.... Boa noite, excelência, nos veremos amanhã?

– Eu ainda não fiz minha pergunta.

– Mas é claro que fez, perguntou se eu tinha muitos segredos e eu respondi que não.

O duque abriu a boca e fechou. Ele franziu o cenho. Os lábios de Kathelyn tremeram contendo o riso. Ele estreitou o olhar

– Você me enganou Lysa, está orgulhosa não é? Mas não ouse ter um de seus ataques de...

Não terminou Kathelyn dobrou-se de rir. O duque gargalhou junto a ela.

– Desculpe – Kathe buscou fôlego –, mas precisava ver a sua cara.

– Por isso a adoro – ele disse entre risadas –, só você é capaz de me enganar e de me fazer rir.

Ela ficou séria.

– Não fale isso.

– O quê? Que você me engana e me faz sorrir?

– Não.

– Então o quê?

– Nada – ela entendeu que ele nem se deu conta do que falou. – Está tarde e amanhã eu tenho ensaio cedo. Ela levantou e caminhou para a porta, Arthur rodeou-lhe a cintura por trás e disse na sua orelha:

– Leve-me à sua cama e me de o maior prêmio de todos.

Kathe suspirou.

– Ainda não – respondeu com um sussurro.

Ouviu-o exalar o ar com força. Ele colocou um beijo na sua nuca.

– Boa noite. Até amanhã.

O QUE LEVAVA A UM HOMEM INTELIGENTE ACEITAR UM contrato absurdo desses?

Era o que Arthur se perguntava todas as horas do dia e minutos também.

A cada dia que passava ele sentia que essa autoimagem era equivocada.

Um idiota aceitaria uma loucura dessas e não um homem inteligente.

A ereção constante que enfrentava há quase vinte dias exigia que ele admitisse isso.

Ou era um idiota ou a tal ereção o transformava em um.

Teve a confirmação disso quando há algumas noites, no fim de um jogo de xadrez, falou que a adorava. Deus!

– Por isso a adoro – ele disse.

– Não fale isso – ela respondeu.

Então, chocado com a própria admissão, recuou e fez-se de parvo.

O que acontecia? Acaso perdera o bom senso junto com inteligência?

O sangue drenado a um único e incômodo ponto entre as pernas, eliminou o filtro entre o cérebro e a boca?

Ficou tão irritado consigo mesmo que nos últimos dois dias mal a tocou. A verdade e tinha que admitir é que estava constantemente irritado consigo mesmo, com todos os pobres mortais e principalmente com Kathelyn.

Lysa como ela fazia absoluta e rigorosa questão de ser chamada.

Na cama teria que usar esse projeto de nome? Isso é claro, quando Lysa, Kathelyn o aceitasse.

Tinha uma diária e renovada sensação de estar mendigando por qualquer toque, olhar, ou palavra da cabra.

Cabra sim!

Voltou a alguns dias a se referir a ela mentalmente como cabra.

Isso é claro, era outra exigência louca e desesperada da ereção ininterrupta e da parte duque dele, que odiava mendigar qualquer coisa.

Passou apenas vinte dias e ele sentia-se a ponto de enlouquecer. O que se passaria nos próximos trinta dias se a cabra, Lysa, resolvesse seguir com a sua requintada necessidade de ser cortejada?

Porque ele já havia esgotado a sua taxa de criatividade de cortejo para os próximos cem anos.

Enviava flores todos os dias. Mais de uma vez. Poesias também passaram a acompanhar as flores.

Levou-a a três leilões de antiguidades e em dois deles, cedeu a peça mais rara a ela.

Sim, é isso mesmo.

Abriu mão de duas raridades egípcias a fim de agradá-la.

E as joias?

Comprou muitas delas. Tantas que o joalheiro que frequentava em Paris acreditava que ele era amante da rainha da Inglaterra. O bajulava de tal maneira, que Belmont achava que as suas visitas semanais a loja, eram mais esperadas pelo homem do que qualquer distração ou prazer.

A última joia que entregou para Kathelyn, ela disse com um desdém educado ao receber:

– Verei onde guardarei essa.... é que tenho tantas que já não sei direito onde colocá-las.

Mas, obrigada mesmo assim. O colar é adorável.

– Cante com ele hoje a noite – ele disse.

– Eu só uso esmeraldas quando estou descomprometida, se não se importar com o que os cavalheiros dizem.

– Não o usará.

Ele quase desmontava de tanto ciúmes, Kathelyn era a rainha da atenção dos olhares masculinos. Mesmo tendo ficado claro que estavam juntos, eles não deixavam de devorá-la. Tinha certeza de que ela era a campeã das imagens evocadas, nas noites ociosas dos vagabundos entre os lençóis.

Infelizmente ele não podia arrancar os olhos de todos os homens da França. Ou podia? Ao menos daqueles mais descarados, como os do conde Delors, seu maldito sócio.

Aquela noite iriam a uma festa na casa de um dos mais histéricos admiradores de Kathelyn, o Marquês de Dousseau. Ela dissera que o tal almofadinha era amigo íntimo do maestro da ópera, o Sr. Courdec, e que por isso teriam que comparecer.

– Enviei uma nota para Courdec alegando uma indisposição – Kathe disse, assim que ele colocou os pés na casa dela, para buscá-la. Estava pronta para o baile. Vestido, joias, luvas e capa.

– O que houve? Quer que eu mande buscar um médico?

– Não... Tenho outros planos para nossa noite.

Arthur sentiu o coração imobilizar e engoliu em seco.

– Não me olhe desse jeito, não consumaremos o contrato essa noite.
– Claro que não – ele disse com uma rispidez contida.
– Pensei que podíamos nos divertir muito – ela abriu as mãos cobertas pelas luvas brancas e concluiu: – Deixemos para uma próxima ocasião... Você parece um pouco mal humorado para aceitar o que ia propor.

- E o que ia propor que é incompatível ao meu estado de espírito?
- Esqueça – ela suspirou conformada.
- Lysa, como você percebeu eu não estou disposto a jogar com você.
- Então... Acaba de admitir que seria impossível levarmos adiante minha ideia.
- Jogar?

Ela sacudiu a cabeça em uma afirmativa.

- Jogar o quê?
- Um jogo de cartas, valendo algo diferente a dinheiro.
- Valendo...?

Ela foi até a sua orelha e sussurrou:

- Nossas roupas, excelência.

Ele agarrou-a pela curva do braço e arrastou-a em direção a porta. Ela deu uma risada nervosa.

– Na minha casa – disse sentindo o sangue pulsar nas têmporas. – Lá, estaremos totalmente a sós.

- Mudou de ideia com relação aos jogos hoje?
- Completamente. Nunca a ideia de um jogo me seduziu tanto.

A CASA DO DUQUE DE BELMONT EM PARIS ERA NA Boulevard Haussmann, em um dos locais mais exclusivos da cidade. Era um exagero de tamanho e de luxo. O pôquer acontecia na sala de jogos.

Kathelyn estava tão ansiosa ao entrar que não se impressionou com os tapetes de fios de seda. Nem com os lustres de cristal do tamanho de camas. Muito menos com as obras de arte e nem com as esculturas gregas colocadas em cantos no enorme saguão de entrada. Já tinha visto tudo isso há um mês, quando foi negociar o contrato. Na sala de jogos ela também não reparou nos quadros de artistas renascentistas famosos e nem na tinta de ouro que cobria os adornos da parede.

Se ela não sentisse o coração subir as escadas mais altas e compor óperas no peito, poderia ter visto as enormes cortinas de veludo bordô que cobriam quatro pares de portas duplas de vidro.

Jogavam há quase três horas e ela estava com os cabelos soltos, vestindo apenas as roupas íntimas. Acabara de perder o espartilho.

O duque parecia a ponto de perder a razão.

Ele vestia apenas a calça de lã preta. Kathelyn, que nunca havia visto o corpo dele dessa maneira, sentia perder tudo. Ele respirava com dificuldade e tinha os músculos definidos do torso e braços, tensos. A testa coberta por uma fina camada de suor e os olhos escurecidos e injetados de fogo.

Kathelyn lutava para segurar as cartas sem tremer. A cada mão que ele perdia, sentia-se ainda mais nervosa. Naquele momento, de costas para o duque tirando o espartilho, ela teve certeza de que nunca deveria ter começado esse jogo. E não apenas o jogo de cartas, mas essa tentativa louca de vingança.

Ela não soube quando tudo se mostrou como era.

E o que enxergou foi tão escuro que a escolha de continuar, era na verdade, uma ridícula tentativa de não enfrentar o que viu. A verdade era uma só – não queria vingança. Queria que Arthur se apaixonasse por ela. Queria que o amor ferido fosse curado.

O que a fez quase enlouquecer, foi perceber que tinha vontade de estar com ele. Desejava ser tocada por ele. Desejava que ele a amasse como ela ainda o amava.

E só por isso traçou esse plano torto de vingança. Entretanto, Kathe sabia que o seu desejo de amor correspondido era impossível e isso doía.

Muito.

Doía tanto que o único aliado contra a dor, era a tentativa de compartilhá-la com ele.

A vingança não era para humilhá-lo. A vingança era uma desculpa triste para se sentir desejada.

Era um pedido insano para que Arthur também sofresse por ela.

Quis negar tudo isso.

Esconder na satisfação de rejeitá-lo dia após dia. E ainda tentava fazê-lo. Esse jogo estúpido de cartas era a prova disso.

Mão a mão ela brigou para se convencer de que era a fria calculista. Que se desnudava na frente de um homem, somente para ter o prazer de negá-lo. Para ter o prazer de enxergar a raiva e a dor que isso causava nele.

Cada peça perdida por Arthur ou por ela não a fazia ficar livre, e sim, coberta.

Vestida da vergonha por desejá-lo de todas as maneiras que uma mulher deseja a um homem. Coberta pela culpa de querer torturá-lo, quando o seu coração só queria atar-se a ele.

Escondida pela máscara de alguém capaz de vender o corpo, pela satisfação da vingança. Ela usava a sedução como se segurasse uma brasa, com intuito de atirar nele.

Só ela estava queimada.

Então sentiu frio e medo. E sentiu-se mais vazia do que jamais esteve. Só tinha uma certeza – o único homem que amou nunca a amaria ou a respeitaria. Estava somente de combinação, em pé. De costas para ele. Ouviu o barulho do movimento de uma cadeira sendo arrastada. Lutava para não cair no chão de tanto chorar. Lutava para não derramar lágrima alguma. Não queria se humilhar ainda mais.

Não podia. Sentiu os braços dele envolverem sua cintura e as mãos pousarem em sua barriga.

A respiração dele em sua orelha falou antes que as palavras:

– Lysa – ele estava ofegante –, por favor, eu não aguento mais... Sei, posso sentir que você também. Por favor, se entregue essa noite... – Ele estava trêmulo. Respirava com a mesma dificuldade que a sua. Kathelyn girou e Arthur segurou o seu rosto entre as mãos.

Beijou-a.

No começo, de maneira lenta e suave, e quando Kathelyn jogou os braços sobre os ombros masculinos, vencendo a distância entre os corpos e aceitando o convite, Arthur aprofundou o beijo. Até não restar nada dela sem que ele tomasse.

Até ele inteiro estar em sua boca.

Ele entrava e saía, chupava, mordida e sugava os seus lábios, o seu colo e pescoço. Ela virou uma massa moldável. Arthur apesar de tremer, a sustentava. As mãos do duque desciam e subiam por suas costas, em um movimento frenético. Agarrou o seu quadril e pressionou-o contra a rigidez dele. Geceram juntos dentro do beijo.

– Meu Deus, Kath... Lysa – disse afastando os lábios. – Meu Deus.

Ela queria implorar para que ele a amasse, como nunca homem algum tinha feito. Queria que ele a curasse. Sem que permitisse, as imagens do passado vieram a sua mente.

Não podia ser dele daquela maneira. Não no meio de um plano de vingança. Não sobre tantas mentiras e tanto ódio. Não com Arthur pagando por este direito. Sentiu os pés perderem o chão e os braços do duque a ergueram. Na breve interrupção das carícias, ganhou coragem e determinada a interromper aquele erro disse:

– Eu não posso.

– Sim, podemos – ele seguiu alguns passos com ela no colo, cruzando a sala de jogos. – Vamos para o meu quarto.

– Ponha-me no chão, eu preciso lhe contar algo.

– Por Cristo, conte depois.

– Belmont, eu não quero. Eu não posso ser sua, não dessa maneira.

– Lysa, não me faça mais esperar, pelo amor de Deus. – Beijou com um desespero admitido na respiração falha. Disse: – Eu a espero há três anos.

Quando deteve-se a fim de abrir a porta, Kathelyn quase gritou:

– Tudo não passou de um plano de vingança.

– O QUÊ? – ARTHUR PERGUNTOU APÓS UM OFEGANTE E longo silêncio.

– Eu nunca quis me entregar a você. Eu não deixaria acontecer, tinha ideia de deixar a França e levar o dinheiro antes de consumarmos qualquer coisa. – Ela sentiu os braços do duque a apertarem tanto que foi preciso morder os lábios a fim de não gemer de dor.

Belmont a largou abrupto. Como se o contato com o seu corpo queimasse. Kathe prosseguiu:

– Eu não posso continuar com isso, não consigo... Apenas me deixe ir para casa.

– Por quê? – ele perguntou com tanta frieza que Kathelyn acreditou precisaria de uma lareira, para descongelar e se mover.

– Por todo o passado. – Ela viu um músculo pulsando no maxilar dele. As veias da testa estavam saltadas e a respiração ainda mais acelerada.

O rosto de Arthur turvou-se entre um animal raivoso e um assassino calculista.

– Vingança pelos seus erros do passado?

Ela engoliu em seco.

– Eu quero lhe devolver o dinheiro e...

Ele a estreitou contra a porta e sufocou o gemido de protesto dela com os lábios.

– Não quero o dinheiro – disse entre os dentes. – Quero o que paguei para receber.

– Deixe-me ir – ele a mantinha com todo o peso do corpo comprimindo-a contra a porta.

Ela não conseguia respirar direito.

– Deixe-me, por favor... – Kathe disse com a voz entrecortada – já nos machucamos demais.

Belmont afastou-se e encarou-a com a intensidade de um milhão de olhos.

– Como pode ser tão fria?

– Não... você não tem o direito de me acusar. Eu lhe contei a verdade. Eu ao menos estou disposta a lhe dar razões para o meu comportamento, você nunca me deu esse privilégio.

Arthur avançou para a porta e Kathelyn se encolheu. Sentiu um tranco no corpo que a deslocou para o lado. O duque abriu a porta e saiu. Deteve-se de costas para ela e disse com a voz ecoando pelo corredor.

– Nosso contrato ainda é válido, arrume uma maneira de sentir-se disposta a cumpri-lo. Não me deseja, é isso?

– Na... – ela começou a dizer.

– Feche os olhos e pense em outro – ele girou sobre os calcanhares a fim de olhá-la.

– Agora vista-se – disse com ódio na voz –, vou pedir que a levem em casa... Não sei o que posso fazer se continuar olhando para você.

– Eu não vendo o meu corpo – ela gritou. – Devolverei-lhe o dinheiro, não quero continuar com esse e nenhum jogo.

Belmont jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada horrível. Cheia de desprezo.

– Você vendia o seu corpo antes mesmo de assinar por isso.

O ar foi rasgado com o movimento de Kathelyn. Ela chegou junto a ele e o empurrou.

– Apesar da imagem torta que tem sobre mim reinar na sua cabeça, não permitirei que fale dessa maneira. Não quando você é o único homem que sabe o que me levou a ser conhecida como uma famosa amante. – Arthur que havia dado dois passos atrás, ganhou o espaço outra vez. Ela continuou: – Não quando foi o senhor quem desapareceu e terminou o nosso noivado com crueldade, sem me dar a oportunidade de saber porque o fazia.

– Eu li a confissão que precisava – ele disse com os punhos fechados.

Ela não entendeu e prosseguiu.

– Vingou-se pela cena que presenciou e por não acreditar na minha palavra.

– Foram palavras escritas que me convenceram de quem era a senhora.

– Que palavras?

– Eu não aceitei pagar duzentas mil libras para engolir o seu cinismo e nem para devolver a sua memória.

– O quê? Você está louco.

– Eu li um a carta de despedida entre amantes, madame Borelli.

– Não tenho ideia do que fala.

Ele fechou os olhos com força e disse:

– Caso resolva deixar o duque plantado no altar a sua espera, deixo o meu endereço. Se quiser ou precisar escapar dessa vida... Prometo-lhe um mundo de aventuras. Com Amor. – Encarou-a-com ainda mais frieza e concluiu: – Uma carta que recebeu no dia em que eu lhe vi de roupas íntimas – Arthur desceu os olhos pelo corpo dela cheios de um desdém raivoso –, como está agora, porém, há três anos, estava junto ao seu amante. Uma carta que sua prima fez o favor de me entregar.

Kathelyn franziu o cenho e fez uma negação confusa, enquanto tentava entender do que ele falava. *Steve nunca foi meu amante* – ela disse para si mesmo.

– Chega – ele saiu batendo a porta da sala.

Kathelyn ficou em pé por alguns momentos, tentando se recordar. Sentou no chão respirando fundo. O ar ficou preso sem descer pela garganta quando a lembrança retornou e tudo fez sentido. Era a segunda página da carta que Steve a deixou. A folha que ela acreditou tinha perdido... Ele disse que a sua prima entregou. Como? Quem?

Florence.

As mãos molharam de suor.

A visão se turvou.

Ele acreditou que ela o deixaria no altar. Levou os dedos até os olhos turvos de lágrimas. Ele leu que Steve a esperava caso ela resolvesse deixá-lo, no mesmo dia em que a viu meio nua junto ao amigo.

Tomou três respirações incertas.

Por que Florence seria tão cruel e entregaria somente a parte da carta que parecia comprometedora?

– Ela a inveja. – Ouviu a voz da Sra. Taylor ecoar.

– Ela deseja ter a sua vida – ouviu a preceptora dizer outra vez.

Meu Deus. Belmont acreditou que ela realmente o traía, não somente pelo que havia visto, mas pelo o que leu.

Começou a rir de puro nervoso.

Então, o orgulho gigante explicava o resto das ações do duque. Durante todo esse tempo em que ela sofreu por não conseguir esquecê-lo e nem o que ele havia feito a ela. Existia uma explicação por trás de tudo. Cobriu o rosto com as mãos entre risadas nervosas e começou a chorar. De alívio, culpa, compreensão, raiva.

Chorava pela irracionalidade de todo aquele caos que virou a sua vida por causa de uma carta lida pela metade. Belmont não sabia que ela tinha acabado de tomar a maior surra de sua vida e nem mesmo que estava além de ferida, machucada por ter descoberto a respeito do contrato de matrimônio. Ele também não sabia disso.

Ela tinha certeza de algumas coisas: A primeira – brigaria com ele, por ser tão cego e teimoso. Por não ter dado a chance a ela de se explicar. Por ter tirado as suas próprias conclusões distorcidas.

A segunda, abraçaria-o e contaria tudo a ele. Tudo o que aconteceu.

A terceira, não esperaria nem mais um minuto para fazer isso.

Um mal-entendido brutal, misturados com o orgulho e a mágoa geraram três anos de ódio e dor. Não esperaria nem mais um minuto para contar tudo e para ouvi-lo. Esperavam por isso há muito.

Levantou e vestiu-se, quando saiu no saguão encontrou com Scott.

– Boa noite, madame – disse o valete.

– Boa noite, Scott.
– Sua excelência ordenou para que pedisse uma carruagem a fim de deixá-la em casa.
– Onde está?
– Na porta, está pronta esperando pela senhora.
– Não, refiro-me ao duque.
– Saiu, senhora.
– Saiu?
– Sim, logo que deixou é ahn... O salão de jogos, pediu para que eu trouxesse é... ahn... as peças que faltavam em sua roupa e saiu sem nem mesmo deixar eu ajudá-lo a se vestir.

– E onde ele foi? – ela olhava para o chão.

– Receio que não sei, senhora.

– Eu preciso muito falar com ele.

– Posso dar o recado quando sua excelência retornar.

– Você mandaria me avisar? Eu posso vir até aqui...

O valete tirou um lenço do bolso do paletó, enxugou a testa e disse:

– Senhora... Gostaria de lhe pedir algo.

Kathelyn arrumou o cabelo que se desfazia do coque mal preso.

– Sim, pode pedir.

– Desculpe a minha ousadia, quem sou eu afinal para me intrometer. Mas é que não posso assistir em silêncio. Não sei o que estão fazendo, mas seja o que for, eu peço com toda a educação para que deixem de fazê-lo.

Kathelyn arregalou os olhos.

– Não me entenda mal senhora, sua excelência é muito reservado quanto a sua vida particular, porém eu o conheço desde que nasceu e nunca o vi dessa maneira.

– Que maneira?

– Sinto que seja o que for que acontece entre vocês, isso o está matando aos poucos.

– Matando?

– Ele não dorme direito e não se alimenta direito. Ele anda de um lado a outro da casa pelas madrugadas. Não descansa o que precisa e enquanto não está trabalhando, durante os dias, está em seu clube de esgrima. Passa horas lá senhora. Não de uma maneira saudável. Passa muitas horas para um homem que não come e não repousa o suficiente. Ele entra no escritório e arremessa os copos em que bebe, quase todas as noites. Depois que retorna das festas ou jantares. Além disso, tem algo no seu humor, que não está certo.

– Você sabe o que acaba de me dizer?

– Por favor, senhora, perdoe-me a intromissão, é somente que não consigo vê-lo dessa maneira e na...

– Você acaba de confirmar tudo o que eu descobri há pouco – o valete ergueu as sobancelhas em dúvida e Kathelyn continuou. – Não se preocupe Scott, isso que vínhamos fazendo também estava me matando aos poucos. Na verdade é como se estivesse morta nos últimos três anos... E agora? Há uma renovação de sentidos. – Sem avisar, Kathelyn deu um beijo na bochecha magra do homem que se assustou e deu um passo para trás. – Desculpe – ela disse. – É que estou tão aliviada que creio, dormirei essa noite como não faço há anos.

– Ao seu dispor, senhora – o valete fez uma vénia.

– Eu preciso ter uma conversa com sua excelência, uma conversa transparente que nos aguarda há três longos anos. O senhor me avisaria quando ele retornar?

O valete pensou por um tempo então disse:

– Essa conversa o ajudaria?

Ao menos ajudaria a ela.

– Creio que sim.

– Então eu a avisarei quando ele estiver em casa.

AQUELA MESMA NOITE O CONDE DELORS BEBIA JUNTO A um grupo em uma festa. Nesse grupo o marquês de Dousseau, o senhor Boudy, e senhor Faure.

– Tenho algo a contar que deixará todos aqui presentes com o orgulho francês restaurado.

– O quê? Conseguiu amarrar a sua gravata sozinho? – disse um bêbado e zombeteiro Boudy.

O conde ignorou e disse:

– Lysa Borelli é a mulher mais apetitosa que existe.

O grupo ficou em um atônito silêncio. Dousseau foi quem quebrou-o.

– O que quer dizer com isso, caro amigo?

– Madame Borelli andava insatisfeita e buscou consolo.

– E foi o senhor quem a consolou? – perguntou Boudy rindo de um jeito arrastado.

– Sou um cavalheiro, é claro que a consolei.

– E Belmont sabe de sua disposição em ajudar damas insatisfeitas? – prosseguiu Dousseau um pouco grogue.

– Belmont é inglês, ele não cumpriria certas exigências de madame nunca.

– E que exigências são essas? – o senhor Boudy enrolava a língua ao falar.

– Nenhuma que qualquer cavalheiro aqui não estivesse disposto a cumprir.

– E Belmont seria criativo, se ficasse sabendo que o senhor tem sido solidário a amante dele?

– Dousseau levou o copo de conhaque aos lábios.

– Belmont é meu sócio.

– Chega por hoje, Delors – exigiu Faure.

– Por quê? Estamos entre compatriotas.

– E o senhor acredita que se ele descobrir que além de fabricar locomotivas o senhor partilha com ele outras coisas, ainda serão sócios? – Dousseau disse depois de soluçar bebida.

– Sou amigo da madame Borelli.

– Parece que o senhor é o único homem que ela ainda recebe depois que o romance com o duque foi assumido – disse Boudy.

– Porque sou o único homem que parece honrar os bons valores da amizade. – Delors ergueu a taça de conhaque e disse: – Que os ingleses paguem a conta e que nós continuemos a

desfrutar da ceia.

Quando saíram da festa Faure e Delors desciam a escadaria em direção ao pátio de entrada da mansão, quando Faure perguntou:

– Por que fez isso?

– Tive meus motivos e por... Diversão.

– Considera ser desafiado a um duelo diversão?

– Estão tão bêbados que nunca poderão afirmar o que realmente foi dito nessa sala.

– Você os induziu a acreditar que tem um caso com madame Borelli.

– Eles são os homens mais idiotas da corte – o conde gargalhou.

– E acha isso engraçado?

– Acho.

– O duque ficará furioso o bastante com a quebra da sociedade, não é o suficiente?

– Nós não temos o projeto inteiro, Faure, não podemos romper a sociedade. Ainda.

– O que torna ainda pior essa brincadeira.

– Desde quando se importa tanto com a opinião de Belmont? Não é você o primeiro a querer tirar todos os ingleses dos negócios franceses? – Delors deu dois passos trôpegos.

– Sim, sabe que sim e você sabe o porquê.

– Nosso rei recusou a coroa da Bélgica a pedido dos ingleses, parece um peão nas mãos deles. Sabemos disso e sabemos porque apoiamos a volta dos Bourbons à coroa, não é mesmo, caro amigo? – O conde encostou-se no corrimão da escada.

– Ainda não é o tempo de Belmont saber que queremos ele fora – o senhor Faure disse.

– O que me interessa é ganhar Lysa. Não sou homem de perder nada para ninguém quieto... Quem dirá para um inglês arrogante... Além do mais é divertido, esse jogo me excita.

– Que maneira mais estúpida de arrumar excitação... Devia pensar mais com a cabeça de cima... O duque é apaixonado por Lysa.

– Nobres como ele não se apaixonam por suas amantes. Não creio que Belmont queira um duelo por isso, e mesmo se quiser... Hoje se usa entrar em um acordo de cavalheiros. Matar em um duelo está fora de moda, é deselegante e não tenho medo – o conde acabou gargalhando.

– Mesmo conseguido o projeto da nova locomotiva inteiro, talvez ainda precisemos das minas dele para fornecer-nos o ferro. – Faure foi mais enfático.

– Ninguém leva a duelo um outro homem por causa de uma amante.

O senhor Faure elevou os olhos curvando as sobrancelhas.

– Estou falando de mineiro de ferro e isso depende do homem e da amante, ele pode sim, querer acertar as contas.

– Existem outras minas e outras mulheres. Minas francesas, Belmont tem mais com o que se preocupar.

– Existem mulheres francesas também.

O conde sacudiu os ombros.

– Não estou arriscando nada e ainda ganho Lysa.

– Apostou de novo sobre isso, não é verdade?

– Isso só torna tudo ainda mais emocionante, não acha?

– Não sei... Me parece uma atitude meio idiota.

– Então tudo isso servirá para darmos boas risadas.

– E a madame Borelli, não pensa nela?

O conde entrecerrou os olhos.

– Você nunca se diverte com nada nem ninguém, pelo amor de Deus... Veja que divertido é tudo isso.

– Você parece um demente às vezes.

– Você não tem que concordar com nada.

– Sendo assim – Faure tocou na aba da cartola –, a vida é sua, faça dela o que bem entender.

– Sim, o farei.

Capítulo 67

NO DIA SEGUINTE, ENQUANTO FAZIA O DESJEJUM, KATHELYN recebeu uma carta.

– De quem é? – perguntou a Sra. Taylor após a jovem apoiar o papel sobre a mesa.

– É de Scott. – Kathelyn estava com o olhar perdido sobre a mesa.

– Quem é Scott?

– O valete de Belmont.

Elsa respirou fundo e sacudiu a cabeça, é claro.

– E o que ele deseja a essa hora?

– Comunicar que sua excelência e ele partiram em uma viagem a trabalho... O duque deve se ausentar por alguns dias.

Kathe passava geleia no brioche.

Não devia comer tanto doce quando ficava nervosa. Depois o espartilho teria que dar conta dos excessos. Levou o pão até a boca. Essa vontade de comer aumentava depois de uma noite maldormida. Os doces ajudavam a manter a mente em outra coisa, longe de tudo o que remoeu na noite anterior.

Talvez não.

Será que ela deveria mesmo ter aquela conversa com Belmont?

Ele nunca deu essa chance a ela. Desapareceu. Na noite passada reviveu tudo o que se passou nos últimos três anos. Era uma cantora famosa. Sempre quis ser uma cantora. Pegou os bolinhos a sua frente e mordeu um. Depois passaria o dia sem comer nada.

Mas naquele momento, comeria todos.

Podia culpar Belmont como sempre fez?

Arthur sempre foi o primeiro culpado em suas conclusões. Aquele que desencadeou tudo.

Depois o seu pai, e então...

Após o choque inicial, na noite anterior, ela saiu resolvida a contar tudo para o duque.

Logo caiu em dúvidas. E diante daquela nota, as dúvidas aumentavam. Ela reavivava a ferida passada.

Para ela, era prova de que Belmont fugia sempre que a situação saía daquilo que ele esperava. Lamentável.

Engoliu mais um pedaço do bolo.

Pegou alguns biscoitos e serviu-se de mais um bolinho com creme.

Não tinha esperança de que ele pudesse sentir qualquer coisa por ela em troca. Não podia alimentar esse tipo de esperança. Belmont sempre foi muito claro sobre o que pensava dela e o que esperava da relação dos dois.

Ela não queria continuar acreditando que o amava. Por isso, estava decidida a contar a verdade. Uma pequena parte dela dizia que era para se vingar também. Se ele soubesse tudo o que passou, talvez, caísse ajoelhado de remorso a seus pés.

Outro bolinho foi mastigado.

Belmont nunca cairia de joelhos na frente de ninguém, só se estivesse morrendo. Talvez nem mesmo morrendo.

Decidida a contar, com o único intuito de apaziguar a sua vida e afastar esse fantasma de uma vez por todas do mundo, ela continuou comendo.

Ignorando por completo aquela sensação quase eufórica da esperança de ter o amor de sua vida de volta, renascido como uma fênix.

Elsa a olhava em um contemplativo silêncio, como somente a preceptora sabia fazer. Kathelyn tinha certeza de que Elsa sabia o que ela estava pensando.



Uma vingança. Uma marionete em um plano sórdido de vingança.

Estúpido. Estúpida. Vergonhoso. Ele sentia-se com vontade de matar alguém. Ela em primeiro lugar. Kathelyn, a cabra. Aquela mulher intragável, manipuladora, baixa. Ainda tentava entender do que a maldita queria se vingar. Dele, por ter rompido o compromisso após saber de sua traição? Cristo! Não foi ela mesma quem se casou um mês após o noivado ter acabado? Será que era amante do tal Sr. Borelli enquanto eram noivos? Ele não duvidava mais de nada. Ao certo ela queria se vingar, ficou muito contrariada ao perder o título e a sua fortuna.

Só podia ser esse o motivo da raiva que sentiu em suas palavras, quando ela com um prazer oculto confessou o seu plano. Tentou pousar com nobreza. Como se um assassino ao confessar o seu crime fosse imediatamente promovido a herói. Grande absurdo se tornou tudo aquilo. Teve que sair correndo de sua própria casa para não estrangulá-la.

Então ele seria o assassino da história.

Estava no Hotel na Bélgica, tinha acabado de se reunir com os investidores locais. Eles se comportaram de maneira estranha, fazendo novas exigências em cima de preços que já estavam negociados. Se Belmont não dominasse completamente esse mercado, poderia jurar que os Belgas tiveram uma oferta do seu concorrente. Porém, não eram apenas as máquinas que estavam sendo negociadas, e sim o projeto de implementação e todo o minério de ferro necessário para tal fim. Minério que ele era o maior produtor.

Estava fora de Paris há três dias e deveria se ausentar por outros dois. Iria visitar uma de suas propriedades na França.

KATHELYN SEGUIA PARA UMA FESTA NA CASA DO SR. DOUSSEAU. Recebera o convite há cinco dias, dois dias após a viagem de Belmonte.

Philippe, Steve e Elsa haviam ido para Holanda. Resultado? Estava a sós. Os três foram visitar alguns amigos que não viam há tempos. Partiram dois dias após a última noite em que viu Belmont. Eles planejavam essa visita há umas três semanas. Não contou nada o que ocorreu na noite do jogo de pôquer. Não contou nada aos amigos, porque sabia que se contasse, Elsa ficaria preocupada e os meninos também... Talvez deixassem de ir para Holanda por causa dela. Odiava se sentir como um peso na vida dos outros. Além do mais, o que ela vivia não era realmente um problema.

Estava apenas ansiosa. Qualquer carta que recebia, qualquer pessoa que a visitava, ela saltava dentro da própria expectativa e os seus nervos pediam arrego. Culpa da ansiedade pela conversa que decidira ter com Belmont.

Jonas dirigia a carruagem. Ele morava na casa nos fundos da sua junto aos outros dez criados. Ela quis dar um quarto dentro de casa para ele, mas Jonas era... Bem... Não aceitava ser tratado de forma diferente.

– Se eu trabalho para a senhorita – nunca conseguiu deixar de chamá-la assim –, não aceito ser tratado de maneira diferente que os outros empregados.

– Você é diferente, Jonas – mas ele não respondia. Tinha esse jeito silencioso de fazer companhia. Então, mesmo ele estando por perto, ela sentia-se a sós.

Não era mais um menino, Jonas já devia ter uns dezoito anos ou próximo a isso. Ela sentia que a ausência de seus dois meninos mais velhos e de Elsa agravava a ansiedade pela espera de Belmont. Arthur...

Desde que ele retornou, não conseguia chamá-lo pelo nome. Nem mesmo pelo último nome Harold. Ao se dirigir a ele pelo título garantia a distância mínima necessária a sua saúde mental. Não funcionou tão bem quanto gostaria. Já que estava sentada a sós, em sua carruagem, indo a uma festa para amigos íntimos do homem que ela mais repudiava na corte francesa – o marquês de Dousseau. Ia quase agradecida por sair de casa. Decididamente, seria melhor que Belmont retornasse logo ou... Ela continuaria aceitando convites estranhos e continuaria

recebendo em suas tardes solitárias o conde Delors. Mesmo o duque tendo pedido. Exigido, que se mantivesse afastada.

– Não quero mais que se encontre com Delors – disse Belmont uma tarde em que passeavam pelas ruas de Paris.

– Por quê?

– Porque ele é meu sócio e não quero confusão.

– Confusão?

– Não se faça de ingênua, Lysa, o homem falta afogar-se em baba toda vez que você está por perto.

– Está com ciúmes, excelência?

– Não.

Ela ergueu as sobrancelhas

– Então...

– É meu sócio Lysa. Você consegue flertar com alguém menos envolvido comigo?

– Eu não flerto com ele.

– Você, minha querida, flerta com todos os homens. – Ela parou de andar, deteve-se no meio da rua, indignada. E ouviu: – Está em sua essência, é tão natural para a madame como... Respirar.

– Não, não é.

O duque também havia parado de andar e a olhava.

– Ah não?

– Flertar é infinitamente mais divertido. – Dizendo isso, ela tomou impulso para voltar a andar. A mão de Belmont fechada com força em seu braço, fez com que ela desse um passo no ar.

– Pode flertar como respira, isso não me incomoda, na verdade me distrai ver como os homens parecem abelhas idiotas governadas por você... Mas, se eu desconfiar que tem me enganado com qualquer um desses operários voadores – ele falava entre os dentes em um tom de voz controlado. Continuou: – enquanto estamos juntos nesse projeto de romance que ensaiamos, eu juro que não serei tão paciente, como da primeira vez – ele apertou um pouco mais o seu braço e disse: – Flerte à vontade rainha da sedução, menos com Delors.

– Já que provou o quão rude ainda consegue ser, solte o meu braço está me machucando.

Kathelyn encostou a cabeça no banco da carruagem. Era assim essa doença que viviam. Mesmo o duque tendo pedido, Delors tornara-se uma companhia constante desde que Belmont

viagrou. Uma porção maior dela se comprazia com isso a cada dia que passava sem ter notícias dele. Como se assim pudesse puni-lo por ele ter fugido uma vez mais. Sem dizer nada.

KATHELYN CANTAVA HÁ QUASE DUAS SEMANAS COM OS olhos grudados no camarote do duque. Nos primeiros dias da ausência de Belmont, eles procuravam sem que houvesse um motivo racional para isso. Mas, naquela noite, os olhos tinham toda a razão de ter vida própria e correriam magnetizados para o camarote vazio.

Ele voltou há cinco dias.

Ainda não a havia procurado.

Nem mesmo uma nota.

Nada.

Ao certo esperava que ela corresse atrás dele.

Isso ela não faria.

Ou devia fazer?

Após a ópera seguiria para uma festa na casa do Conde Delors.

Uma festa para amigos íntimos.

Uma festa que ela não deveria ir.

Afinal, o contrato com duque não fora oficialmente cancelado.

Diante de todos ainda era amante dele.

Na verdade, nunca foi amante dele.

Ninguém sabia disso.

Iria à festa.

Mesmo que isso causasse certos comentários. Talvez os comentários levassem Belmont a procurá-la. Se ele ouvisse que durante a sua ausência ela e o conde se viram quase todas as tardes e se soubesse que ela frequentava festas inapropriadas para mulheres comprometidas, talvez assim fosse tirar satisfações.

Belmont não tirava satisfações. Ele sumia e depois mandava o recado.

Ser amante de um homem a tornava uma mulher comprometida? Como eles não consumaram o contrato, é claro que não.

As cláusulas daquele maldito pedaço de papel eram claras, ela não podia traí-lo nem em pensamento sem que isso lhe custasse uma multa muito, muito grande. E como o próprio

Belmont jurou, custaria algo a mais além do dinheiro. Ela tinha o mínimo de juízo e apesar de sentir um prazer doente o contrariando ao ver Delors, nunca o fazia a sós. Sempre saíam a lugares públicos. Isso ao certo era o suficiente para irritá-lo. Mas não o suficiente para ele acreditar que ela o traía. Além do mais, foi ele quem sumiu sem dar explicações. Onze dias sem nenhuma notícia podia ser considerado um sumiço?

Sim, para ela era muito tempo. Uma enorme falta de respeito. Ela tirou a maquiagem mais forte que usava durante a apresentação na ópera e substituiu por uma mais discreta.

Iria à festa e se divertiria.

Não pensaria mais em Belmont nem uma única vez. Ao menos durante a noite. Prometeu e deixou o camarim, não muito convencida de que conseguiria cumprir a sua recém-feita promessa.

A MANSÃO DO CONDE DELORS ERA MAGNÍFICA. POR DENTRO e por fora. Uma suntuosidade sem tamanho, preenchidas por um luxo palaciano. O conde fazia parte da família de nobres mais tradicionais da França. A família que entronou o maior número de reis daquele país. Corriam as bocas inquietas, que o conde era um bastardo do antigo rei. Então, não devia se espantar com a suntuosidade dos lustres, com o polimento dos vitrais, com o trabalho dos afrescos nos tetos que esnobavam as sancas de gesso centenárias. Nem com as portas trabalhadas em ouro e nem com ouro que pendia dos pincéis nas paredes. Ali tudo era história ou entraria para ela.

Gostava de olhar os quadros sérios. Alguns desbancavam até homens corajosos somente com olhar. Ela sempre achou graça das pinturas muito sisudas. Como se o retratado sofresse de uma enorme dor no ventre no momento da pintura. Ouviu uma risada atrás de si.

– Mais um pouco e conseguiria me assustar.

– Delors – ela riu da própria careta que fazia analisando a pintura. – Não é educado bisbilhotar

– Eu diria que não é educado fazer caretas para as pinturas dos meus finados parentes.

– Eles é que fazem caretas – ela sacudiu o indicador em direção à tela.

– Madame é desonesta, mesmo contorcendo a boca e franzindo o cenho.

– Não entendo, o que uma careta pode ter de desonesto?

– Mesmo esforçando-se para parecer feia é adorável.

– Delors, não flerte comigo, você sabe, não sou uma mulher livre.

O conde olhou para o lado como se buscasse as palavras, uma pintura ou alguma inspiração que Kathelyn não entendeu. Parecia sem graça?

– Eu acreditei que haviam rompido o compromisso.

Ela sentiu o ar prender nos pulmões. Tentou manter-se impassível.

– Tem algum motivo para acreditar nisso?

– Não, ahn... É claro que não. É que... esqueça. – Meu Deus, esse homem que nunca pareceu tímido na vida, olhava para baixo fugindo de seu olhar? Algo não estava bem. Ele sabia de algo...

Deus! Os quadros pareceram criar vida e a escrutinavam com o olhar. A condenavam com olhar. O espartilho. Estava muito, muito apertado e o ar não estava bom. As telas respiravam todo ele, não sobrava nada para Kathelyn viver.

Belmont acabara com ela publicamente e ela seria novamente a última a saber? Ele a humilharia dessa maneira diante de todos àqueles que a idolatravam?

Sabia que a fama podia ser cruel.

“Cometa um deslize e ela o engole vivo.” Fora assim da primeira vez há três anos. Ela foi costurada viva pelas línguas da alta sociedade e enterrada por alguns homens. Viraria a chacota dentro dos círculos masculinos, na França. Os mesmos círculos que a sustentavam. Eles ririam às suas costas e talvez à sua frente. Ela deixaria de ser a queridinha de Paris para tornar-se a tola da vez. O que ela devia fazer? Fingir que sabia que o compromisso tinha acabado e agir com uma cínica hipocrisia, desfazendo-se do duque? E se ele não houvesse dito nada? Se ela fizesse isso, poderia sentir-se humilhado e aí sim, teria de lidar com a fúria dele. Uma vez mais. Não.

Respira. Respira. Respira.

– Vamos, madame, deixe-me acompanhá-la até a sua casa, a senhora parece que não está muito bem.

– Não – ela deu um sorriso trêmulo. – Eu estou ótima. Acho que preciso beber alguma coisa e talvez comer algo. – Ela se dirigiu à porta entreaberta, de onde vinham as vozes e as risadas da festa. Ouviu às suas costas.

– Madame, não faça, eu insisto... Deixe que eu a leve para casa e...

– Eu estou bem, Delors, não me trate como se eu fosse de vidr... – Deteve-se antes de cruzar a porta.

O sangue do corpo inteiro fugiu para os pés. Eles pesaram uma tonelada em segundos. Na cabeça, vácuo. No coração, um rombo. No estômago um soco e o gosto ruim que isso causou na boca.

No pulmão, ausência e nos ossos água. Eles não seriam capazes de sustentar nada.

Tudo passou muito rápido quando nos olhos, a cena do duque. De Belmonte, de Arthur, do homem que ela jurou amar mais de uma vida. E odiar mais de cem. Formou-se em sua retina.

Gravou a sua alma.

Ele estava no sofá.

Estava sem a jaqueta e sem a gravata. Ia apenas de camisa e o colete estava aberto. Isso já seria a evidência de que aquela não era uma festa comum que damas respeitáveis frequentam. O problema com a imagem não era a ausência de roupas do duque, era a presença de uma mulher no seu colo. Em uma de suas pernas, mais precisamente.

Ela estava enroscada nele.

Os braços como duas cobras brancas enrolavam-se venenosos no pescoço masculino. Ela ria de algo que ele disse em sua orelha.

Essa risada era para ser dela.

Arthur foi o único homem que ela desejou que a fizesse rir desse jeito. Sabia quem era a mulher. Shophie Lester. Uma das meretrizes famosas de Paris. Deu dois passos para trás.

O duque não a viu.

Ela não olhou para mais ninguém. Bateu com as costas no corpo do conde. Ele passou as mãos em seus ombros e disse:

– Deixe-me levá-la para casa.

– Obrigada, eu... Eu creio que posso ir a sós.

– Não, Lysa. Deixe-me acompanhá-la, por favor.

– Ele veio com ela?

– Não, o senhor Faure trouxe ela e três amigas... Desculpe-me, Lysa, eu não sabia que ele iria trazê-las – o conde sacudiu a cabeça. – Se soubesse, não a teria convidado. Por isso também quis que a senhora não entrasse.

– Não sejamos hipócritas, Delors, o que eu faço não é muito diferente do que elas fazem.

– Não, madame, como pode falar assim? Deus... Não.

– Logo é o que todos falarão também, inclusive o senhor – ela mordeu os lábios por dentro e virou o corpo. Caminhou em direção à porta. Ouviu o conde atrás de si.

– É muito diferente. A senhora sabe que é.

Sim, ela sabia. Apesar de não enxergar tanta diferença assim. Kathelyn, como viúva, contava com o respaldo de um nome. Contava também com certas liberdades; como a de poder escolher e ter amantes sem que isso lhe condenasse ao exílio social.

Era implícito pela posição que assumiu, que poderia ou não, haver um contrato para proteger as partes envolvidas. Ela sabia que nunca fez nada além de espalhar boatos. Mas, entendia também, que ninguém conhecia essa verdade e que no final, o que sempre permaneceria diante dos outros, é a imagem que todos querem comprar. Ali, ela jamais deixaria de ser uma mulher disposta a ter amantes e de receber certos benefícios por isso, fossem eles físicos ou matérias.

No seu entender, nada muito diferente do que faziam as ditas meretrizes. Porém, na prática, era bem distinto. Isso porque, as amantes de nobres ganhavam joias, roupas, casas, terrenos e, liberdade. Junto a isso existia, por vezes, algum respeito, admiração e poder.

Amantes fixas e com contrato podiam ficar com um homem apenas durante toda as suas vidas, ser a mãe dos filhos desse homem que, apesar de bastardos, contariam com o apoio e respaldo de alguns dos seus pais.

Muitas encerravam um contrato e não escolhiam outro protetor, nunca mais. Era um status diante da sociedade diferente das ditas meretrizes. Essas, não tinham nada além de algumas libras por hora ou noite em que serviam a um homem. Eram consideradas as mais baixas entre as mulheres e jamais, sob hipótese nenhuma, dividiam o mesmo teto junto a uma dama. Eram tidas como a escória do mundo. Para Kathelyn, a prova de que a sociedade era muito doente, já que os mesmos homens que as condenavam, eram aqueles que buscavam o conforto que elas ofereciam.

– Vamos, deixe-me levá-la para casa... Essa não é uma festa para a senhora. Peço, mais uma vez, que me perdoe... Eu fui pego de surpresa.

– Parece que a sua excelência não divide a mesma opinião que o senhor.

– Eu sinto muito.

– Não sinta – ela engoliu a massa de choro que travava a sua garganta. – Eu sou a única responsável por isso.

– Lysa, não fale assim, Belmont está bêbado.

– Ele sabia que eu vinha?

– Não tenho certeza. Acho que eu comentei que não ia deixá-la entrar.

– Ele sabe muito bem o que está fazendo.

– Ele é um tolo.

– Deve acreditar ter os motivos dele.

– Com uma mulher como a madame? – Delors sacudiu a cabeça. – É um tolo.

– Tolo ou não, sou eu quem responderei por isso.

– Não, Lysa, estamos na França.

– Não entendo.

– Você pode fazer ele parecer o tolo.

Ela não queria mais fazer nada. Estava exausta.

– Se todos acreditarem que era a senhora que estava insatisfeita e que encontrou conforto com outra pessoa...

– Não, tudo isso – ela apontou em direção à sala onde Belmont estava e disse: – Tudo isso é resultado de uma disputa que nunca deveria ter começado. – Estava ferida. Uma vez mais sentia os ossos do corpo moerem de dor. Ela só queria acabar com tudo. Devolveria o dinheiro de Belmont e iria embora de Paris. Estava cansada de tentar lutar contra um inimigo que só existia em seus pesadelos. Mais cansada ainda de tentar conseguir algo que nunca seria dela de verdade. Ali em pé, na frente do conde Delors. Um dos homens mais orgulhosos que ela conhecia, só conseguia pensar que o orgulho era o verdadeiro vilão de toda aquela história. E graças a ele estava mais uma vez humilhada.

Mas não era somente isso. Se fosse, provavelmente continuaria a brincar com a sua vida e a vida dos outros.

Ao ver Arthur com uma meretriz nos braços, olhou a um espelho. Ela jamais seria algo diferente para ele, do que uma mulher que ele pagava para ter qualquer distração frívola, rápida e vazia. Ela mesma estava vazia naquele momento. Oca de toda emoção que não era dor e culpa.

Decidiu ali, fazer algo que já tinha como certo, aconteceria.

Reconstruiria sua vida longe. Muito distante de tudo o que um dia conheceu. Iria para o novo mundo. Tinha algumas economias, poderia recomeçar.

– Eu agradeço Delors, mas quero apenas ir para casa.

– Me chame de Adrien, Lysa. Considero-me um amigo.

– Sim, Adrien, obrigada.

– E o nosso jantar amanhã? Irá, não é verdade?

Kathe ficou em silêncio tentando lembrar do que o conde falava.

– Quero conversar sobre um novo teatro que o rei pediu ajuda para desenvolver, lembra?

Ela só queira ficar a sós, ir para casa e esquecer tudo aquilo. Tentar esquecer. Nem lembrava ou se importava com o jantar marcado alguns dias atrás.

– Creio que sim. – Era mais fácil aceitar. Conhecia o conde, ele não a deixaria em paz enquanto não dissesse sim. Estava sem a menor disposição mental para enfrentar a insistência dele.

– Passo para pegá-la às 19hs.

– Está bem – respondeu com a imagem de Belmont e de Sophie. O que eles faziam agora? Beijavam-se? Ele a levaria para sua casa? Passaria a noite com ela em um bordel? Ou será que nessas festas, os homens faziam sexo uns na frente dos outros como bichos?

– Boa noite, Adrien.

– Deixe-me ao menos acompanhá-la enquanto espera por sua carruagem.

– É claro... Sim, obrigada. – As respostas saíam automáticas, ela nem pensava.

IRRITAÇÃO ERA A PALAVRA QUE DEFINIA O SEU NOVO constante estado de humor. Chegou à festa do conde irritado. Ouviu algumas piadinhas sobre a beleza de sua suposta amante e ficou mais irritado. Delors convidou algumas meretrizes a fim de animar a festa e uma delas esteve boa parte da noite grudada em seu pescoço.

E como isso o irritava mais do que estimulava, resolveu beber e tentar distrair-se com ela. Tentava não voltar para casa ainda mais irritado. Se isso era possível.

Meia garrafa de conhaque depois, ele só pensava em meter a irritação no meio das pernas daquela mulher que estava em seu colo.

Ela o puxava dando risadinhas para uma das salas desocupadas na casa do conde. Onde estaria Kathelyn aquela noite? Ela havia ido para casa depois da ópera? Tinha decidido não procurá-la mais. Exigiria o dinheiro de volta e nunca mais gastaria o seu tempo pensando nela.

– Cabra!

– Desculpe, excelência, o que disse? – olhou para mulher ajoelhada entre suas pernas. Ela parou de desabotoar a sua calça e o encarava com os olhos enormes.

– Nada, continue.

– Kathelyn – ele murmurou momentos depois enquanto explodia alívio, dentro da boca da mulher.

Abotoou a calça, arrumou a camisa e ajudou a meretriz a erguer-se. Ela veio com intento de beijá-lo no pescoço. Ele a deteve.

– Podemos continuar – ela disse.

– Não obrigado, já foi o suficiente.

– Não o agrado, excelência? – ela perguntou olhando para baixo com a voz reduzida.

Sentiu-se um animal. Acabara de gozar dentro da boca da coitada à sua frente e nem mesmo sabia que nome usar para dispensá-la.

– Agrada sim, eu é que estou muito cansado.

– Pode me chamar de Kathelyn a noite inteira se assim desejar, não me importo... – ela suspirou. – Tenho muita experiência, posso fingir ser essa dama que o senhor deseja.

– Não – ele disse abrupto e empurrou a jovem de leve livrando a sua passagem. – Passe na minha casa amanhã, lhe pagarei o valor da sua noite inteira de trabalho.

– Sendo assim... Eu agradeço. Afinal, o conde já havia me remunerado... Boa noite, então excelência. – Ele estava muito ocupado pensando em Kathelyn. Nem ouviu o que a mulher dizia.

Quem ele queria enganar? É claro que ainda pensaria nela. Acabara de gozar chamando pela cabra. Talvez a carregasse pelo resto de sua vida. Maldita obsessão.

Foi Kathelyn quem contou a sua intenção de vingança. Talvez estivesse realmente arrependida, por tudo. Talvez ela cedesse. Talvez fosse mais uma artimanha da cabra para conseguir enlouquecê-lo. Mal sabia ela que já o tinha quase louco. Iria vê-la. Não bêbado como estava, cheirando a perfume barato. Tinha que resolver isso se não... Esfregou os olhos com as mãos. Inferno, por que se importava tanto? Resolveria essa doença antes de ser consumido por ela.

KATHELYN JANTAVA COM O CONDE DELORS, ALHEIA AO mundo à sua volta. Alheia até mesmo ao conde à sua frente. O pobre homem tinha que repetir duas ou três vezes as perguntas dirigidas a ela. Durante o dia deteve-se no pé da porta de saída da sua casa, umas dez vezes. Queria ir tirar satisfações com Belmont, exigir dele explicações. Não foi.

Era estúpido tentar se enganar uma vez mais. Queria ir porque precisava vê-lo e não para pedir explicações. Queria vê-lo porque parte dela ainda tinha uma vontade despropositada de estar com ele. Uma esperança indigna de que o duque desejasse somente a ela e que aquela meretriz fosse... Nada.

O problema é que ela também devia ser nada para ele... Então, conformou-se com a razão. Não tinha direito de exigir coisa alguma. Ele não pertencia a ela e por mais que houvessem prometido fidelidade um ao outro durante o contrato, isso era absurdo e descabido.

Fidelidade ao quê?

A um contrato de serviços como amante nunca cumprido? Fidelidade por três meses em nome do quê? Do orgulho? Do falso sentimento de posse que isso trazia.

Uma fidelidade ilusória e inventada para tapar os buracos da própria carência. Não, ele não devia fidelidade a ela porque ela queria se vingar dele. E ela não devia fidelidade a ele porque não se pode ser fiel a alguém que não acredita em meia palavra que você diz.

Ele nunca acreditou e ela fora infiel a ele desde então.

Para Belmont, a sua infidelidade era real e ele a fazia parecer real para ela.

Estava decidida a contar tudo ao duque de qualquer maneira assim que ele a procurasse. Claro, se ele a procurasse. Senão trataria de não esquecê-lo pelo resto da vida, como tinha sido desde sempre.

– O que acha, Lysa? – esse era o conde fazendo outra pergunta que ela não ouviu.

– Eu... Desculpe, Adrien, eu estou sendo uma péssima companhia hoje.

– O seu guardanapo que o diga... Não precisava afogá-lo.

– Como? – ela desviou os olhos para o colo procurando o guardanapo.

– A senhora tirou-o do colo e colocou-o dentro do parto de sopa à sua frente. Kathelyn comprovou horrorizada que o guardanapo boiava no prato.

- Mas por que eu fiz isso? – ela sentiu os lábios tremerem pela vontade de rir.
- Não sei, acredito que deva perguntar ao vinho que recebeu uma dose de sal.
- Sal?
- Creio que não estava do seu gosto antes.
- Eu não coloquei sal no vinho – ela engoliu a risada –, não faria isso.
- Acho que o alvo era sopa, mas possivelmente resolveu temperá-la com o guardanapo.

Ela pegou a taça de vinho com olhar desafiador e deu um gole. Fechou os olhos e somente metade da boca cedeu a careta.

- Deveria vir salgado da vinícula, ficou muito melhor.
- Posso imaginar.
- Que desastre! – ela levou as mãos até a boca. Estava feito, o acesso de riso. Estava lá,

pronto para acontecer.

- Quer colocar pimenta na água, ou talvez deseje comer a toalha de sobremesa.
- Pronto. Aconteceu.

Desatou a rir em ondas incontroláveis. Riu de fazer água nos olhos. Riu de fazer a boca dançar com os dentes. Todo o restaurante ficou gargalhado pelo som eufórico vindo de uma mesa em que uma dama e um cavalheiro riam como se estivessem em uma casa de má reputação e não em um dos restaurantes mais refinados de Paris. O garçom se aproximou, Kathelyn tomou fôlego faltado e disse:

– Traga mais um guardanapo, por favor, o conde gostou tanto do meu prato que quer fazer dois iguais. – Desataram a rir de novo, enquanto todos assistiam em um silêncio curioso a cena. Assistiram também um elegante cavalheiro atravessar a porta de entrada em largas passadas. Se identificar na recepção. Ele cruzou o salão como uma bala. Obstinado com olhar duro posto nos dois protagonistas da quebra de etiqueta. O homem parecia o comandante das boas maneiras que vinha impor respeito e punir os descarados. Afinal, como alguém podia ousar ser tão feliz em público?

Puxou uma cadeira da mesa vizinha à deles, sem nem se preocupar se a mesma estava ocupada. Não, não era o comandante de boas maneiras.

Sentou junto ao casal que não sorria mais. Ao contrario, Kathelyn ficou lívida como a toalha à sua frente e o conde tinha ainda um risco de sorriso irônico nos lábios.

– Adoraria rir também, me contem qual o motivo de tanta diversão? – Arthur estava com o rosto duro e o olhar frio. Delors, ao contrário de Kathelyn, que ficou com a boca entreaberta, não pareceu nem um pouco surpreso com aquela aparição.

– Por favor – disse erguendo a mão para chamar ao garçom –, traga mais um prato de sopa e um guardanapo para o cavalheiro que acabou de se juntar a nós.

Kathelyn voltou a rir com a mesma velocidade que havia parado e logo entrou na brincadeira do conde.

– Sim e traga também uma taça de vinho e sal extra, por favor. Belmont não pode deixar de provar a especialidade da casa.

O duque deu um murro na mesa. As taças pularam, o castiçal sacudiu as velas, a sopa e o guardanapo saltaram e o vinho salgado também tremeu dentro da taça.

– Eu poderia continuar aqui rindo com vocês, se não estivesse sentado com uma prostituta bem vestida e com um canalha disfarçado de nobre. – Delors empurrou a cadeira para trás; ela se assustou com o barulho do risco no chão de mármore. Ele levantou. O duque o seguiu.

– Está louco, Belmont, como ousa nos ofender dessa maneira? – Jogou o guardanapo no chão com força. Esse pequeno gesto por si só, muito diferente do guardanapo afogado na sopa, era quase um convite ao duelo. Kathe bufou antes de sentir qualquer angústia com a situação, interviria. Levantou também.

– Parem vocês dois, parem agora.

Os dois homens se olhavam ofegantes – o maître e dois garçons se aproximaram.

Kathe continuou.

– A sua aparição notória foi providencial, Belmont, preciso mesmo falar com você.

– O meu assunto é com Delors.

– Nós nunca temos o que conversar, não é verdade?

– Senhores, por favor – disse o maître –, queriam resolver qualquer coisa lá fora. Estão perturbando o jantar dos outros convidados. O duque olhou ao redor e queimou Delors com os olhos.

– Lá fora agora – exigiu. Virou o corpo e saiu com passos que tremiam mesas e cristais.

– Lysa – disse o conde –, vá para casa, não a quero exposta ao que pode acontecer... Já foi ofendida demais.

– Não, eu vou ficar. – Não podia ir embora sem saber o que aconteceria.

– Não quero discutir com você, querida. Tenho que poupar energias para o encontro com Belmont... Vá para casa.

– Mas... Mas...

– Não, a senhora vai para casa agora... Por favor – chamou ao maître e disse: – Coloque a madame em segurança em um carro de aluguel, o libré dela aguarda lá fora – era de Jonas que ele falava.

– Não faça nenhuma loucura. – O conde virava para sair e ela o segurou pelo braço. – Por favor, prometa-me que não fará nada, nenhuma loucura.

Delors deu um sorriso torto.

– Assim eu fico lisonjeado, Lysa... Tanta preocupação seria por mim ou pelo duque?

– Por ele e por você, é claro.

Ele se aproximou alheio aos olhos que os seguiam e beijou a testa dela.

– Tudo ficará bem... Apareço em sua casa quando isso estiver resolvido.

PASSO. PASSO. PASSO.

Ele tirou a jaqueta e ergueu as mangas da camisa. Scott o olhava com uma expressão... Que expressão era aquela? Bufou.

Passos. Passos. Passos.

As pessoas olhavam-no com uma assustada curiosidade.

– O que é? – disparou para um cavalheiro que o encarava. – Quer assumir o lugar do homem que eu aguardo? – O sujeito ajeitou a lapela da casaca e saiu sem dizer nada.

Os nervos estavam esticados e exigiam movimento. Ouviu a porta do restaurante abrir. Era ela. Usava uma capa de noite e estava acompanhada do maître e do menino... Jonas.

Deteve-se com o olhar perdido, enquanto o homem pedia um carro de aluguel.

O vento gelado da noite fez com que ela se encolhesse, quase sumiu dentro da capa. Belmont acreditou que ela não olharia para o lado, apesar de ter certeza de que Kathe sabia de sua presença. O carro parou, a porta foi aberta. Jonas estendeu a mão para ajudá-la. Kathe tomou o impulso para entrar. Então, estancou. Em lenta velocidade girou o rosto até encontrá-lo.

O ar ficou preso. Olhos verdes ou eram azuis? Eles transitavam entre a cor das águas. O rosto perfeito, os lábios, a curva da maçã do rosto. Alguns cachos de sol fugiam do capuz. Tudo em Kathelyn ainda lhe tirava o ar. Belmont tinha certeza de que era impossível qualquer mortal se aproximar dela e não ser afetado. Ela sempre o afetou. Como uma deusa conduzia a sensações do seu corpo. Ele marionetado, sentia-se pequeno. Ela sacudiu a cabeça e os lábios mexeram palavras mudas. Ela saiu do alcance da sua visão.

Belmont fechou os olhos. Oviu o barulho da carruagem se afastar. O ar entrou. Viu Kathelyn gemendo de prazer nos braços do conde Delors. O ar saiu. Viu o pescoço dela arqueado enquanto o conde a penetrava. Ar entrou. Ela cravou as unhas nas costas dele. Ar saiu. O rosto do conde virou o de Steve. Ar entrou. Ela o beijou. Ar saiu, Steve a beijava nos seios enquanto a tomava. Ar entrou. O conde Delors estava por cima de Kathe outra vez. Na mesma cama em que Steve ainda a beijava. Esfregou os olhos com força algumas vezes. Não podia se

desestruturar. Tinha que estar isento de emoções diante do que aconteceria em pouco. Tinha que estar centrado e dono de suas emoções. Tinha que estar isento de Kathelyn. Abriu os olhos. O conde Delors estava à sua frente.

– Você não está com uma cara muito boa, meu amigo.

– Não me chame de meu amigo.

– Devo chamá-lo de...

– Amigos não roubam uns dos outros.

O conde ficou parado em silêncio.

– Eu já sei de tudo, Delors.

– Sabe? E o que sabe?

– Sei que é um canalha sem honra, sei que pagou para copiarem o projeto da locomotiva de dentro da minha casa, sei que tentou me passar a perna na negociação com os belgas e com os americanos... Sei que além do negócio que você tentou roubar, tirou algo mais que comprei.

Delors não mexia um músculo do rosto e se não fosse por uma veia que saltou em sua testa e que pulsava rápida, pareceria inatingido.

– Se refere a Lysa?

– Nos encontraremos amanhã ao nascer do sol no bosque de bolonha. Escolha seus padrinhos.

– Duelará comigo por fofocas?

– Faure me contou tudo, seu canalha. Entregou-me a cópia mal-acabada que vocês planejaram roubar, contou-me de Lysa e de sua idiotice em acreditar que conseguiria concluir esse negócio sem precisar do meu minério e das minhas fábricas.

Os olhos do conde abriram enormes e a boca estancou meio caída.

– Está surpreso com a traição do seu suposto futuro sócio?

– Eu iria lhe procurar, ofereceria uma boa quantia para comprar a sua saída do negócio... –

O conde inflou o peito, ergueu o queixo e disse: – Sobre o projeto, Faure lembrou de mencionar que a ideia do roubo foi dele? Lembrou de dizer que eu também queria comprar o projeto pelo preço que o senhor acreditasse justo? É claro que não, ele deve ter algum interesse sujo por trás disso.

– Cale a boca.

– Não está me ouvindo? Faure o odeia porque é inglês, quanto à traição dele a mim, com certeza possui algum interesse sujo... Eu descobrirei.

– E quanto a Lysa? Ele também tem algum interesse sujo com ela? Não sou idiota, Delors. Você está tentando sair ileso da traição que planejava e da que executou na cama da minha amante.

– Faure sabia da sua obsessão por Lysa, ele me contou que sabia.

– Cale a boca seu mentiroso – Belmont deu dois passos à frente.

– Está tão furioso por conta de sua amante, que não percebe que Faure está tentando nos manipular?

– Amanhã ao nascer do sol isso se resolverá.

– Não seja hipócrita, Belmont, eu como o senhor, não desisto daquilo que eu quero sem lutar. Se fosse eu a ganhar Lysa o senhor não desistiria. Se fosse o senhor com uma parcela que considera injusta dentro de um negócio em que é o único responsável por ter acontecido, também não deixaria isso passar sem fazer nada.

O duque deu dois passos mais à frente e agarrou a gravata de seda do conde, sacudindo com o punho fechado. Isso era entre cavalheiros, uma ofensa indesculpável. Mais do que o convite a um duelo, era uma maneira de fazer com que a parte agredida não pudesse recusar o desafio. Na rua, algumas pessoas assistiam com verdadeiro interesse o desfecho da conversa. Poderiam voltar para suas vidas com algo divertido e novo a relatar. O duelo entre um conde francês e um duque inglês ao certo não acontecia todos os dias.

– Amanhã, que seja o alvorecer, e as pistolas o nosso destino – o conde disse.

Belmont olhou-o fundo e sacramentou o duelo com o silêncio. Girou o corpo e saiu.

KATHELYN CHEGOU DO RESTAURANTE ENTORPECIDA. SÓ conseguia pensar em acabar com tudo. Venderia as joias, a casa, pegaria todas as suas economias e deixaria a Europa. Esperaria Elsa voltar, é claro. A preceptora devia estar chegando nos próximos dias. A qualquer momento. Gostaria que não estivesse sozinha. Ao ver o duque na porta do restaurante, Jonas perguntou se estava tudo bem. Ela mentiu. Disse que sim. Jonas tinha um ódio de morte dele. Não queria mais nenhum problema. Talvez estivesse tudo bem.

Estava sofrendo à toa.

Devia estar tudo bem. Belmont não tinha motivos para sentir-se traído por eles. Ou tinha?

Não. Ele não tinha provas e nem motivos reais para nada. Talvez houvesse assuntos de negócio para conversar. Talvez não fosse nada com ela afinal. Ele a chamou de prostituta bem-vestida? E ao conde de canalha disfarçado de nobre. Encheu o pulmão de ar. Talvez fosse com ela o problema. Deus. O que devia fazer? Procurar ajuda, mas de quem?

Ouviu vozes vindas da biblioteca.

Elsa...

Avançou correndo pelo corredor, abrindo a porta com um empurrão. A preceptora levantou da poltrona em que estava sentada. Ela viu um jogo de chá colocado sobre a mesa de centro. Elsa não estava a sós. Madame Valois também levantou.

– Graças a Deus chegou – disse a costureira. – Já soube, não é verdade?

– O quê? – ela perguntou sentando-se por reflexo no sofá.

– O conde Delors e o duque de Belmont se encontrarão em duelo ao amanhecer – foi a preceptora quem disse.

– Eu... – Kathelyn olhou aos livros que saíam do lugar e tornavam-se negros. Abaixou a cabeça e respirou com força até a biblioteca voltar para o eixo. Disse:

– Eu jantava com Delors, então Belmont apareceu. Estava furioso, não sei o porquê... Então eu vim para casa. Não – ela sacudiu a cabeça, notou as mãos molharem de suor. Continuou: – Eu não pude vir direito, sentia que algo ruim se daria com aquele encontro e pedi para o condutor dar algumas voltas a mais com a carruagem e... Eu não sabia.

– Eles não podem, madame – a costureira disse com a voz embargada –, não podem fazer isso.

– Estúpidos – Kathelyn levou as mãos aos olhos.

– Vou preparar mais um chá – Elsa disse, levantando-se. – Esse deve estar frio.

– Graças a Deus que voltou – disse Kathelyn, sem cor no rosto. – Steve? Philippe?

– Seguiram para Londres, passarão uns dias por lá. Sobre Belmont... você tinha razão, Elsa... Será capaz de me perdoar por não lhe ouvir?

– É como uma filha para mim, Kathelyn, eu só não queira que sofresse...

– Eu errei...

– Eu sei, querida, todos nós erramos – Elsa disse se dirigindo para a porta. – Vou buscar mais um chá, logo conversamos com calma.

Assim que a Sra. Taylor saiu, madame Valois desatou um choro menos contido. Kathelyn a olhou assustada. A mulher confessou:

– Ele é meu filho, Lysa.

– O quê?

– Adrien Delors é meu primogênito.

– Oh meu Deus, eu não tinha ideia, eu nem desconfiava.

– Eu sei.

– Eu sinto tanto – Kathe apertou as têmporas com os dedos trêmulos. – Se algo acontecer eu serei responsável por isso. Eu nunca deveria o ter provocado. Belmont me avisou o que faria se eu o traísse... Mas eu não... Ele acredita que sim, eu acho, mas eu não fiz nada... Creio que estimulei algo horrível.

– Eu também lhe incentivei com a história da vingança, também sou culpada.

– Não. Delors não sabia das ameaças de Belmont, se soubesse o quão louco ele pode se tornar, não teria continuado a me encontrar. – Ela olhou para baixo e disse: – Eu não o desencorajei com o flerte, queria atingir ao duque.

– Não é a única responsável... Não se sinta assim. – A mulher pareceu mais calma. – Os duelos são práticas idiotas e aceitas perante a sociedade, infelizmente os homens parecem só saber resolver algumas questões dessa maneira... Tinha esperança que talvez soubesse onde se dará o enfrente e assim poderíamos tentar impedir o pior. – A costureira enxugou as lágrimas com o lenço de seda.

Kathelyn negou com a cabeça e perguntou.

– Como soube?

– Uma amiga passava na frente do restaurante e ouviu... Uma amiga de infância que conheceu os meus filhos... Então, correu direto até minha casa para avisar... Eu sabia do seu jantar com o conde hoje, quando foi buscar o vestido me disse, lembra?

- Entendo.
- Resta-nos rezarmos para que eles entrem em algum tipo de acordo.
- Eu não ficarei parada, vou a casa do duque. Se ele voltar para lá antes do duelo, tentarei impedir que isso aconteça.



Elsa acompanhou Kathelyn na carruagem até a casa de Belmont. No caminho, a jovem contou tudo o que duque falou depois do jogo de pôquer e o que aconteceu durante a ausência da preceptora.

– E agora, o que pretende fazer? – Elsa perguntou.

Os feixes da iluminação a gás nas ruas cruzavam o interior do veículo em uma frequência regular.

– Contar tudo o que eu acredito, talvez ele não saiba e... Devolver o dinheiro.

– Faz bem – Kathe ouviu a respiração longa da preceptora –, devolva esse dinheiro e toque a sua vida.

– Penso em deixar a Europa.

Os cascos dos cavalos em atrito com as pedras das ruas foi o único som audível por um tempo no interior da carruagem.

– É claro que jamais pediria para ir comigo.

– Onde?

– América, ouvi que é onde existem oportunidades. Assim, finalmente, poderei seguir sem as sombras do passado.

– Já lhe disse uma vez que nunca a abandonaria... Nada mudou.

O trepidar das patas se intensificou uma vez mais.

– Eu agradeço tanto por tê-la em minha vida.

– Eu amo você, menina teimosa.

– Às vezes a teimosia serve para algo. Já fiz as contas e sei que teremos dinheiro o suficiente para vivermos bem durante bastante tempo, mesmo sem o dinheiro do duque.

– Steve morrerá ao saber.

– Eu também morrerei de saudades. Mas nesse momento, não consigo pensar em nada além de balas e o amanhecer.

– Eles são homens inteligentes, bem... Ao menos o conde é. Então, acredito que tudo ficará bem.

– Deus lhe ouça eu... Não sei o que faria se algo acontecesse a um dos dois.

Os cascos do cavalo ficaram sós, uma vez mais.

– Não tenha nenhuma esperança, Kathe.

– O quê?

– Você nunca o esqueceu, essa ideia idiota de vingança é a prova disso... Por quem sofre de verdade sobre esse duelo?

– Pelos dois, é óbvio.

– Se diz... então.

– Se algo acontecesse com o conde, me cortaria a alma, me sentira culpada para sempre...

Mas se algo acontecesse a Belmont... a Arthur. – Quem ela queria enganar? Ela morreria também. Ao menos boa parte dela. Suspirou e disse: – Eu sofreria demais.

– O real motivo dessa conversa?

– Por mim... eu preciso disso.

– Não espere nada dele.

– Não espero.

Estalar de cascos e uma respiração pesada se ouviu dentro da carruagem.

– Não espero mais. Agora é somente por mim, porque preciso matar tudo isso dentro e porque talvez consiga o convencer a não duelar.

– Quer que a aguarde aqui fora?

– Não, se o duque não estiver eu o esperarei até a hora que for preciso... Deus queira que seja antes do amanhecer.

BELMONT NÃO VOLTOU PARA CASA. NO LUGAR DISSO FOI para casa do senhor Faure, onde ouviu durante algum tempo quantas vezes Kathelyn e o conde se encontraram. Como o conde ria às costas dele, sobre conseguir divertir e saciar os desejos insatisfeitos dela. Até que deu um basta e afirmou não querer ouvir mais nada. Passaram o resto da noite conversando de negócios. Como se ele não fosse se encontrar entre uma pistola e um homem em poucas horas.

Naquela manhã, o sol não brilhou. Foi retirado atrás das nuvens. Era cúmplice do dia sombrio. O gramado no parque estava enevoadado. O sintoma da obstrução da Luz.

Quando a morte é o meio de quitar dívidas, nada brilha. No lugar, árvore enluta, a grama perde a viscosidade e os pássaros cantam marchas fúnebres. Os olhos dos vivos queixam um tom de cinza apagado.

Belmont e Delors estavam de cinza e negro das roupas aos gestos, das botas aos olhos fundos. Os padrinhos de Belmont eram Scott e o senhor Faure. Os padrinhos de Adrien Delors eram dois nobres amigos do conde.

Eles, os padrinhos, checaram as pistolas nos estojos de madeira escura, como caixões prontos a receber um defunto. O conde tirou a casaca. Belmont dobrou as mangas da camisa. Delors desfez o nó da gravata. Os padrinhos estipularam o local da contagem dos passos.

Belmont e Delors se encaravam em um duelo que ia além das balas a serem disparadas. Era o reconhecimento de dois machos em uma briga por território. Uma força instintiva herdada no sangue. A primordial luta pela sobrevivência. Entretanto, como uma espécie inteligente, os homens sabiam haver outras maneiras de resolver a questão do domínio.

Eles estavam parados, com as costas grudadas. Os respectivos braços dobrados e as pistolas apontadas para cima. Delors tentou lembrá-los desse instrumento comum denominado inteligência.

– Não precisamos fazer isso, descobri algo ontem a noite que pode esclarecer tudo.

– Cale a boca. Delors, já ouvi tudo o que tinha para ouvir – disse o duque.

– Prontos? – foi um dos padrinhos quem perguntou.

O duque assentiu, o conde continuou.

– Não vou atirar. Dou-lhe minha palavra de cavalheiro. A prova de que há um lado da história que o senhor ainda não ouviu.

– Estão prontos? – repetiu um dos padrinhos.

O duque deu o sinal positivo outra vez. O conde dessa vez assentiu. Mas antes de se mover repetiu.

– Não vou atirar. – Um pedido de clemência entoado para ambos.

– Um, dois, três, quatro, cinco.... doze...

Os vinte passos que separavam a vida da morte eram dados. Belmont sentia o ar frio entrar na garganta e descer ao corpo. Enquanto ouvia os próprios passos contra a terra. Engoliu em seco. Era o segundo duelo que participava. Da primeira vez, não houve morte, entraram em um acordo de não atirar para matar. Dessa vez, nem cogitou a hipótese de não tentar matar ao desgraçado. Afinal, ele o roubou. Tentou roubar. Cafajeste.

Kathelyn gemia embaixo do conde.

Terminou de contar a distância regulamentar. Delors disse que não atiraria.

– Vinte.

Devia acreditar na palavra dele? Kathelyn ainda gemia enquanto ele girou o corpo com a certeza de que aquelas palavras eram mais uma mentira do conde.

Uma estratégia desleal.

Apontou a pistola. Viu o seu adversário também apontar a dele. Ouviu o ar furar os pulmões. Tudo ao redor dissolveu. Até a luz obscura da manhã foi pistolada. Só havia ele, a mão, a arma e o conde. O dedo escorregou no gatilho. Olhos entrecerrados e silêncio sepulcral.

A arma apontada para o ponto vital entre as costelas.

Viu enquanto o dedo caía no desejo do estouro.

Firmou a mão ao sentir a força do disparo.

Notou o conde abaixar o braço.

Não ouviu disparo algum além do estalar da engrenagem em sua mão, jurando a morte.

Sentiu o fogo ser cuspidado do cano enquanto em uma tentativa tardia de mudança, levou a mão para direita em um movimento brusco. O estrondo de sua arma juntou-se ao revoar e granir de pássaros acordados. Ele ouviu um baque duro e seco. Por alguns segundos não respirou. Ninguém se moveu, a sua arma ainda esfumava vingança.

Os padrinhos do conde correram a ele.

– Por que o maldito não atirou? – Foi tudo o que conseguiu soltar junto ao revólver no chão. Correu até o local em que o conde agora vinha estirado. O médico que assistia ao duelo já atendia ao homem. Uma mancha vermelha abria-se na camisa branca como nuvens de tempestade.

Belmont negou com a cabeça o turbilhão negro que se avolumava em seu interior.

Seria em parte inocente?

Seria verdade tudo o que ele falou?

Sentiu uma mão fechar sobre o seu ombro.

– Vamos embora Belmont, está terminado. – Olhou para trás, era o senhor Faure.

Desvencilhou-se com um movimento brusco e ajoelhou diante do conde. O rosto pálido do homem e a respiração curta. Era o tempo que passaria no purgatório. Nunca matou um homem antes. Sentiu os músculos tremerem.

– A ferida é letal? – perguntou sem voz ao médico que trabalhava em cima do peito do conde.

– Não sei, por sorte não pegou o coração. – O médico que havia rasgado a camisa pressionava a ferida a fim de estancar o sangramento. Disse: – Ele está perdendo sangue e não sei se será possível remover a bala a tempo.

O duque respirou fundo e olhou para céu.

– Ele não atirou, eu tentei desviar a arma quando percebi – Ouviu o conde ofegar com peso e grunhir de dor.

– Estúpido – Delors disse com a voz afogada. – Não acreditou em mim, não é?

– Não.

– Conte a ele o que ouvimos ontem – Delors pediu para o padrinho que estava ajoelhado junto a eles. O homem chegou mais perto do duque e disse:

– Ontem procuramos a ex-amante do senhor Faure. A subornamos para conseguirmos qualquer informação da vida dele, dos hábitos, qualquer coisa. – O duque não tirava os olhos da respiração sofrida do conde. Ele o encarava. O padrinho continuou: – A moça nos contou que o senhor Faure participava de reuniões frequentes com um grupo de insurreitores... Fomos atrás de mais informações durante a noite e descobrimos que Faure não é quem dizia ser – o homem falava entre os dentes. Belmont respirou fundo e ouviu. – Não apoia o grupo que Delors é um dos líderes. – O padrinho se aproximou do ouvido de Arthur e disse: – Delors é filho do antigo rei Bourbon, ele, o senhor Faure e um grupo de opositores lutavam para devolver o trono à família. Descobrimos ontem que o senhor Faure era um espião nesse grupo – Belmont engoliu em seco e ouviu –, ele é dos líderes do movimento que intenta instituir a República na França. E quanto a você? Faure odeia os ingleses, jamais seria seu sócio. Se morresse, estaria fazendo um favor ao mundo, segundo palavras que eu ouvi da boca do homem que foi seu padrinho.

O duque escutou as respirações cortadas do Conde ele disse:

– Entendeu, estúpido? Eu era um alvo – o conde ofegou – e você foi usado, achei que o senhor tinha – tossiu – um pouco de juízo e honra e não atiraria.

– Saia daqui, vá embora – pediu um dos padrinhos do conde. Belmont moveu o corpo a fim de levantar, antes que conseguisse se erguer ouviu a voz entrecortada do conde.

– Escute... Lysa é inocente, ela – ofegou – ela e eu nunca tivemos nada... Ela não deixou – disse depois de buscar o ar com dificuldade.

Ele olhou para baixo, esfregou o rosto com as mãos.

– Eu pagarei todas as despesas – Arthur disse ao médico.

– Não – o conde espumou tentando se erguer.

– Excelência, por favor, retire-se e me deixe tentar salvar a vida deste homem.

– Por Deus, que consiga – o duque disse em tom de prece. Levantou-se e saiu. Antes de entrar na carruagem, olhou para Faure que estava parado o aguardando e disse entre os dentes:

– Nunca mais se aproxime de mim. Seu cretino miserável. É muito pior do que o homem que eu tentei matar.

Entrou na carruagem e soltou-se no banco. Estava transtornado. Se o conde Delors morresse pagaria para sempre. O conde não era inocente e somente a tentativa de roubo do projeto e de tirá-lo no negócio milionário que eram sócios era motivo mais do que suficiente para muitos homens se matarem.

Porém, essas milhares de libras a menos em sua vida não fariam muita diferença.

Não fariam diferença alguma à sua fortuna.

O que ele percebeu somente quando Delors não atirou, foi o motivo que o levou a atirar.

Não fora a tentativa de tirá-lo da sociedade e nem mesmo o projeto novo da locomotiva copiado de maneira errada. A sede pela morte tinha rosto, voz, nome e corpo.

Era por causa de sua doença chamada Kathelyn que ele provavelmente matou um homem.

Quisera fosse por causa do dinheiro. A cobiça. O ouro justificava muita coisa. A busca pelo poder poderia ser o álibi para sua consciência.

Nas noites atormentadas encontraria repouso entendendo que defendia o patrimônio de sua família. Mas o ciúmes? A loucura da posse em cima de uma mulher, que nunca foi dele, não ofereceria alento algum. Tinha o sangue do conde em suas mãos. Tentou ajudar o médico a estancar e sujou-se por completo.

– Deus o salve!

Ele foi manipulado a matar outro homem e o fez como um maldito peão, cego pelo ciúme. Doente por sentir-se traído mais uma vez pela mulher que não queria mais amar, nem desejar. Não queria nada. Não queria nem mais vê-la.

Delors disse que Kathelyn era inocente. Ele não tinha ideia de que a cabra não tinha nada de inocente. Talvez não fossem amantes. Talvez ela não o traísse dessa vez. Mas, Lysa não era inocente.

Muito longe disso.

Ele pediu que ela se mantivesse longe do conde. Mas Kathelyn, Lysa, não conseguia entrar em sua vida sem causar danos. Não podia ser fiel ou leal por quê? Parte de sua estratégia de

vingança ou apenas para atingi-lo de qualquer maneira possível?

Ele não sabia.

Não sabia mais de nada. Sabia que fosse qual fosse a intenção de Lysa, ela não era inocente. E ele? Uma vez mais foi um estúpido. Deixou-se envolver no jogo sujo dessa mulher e agora?

Tinha sangue nas mãos, no rosto. Nos olhos e na boca.

Conhaque.

Precisava de uma bebida.

Iria beber e, então, iria embora de Paris. Casaria-se com uma mulher boa e nunca mais veria Kathelyn outra vez. Essa era a única paz que ele desejava.

Que Deus não permitisse o conde morrer.

ENXAGUAVA AS MÃOS E ROSTO NO LAVATÓRIO. VIU A ÁGUA tornar-se ferrugem de sangue. Estava exausto. Havia pedido para o médico do conde dar notícias, assim que houvesse qualquer uma. Estava exausto. Tirou o colete e a gravata e ficou somente com a calça e em mangas de camisa.

Estava esgotado. Mal sentia o corpo.

Bebida.

Serviu-se de uma dose de conhaque e a virou em um único gole.

Ouviu uma batida na porta. Era a batida usual de Scott. Na volta do duelo o homem não deu nenhuma palavra. Graças a Deus por isso.

– Pode dormir, Scott, não precisarei de você.

– Excelência – ouviu a porta abrir devagar –, é que o senhor tem uma visita.

Ele demorou um tempo até entender e processar as palavras do valete.

– Mande-a procurar o que fazer, isso são horas de visitar alguém?

– É que senhor... Bem, ela o aguarda desde ontem à noite na biblioteca e disse ao senhor Boudin – o mordomo da casa – e repetiu agora para mim, que só sairia daqui quando falar com o senhor.

– Mas quem diabos é?

– A Srta. Stanwell.

As palavras do valete foram um soco em sua alterada razão.

– Quem?

– A senhori... digo, agora a madame Borelli.

– O que essa cabra está fazendo aqui?

– Senhor, ela parece muito aflita.

O duque avançou sobre o valete e deu um tranco no ombro dele ao passar. O homem cambaleou dois passos atrás, confuso.

– Vou acabar com isso de uma vez por todas – disse e desceu as escadas como um cavalo selvagem. Abriu a porta da biblioteca em um coice.

Ela estava de azul. Não pálido nem vivo, mas um azul aquecido pelo verde. Como os olhos dela. Os cabelos iam meio soltos e o rosto estava... Lágrimas?

– Graças a Deus – ela disse e correu para abraçá-lo. Enterrou a cabeça no seu peito e repetiu –, graças a Deus está bem.

Ele soltou o ar preso. Levou as mãos trêmulas até o cabelo dela. Queria tê-la até esquecer quem era. Até esquecer tudo.

– Shhh, está tudo bem. – Ele viu-se consolando-a. Como se assistisse de fora.

Mas o quê?

Isso era o que ela fazia com ele. A única mulher capaz de surpreendê-lo tanto que o deixava rendido em três palavras e um maldito abraço. Lágrimas? Poucas vezes ele a viu chorar. O que era tudo aquilo? Mais uma armação para sair bem na cena? Chega! Gritou para si mesmo. Empurrou-a com um gesto seco e lento.

KATHELYN, QUE PASSOU AS ÚLTIMAS SETE HORAS EM UM crescente desespero, só sentiu alívio quando viu o duque entrar inteiro e salvo na biblioteca. Nem percebeu o que fazia, só notou que o abraçava quando ele a empurrou.

– Agora que já fez o seu número, pode se retirar, madame, estou exausto e tenho mais o que fazer. Lembre-se de se esquecer por completo o meu endereço e meu nome. Não me procure nunca mais.

Ela estava chorando? Levou a mão aos olhos. Sim, estava. Engoliu em seco, respirou fundo e disse:

– Se o senhor está aqui, isso que dizer que o conde...

– Sim.

– Oh meu Deus! – Ela cobriu a boca com a mão e segurou a ânsia de vômito na garganta.

– Guarde seus esforços cênicos para quem acredita neles. Seu amante ainda estava vivo quando eu deixei o parque. Vá rezar pela recuperação ou pela alma dele.

– Cretino. Ele não é meu amante. Foi por isso? Por isso que levou o homem a um duelo?

Belmont deu uma risada cáustica que corroeu parte do que restava do seu autocontrole.

– Se superestima demais, não é mesmo? Tudo tem que ser sempre a seu respeito?

– Então, por quê?

– Foi por algo muito mais importante do que a senhora.

Ela ficou em silêncio o olhando. Incrédula. Como um homem que possivelmente matou a outro horas atrás podia parecer tão frio.

– Como não tenho nada a ver com isso, creio que não preciso saber o motivo do duelo. – Respirou fundo, o pouco ar que entrava. Já não sabia mais se devia ou não falar qualquer outra coisa.

– Foi por dinheiro que duelamos, Lysa, ele tentou me roubar e eu descobri. – O duque olhou-a transbordando desdém.

Ela sentiu que fragmentaria. Engoliu tudo o que ia se dissolver e disse:

– Já que o dinheiro é tão importante para vossa graça, a ponto de matar ou morrer por ele, vai se alegrar em saber que as cem mil libras que pagou, serão devolvidas. Já está tudo certo com

o banco.

– Muito bem, se é somente isso, bom dia, madame, passar bem – ele tocou na testa com indicador como se dispensasse uma criança impertinente.

Ela o olhou em um indignado silêncio, ergueu as saias e disse:

– Rezarei por você também Belmont. Alguém capaz de parecer tão frio após possivelmente matar a um homem, precisa de orações.

Ele gargalhou. Mas não tinha prazer no riso. Nem graça no som.

– De uma próxima vez, aprenda, minha querida... Homens não duelam por causa de meretrizes e não pedem para ser agraciados com as suas orações. Deus tem mais o que fazer do que ouvir gemidos e queixas de prostitutas.

Ela não entendeu como foi parar na frente do duque. A mão espalmada acertando-lhe o rosto com toda a força que tinha. Sentiu a carne da face dele entre os dedos. Viu o rosto masculino ser jogado para o lado com impacto. A mão ferveu e latejou em instantes. Quando Arthur levantou o rosto, não era o homem que ela conhecia. Foi incapaz de reconhecer aquele rosto transfigurado,.

Os olhos em chamas não eram amarelos e nem vermelhos. Eram uma mistura de tudo o que não se quer se ver em alguém, com a promessa do ódio pela dor do mundo.

Apenas uma vez sentiu-se tão intimidada.

A expressão dele contava em silêncio que qualquer pessoa prudente devia se sentir assim. Ela recuou.

Não foi planejado, foi instinto de sobrevivência.

Ele avançou para cima. Não era racional. Era algo inominável que se apoderou dele. Ela sabia disso. Conhecia esse momento em que alguém pode perder a cabeça e deixar de responder e de ouvir e até mesmo de sentir. Não.

– Não – ela disse.

Ele continuou avançando para cima dela.

A mataria? A espancaria? Meu Deus o que ele iria fazer? Sentiu as costas baterem na parede, olhou para porta a alguns passos de distância.

– Você não vai sair agora – o duque disse. Mas aquilo não era voz. Não a voz humana dele. Era mais um rosnado.

– Eu vim até aqui para lhe dizer a verdade, toda a verdade. – Queria tentar trazê-lo de volta a razão.

– Eu posso ter matado um homem hoje e realmente – as mãos de Belmont fecharam-se em sua garganta – não quero escutar nada de você. – Ele passou a apertar o seu pescoço.

– Eu podia matá-la também, sabia?

Ela já não conseguia respirar direito.

– Solte-me – disse com a voz sumida.

– Sabe qual a sensação de ter sangue em suas mãos? – Ele soltou o pescoço dela e pressionou o corpo contra, detendo-a na parede.

– Não – ela respondeu por impulso, recuperando o ar.

– Sabe por que eu quis ter sangue em minhas mãos?

– Não. – Outra resposta reflexiva. Ela só queira alcançar a porta e fugir.

– Porque você me tira toda a razão. Porque você me enlouquece e não digo isso em um bom sentido. Ele desceu a boca sobre a dela com dureza.

Kathe nunca foi beijada com tanta fúria. Tanto ódio e desejo misturados.

Sim, ela foi. Uma única noite.

Resgatou lembranças que a fizeram tremer.

As mãos do duque subiram pelas costas do seu vestido. Em um movimento possesso ele abriu. Rasgou. A fileira dos pequenos botões que voaram pelo ar e rolaram no chão de madeira. Ela tentou se abraçar impedindo a queda da roupa. Mas Arthur puxou a peça para baixo. Um tranco audível entre os gemidos de protesto e o farfalhar da seda.

– Estou disposto a provar o que eu paguei tão caro para ter.

– Não, por favor – os dentes batiam tanto que tremiam todo o corpo –, eu vou lhe devolver... Eu devolvo o dinheiro.

Ele segurou o cabelo dela e torceu-o com força no punho. Ela soltou um gemido entre um soluço quando Belmont levou a mão para baixo junto com a sua cabeça.

– Não falo do dinheiro – ele disse em sua orelha –, falo da minha paz de espírito.

Arthur a soltou e caminhou até a porta trancando-a.

Ela estava tão trêmula pelo horror que nem conseguiu se mexer. Sentia frio. O maior frio de sua vida entrar e exigir vingança contra a estabilidade.

Queria gritar.

Queria bater nele até que ele parasse Estava paralisada e nada mais funcionava no mundo. Nem dentro nem fora. Não podia ser.

Não ele. O homem que ela sentia amar mais do que a razão, o bom senso e autopreservação. Tentava cobrir o corpo. Estava apenas com a combinação interna e o espartilho. Quis vestir-se com os braços e se encolher para guardar as lembranças do medo. Mas só existiam o vácuo e a incapacidade de agir. Ela sabia que por mais que lutasse, se ele quisesse, não haveria retorno. E dessa vez, ela não podia culpá-lo totalmente por seus atos.

– Não – disse em um grito afogado quando ele a puxou para o sofá.

– Não – repetiu entre soluços, quando ele se colocou em cima dela –, você não.

– Me acha tão repulsivo assim, querida?

– Não, não quero dessa maneira.

Os dedos compridos dele fecharam em sua bochecha. Ela arregalou os olhos quando uma pontada de dor e pressão atravessou a sua face.

– Sou eu é que não quero mais ouvir nenhum outro não, entendeu? – Dizendo isso, ele puxou o espartilho para baixo e desnudou os seios. Estava com os lábios em um deles quando ela suplicou.

– Por favor... Não de novo, eu não aguentarei, de novo não... Por favor... Por favor. Pare.

Os dois estavam ofegantes. As mãos e os braços que a detinham afrouxaram. Sentiu o peso dos músculos dele soltarem a pressão que a mantinha submetida. Ela assistiu Belmont sentar no chão com a cabeça entre as pernas. Mal respirava. Agradeceu a Deus por ele não ter avançado.

– Vá embora – Arthur disse.

Ela levantou em um pulo e ainda sem sentir nada de tanto que tremia, agarrou o vestido jogado no canto. Colocou-o sem entender o que fazia. Olhou para porta, então para Arthur. Ele caminhava em direção à mesa. Colocou a chave da porta no tampo.

Kathe terminou de se vestir e olhou outra vez para chave e para o duque. Ele já estava sentado atrás da escrivaninha, com a cabeça deitada sobre os braços.

Segurando o vestido rasgado ela caminhou para pegar a chave. Tocou no metal e sentiu-o gelado. Ouviu a voz abafada dele.

– Eu perdi a cabeça, estou tão confuso. Nunca tinha matado um homem antes, se ele morrer... Não sei. Apenas, nunca mais me procure, eu também a deixarei ir em paz.

Ela segurou a chave com força. Encheu o pulmão de ar algumas vezes, enquanto sentia o tremor de tudo abrandar. Respirou algumas vezes até conseguir se acalmar, ao menos um pouco. Resolveu falar:

– Aquele dia, em que você recebeu a carta – ela fechou os olhos, uma vez que começou, as palavras continuaram a sair involuntárias da sua boca – eu tinha descoberto o contrato de matrimônio. Na verdade, meu pai me contou sobre ele e disse que o mesmo já estava assinado, antes de você começar a me cortejar. Disse também que eu não tinha escolha alguma. Nunca tive. – Belmont ainda respirava com peso e com a cabeça baixa. Ela continuou: – Você deve lembrar como isso era a coisa que eu mais tinha horror na vida. Ser tratada como uma mercadoria, como uma égua – ela ficou em silêncio. Aguardou Arthur erguer a cabeça. Ele a olhou, ela prosseguiu. – Eu estava muito aflita com a história do duelo e a possibilidade de você se ferir ou ferir a Steve. Isso se juntou à decepção que eu senti quando meu pai mencionou o contrato. Então, eu o desafiei. Disse que não casaria obrigada e ele me surrou... Me surrou como surrava os cavalos da nossa propriedade. – Belmont abriu os olhos até as sobrancelhas desenharem uma curva em sua testa. Ela continuou: – Se não acredita, posso lhe mostrar, ainda tenho algumas marcas. – Ele abriu ainda mais os olhos e fechou um dos punhos sobre a mesa.

Kathe desviou o olhar para baixo, para chave em sua mão. Como se ela pudesse garantir a saída. O escape de tudo que não queria mais em sua vida. Olhou para Belmont e disse:

– Então, a carta que você recebeu. Não. A parte da carta que você recebeu Steve prometeu-me um mundo de aventuras... Palavras que ele sempre usava para brincar comigo. – Uma veia saltou na testa dele. Kathelyn viu o movimento de engolir na subida e descida do pescoço masculino. Disse: – Ele brincou sobre deixá-lo no altar, porque sabia que eu acharia graça. Tentava me trazer consolo por todo mal-entendido.... disse também que jamais me esqueceria, eu pedia isso a ele desde que deixou a nossa casa, como uma irmã falaria a um irmão que está indo embora. – Ela retirou do bolso do vestido um pedaço de papel dobrado e estendeu para ele afirmando: – Essa é a primeira página da mesma carta que Florence lhe entregou, olhou para o papel, abriu-o e começou a ler:

Sardenta, que confusão nos metemos, não é verdade? Desculpa fugir do duelo, mas como sabe, nunca concordei com esse tipo de acerto de contas. Creio que o seu duque pensa de outra maneira. Sei que ficará aliviada com a minha fuga covarde. Não precisará velar um noivo nem um amigo nas vésperas do seu casamento.

Ela engoliu em seco e prosseguiu:

Escrevo também, para contar algo. Faço isso por você sardenta, porque me disse estar apaixonada por ele.

Kathe encarou o duque que estava com os dois olhos abertos de surpresa. Voltou para carta um pouco nervosa:

Caso o seu noivo resolva não acreditar na sua palavra, eu autorizo que mostre para ele, o que será a prova definitiva da sua inocência.

Espero que ele acredite em você, sem precisar disso ou qualquer outra prova. Simplesmente porque é a sua palavra.

Ela ouviu a respiração pesada de Belmont e olhou-o. Ele encarava as próprias mãos fechadas em silêncio.

Continuou a leitura:

Eu não sinto atração por mulheres, Kathe. Na verdade estou apaixonado por outro homem. Nunca na minha vida a olhei como um homem olha uma mulher porque sou homossexual. Estou junto com o príncipe da Holanda. Nós dois estamos muito felizes. Creio que encontrei o homem a quem estou destinado a pertencer pelo resto da vida. Por isso, não posso ficar na Inglaterra, a rainha persegue, não aceita e pune esse tipo de comportamento. Além do mais, creio que mamãe nunca entenderia. Peço que isso fique somente entre nós dois e entre o duque, é claro, se for preciso.

Eu amo o Philippe. Quem sabe um dia você não o conhece. Ele me lembra a sua alegria. Espero que o seu duque também a ame como você pareceu o fazer e que ele a faça feliz. Mas caso isso não aconteça, saiba que sempre existe uma saída para tudo...

Ela respirou fundo, dobrou o papel e disse:

– O resto é o que você leu. Não sei por que Florence fez isso... Maldade? Inveja? Porque ela o queria? Não sei, talvez nunca saiba. – Ele a encarava em absoluto silêncio, somente a respiração ia alterada.

– Quer ver? – Kathe perguntou estendendo a carta.

Arthur franziu o cenho e olhou para baixo, fechou os olhos e sacudiu uma negação com a cabeça.

Kathelyn tentou sorrir, os lábios tremiam. Continuou:

– Se não fosse trágico, seria engraçado que tenha tido tantos problemas por alguém que nunca tocou em uma mulher. – Ela viu as narinas de Belmont inflarem e ainda tentando sorrir disse: – Steve sempre gostou de homens. Nunca me olhou a não ser como um irmão. Eu estava ferida por meu pai e pelo homem que acreditava amar, revoltada com a dupla traição à minha confiança. Eu estava ferida e você leu a metade de uma carta e nunca me deu a oportunidade de explicar.

– Meu Deus – ele murmurou e se levantou, caminhou devagar até a janela. Parou de costas para ela. Kathe podia ouvir a respiração alterada dele através dos livros e do ar.

– A última imagem que tive de você foi quando virou as costas para mim na biblioteca. Eu achei que ainda estava furioso pelo o que tinha presenciado no jardim e que não havia acreditado em mim... Então, no dia seguinte... o anúncio do fim do noivado. Entendi que você queria me dar uma lição, me provar que as suas palavras sobre a sociedade eram reais e, assim, se vingar por ter se sentido traído. Eu não sabia que havia lido parte desta carta até a noite do jogo de pôquer.

– Lysa – ele disse ainda de costas. A voz estava rouca.

– Deixe-me terminar, por favor, depois você tira a suas conclusões. Acredite em mim ou não, apenas deixe-me terminar, porque se me interromper, não vou ter coragem de ir até o fim.

Ela ouviu o duque respirar fundo junto aos sons da manhã que finalmente percebeu, enchiam a biblioteca e disse:

– Você conseguiu me provar que tinha razão, eu virei uma pária em poucos dias. Fui rechaçada. Fui expulsa pelas mesmas pessoas que me recebiam de braços abertos. Meu pai estava viajando e, quando retornou, já sabia de tudo. Ele também me expulsou de casa.

– Meu Deus, eu não sabia – Belmont disse para dentro. As palavras embaçaram o vidro da janela que ele olhava. Kathelyn continuou sem permitir que ele falasse:

– A Sra. Taylor e Jonas não me abandonaram. Hoje sei que morreria por qualquer um deles. Nós iríamos para Holanda, mas, fomos assaltados no primeiro dia na cidade. Ficamos sem nada. Eu tentei pedir ajuda, trabalho, qualquer coisa a todas as pessoas que eu conhecia. Mas não há nenhuma bondade para alguém arruinado – ela engoliu a vontade de chorar soltou o ar entrecortado e disse: – Passamos fome e frio. Por mais de trinta dias eu aprendi o que é lutar para sobreviver e contra tudo o que há de mais podre no mundo. Belmont encostou a testa no vidro. Kathe continuou em um tom mais baixo:.

– A fome dói, e faz com que passemos por cima da moral, de certo e errado a fim de viver. Estava desesperada. Já havia recorrido a todos que conhecia. Mas o que dói mesmo é a traição de quem se ama. Entre os que pedi ajuda estava minha prima, Judith. Lembra-se dela?

– Sim. – A voz do duque saiu fraca.

– Ela cresceu junto comigo. Brincávamos de bonecas e jurávamos eterna amizade. Estranho como a vida muda as pessoas e o tempo muda tudo. Judith é mais uma desconhecida do que uma eterna amiga. Florence virou o mais perto que tenho de uma inimiga. – Ela apertou a chave na mão, como se segurasse o conforto e disse: – Estava com frio, não comia direito há dias, quando encontrei a minha prima na rua em Londres. Elsa estava doente e Jonas tentava ganhar qualquer coisa, de qualquer maneira... Ninguém sabe por que alguns roubam e cometem crimes... Eu também não sabia, até acreditar que teria de cometer algum ou de... – apertou um pouco mais a chave e prosseguiu – ser uma meretriz afim de não morrer. Lembro de implorar a Judith em Londres. Minha prima ficou lívida quando me viu. Como se eu fosse uma ameaça, botou a mão na sua bolsinha e entregou-me cinco xelins.

– Desculpe – ela disse –, é tudo o que eu tenho. Kathelyn, por favor, não volte a me procurar... Eu sinto muito. – Judith disse antes de sair. – Acho que foi embora com senso de bondade cumprida e a consciência apaziguada. Senti muita raiva dela durante algum tempo. – Belmont agarrou o batente da janela. Os dedos brancos de força. Kathe afirmou com um risada triste: – Então, entendi que estava sendo hipócrita. Eu mesma já fiz isso uma centena de vezes na vida. Oferecer um gesto de bondade para sentir-me apaziguada ao virar a cara na esquina seguinte. Ninguém quer ter trabalho ao ajudar os outros ou quase ninguém.

Ela ouviu a respiração pesada dele e perguntou:

– Posso sentar? – Sabia que agora contaria a parte mais difícil. Não queria estar em pé. Ouviu a respiração e outra respiração de Arthur. Ele não respondeu e ela entendeu que o silêncio era um sim.

Quis perguntar se ele não queria sentar também. Mas não fez. Não estavam tomando chá da tarde conversando sobre o tempo.

– Alguns dias depois eu resolvi aceitar a proposta do meu primo Rafael. Ele havia me procurado em casa, logo que o escândalo veio à tona... E me pediu para ser sua amante. – Kathelyn sentou, colocou as mãos que nem percebeu, estavam suadas sobre a mesa e disse:

– Eu cheguei na casa dele tão fraca que não conseguia nem ficar em pé direito. Estava suja e com frio... Rafael me recebeu e mandou cuidar de mim. Tomei um banho e comi um prato de comida. Depois de trinta dias, eu comi algo de verdade. Nessa época eu lhe dava razão todos os dias... Todos os momentos. Dava razão às suas palavras. Dizia a Deus que você já havia conseguido provar que estava certo sobre as pessoas e o mundo. Mas, Rafael não sabia.

Kathelyn mordeu o lábio por dentro para não chorar. Prosseguiu com a voz trêmula.

– Depois que me senti melhor, eu pensei no que estava fazendo. Não podia continuar. Não podia porque... porque eu não podia entregar meu corpo por dinheiro. Não podia. Rafael tinha ido a uma festa e eu estava esperando por ele, apenas para pedir ajuda com o dinheiro para as passagens até a Holanda. Eu queria pagá-lo assim que possível. Eu explicaria a ele que não poderia ser amante dele porque... Eu... Eu era donzela. – Kathe ouviu Belmont bater com a cabeça no vidro de leve. Uma e depois outra vez e mais uma. Respirou fundo e continuou decidida. – Rafael chegou bêbado. Ele não entendeu o que eu falava. Ele não lidou bem com a minha rejeição, talvez não tenha acreditado em mim. Eu gritei, tentei fazê-lo entender:

– Rafael, me escute, eu sigo donzela, Belmont foi o único homem que eu beijei até hoje, ele somente me beijou....

– Na época eu nem sabia o que existia além dos beijos, mas como você dizia ser necessário, mais do que eles para uma jovem deixar de ser donzela, eu usei esse argumento com Rafael, acreditando, que isso iria convênce-lo, a desistir – ela suspirou e fez uma negação com a cabeça. – Meu primo pegou uma sacola com algumas moedas de ouro e disse:

– Quanto você quer? Aqui tem ao menos quinhentas libras, é pouco por uma única noite?

– Eu não quero tudo isso Rafael, quero apenas o dinheiro da passagem e então, eu lhe pagarei, assim que chegar na Holanda mando-lhe o dinheiro.

Belmont seguia com a testa colada no vidro os punhos fechados ao lado do corpo.

– Mas ele estava bêbado e era tão mais forte e eu tentei lutar, mas ele não me deixou escapar. Acho que ele nem percebeu o quanto me machucava. Mesmo eu gritando e chorando. Ele não parou. Fez aquilo uma e outra vez. Então, quando cansou, ele demorou uma eternidade a se cansar, depois ele dormiu... Nem sabia que podia existir tamanha violência. Levantei sem sentir nada além de dor. Peguei algumas moedas de ouro da sacola que Rafael me mostrara antes de tudo.

Kathe fez uma pausa a fim de aclarar a voz entumecida pelo choro, era a primeira vez em três anos que contava essa história. Falar ela em voz alta já seria motivo para uma catarse, contá-la para Belmont... estava sendo muito mais difícil do que imaginara. Respirou fundo e disse:

– Nunca me senti tão suja em toda a minha vida. Fui embora acreditando que jamais me recuperaria e que eu tinha culpa no que havia acontecido. Fui embora achando que eu tinha me vendido. Depois disso eu tive febre por três dias. Na época nós dormíamos em um quarto minúsculo de uma pensão. Elsa também tossia sem parar há dias e estava fraca, não podia cuidar de mim. Jonas quis ir matar Rafael e eu o fiz jurar que não faria. Um menino de rua, se ele matasse a um nobre, acabaria enforcado.... Eu, eu achei que fosse morrer. – Kathe olhou ao redor e suspirou, queria encontrar alívio na distância de tudo aquilo. Continuou: – Foi graças a algumas das moedas de ouro que pagamos um médico, e que eu e Elsa continuamos vivas. – Ela ouviu uma respiração entrecortada dele. O vidro a frente de Arthur estava embaçado. Kathe disse:

– Depois de me recuperar, tinha o dinheiro para deixar a Inglaterra. Antes de sair para sempre fui atrás do meu pai. Soube que ele estava em Londres. Esperei-o, escondida junto ao parlamento. O conde, quando me reconheceu, olhou para os lados. Devia estar envergonhado de ser visto em minha companhia. Ele meteu-me dentro da carruagem. Estava disposto a me expulsar alguns metros à frente, longe de seus pares... Longe da vergonha que eu devia trazer a ele. Então, eu o informei que iria embora para sempre e pedi que ele avisasse a minha mãe e minha irmã e que entregasse algumas cartas à Lilian. Foi aquela a última vez que vi o meu pai. Foi quando – ela fungou e limpou outra vez os olhos –, foi quando ele contou que anunciaria que eu havia me casado com um estrangeiro.

– Isso ajudará a aplacar os escândalos envolvendo o seu nome. – O meu pai disse e despediu-se sem nenhum outro gesto, exigindo outra vez que eu nunca mais os procurasse. Dias depois, eu soube o nome do meu inventado marido napolitano, através dos jornais. No meio da viagem para Holanda, passei a usá-lo. Somente porque uma viúva conta com algumas liberdades a mais e também com o respaldo de um nome. Não é uma loucura?

O duque sacudiu a cabeça e respirou com peso. Ela prosseguiu:

– Que o nome de um marido que nunca existiu garanta algum tipo de respeito diante dos outros e como todos acreditam naquilo que é mais interessante ou conveniente?

Belmont virou em sua direção. Ia com o rosto baixo e Kathelyn notou que o peito dele subia e descia rápido. Ele ergueu o rosto devagar. Estava com os olhos mais claros, como se uma nuvem tivesse se dissipado e dado lugar a chuva. Ela inundou-se de ar ao vê-lo.

– Philipe e eu nunca estivemos juntos. Eu nunca tive nenhum amante e... – ela respirou outra vez e um som afogado saiu da sua garganta. – Somente com Rafael, mas... – Kathe engoliu um soluço – aquilo não foi um amante, foi?

Ele caminhou em silêncio até ela e caiu de joelhos.

O homem que ela acreditou não veria assim nunca, nem sofrendo um ataque à beira da morte. Repousou a cabeça no seu colo.

– E então você apareceu outra vez e me fez lembrar do por quê eu nunca consegui esquecer-lo. Toda raiva e todo sofrimento, todo o desejo e talvez até, ainda exista amor. Eu queria que você sofresse para entender como foi difícil – ela sentia a respiração quente de Arthur traspasar as saias do vestido. – Mas, acima de tudo, eu queria que você me amasse. Perdoe-me por tudo o que eu fiz, porque acho que uma parte minha, mesmo agora ainda quer que você se sinta culpado.

Kathelyn sentiu o corpo de Arthur tremer. O rosto vibrava o choro convulsivo que estourou através dele.

Observou como se de fora do corpo, a sua mão levantar. Estava trêmula, olhou para ela e para a cabeça que contava soluços no seu colo. Como um menino. Viu quando a mão desceu e os dedos cavaram o cabelo castanho. Deixou o corpo cair até a testa pousar na cabeça de Arthur. Rendeu-se aos próprios soluços que estavam presos.

Após um cúmplice momento chorado ela ergueu-se na poltrona. Arthur a seguiu.

Ela o olhou para sempre.

– Perdão, por favor, me perdoa... meu Deus, por quê? – ele segurava com força as duas pernas de Kathelyn e continuou com a voz tomada de desespero e culpa. – Eu juro, eu nunca soube, eu nem imaginava... Me perdoa, eu sofri tanto, eu a queria tanto – ofegou –, me perdoa, Lysa, por favor... Me perdoa, me perdoa... eu acreditei que você tinha me traído, eu acreditei – a voz dele falhou –, nada justifica o que fiz, nada, mas se você me der... se você me perdoar eu juro, que passarei o resto da vida lhe dando tudo que sou – um soluço rompeu no peito dele –, e talvez assim, quem sabe um dia, eu consiga perdoar a mim mesmo.

Ela enxugou as lágrimas que caíam soltas dos olhos amarelos. Ele disse:

– Eu vou matá-lo! A ele primeiro, depois ao seu pai e talvez a sua prima.

– Não – ela sufocou o choro. – Chega disso, chega – ele cobriu os olhos com os dedos. Ela tirou as mãos dele de cima do rosto e beijou a testa de Artur. Ele respirou fundo.

– Ia atrás de você. Eu ia atrás, não conseguia ficar longe, estava acabado, louco, destruído e descobri que você estava casada. Nunca soube de nada. Senti-me traído uma vez mais, com seu casamento, eu nunca soube de nada. Me perdoe – ele falava com a voz afogada. Ela respirou fundo e o olhou, até todas as partículas do verde se unirem com o amarelo. Disse movida por razão nenhuma:

– Podemos fingir por apenas um dia que nada aconteceu?

ARTHUR FICOU EM SILÊNCIO, TALVEZ SEM ENTENDER. Ela continuou:

– Podemos fingir que nunca estivemos separados e que não houve fome, estupro, vingança e talvez morte? E que não houve nunca nada que nos fizesse sofrer?

Ele assentiu enquanto enchia o pulmão de um cortado ar.

– Eu quero ser sua esposa essa noite, podemos fingir isso? – Sem saber como, pediu. Era isso que devia ter feito? Não se importou com a resposta. Nem ouviu a própria resposta.

– Meu amor – ele a abraçou. Ela se misturou em seus braços. Era a cumplicidade sendo redescoberta por corpos, soluços e força.

Arthur segurou o rosto dela entre as mãos e beijou-lhe a testa, os olhos, as lágrimas.

– Nunca houve ninguém além de você, eu nunca a esqueci. Por mais que tentasse fingir ou fugir, nunca saiu de dentro de mim, Lysa eu...

– Kathelyn – ela o interrompeu –, me chame de Kathelyn.

Ele escorregou os dedos por todo o rosto feminino. Cada gema devotava e conversava em um silêncio métrico. Um reconhecimento além de qualquer nome dito e palavra ouvida.

Maças do rosto, cílios, pálpebras, ponta do nariz e curva do queixo. Lábios, orelha e pescoço.

Tudo nela foi reascendido pelos dedos masculinos. Somente, então, Arthur disse:

– Kathelyn, meu amor.

Os lábios buscaram vivos o mesmo reconhecimento de pele, de boca, de ar respirado. Ele a beijou e ela foi pela primeira vez beijada, em três anos. A voz gemeu a vida trazida de volta. A alma em sua boca. Os lábios dele no início lentos e suaves. Pediam desculpas. Curavam a ausência. Desfaziam a dor.

Kathe esqueceu de tudo e ajoelhou-se junto a Arthur, enquanto as mãos enroscavam nos cabelos do duque e o puxavam para mergulhar no beijo.

Foi a vez de Arthur gemer.

As mãos dele já não queriam ir devagar. Elas correram a cintura de Kathelyn e exigiram toda a proximidade de dois. Enquanto as suas línguas e bocas se fundiam e misturavam-se até não haver mais ar que não fosse dela sem que ele usasse.

Ela estava com o corpo todo instável e ofegava o desejo de uma vida guardado para ele.

– Meu amor – Arthur disse entre um espaço de boca e um beijo. – Eu preciso tanto – mais um beijo e bocas que precisavam uma da outra – tanto de você.

Meu amor.

Ele a chamava de amor.

O duque a ergueu no colo e levou-a por entre corredores e uma longa e circular escada ao seu quarto. Kathelyn nem viu o caminho. Os olhos iam presos aos dele e não cabia ali mais nada.

Arthur a colocou na cama com tanto cuidado que ela acreditou ter se convertido em vidro.

Ele trancou a porta e voltou livrando-se da camisa.

O colchão afundou quando ele sentou em sua frente.

– Sente-se, meu amor.

Ela tremia de expectativa. Talvez estivesse um pouco insegura. Era quase impossível não trazer as imagens daquela noite em que foi tomada pelo primo e de toda a dor.

– Kathelyn – ele segurou a sua mão e colocou um beijo nela. – Uma vez eu ouvi uma expressão para determinar o que vamos fazer agora.

Ela assentiu, ele continuou.

– “Fazer amor”, eu nunca havia entendido tal expressão... Nem sei se entendo agora – ele levou a mão até a manga pendurada do vestido. – Sei que o que faremos aqui, não será somente pelo prazer que isso traz. – Abaixou com devotada lentidão o colo do vestido. – Porque de uma maneira que não compreendo sinto uma urgência vital de fazer parte de você, eu quero que você me receba e em troca eu me doarei inteiro. Entende, meu amor?

– Sim.

– Esqueça tudo o que você acredita que faremos. Não haverá dor alguma, acredita em mim?

– Sim.

– Querida – ele a beijou e disse: – Você aceita o meu amor com o seu corpo?

– Sim – ela respirava rápido. No mesmo ritmo do coração.

– Essa é a primeira vez que eu faço amor, você me daria a honra de ser o primeiro a lhe amar?

– Sim – Arthur pouco a pouco enterrava com as palavras, toda a expectativa e todo medo e a fazia esquecer que um dia houve qualquer passado.

– Kathelyn Stanwell... eu vou lhe amar com minha alma, com minha vida – Fita a fita ele desfazia os laços do espartilho. – Acho que esse é o ato mais sublime que duas pessoas podem experimentar juntas – ele disse com os lábios colados no seu ombro.

Arthur despiu-a com deliberada vagareza. Adorando cada porção de corpo apresentada. Ele convidou-a a despi-lo e ela o fez conhecendo-o e reconhecendo-se.

Com os lábios gravaram e desenharam o fogo que os devorava.

Kathelyn tinha toda a pele formigando.

Arthur a guiava com experiência e ela entregava a ele, tudo. Deixou-se moldar nos braços masculinos, desfazer nos lábios e remontar nas carícias trocadas. Toques e entrega que os consumiam e a elevavam até não existir mais como antes. Ele esculpturou os braços e as pernas dela e molhou de água quente do corpo, cada movimento traduzido em vida. Ela moldou-se às exigências dele como argila nas mãos de um mestre. Juntos tomavam e ardiavam no fogo que constrói a arte. Os beijos trocados não alcançavam o quanto queriam dar e pertencer. Iam de lentos a ávidos e de profundos a rasos.

Os lábios dele desceram pelo pescoço enquanto a língua desenhava círculos de fogo em sua pele. Arthur se apossou de um seio mordendo e sugando o mamilo. O ar jorrava da boca de Kathelyn através de suspiros e gemidos entrecortados. Sem pressa desceu pela barriga e quando aproximou os lábios do ponto abaixo do seu ventre, aquele que fazia tudo nela pulsar, ela soltou um gritinho abafado e tentou impedi-lo.

– Não, meu amor, eu quero ter tudo de você, não se feche para mim.

Ela perdeu o ar quando as mãos dele abriram as suas pernas e a deixaram exposta e vulnerável. Então, se rendeu conforme os lábios dele a levavam até um lugar onde nunca esteve. Tudo nela se misturou e passou a ser dele. Não pela posse, e sim, pela entrega. Kathe gritou e o seu corpo despreendeu da realidade junto a uma explosão de estrelas que a boca dele disparou em seus sentidos. Em segundos ele estava em cima dela outra vez, tomando a sua respiração e engolindo os seus gemidos com um beijo profundo. Ele prolongou o beijo até Kathe sentir o corpo parar de tremer.

Arthur tirou os cabelos grudados pelo suor em sua face e a olhou com tanta paixão que ela acreditou ter encontrado tudo o que sempre faltou no mundo.

– O que foi isso? – Kathe perguntou resfolegada, sentindo o corpo formigar.

– Isso, meu amor, foi somente o começo. – Dizendo isso, ele a beijou outra vez, com mais fome, urgência e força.

– Olhe para mim – Arthur pediu com a voz incerta, as mãos emolduravam o seu rosto.

Kathelyn descortinou os olhos ao mesmo tempo em que o sentiu penetrá-la. As pálpebras subiram pesadas em um lento movimento, ele o fez da mesma forma. Os corpos desciam e subiam com o ar em um compasso justo, unidos na dança que o desejo ritimava.

– Está tudo bem? – Arthur perguntou dentro dela, sem mover-se. A voz rouca, os olhos pesados, deliniavam uma sombra em seu rosto.

– Eu te amo – saiu no lugar do sim. Ela já não escondia nada. Nem queria esconder.

Não sentia nada em si que não era dele. E nada dele que não era parte de si.

ELE GEMEU. À CADA INVESTIDA A FIM DE TORNAR-SE UM, o mesmo som nascia em seu peito.

Precisava de mais, mais dela em si.

Mais dele nela.

Tentou alcançar com um beijo longo que seguia o mesmo ritmo da posse.

Urgente, faminto, impiedoso.

Ele queria mais. Precisava de muito mais.

Deixou-se sem ar ao tentar levar para dentro os gemidos dela.

E ainda assim, precisava de mais. Mais Kathelyn.

Levou as pernas dela para cima dos seus ombros.

Ainda assim, era pouco.

Olhou-a por dentro dos olhos para ter o que queria e entregou algo que nem sabia possível. Sentiu a mão dela tocar o seu rosto e somente então, percebeu que Kathelyn enxugava lágrimas que vieram dele.

– Eu te amo, Kathelyn. Quando falou, entendeu que sempre o fez. Beijou-a a fim de vencer a sua ânsia por mais.

Sentiu o próprio clímax crescer por cima dele. Notou-a tremer e comprimir o corpo embaixo do seu enquanto ela jogava a cabeça de um lado a outro no travesseiro.

– Meu Deus, Deus! – ele disse quando Kathelyn contraiu os músculos todos e arqueou o corpo ao atingir a libertação. Ela gritou cravando as unhas em suas costas.

Ele investiu uma vez mais.

Outra.

E mais outra.

Já não havia mais nem menos.

Explodiu o seu prazer e restabeleceu o que havia sido perdido. Ele mesmo, o seu coração.

Gritou, um som primitivo de entrega e posse enquanto todo o corpo convulsionou.

Uma vez. Uma segunda e Cristo, uma terceira vez.

Então, desmontou em cima dela um bloco único de mãos e braços. Pernas, suor e sensações.

Ele não soube o que era.

Não era prazer. Foi muito além de tudo o que conhecia e entendia.

Estava em casa. Da onde nunca quis sair. Da onde nunca mais sairia.

Abraçou-a com força e acolheu-a de todas as maneiras que podia com o corpo. Ouviu ela dizer, ainda ofegante:

– É uma pena.

– O que é uma pena, meu amor? – perguntou com a consciência nublada.

– Uma pena tenhamos demorado três anos a fazer amor.

Ele notou que Kathelyn tinha diversão na voz e sorriu satisfeito como... Como nunca esteve.

– Não perderemos nem mais um minuto – prometeu e beijou-a com carinho. Ele relaxou em seguida e se entregou ao torpor do sono.

AINDA NÃO TINHA ABERTO OS OLHOS. SENTIU UMA MÃO contornando a curva de sua cintura e repousando em sua barriga. Uma respiração quente enchia seu ouvido de som. Engoliu em seco. Onde? Quem? Com os sentidos entorpecidos e ainda sem raciocinar deixou escapar um grito sufocado de terror. Esgueirou-se tão rápido da cama que ao levantar tropeçou no lençol e caiu sentada no chão. Olhou ao redor. Somente, então, lembrou onde e com quem estava.

– Meu Deus, Kathelyn, você está bem?

Arthur em dois movimentos estava abaixado junto, com a respiração curta.

– Desculpe, eu me assustei... você sabe... Que horas são?

– Acho que passa das sete da noite.

Lembrou-se do que fizeram e de tudo o que falaram um para o outro. Dividiram os momentos mais fortes de sua vida. Mas ela sabia a impossibilidade de que fosse algo além. Ele ainda era um duque. Ela ainda era uma cantora de ópera. Uma mulher que nunca seria nada além de amante. Apesar de sentir uma angústia espremer por dentro, não se arrependeria do que fez.

Lembrou-se de quando era criança e foi a Londres com a sua mãe buscar tecidos para fazerem alguns vestidos. Ela estava na carruagem e viu uma mulher sair de uma loja ao lado da que visitariam. Nunca havia visto mulher mais impressionante do que aquela.

– Pare de olhar – disse a sua mãe.

– Ela é linda! – Era loira e pequena, tinha o rosto de um anjo e a pele mais branca do que as nuvens que desbotavam o céu. E usava um vestido de seda rosa que a fazia parecer feita da mesma substância dos sonhos. Então a mulher sorriu para ela. A sua mãe fechou a cortina bruscamente.

– Eu disse para não olhar – repetiu a mãe.

– Ela parece uma fada.

– Ela não é uma mulher que você deva admirar.

- E por quê?
- Ela é a querida de um nobre.
- Querida?
- Uma pessoa que não é aceita pela decência. Não deve admirá-la, entendeu? Não é adequado. Ela é repulsiva, destrói famílias e desonra damas decentes como você.

Kathelyn aquele dia concordou. Mas no fundo desejou ser a dama de rosa, envolta por um raio mágico de sol. Nunca mais se esqueceu de que não conseguiu sorrir para a mulher de volta. Quantas cortinas deviam fechar-se na cara dela? Ela se perguntava isso sempre que lembrava daquele dia.

Arthur deu um presente. E ela o guardaria com toda a sua alma. Ele a fez sentir-se amada e ela não esqueceria de nada, jamais. Porém, sabia que nunca poderia ser a dama de rosa. Não conseguiria. Ter a fama de amante em meio a um jogo inventado junto a amigos era uma coisa, o ser de verdade era outra. Ela não poderia.

- Acho melhor eu me vestir, a Sra. Taylor deve estar preocupada e...
- Não.

Ela viu o cenho franzido do duque. Sempre que ele fazia isso os olhos se estreitavam e não se formavam rugas na testa e sim, dois riscos entre as sobrancelhas.

Ela sorriu.

- Estamos sentados no chão sem roupas e você me olha como se eu tivesse falado grego.

Ele sacudiu a cabeça.

- Vamos voltar para cama.

- Eu devo mesmo ir...

– Kathelyn, o que você está dizendo? Eu espero por você há três anos, não deixarei você ir embora nunca mais.

Ela sentiu o coração encher o peito. O que ele quis dizer com isso? Espantou a ideia de que talvez ele passasse por cima de tudo e, talvez, ficassem juntos, como... Como era para ser?

Ela sabia que o amaria para sempre e que era provável que nunca mais amasse a um homem assim.

Será que aquela história que algumas pessoas contam, de existir alguém que está destinado a lhe completar para o resto da vida, era verdade?

Junto a ele, acreditava que sim.

Sentiu o estômago gelar quando o duque a levantou em um impulso no colo e a jogou sobre a cama. Ele caiu sobre ela com boa parte do peso. O colchão e a cama reclamaram. Os dois gargalharam e dessa vez ela não era de vidro.

- Vamos ter nossa lua de mel, meu amor... – ele disse isso depois que pararam de se beijar.

– Nós não somos casados.

– O quê? Está me ofendendo – ele disse com a voz séria.

– É claro, sempre existe a possibilidade de você ter assinado um contrato sem o meu conhecimento – ela disse em tom de brincadeira, mas o rosto de Arthur se fechou. – Estou apenas brincando – ela tentou consertar o clima.

– Mas eu não, nunca deveríamos ter nos separado, Kathelyn. Eu nunca deveria ter feito o que fiz.

– Sem passado, lembra?

Ele a olhou por um bom tempo em silêncio. Acariciando a sua face, ainda em cima dela.

– Eu lembro que casamos ontem.

– É verdade, que noiva eu sou? Se esqueço do casamento no dia seguinte, o que será do meu marido daqui a dez anos?

– O homem mais feliz desse mundo.

Ele não afirmou que seria ele o homem mais feliz do mundo e também não negou, Kathelyn não quis perguntar.

– Vamos viajar juntos – o duque disse após outro beijo de deixar sem ar e sem capacidade de dizer não.

– Para onde?

– Tenho uma casa na região de Bordeaux, algumas horas daqui.

– Eu tenho que cantar na ópera... Um grupo depende de mim.

– Então? Não esquece do seu grupo lírico, somente do seu marido?

– Não é meu marido de verdade – ela disse isso com uma risada trêmula nos lábios. Trêmula porque a resposta dele talvez fosse a mais importante de sua vida.

– Sempre fui, Kathelyn, e sempre serei. – Beijou-a com uma paixão tão consumista que a deixou sem entender direito a resposta. Na verdade, a fez esquecer da pergunta.

– Tenho que voltar em uma semana – ela disse ofegante.

– Vou para Bélgica em uma semana, quero que vá comigo.

– Eu não posso, não posso deixar o teatro desse jeito.

– Cinco dias em Bordeaux, essa é a primeira parte de nossa lua de mel... Então, você volta para cá, resolve a sua situação com a ópera e eu vou para Bélgica resolver o que preciso por lá. Em três dias estarei de volta e depois faremos uma viagem mais longa.

– Eu... Não sei.

– Grécia.

– Grécia?

– Um mês na Grécia.

Ela olhou para o lado e para o rosto do homem que roubava seu direito de pensar. Ele olhava para a sua boca.

– É claro que eu posso ir sozinho, estudar alguns manuscritos, buscar umas relíquias, quem sabe Afrodite não se apaixona por mim e acabo morando lá para sempre – isso ele disse na sua orelha.

Ela soltou o ar em uma baforada junto com o riso.

– Afrodite não se apaixona por mortais.

– Não me condene – ele continuou na sua orelha.

– Condenar?

– Eu estou apaixonado por Afrodite, se ela não se apaixona por mortais estarei condenado à infelicidade.

– Conheceu, Afrodite?

– Sim.

– Páris ousou desejar Afrodite e isso lhe custou a guerra de Tróia – ela disse sentindo o nariz dele acariciar a sua orelha.

– É mesmo? Eu nunca tinha escutado isso.

– A maçã de Ouro de Éris com a inscrição “à mais bela”, foi disputada por Hera, Atena e Afrodite. – Os lábios de Arthur desceram por seu pescoço. Arfou e continuou fingindo não estar afetada. – Então, Zeus pediu para Páris escolher qual das três deusas ficaria com a maçã – ele beijava, mordida e sugava a sua espalda e ombro. – Ahhh – ela soltou um gemido involuntário e disse: – As três deusas ofereceram presentes com os seus dotes a Páris. – Ah Deus! – A boca do duque envolveu um mamilo. Ofegante, prosseguiu: – Então, Páris, escolheu o amor da mulher mais bela da Terra que Afrodite lhe oferecia, acreditando que ficaria ele mesmo com a Deusa. – A Mão do duque desceu até o meio de suas pernas e quando ele a tocou no ponto máximo do prazer ela não conseguiu mais falar, nada além de gemidos.

– Continue, querida – Arthur pediu em sua orelha, sem parar de tocá-la.

– Era de... Ahhh – ofegos. – Era de Helena quem Afrodite fala... falava – gaguejou entre as respirações rápidas. – Mas Helena já era... – disse resfolegada – casada e depois veio a guerra... e... – ela terminou de contar trêmula pelo êxtase alcançado.

– Acontece que estou com Afrodite aqui em minha cama... e não vou deixá-la nunca sair daqui. – Kathe sentiu Arthur penetrá-la com um uma investida. Ele disse: – Nem que para isso tenha que enfrentar Tróia, Esparta e todo o Olimpo. Quero cuidar de você para sempre.

Para sempre, ele disse? O que quis dizer com isso? Se casaria com ela? Não, claro que não. Então... Não conseguiu mais pensar em nada além do prazer que dividiam.

Tempos depois naquela mesma noite, eles receberam a notícia de que o conde Delors estava vivo e se recuperava do tiro em casa.

A SEMANA QUE PASSARAM JUNTOS EM BORDEUAX FOI A mais feliz da vida de Kathelyn. Não, foram os dias mais felizes que qualquer pessoa já viveu. Arthur fazia amor com ela pela manhã, quando acordavam. À tarde, depois do almoço, ele a amava uma, às vezes duas vezes mais.

O que devia ser considerado uma vergonha, já que deixavam a mesa do almoço e subiam para quarto, na frente dos criados. Esses soltavam risinhos envergonhados.

Ela não se sentia nem um pouco constrangida. Queria sim, tudo o que pudesse ter dele. Por isso se amavam à noite também uma, duas ou três vezes.

Eles passeavam à cavalo todos os dias. Ela viu como era feito o vinho produzido na propriedade e participou do pisar em uvas. Teve um de seus ataques de riso, quando o duque se desequilibrou e caiu sentado na bacia das mesmas uvas pisadas. Ele ficou muito sério e puxou-a até ela estar afogada naquele suco, junto a ele, afogada em seus beijos. Na frente das pessoas que faziam o vinho.

Quando estavam sem fôlego e inteiros cobertos de suco de uva, Arthur a carregou até o cavalo.

– Preciso de você – ele disse com a boca na sua orelha, antes de montarem.

Naquela tarde o calor deixava o ar ficar macio e denso. Nuvens escuras como a borra do vinho decantavam o céu e um vento forte insistia em grudar as roupas na pele.

Entraram no quarto pouco antes da tempestade romper do lado de fora.

Com a mesma pressa das gotas que regavam a terra a boca dele veio a sua. Os dedos masculinos apertavam a sua nuca interpondo um ritmo lento junto ao beijo que a deixou sem ar. A língua dele não a invadiu em momento algum, Arthur apenas sugava, lambia e deixava mordidas leves. Primeiro nos lábios, depois pela face, então no pescoço e no colo. Ele a bebia lenta e ardentemente. Era como se degustasse o vinho sobre sua pele. Ela respondeu junto a chuva, entregue, solta, correndo pelas curvas do corpo masculino, acompanhando instintivamente a ânsia que transbordava dele.

Ele era todo intensidade, como o trovão e a fome e fazia dela uma substância moldável as suas necessidades como a água e a terra.

Arthur a amou com uma deliberada lentidão, com uma força fluídica, com uma paixão tão entregue que Kathelyn se defez.

Quando acabaram estavam soltos entre o vinho, o fogo e o ar molhado. Era como se cada pedaço do seu corpo houvesse se misturado ao dele. Ela sentiu que ali, foi permanentemente marcada por Arthur. Nunca mais voltaria a ser a mesma. Entendeu que quando água é misturada a outro elemento, jamais volta a sua forma original.

– No que está pensando, meu amor? – ele perguntou, enquanto os dedos desfiavam mechas dos seus cabelos.

– Na água – ela suspirou contendo o caldo de emoções que se agitavam em seu interior

– Kathelyn – ele disse junto aos seus lábios –, eu te amo.... Eu te amo – Arthur repetiu e os braços dele a envolveram, ele continuou. – Prometa que nunca irá me deixar

– Eu... eu....

– Prometa – ele exigiu apertando-a ainda mais contra o corpo.

– Eu prometo – ela concordou sem conseguir pensar em nada que pudesse ser dito diferente daquela jura. A verdade é que ali, não conseguia pensar em nada que não fosse estar nos braços dele.

– Não saberia mais viver sem você, nunca soube – Arthur afirmou. Ela sentiu o peito dele subir e descer em um movimento lento conforme ele tomava o ar, ouviu: – Eu existia para te amar, antes mesmo de nascer.

Kathe suspirou.

– Eu te amo – ela respondeu sabendo que talvez, Arthur também enfrentasse as mesmas sensações que a invadiram. Impossíveis de deter como qualquer tempestade.



Naquela semana Arthur a levou para um baile que aconteceu na casa de um dos nobres da região. Ele a apresentou como uma prima distante. Ela soube que ninguém acreditou, mas não conseguiu sentir-se envergonhada com isso. Talvez se envergonhasse um pouco por sua ausência de vergonha. Não, estava tão apaixonada e feliz que não se intimidava diante de nada, nem de ninguém. Isso não era uma verdade absoluta.

Se intimidava com o futuro.

Eles nunca falavam muito sobre isso.

Divertiam-se falando sobre a viagem que fariam pela Grécia e isso era tudo o que cabia no futuro.

Arthur jurava que cuidaria dela para sempre e ela continuava sem querer entender o que esse para sempre significava. Ele dizia que a amava e que sempre a amaria e ela retribuía as juras, como se os votos fossem a garantia da felicidade.

E não eram?

Ela tinha quase certeza de que sim.

Acabara de entrar em sua casa em Paris. A essa altura Arthur já devia estar na Bélgica. Deixou as luvas e a capa na chapeleira. Ouviu vozes vindas da sala de visitas.

– Steve e Philipe – reconheceu logo e andou depressa a fim de vencer a distância do corredor.

– Bom dia, queridos – disse ao entrar na sala e abriu os braços para recebê-los.

Steve, Philipe e Elsa levantaram.

– Bom dia, sardenta. – Steve foi o primeiro a abraçá-la. Depois vieram Philipe e Elsa.

– Elsa me contou tudo o que aconteceu, desde a nossa viagem – o amigo disse depois do término dos cumprimentos.

Eles sentaram distribuídos entre os sofás e as poltronas.

Kathelyn olhou para baixo e afirmou com certa hesitação:

– É... Dizem que o amor e ódio caminham juntos – ela ergueu os ombros –, parece que eu comprovei a teoria na prática.

Os três ficaram em silêncio a olhando.

– Não quero que sofra outra vez por causa desse duque! – Steve disse.

– Não sofrerei... – os três entreolharam-se em silêncio, ela espalmou as mãos para cima e sacudiu a cabeça. – Ele diz que me ama e não sofrerei, está bem?

– Ele prometeu alguma coisa sobre o futuro? – Philipe perguntou.

– Não, quer dizer, não diretamente, nós vamos para Grécia e então ele disse que... que cuidaria de mim e não estou preocupada com isso.

– Não mesmo? – Elsa perguntou cruzando as mãos em cima colo.

– Mas o que é isso? A corte da rainha interrogando um traidor da coroa? – Kathelyn disse com a voz em um tom mais alto.

– Calma, sardenta, só nos preocupamos com você.

– Eu estou feliz, muito feliz... Como nunca, nunca senti que já fui.

– Então, também ficamos felizes por você. – Elsa falou em um tom de voz apaziguador.

Eles se olharam por mais algum tempo em silêncio. Como se ainda houvesse muito a ser dito. Porém, ninguém parecia ter a coragem ou o ânimo de dizer.

– Como foi Londres? – Kathelyn rompeu o silêncio.

– Parece que dobra de tamanho a cada ano que passa. – Steve apoiou os cotovelos nas pernas levando o rosto para uma linha mais reta com o de Kathelyn.

– Tenho notícias de Lilian.

Kathe demorou alguns segundos para processar o nome e, quando o fez, sentiu o coração encolher de expectativa. Lilian, sua irmã.

– Como ela está? Ela está bem? – A voz saiu baixa e um pouco trêmula.

– Nos encontramos por acaso em Mayfair. Ela quase não acreditou no que via e eu muito menos.

– Como ela está?

– Muito bonita e pareceu bem.

– E o que mais?

– Trouxe uma carta dela para você.

– É mesmo? – Kathelyn ergue-se em pulo.

– Está aqui – Steve tirou o envelope de dentro do bolso do paletó e disse antes de entregar com uma cautela estranha.

– Ela realmente está feliz, Kathe.

Kathelyn sentou e abriu o envelope sem dizer mais nada. Leu:

Querida irmã,

Que alegria ter notícias suas.

Queria ter escrito antes, mas ninguém sabia onde nem como lhe encontrar.

Tenho muitas saudades. Steve me disse que você está muito bem e alegro-me com isso.

Casei-me e tenho um filho. Um menino chamado Paul.

Kathelyn sentiu a visão embaçar e a mão de Elsa apertando-lhe o ombro. Pelas costas. Prosseguiu lendo.

Fiquei viúva há alguns meses. Foi um período difícil, mas encontro-me bem.

Sinto muito pela notícia que vou lhe dar, porque sei que o meu finado marido era uma pessoa quem você estimava e creio que também se entristecerá com a perda.

Alguns meses depois que você se foi, casei-me com o nosso querido primo Rafael Radcliff... As letras se misturaram.

Ela tentou buscar o ar três vezes e falhou em cada uma delas. Levou a mão até a boca e sufocou um grito.

Ouviu a voz de Steve distante e ausente.

– Ela está bem, Kathelyn, ela foi feliz com seu primo... Rafael a fez feliz.

– Não – ela disse sem sentir que dizia. O papel caiu de sua mão sem que se desse conta. Levantou, não lembrava que ainda havia carta para ler. Caminhou até a janela da sala. Olhou para fora. Era um dia cinza. Parecia bonito quando ela entrou em casa. A sua irmã. Pequena e desprotegida, se casou com um monstro. Se ela não tivesse sumido, se tivesse procurado a irmã assim que se estabeleceu, talvez tivesse evitado isso.

– Ai, meu Deus.

Um soluço saiu da garganta. Mordeu a mão – outro soluço. Rafael rasgando a sua roupa. Alguém tocou no seu ombro por trás. Mais um soluço. Rafael rasgando-lhe por dentro, até ela achar que iria morrer. Outro e outro soluço. Mais um e outro.

– Não!

– Ela pareceu feliz – era Steve.

– Não.

– Eu sei que é difícil, Kathe. – Steve nunca a chamava assim, somente quando estava triste. Ela virou e encontrou os olhos do amigo cheios da compaixão exposta em sua voz. Abraçou-o.

– Preciso ver, preciso vê-la e ter certeza de que tudo... Tudo vai bem. Senão, não terei paz.

– Eu sei – disse o amigo esfregando as suas costas com a mão.

CHEGARAM EM LONDRES NO DIA SEGUINTE PELA MANHÃ. Ela, Jonas e Elsa. Lembrou de três anos atrás quando deixou a cidade, com dinheiro contado e as roupas sujas e rasgadas. Agora ela era... a mulher de rosa.

Aquela que um dia quis ser.

Apesar de saber que isso era somente a aparência porque acreditava ser impossível aceitar se converter na amante de um homem casado. A imagem que ela construiu era essa. Às vezes parecia tão real que ela mesma acreditava nisso. Diante do que acontecia em sua vida era ainda mais fácil acreditar. Somente a evocação de Arthur lembrava-a que tinha um coração bem vivo e forte entre as costelas.

Ela não era amante de Arthur, era? É claro que era, mas... Não uma amante que estava com ele pelo dinheiro e status. Estava com ele porque o amava. Isso era o que realmente importava.

Será?

Tinha que devolver o dinheiro do contrato. Logo. Não queria que ele pensasse que...

Não queria ela mesma se sentir usada dessa maneira por ele. Deixou uma carta para o duque contando de sua viagem. Disse na carta que retornaria em cinco dias. Talvez chegassem em Paris quase juntos.

Esperava na sala de visitas da casa da irmã. Era uma elegante mansão em Mayfair. Uma casa clássica, decorada com requinte e bom gosto. Podia parecer assim a todos. Para ela era o cenário de um pesadelo. Era a casa onde tudo ocorreu, anos atrás.

Os móveis mudaram e a cor das paredes também. Jarros de flores e detalhes como almofadas e cortinas de tons claros, indicavam que agora uma mulher era a senhora da casa.

A sua irmã.

– Kathelyn – ouviu da porta a voz sufocada de Lilian. A irmã atravessou a sala correndo e abraçou-a. A duas permaneceram juntas por um longo tempo. Tinham tanto a falar. Entretanto, precisavam chorar antes. Fizeram isso abraçadas.

Sentaram-se lado a lado, segurando as mãos uma da outra. Como se soltar fosse trazer a distância e a saudade de volta.

– Você está linda – Kathelyn disse.

– Você também.

– Perdoe-me por não ter vindo antes... Acho que não consegui. Ainda é difícil para mim voltar até essa cidade e...

– Você não tem que me pedir desculpas, Kathe.

– Eu sei... É somente que, Deus, tenho tantas saudades.

– Tenho também.

Ela suspirou.

– Eu lhe escrevi no primeiro ano, durante quase todas as semanas.

– Oh, Deus... Eu não recebi nenhuma carta, me desculpe... Eu não tinha ideia. Papai não me entregou.

– Creio que sim. Mas agora, conte, como você está?

– Estou bem, logo conhecerá seu sobrinho e...

– Rafael, como... Foi feliz com ele? – Kathelyn não pôde esperar mais tinha que perguntar. Precisava saber.

– Sim, eu o amava – a irmã olhou para baixo –, acho que sempre o amei, você lembra como o achava bonito e como ele me fazia sorrir.

– Lembro... Sim, claro que lembro e... Ele sempre, sempre a tratou bem?

A irmã franziu o cenho em dúvida. Kathe emendou.

– Quero dizer, como marido... Foi um bom marido?

Lilian franziu ainda mais o cenho.

– Pergunto porque estamos há tanto tempo sem notícias uma da outra, e como sua irmã mais velha, sei que tem coisas que só contaria a mim e... Como não estive presente tenho medo de ter perdido algo importante e...

– Ele foi um marido muito carinhoso e um pai devotado. Fazia questão que ficássemos com ele o tempo todo. Ainda sinto muito a ausência dele. Muito.

– Que bom. Digo, não que bom que ele morreu, mas que bom que ele a fez feliz.

Um riso triste apareceu nos lábios da irmã.

– Sim, fui muito feliz e creio que ele também. Rafael lhe tinha muito carinho.

– Ah, tinha? – O horror dela não podia ser maior. Tentou disfarçar. – É uma grande honra, é claro.

– Parece tão surpresa.

– Eu? Não, não estou surpresa, estou – *indignada, aterrorizada*. Pensou sem dizer e respondeu: – Estou muito feliz de estar aqui com você e...

– Quando ele ficou doente, falava a toda hora que precisava lhe ver, dizia que tinha algo que precisava lhe falar, você sabe o que poderia ser?

– Não – mentiu. Sentiu-se culpada.

– Ele disse que havia acontecido entre vocês um grande mal-entendido.
– Mal-entendido? – Kathe fechou os olhos e o matou mentalmente outra vez.
– Sim, disse que você ficou muito triste com ele e que ele queria falar sobre isso, se explicar.
– Se explicar?
– Acho que ele sabia que iria morrer e... – a irmã olhou para as próprias mãos entrelaçadas e disse: – Creio que deve acontecer com todos à beira da morte.

– O quê? – Kathelyn sentiu-se um pouco tonta diante de tudo aquilo.
– Se arrepender e querer conseguir o perdão daqueles que sentimos ter magoado.
Kathelyn suspirou. Quis contar, pensou em contar.

Desistiu. A irmã mexeu na saia do vestido. Lilian tinha essa mania, sempre que algum assunto a intrigava ela mexia com as mãos em algo. Nesse caso o alvo era o vestido.

– Ele deixou uma carta e pediu que eu lhe entregasse se algum dia eu voltasse a lhe ver.
– Uma carta? – perguntou com as mãos molhadas de suor. – E sobre o que fala essa carta?
– Não sei, como ele disse ser algo do seu passado e me pediu para não ler, eu respeitei e...
– Não leu?
– Claro que não, ele estava à beira da morte – Lilian disse entre surpresa e intrigada.
– Certo...

Lilian sempre tão correta. Kathelyn teria aberto a carta no momento em que o marido fechasse os olhos. Não, talvez demorasse alguns dias ponderando se devia ou não abrir por respeito ao finado. Mas certamente abriria.

– Vou pegá-la, espere um pouco aqui.

Kathe assentiu enquanto sentia as vísceras contrariem e as mãos suarem ainda mais. Uma carta de Rafael. Meu Deus. Não tinha certeza se devia ler. Não tinha certeza se queria ler. Tempos depois, Lilian voltou com um envelope nas mãos.

– Tome. – Kathe guardou o envelope na bolsinha, lutando para não aparentar o tremor das mãos. – Se importa se não ler agora? Estou realmente muito cansada da viagem... Vim direto para cá.

– Não, é claro que não me importo. Depois, se quiser me contar o que falava a carta, pois confesso que fiquei um pouco curiosa.

– É claro, querida, não guardo segredos de você... – Têm alguns segredos que não devem ser contados. Kathelyn pegou na mão da irmã outra vez. Perguntou disfarçando a angústia em sua voz. – E como estão as coisa em casa? Digo em Milestone House?

– Não sabe, não é mesmo? Claro que não, como poderia saber?
– O quê?
– Papai está doente.
– Doente?

– Não uma doença física, outro tipo de doença.

Apesar de estarem falando de uma doença e do seu pai, ela se sentiu aliviada por mudar o prumo da conversa.

– Que tipo de doença?

– Ele está confuso e... Terá que ver com seus olhos, é difícil explicar.

– Ele nunca me receberá e também não sei se quero vê-lo.

– Kathe, ele está mesmo doente, e sim, ele a receberá.

– Por que diz isso? Ele deixou muito claro que nunca mais queria me ver.

– Eu sei, acontece que é de você que ele fala sem parar e pergunta, e sei que é difícil perdoá-lo, mas realmente creio que devia ir vê-lo. Podemos ir juntas.

Kathelyn pensou por alguns instantes enquanto olhava o jogo de chá colocado em sua frente. Bule, xícaras, açucareiro. Todos de louças. Pintados à mão. Flores cor-de-rosa e douradas. Tão inocentes e inertes. Os objetos eram mudos e talvez cegos. Em alguns momentos isso parece mais uma bênção do que uma limitação.

– Está bem, vamos amanhã, agora, creio que vou para o hotel.

– Hotel? Não vai ficar aqui?

– Não quero lhe causar problemas.

– Não seria problema algum que...

– Eu prefiro ficar em um hotel, Elsa já esta alojada lá e está me aguardando.

– Elsa veio?

– Sim, amanhã trago ela cedo comigo, está bem?

– Está bem – Lilian a abraçou uma vez mais. – O que importa é que nos encontramos outra vez.

– É verdade. Isso é o que mais importa.

KATHELYN CHEGOU AO HOTEL E FOI DIRETO PARA SEU quarto. Nem procurou Elsa. Colocou uma roupa mais confortável, sentou na escrivaninha abriu a sua bolsa. Retirou o envelope de dentro. As mãos tremiam. A respiração também. Chorava antes mesmo de começar a ler.

Kathelyn,

Meu Deus!

Não me sinto digno nem mesmo de lhe escrever essa carta.

Não quero lhe explicar, o que sei, não têm explicação.

Mas preciso tentar...

De algum jeito preciso tentar explicar, não para justificar, apenas para abrandar um pouco o peso de minha culpa.

Eu estava bêbado e não percebi que a machucava. Não percebi o que fazia. Eu a desejava tanto e há tanto tempo. Creio que a amava. Sempre amei. Estava tão ferido por ser rejeitado várias vezes. Primeiro, quando você escolheu Belmont. Depois quando me negou. Sei que a minha proposta foi estúpida e que devia ter lhe proposto matrimônio. Era o que eu queria, acredite em mim. Mas, estava cego de ciúmes. Acreditava que você havia se vendido para outro homem. Estava cego também porque, no fundo, eu sabia que não aceitaria ser minha esposa. Acho que eu sempre soube que só me enxergava como um irmão. Meu Deus!

Sei que nada o que escreva aqui vai diminuir ou tirar o peso do que fiz. Mas saiba que tentei de todas as maneiras corrigir, ao menos parte do meu erro. Ao menos o que era possível ser corrigido.

Eu não lembro direito o que aconteceu aquela noite. Sei que acordei na manhã seguinte e você havia ido embora. Foi somente então que eu vi o sangue. Foi somente, então, que eu me dei conta que havia lhe ferido. Pelo amor de Deus, acredite em mim. Eu tinha uma certeza tão estúpida e cega de que você não era mais donzela e talvez isso, só

diminua uma parcela muito pequena da minha culpa e da dor que eu lhe causei. Então, fui atrás de você como um louco. Passei dias vagando por todas as ruas de Londres, até que eu soube do seu casamento. com o italiano. Desesperei-me porque entendi que jamais conseguira dizer tudo isso pessoalmente. Foi a fim de diminuir o meu erro, que eu propus me casar com a sua irmã. Ela já estava arruinada antes mesmo de debutar, por causa do que aconteceu com você. Então, entendo que de certa forma eu a salvei.

Eu fiz de tudo ao meu alcance para fazê-la feliz. Fui o marido mais fiel e devotado do mundo a fim de compensar o meu erro com você, acertando com ela. Nunca mais errando. Também fui eu quem pagou todas as dívidas do seu pai e quem o sustentou até hoje. Deixo a sua irmã com segurança e folga financeira para se manter bem e ao nosso filho, fruto do nosso casamento. Afirmo que aprendi amá-la. Ela tentou me fazer feliz. Se não houvesse tanta culpa a carregar, sei que assim teria sido. Creio que ela foi feliz. Se você receber esta carta, por favor, não conte a ela o que aconteceu, acho que ela não suportaria.

Sei que não tenho o direito. Mas, mesmo assim preciso pedir que me perdoe. Talvez, você que é a pessoa mais bondosa que eu já conheci, consiga fazer isso. Me perdoe.

Kathelyn deitou sobre a escrivadinha com o rosto apoiado na carta. Chorou. Não por ser a pessoa mais bondosa do mundo, afinal ela não tinha certeza se algum dia o perdoaria de verdade. Chorou porque tinha certeza de que teria que fazer aquilo que Rafael a pediu. Jamais contaria nada a Lilian.

MILESTONE HOUSE ERA A PINTURA DESBOTADA DO QUE já foi um dia.

A estrada que conduzia à casa tinha pedras descolocadas e mato crescido entre os buracos. No lugar do jardim havia uma tentativa tosca da vegetação cobrir lugares que deviam estar abertos e faltar onde devia cobrir.

Não era uma visão imponente e alegre, cheia de vida e cor da natureza recuperando espaço. Era a certeza de que o homem passou por ali e algo se deteriorava como uma carcaça.

Lilian segurou a mão de Kathelyn. Ela logo entendeu porquê.

A casa.

Era a distância de dias quentes e frios. Cantos mornos cheio de flores e outros regados por cheiros de coisas boas, não estavam mais ali. Um travo subiu na boca ao ver a tinta sendo mofada e janelas e portas que tentavam esconder-se de vergonha, pelo descuido.

– Meu Deus, o que aconteceu aqui? – perguntou a Sra. Taylor, ela também passou boa parte da vida ali. Era uma pintura sem vida. Uma casa enterrada pelo tempo e abandono. Um lugar que um dia contou histórias de classe e esmero em cada porção.

A casa que foi palco de bailes e saraus repletos de elegantes nobres estava vazia. Ela estava morta e Kathelyn tinha a sensação de entrar no lugar que pertenceu a esse defunto um dia, para desfazer-se do que era dele.

– Depois que a mamãe morreu, um ano após a sua partida, papai desistiu de tudo – Lilian olhava a casa pela janela da carruagem. – Rafael tentou ajudar, pagou as dívidas e queria dar dinheiro extra para que ele mantivesse a casa, mas papai... Você sabe... É orgulhoso e não aceitava quase nada. Então, veio a doença e ele mesmo acabou destruindo as coisas.

– Meu Deus! – Kathe tinha os dois punhos fechados com força. Se as mãos pudessem reverter as coisas, isso aconteceria.

– Os criados foram embora, tinham medo dele e somente quem ficou foi a Sra. Ferrel e Alex.

Kathelyn olhou para baixo.

– Steve tentou me avisar, mas eu preferi não saber. Fui omissa.

– Acho que você não poderia fazer nada, eu mesmo tentei de tudo, acontece que o nosso pai parecia amar a nossa mãe de um jeito que nunca soubemos e é claro, você.

– Eu? – Kathelyn sacudiu a cabeça.

– Entre e veja por si.

Ela subiu as escadas cheias de folhas velhas e terra. Entrou no vestíbulo sem móveis, sem tapetes, sem quadros nem espelhos. A Sra. Taylor e a irmã a seguiam. Alex a abraçou logo que abriu a porta.

– Meu Deus... senhorita – disse o mordomo –, como me alegro em vê-la.

– Sra. Ferrel, corra – gritou Alex. – Venha ver quem está aqui.

A mulher que levava uma jarra de barro na mão deixou-a cair ao ver Kathelyn, Elsa e Lilian juntas. Correu com o rosto vermelho e rechonchudo.

– Kathe? Minha menina – disse a cozinheira e abraçou. – Steve não me disse que você vinha – a mulher enxugou as lágrimas com o avental.

– Nem eu sabia, foi uma decisão não planejada.

– Que bom, que bom que está aqui.

– Aonde está o meu pai? – ela olhou para o mordomo e para a cozinheira.

– No escritório dele.

Kathelyn respirou fundo, beijou a testa de Alex e da Sra. Ferrel – um gesto de devoção e gratidão por eles ainda estarem ali.

Abriu a porta devagar. Ouviu Lilian atrás de si

– Eu vou deixá-la a sós com ele, estarei logo aqui fora.

Ela entrou.

Se a casa era uma pintura desbotada, o homem envelhecido, de barbas brancas e magro que ela encontrou era a sombra dela. Ele ia com olhar perdido no tampo da mesa, ausente. Aproximou-se e disse:

– Pai?

Ele não desviou o olhar do tampo.

Ela repetiu.

– Pai, eu vim lhe ver. – Kathe tocou de leve no ombro do homem que não parecia em nada com aquele nobre forte e orgulhoso que ela conheceu, que era o seu pai. Ele levantou a cabeça até encontrar o rosto dela. Ficou em silêncio por um tempo que pareceu a Kathe, longo demais. Então um risco de sorriso apareceu nos lábios do conde.

– Kathelyn?

– Sim, papai.

– Você chegou?

– Sim.

– Está tão atrasada.

Ela olhou para ele um pouco confusa e ouviu-o continuar.

– Onde está sua mãe?

Lilian, que havia entrado sem que Kathe visse, respondeu a pergunta.

– Ela deve estar cavalgando, logo estará em casa.

– Lilian, por que você não está em sua aula de piano?

– A minha aula acabou agora, papai.

– Sendo assim – ele pegou a mão de Kathe –, venha, vamos conversar sobre a sua apresentação na sociedade. – Kathe olhou para a irmã e viu-a assentir com a cabeça, incentivando-a a continuar com aquilo.

– Vamos, papai – ela respondeu.

– Aonde está a Sra. Taylor, eu pago uma fortuna a ela para estar sempre ao seu lado.

– Estou aqui – Elsa disse da porta.

– Bem, então ótimo. Sente-se, Kathelyn, tem que ouvir o que planejo para você.

Ela seguiu o que pai pedia, lutando contra o choro na garganta. Engoliu-o no meio caminho.

– O seu armário está repleto dos vestidos mais lindos que uma debutante jamais teve... E vou fazer um baile em Milestone House, o maior já feito aqui. Você, meu tesouro, merece tudo o que há de melhor em sua estreia – ele olhou para Elsa. – Anote tudo, o que está esperando? Temos de fazer a lista de convidados, ninguém menos importante que um visconde para minha princesinha. – O conde olhou para Kathelyn, então para Lilian e para Elsa com um sorriso largo no rosto e disse: – Kathelyn, você pode levar a sua égua quando se casar. O sorriso desmontou e os olhos se perderam no fundo de um poço outra vez. Olhou para Kathelyn com o vazio e afirmou:

– Você demorou a chegar.

– Eu sei – ela disse.

– Senti sua falta.

– Eu também, papai.

– Me perdoa, Kathelyn, me perdoa, meu tesouro?

Ela levantou e correu dando a volta na escrivaninha, foi até o corpo magro do pai, abraçou-o e chorou tentando não fazer barulho. Chorou como quando era criança e seu pai mandava-a parar de chorar para não incomodá-lo. Mas, dessa vez, era ela quem não queria perturbá-lo.

O conde chorou junto. Era ele quem fazia barulho. Ouviu a voz abafada do pai.

– Eu nunca deveria ter deixado você sair... Sua mãe ficou tão triste, tão triste. Acho que ela não volta mais porque não me perdoa.

– Ela te perdoou, papai, eu sei que sim.

– O que aconteceu? – o conde desfez o abraço e olhou nos olhos dela. – Você se perdeu?
Por que demorou tanto a chegar?

– Eu me perdi, papai.

– Agora que estamos todos aqui, vá avisar à sua mãe que jantaremos juntos.

– Está certo.

Ernest deixou os ombros caírem. O olhar caiu uma vez mais no tampo desgastado da mesa.

Ausente.

– Papai – Kathelyn chamou –, pai?

– Kathe – era a voz da irmã, ela a olhou.

– É assim – Lilian disse. – Ele não responderá mais.

– Meu Deus.

– Agora está mais calmo. Antes, ele não se ausentava dessa forma, em vez disso, ele quebrava os móveis e a casa.

– Entendo.

– Acho que se retira para algum lugar somente dele.

Kathelyn olhou ao pai e ouviu a voz da irmã.

– Às vezes fica com um sorriso na boca, assim como está agora.

Ela apenas balançou a cabeça, sem encontrar qualquer consolo com aquele sorriso. Lilian continuou.

– Que bom que veio. Por mais que não saiba o que está fazendo, ele conseguiu pedir perdão a você. Alex me contou que tem dias que ele pede perdão durante horas olhando o seu retrato. Kathelyn levantou a mão, um pedido de silêncio cúmplice das lágrimas a fim de que a irmã parasse. Elas saíram do escritório no mesmo silêncio e somente quando estiveram em pé, ao lado de fora da casa se abraçaram e se permitiram chorar de verdade.

OS TRÊS DIAS QUE PASSOU EM LONDRES FORAM REPLETOS de Lilian e seu sobrinho... Ela o amou de imediato. Um amor além de qualquer entendimento. Paul parecia com Lilian, tinha os mesmos cabelos castanhos-dourado. Era um menino que pegava tudo o que via e perguntava sobre tudo o que pegava. Lembrar como o primo a feriu ainda trazia angústia e dor. Olhar para o seu sobrinho a fazia entender que era nele onde estava a libertação que Rafael buscou em sua carta.

Talvez perdoá-lo diretamente fosse impossível. Mas amar o filho dele, como já amava, podia sim, significar a absolvição da culpa.

Disse a Lilian que Rafael pedia desculpas na carta, por não tê-la ajudado quando o conde a expulsou de casa.

Ela achou que Lilian não acreditou. Conhecia a irmã e sabia que ela nunca mais tocaria no assunto, mesmo sem ter acreditado.

Desde o segundo dia em que estava em Londres, os jornais divulgavam matérias sobre a famosa cantora da ópera de Paris, que visitava parentes na cidade. As matérias chamavam-na de Lysa Borelli.

Kathelyn Stanwell havia morrido. Ou pior, era como se nunca tivesse existido.

Lysa Borelli devia ser mais interessante.

Se ela e Arthur ficassem juntos, aos olhos da sociedade ela jamais deixaria de ser a cantora de ópera, famosa e requisitada amante, para se tornar a simples Kathelyn Stanwell. A debutante padrão arruinada, filha de um conde louco.

Ela não ligava. De verdade, nem se importava que as pessoas inventassem mil nomes e personagens para ela usar. O único peso desses papéis era que ela sabia a verdade por baixo de cada um deles. Jamais seria aceita nesse meio outra vez. O “para sempre” com Arthur teria que ser reinventado e contado de outra maneira. Talvez, se ele abrisse mão da aceitação desse mundo, como ela o fez de maneira forçada. Talvez assim, essa nova história poderia ter o seu “para sempre”, se não...

Mas o que estava pensando? O duque de Belmont jamais delegaria esse mundo. Ele mesmo deixou muito claro o que achava a respeito disso, há três anos. Entretanto, o homem que ela

amava podia, sim, fazer isso.

Dinheiro nunca seria o problema, Belmont tinha tanto, que podia sustentar metade da Inglaterra pelo resto da vida sem ter que ganhar mais nada. O título é hereditário, ele não perderia o ducado. Só perderia a aceitação e prestígio.

Duques não se casam com cantoras de ópera, ex-filhas de um conde. Não, duques se casam com damas como as que ela via, naquele início de tarde passeando pelo Hyde Park, junto às suas preceptoras e acompanhantes adequados.

Ela sabia que devia deixar de pensar no futuro e viver o que a vida tinha lhe trazido agora. Amanhã retornaria a Paris e em alguns dias iria para Grécia junto ao homem que amava. Quem dera nunca mais sair de lá. Uma porção enorme do coração de Kathe, por mais que ela tentasse não olhar, via-se vivendo para o resto de sua vida na Grécia ao lado de Arthur. Ela sabia que isso era apenas um sonho improvável, um pouco infantil, mas não conseguia deixar de sonhá-lo.

Na noite anterior, havia contado tudo para Lilian sobre Belmont. A irmã ouviu em um atento silêncio. Quando terminou de falar, Lilian ficou olhando-a por mais um tempo sem dizer nada. Kathe acreditou que irmã tinha dificuldade em entender. Devia culpar ao duque por tudo o que ela sofreu. Então, após um breve e pensativo silêncio, Lilian disse:

– Mas você sabe, não sabe?

– O quê?

– Que Belmont, bem que ele...

Nesse momento, Paul entrou correndo na sala e derrubou um vaso cheio de flores em cima do tapete. Depois de arrumada a bagunça de vidro, e flores e água. Kathe perguntou sem ter a sua curiosidade satisfeita.

– O que ia falar sobre Belmont?

– Nada – Lilian deu um sorriso estranho –, esqueci.

– Conheço-a, sei que não esqueceu, desistiu de falar...

– Não – a jovem sacudiu os ombros –, esqueci mesmo, não devia ser nada muito importante.

– Parecia importante.

– Mas não era.

Sabia que cabia a ela esquecer. Lilian não falaria mais.

A curiosidade esquecida duraria pouco menos de um dia. A resposta que Kathelyn queria de Lilian chegaria ali, no Hyde Park.

Estavam sentadas embaixo de uma árvore, acolhidas pela sombra fresca. Era uma tarde ensolarada de junho. O sol, apesar de entrar no parque sendo o mestre da cor e da vida, reinava sobre tudo e o mundo estava fervendo. Um calor de tirar as roupas. Como isso não era adequado, a sombra devia bastar para fornecer o alívio decente.

O seu sobrinho brincava perto do lago Serpentine, a uns vinte metros da onde estava sentada com a irmã. A Sra. Taylor rolava na grama com ele. Sorriu ao ver a sempre impecável ex-preceptora quebrar ao menos umas dez regras de etiqueta em plena luz do dia, em pleno Hyde Park.

A ruína social tinha muitas vantagens. Ninguém falava dessas vantagens. Mas elas existiam e não eram poucas. Sem tantas convenções a seguir, as pessoas ficavam mais leves e soltas, permitiam-se ser mais... Felizes? Sim, é possível que sim.

– Não – ouviu a voz da irmã ao seu lado. – Vamos, Kathelyn, vamos embora.

– O quê? – Kathe olhou para os lados, confusa. Viu um grupo de três mulheres vindo em sua direção. Todas olhavam direto para ela. Era o alvo daquelas três damas tão inglesas. Ela teve certeza; Lilian já estava em pé acenando para a Sra. Taylor. Kathelyn ainda estava sentada, confusa. As mulheres pararam à sua frente.

Ela tomou um impulso a fim de se levantar. Afinal, sabia que isso era o que devia fazer segundo a educação.

– Parece uma dama – disse a mais velha do grupo, uma senhora vestida toda de negro.

– A senhora é madame Borelli? – Olhou para jovem que perguntou. Por uns segundos deixou de respirar. Aquela jovem tinha algo no formato do rosto, talvez. Ou eram os olhos? Kathelyn não soube identificar. Mas, havia algo na moça que lembrava a jovem que ela foi há três anos. Talvez fosse a forma de arrumar o cabelo. Ela sempre os levou assim quando era Kathelyn Stanwell. Fitas que trançavam e prendiam um coque emoldurado por cachos. Talvez fosse o vestido que lembrava um que ela costumava usar, junto com o cabelo.

– Sim, sou eu – ela confirmou e olhou para a irmã que era o retrato da aflição no rosto contorcido.

– Então, me informaram corretamente, disseram-me que podia encontrá-la junto à lady Wheymouth.

Ao ouvir o seu título, Lilian se manifestou.

– Bom dia, Srta. Montfort, estamos de saída. Está muito calor e meu filho não pode mais ficar no sol.

– Eu não tomarei o seu tempo, tenho apenas algumas frases a trocar com a madame Borelli.
– A jovem não deu tempo de resposta. – O meu noivo está passando uns meses a trabalho em Paris, acho que a senhora o conhece.

Kathelyn ficou em silêncio e a Srta. Montfort prosseguiu:

– O duque de Belmont, vamos nos casar em poucos meses, a data já está marcada.

Kathelyn ficou paralisada, sem entender, sem processar o que a dama tinha acabado de dizer. Não conseguiu responder e nem mais respirar. Tinha que ser algum engano. Ela tinha certeza de que havia entendido mal. A jovem não quis deixar dúvidas.

– Eu tive informações de uma fonte segura que me garantiu que a senhora é a nova amante do meu noivo.

Kathe soltou todo o ar que estava preso no pulmão e olhou para irmã. Precisava da confirmação de sua irmã, ela tinha certeza de que a jovem era louca.

Arthur jamais a enganaria desse jeito.

Não depois de tudo o que viveram.

Não depois de tudo o que ela contou para ele.

Não.

Essa mulher era uma louca.

Mas o rosto com pouca cor de Lilian e o olhar de piedade que ela lhe lançou disse que a Srta. Montfort não era uma louca. Disse também que louca era ela, de uma vez mais acreditar no homem que destruiu a sua vida. Disse que não queria que ela sofresse mais com isso e esse foi o motivo de não ter lhe contado antes toda essa sujeira e disse, sobretudo, “seja forte Kathelyn, você já superou decepção pior que essa”. Ela engoliu em seco, olhou para a jovem que tinha traços do que ela foi.

– Vim até aqui para dizer que eu vou me casar com ele e que eu não vou permitir que meu marido continue a vê-la, depois que eu for a duquesa de Belmont.

Kathelyn não soube como, mas encontrou a sua voz.

– Se era isso o que tinha para dizer – assentiu com a cabeça em uma falsa cortesia – já pode ir. – Esforçava-se para respirar e também para manter-se em pé.

– Ele pode até se divertir com a senhora – a jovem era ríspida –, mas nunca a respeitará... É para o duque uma diversão passageira, nada além disso.

– Chega, Srta. Montfort – foi Lilian quem disse.

– Admira-me uma dama como a senhora andar em tão vulgar companhia.

– Sendo que essa companhia é minha irmã e que eu ainda sou um viscondessa e a senhorita não é ainda uma duquesa, sugiro que respeite a hierarquia presente, peça desculpas pelas ofensas e retire-se.

– A senhora vai se arrepender por me tratar assim – a jovem olhou para Lilian.

Kathelyn não conseguiu dizer mais nada.

Arthur estava noivo. Ele a enganou.

Fechou os olhos enquanto buscava o ar com esforço.

– Passar bem senhorita – Lilian disse ao ver as damas girarem o corpo a fim de sair.

– Oh! Kathelyn – a irmã socorreu-a logo que as mulheres se afastaram.

Ela olhava a grama no chão. Irônico com um dia tão bonito, podia simplesmente perder a vida em segundos. A grama mesmo, ela jurava que parecia mais verde e alegre a instantes atrás.

– Sinto tanto – Lilian continuou. Kathelyn notou a mão da irmã envolver a sua cintura. – Sente-se. Nem notou que ainda estava em pé.

A Sra. Taylor ainda brincava com Paul, sem perceber o que tinha acontecido.

Kathelyn deixou o corpo cair no gramado.

– Eu não sabia – ela afirmou quando a irmã abaixou ao seu lado.

– Desculpe, eu devia ter falado ontem, mas percebi que talvez você não soubesse e perdi a coragem de falar.

– Eu não sabia.

– Eu ia lhe contar hoje à noite. Desculpe.

– Eu não – soltou o ar entrecortado. – Ele me enganou... Disse que me amava e... Meu Deus, eu não sabia.

– Kathe, eu sinto muito.

– Eu não sei o que esperava que acontecesse, ainda não tinha pensado muito sobre o futuro... Ele disse... disse que ia cuidar de mim para sempre e isso me bastou... Mas noivo? Não. Eu não sabia, Lilian.

– Querida, não sofra. – Lilian a consolava. Kathelyn sentia a indignação se avolumar nos olhos.

– Como essa jovem sabia? Como sabia quem eu era?

– Há algum tempo saíram umas notícias, nesses jornais de fofocas dizendo que o duque de Belmont não voltava de Paris porque havia caído na rede de uma famosa cantora de ópera... E que essa mesma cantora era famosa por deixar os homens com quem se relacionava apaixonados.

– Então, foi assim que ela soube...

– Deve ter se sentido ameaçada e quando leu que estava aqui...

– Veio me procurar.

– Eu também não sabia que você era Lysa Borelli até poucos dias, desculpe, Kathe.

Ela negou com a cabeça.

– Logo eu esqueço tudo isso, estou ficando experiente em como amá-lo e odiá-lo em questão de dias.

Ela mentiu. Não sabia nem por onde começar a se reconstruir dessa vez.

– Vai mesmo embora amanhã?

– Sim, parece que Londres não sabe me fazer feliz.

ESPERAVA NA BIBLIOTECA DA CASA DE BELMONT, EM PARIS.

Já estava na cidade há dois dias. Foi o tempo que levou para organizar a transferência do dinheiro para o nome do duque.

Ela aguardava a quase uma hora. Arthur havia saído para uma reunião. Scott a deixou entrar. Serviram chá com umas massas doces. Ela não encostou em nada. Quase não se alimentava há três dias. Não era uma greve de fome contra a vida, era apenas porque não sentia fome.

Também não dormia direito.

Há três dias ela só fazia uma coisa direito: chorar. Nunca gostou de chorar na frente dos outros. Nem quando era criança. Então, fechava-se no quarto e chorava. Só saía de lá quando havia se acalmado e quando a cara de choro havia sumido. Ficou muito tempo no quarto nesses últimos dias.

Tinha resolvido o que ia falar com Belmont, isso por hora era o suficiente. Não era o suficiente, mas teria que ser. Não tinha outro jeito.

Ouviu a maçaneta da porta mexer.

Levantou. Era ele.

O coração não seguia a sua razão. Nunca seguiu quando era Arthur.

Batia tão rápido que ela achou que fosse ficar sem ele a qualquer momento.

– Kathelyn – Belmont disse fechando a porta atrás de si. Abriu os braços e atravessou a biblioteca em três passos.

Abraçou-a.

– Que saudades – beijou a sua fronte repetidas vezes –, que saudades, meu amor... Achei que fosse enlouquecer. Ele pegou o seu queixo entre o polegar e o indicador e levantou o seu rosto. Beijou-a nos lábios de leve. Disse:

– Nos últimos dias eu não conseguia nem mais trabalhar direito.

Ela não respondeu aos beijos. Arthur continuou escorregando os lábios no rosto dela sem perceber que Kathelyn estava inerte:

– Nunca mais, meu amor, nunca mais vamos ficar longe um do outro, nem por um dia.

– Eu vim para lhe entregar algo – ela deu alguns passos para trás e se afastou.

Ele franziu de leve o cenho.

– Nossa viagem está acertada, poderemos partir daqui dois ou três dias – Arthur parecia não notar que ela estava distante.

– E depois da Grécia o que faremos?

– Voltaremos para Paris, meu sócio está vindo da Inglaterra para assumir o meu lugar aqui e então, ficaremos um mês a mais por aqui.

– E depois?

– Depois?

– Sim, depois de Paris?

– Iremos para Londres, é claro.

– Ah é claro – ela riu com uma forçada estupidez

– O que está acontecendo, Kathelyn?

– Eu vim devolver o seu dinheiro.

– O quê?

– As cem mil libras – ela pegou uma folha de papel de cima da mesa ao seu lado e disse. – Esta carta lhe autoriza a sacar o dinheiro no banco de Paris.

– Eu não pedi que devolvesse.

Ela fechou os olhos e apoiou a folha em cima da mesa.

– É claro que não, eu cumpri com a minha parte do contrato, não é verdade?

– Achei que o que temos nada mais tinha a ver com esse contrato.

– Eu também achei... Mas na verdade, entre nós sempre houve um contrato – ela suspirou.

– Estou cansada. Vou para casa.

– Você não vai para casa. – Kathe abriu os olhos surpresa. O duque continuou: – Descanse no meu quarto... E sobre os contratos, já não entendemos tudo o que havia para entender?

– Não entendo. Acho que eu nunca vou entender.

Arthur esfregou a mão nos olhos. Impaciência? Cansaço? Irritação? Kathelyn não soube.

– O que acontece, pelo amor de Deus?

– Eu vim para lhe devolver o dinheiro e também para dizer que não nos veremos mais.

– Hoje? Não nos veremos mais hoje? – O vinco entre as sobrancelhas apareceu, profundo e marcado. A Kathelyn lembrou duas covas entre os olhos. Onde tudo seria enterrado.

– Nunca mais, Arthur. Não nos veremos nunca mais.

Belmont largou o corpo na poltrona atrás de si.

– Como assim, nunca mais?

– Eu estou indo embora da França.

– Vamos para a Grécia.

– Não vamos, eu vou embora, só preciso arrumar tudo e...

– Você não vai embora – isso ele disse entre os dentes. Uma veia saltada no pescoço. Agora Kathelyn tinha certeza de que era raiva que ele sentia.

– Eu lhe pedi uma noite, você me deu muito mais do que isso. Mas... Não posso continuar.

Desde que soube sobre o noivado, ela enfrentou todos os estados emocionais possíveis a um ser humano. Foi da vontade de matá-lo ao desespero por amá-lo. Foi da raiva por si mesmo em ter se iludido à autopiedade depreciativa. Passou pela indignação por ele não ter sido verdadeiro à gratidão por tudo o que compartilharam nos dias que estiveram juntos. Visitou também a vontade de se vingar outra vez e de machucar a todos e de se revoltar contra o mundo. Até que entendeu que isso não levaria a lugar algum.

Ele nunca prometeu nada além de que cuidaria dela e ela sempre soube que nunca passaria de algo temporário o que viviam.

Tirando a parte da dor por ter que acabar tão cedo e por ainda amá-lo, resolveu que não haveria mais culpa. Nem culpados. Iria embora e reconstruiria sua vida. Levaria dele as lembranças.

– Por que está fazendo isso? – ele deu um murro no braço da poltrona – Por quê? – o duque gritou exaltado.

Ela olhou para baixo. Ele não concordava com a conclusão pacífica de Kathelyn. Ela também não concordava. Queria muito concordar, mas não concordava. Não guardaria mais. Tinha sangue e sentimentos. Ela ainda o amava. Por quê?

– Porque você é noivo e vai se casar em poucos meses. Porque não me contou sobre isso...

– Conforme ela falava, Arthur abaixava a cabeça e fechava os olhos. Montou uma expressão inconformada. Kathelyn continuou: – Porque não passou pela sua cabeça mesmo sabendo que ia para Londres que eu pudesse descobrir... Talvez porque eu descobrir ou não, não faça a menor diferença na sua vida ordenada.

Arthur apoiou o rosto na mão e sacudiu a cabeça.

– Então é isso? – perguntou através das mãos.

O relógio da biblioteca batia tão alto que o som frequente do tic-tac era esmagador. A Kathelyn soou assim. Ouviu por cima do esmagar do relógio.

– Ela não é nada para mim. Nada.

– Ela é sua noiva.

– Você, Kathelyn, é a única mulher da minha vida. – Ela, que ainda olhava para baixo só percebeu que Arthur havia se levantado quando sentiu a mão dele tocar o seu rosto. – A mulher que eu amo – ele disse –, a minha esposa de verdade.

– Não me contou – ela sentiu lágrimas querendo sair, não queria que elas saíssem.

– Eu queria, mas, como podia? Quando tínhamos tanto a resolver...

– Não faz sentido.

– Eu ia contar na Grécia.

Então ela se indignou. De verdade.

– Quando estivesse longe de casa por três oceanos?

– Quando você não tivesse para onde tentar fugir... Eu não posso, Kathelyn, perder você outra vez.

– E depois? Depois de me contar, o que faria?

– Fique comigo.

– Como? – ela sentiu o coração ir tão louco que perdeu o ar.

– Vamos para Londres, você será sempre a única, não haverá mais ninguém... Nunca.

– Vai desmanchar o noivado? – O coração acelerou ainda mais, ela respirou menos.

Tic-tac, tic-tac alto. Cada vez mais alto.

– Eu não posso.

– O quê?

Arthur era quem olhava para baixo.

– Eu a comprometi, eu não posso acabar o noivado... Isso a arruinaria e eu não posso lidar com a culpa de mais essa vida destrozada.

Kathelyn deu alguns passos para trás e encostou as costas na parede próxima. Fez isso para não cair. Por isso não queria ter essa conversa. Ela sabia, tinha certeza de que essa conversa acabaria com tudo. Com qualquer possibilidade de restarem boas lembranças. Lembranças que ela queria ter. Precisava ter.

– É isso que sou para você, um peso? Uma dor na consciência? Uma vida destrozada?

– Não, meu amor, não... Você é tudo para mim.

– Pare! – ela ergueu as mãos sobre o peito, incrédula. – Como você a comprometeu? Disse para mim que nunca, nunca comprometeria uma dama...

– Nós já estávamos noivos, ela apareceu um dia na minha casa à noite. Eu estava um pouco bêbedo e ela estava sozinha. Ela chorava dizendo que havia brigado com o pai ou com irmão por causa da lista de convidados do casamento... Eu fui fraco.

Agora ela sentia raiva. Muita. Raiva.

– Curioso, você deve ter algum distúrbio que o leva a não resistir às mulheres, ou isso é algo que só o afeta quando está comigo e com ela?

Ele se aproximou até ficar a poucos centímetros do seu rosto. Falou entre os dentes.

– Não, minha querida, esse distúrbio é um privilégio despertado por sua pessoa.

– Você nunca me deu o privilégio da dúvida, nem todo esse privilégio de consciência.

– Eu não respondo com a razão quando se trata de você. Fiquei louco há três anos. Nunca algo me desestruturou tanto quanto a possibilidade de sua traição e a certeza de ter que tirá-la da minha vida... Com ela eu... Eu consigo pensar. Eu sei o que estou fazendo. Então, como posso fazer?

Kathelyn lembrou da menina que viu na parque, apesar de parecer corajosa e cheia de si, ela ia com os olhos cheios de lágrimas. Era apenas uma jovem.

– Como ela se chama?

– Diana.

Kathe cobriu os próprios olhos para não mostrar a dor. Arthur passou os dedos na lateral do seu rosto.

– Não encosta em mim...

– Sabe por que eu fiquei noivo dela?

– Não quero saber.

– Ela... Ela me lembra você.

– Acho que você é louco.

– Louco? Sim, definitivamente é assim que me sinto diante da possibilidade de perdê-la.

Louco por cada centímetro que faz a sua pessoa.

– Eu não serei a sua amante.

– Eu lhe darei tudo, Kathelyn, tudo o que quiser... Eu faço qualquer coisa, por favor fica...
– a voz dele sumiu.

– Como tem coragem de me propor isso? Como pode esperar que eu engula o fato de se deitar com outra mulher?

– Eu não quero, eu só desejo você.

– Como amante e não como esposa – ela empinou o queixo, uma tentativa tola de não deixar as lágrimas a mostra.

– Eu nunca quis ter uma amante depois de casado, você não será minha amante, será a única para mim.

– Mas ainda assim se casará.

– Você será a minha esposa.

– Eu serei a mãe de seu herdeiro?

Ele ficou em silêncio.

– Você nunca se deitará com ela?

Silêncio do relógio.

– Onde ela moraria enquanto você se deita comigo?

– Não fale assim.

– Onde ela moraria? – Kathelyn gritou.

– Em Belmont Hall.

– E você?

– Em Londres, com você.

– Até quando? Até você se cansar? Ou até eu engordar por estar grávida do seu terceiro bastardo? – ele arregalou os olhos e ela continuou: – Até essa chama louca da paixão que nos devora vencer e você passar a me visitar cada vez com menos frequência? – ela o empurrou de leve, ele nem se moveu, continuou: – Ou até o momento em que suas visitas vão estar galgadas na pena que sente por mim, largada em uma casa e marginalizada pela sociedade? – ela ofegava, desespero e raiva. – Ou até nos tornarmos estranhos um para o outro, até eu ser a lembrança triste de alguém que você jurou amar, mas que entendeu por fim, que esse amor era insustentável? – empurrou-o outra vez. Dessa vez ele deu um passo para trás. – E quanto a mim? Envelhecerei sozinha, tendo a sorte dos nossos filhos me chamarem de mãe e serem execrados por isso. Não, excelência – sacudiu a cabeça e as lágrimas rolaram soltas –, obrigada, eu não aceito a sua proposta. Eu não serei a mulher de rosa. Àquela a quem ninguém sorri de volta.

– Eu... O que posso fazer? Como eu posso destruir a vida dessa jovem e seguir com a minha?

– Uma pena que eu não despertei em você essa consciência tão elevada no passado. Você nunca me deu a chance que dá para essa mulher e agora? Me tira ela novamente. A única razão de você se casar com ela é porque sabe que jamais se casaria comigo... Eu não sou adequada para ser sua duquesa. Na sua opinião, talvez, nunca tenha sido.

Arthur a olhava em silêncio. Respirando com peso. Veias saltadas na testa, olhos cheios de adrenalina. Ela disse:

– Você é igual a todos os nobres que jura abominar. – Kathe virou em direção à porta.

Ele agarrou-a pelo braço e a fez girar o corpo até estarem de frente. Segurou o rosto dela entre as mãos.

– Não vou deixar você sair da minha vida – disse.

– Não Arthur, foi você quem me expulsou da sua vida.

– Não!

Ele tentou beijá-la, ela o deteve empurrando-o com força. Girou sobre os calcanhares, estava junto da porta quando ouviu:

– Eu te amo, Kathelyn, eu vou te amar para sempre.

Ela colocou a mão na maçaneta gelada.

– Se é verdade o que diz, me deixe em paz. Nunca mais me procure e viva feliz com a sua consciência.

Kathelyn ainda esperou por alguns segundos. Um lugar dentro dela se agarrou àquela maçaneta como se ela pudesse salvá-los do mar que os afogava. Foi uma espera involuntária,

levada por algo que não tinha orgulho. Esse algo desejou com todas as forças que ele voltasse atrás. Que ele pedisse perdão, outra vez. O perdão que ela precisava ouvir.

Que ele lhe dissesse que não iria casar com outra porque ela era digna para ser sua duquesa. Mas, principalmente, porque ele a amava.

As palavras não vieram e ela se viu obrigada a abrir a porta, respirar fundo e sair.

Antes de fechá-la atrás de si, olhou pela última vez para o homem que mudou toda a sua vida e continuava a mudar. O homem que amava e que talvez amasse para sempre. Ele havia caminhado até a janela e estava de costas para ela. Essa era a última imagem que teria de Arthur – uma vez mais, ele lhe dando as costas.

Quando ela se distanciou um pouco da porta recém-fechada, ouviu o barulho de objetos sendo atirados contra ela. Um. Dois e um terceiro objeto. Então, um estrondo enorme se fez dentro da biblioteca, como se a escrivaninha tivesse sido arremessada pela janela. Ela sentia tanta dor que era como se Arthur atirasse os pedaços do seu coração junto aos móveis pelo ar. Saiu da casa sem querer ouvir mais nada. Saiu antes que voltasse correndo e aceitasse qualquer migalha oferecida. Sem olhar para trás, nenhuma outra vez.

DOIS ANOS DEPOIS.

Lilian estava aflita. Não sabia se fez o que era certo. Entretanto, fez o que acreditava que era certo.

Há dois anos, recebia visitas semanais do duque de Belmont e dava a mesma resposta a ele:

– Não tenho notícias.

Ele enchia o peito de ar, agradecia com toda a solícitude cabível a um duque e ia embora.

Essa afirmação sempre foi verdadeira, até três meses atrás, quando recebeu a primeira carta de Kathelyn nesse período.

Querida Lilian, encontro-me bem. Estou em uma terra distante. Um lugar que aprendi a chamar de casa. É uma cidade nova e recebeu o nome de um condado do nosso país: chamam-na de a Nova York. Existem muitos conterrâneos por aqui, isso torna mais fácil a mudança.

Comprei uma casa em uma rua agradável, dizem ser o melhor lugar para se morar na cidade. Elsa e Jonas estão bem. Jonas está noivo de uma irlandesa, uma menina decente e esforçada. Ela trabalha aqui em casa como minha donzela de quarto. A Sra. Taylor, é a mesma de sempre. A vida me deu nela uma outra mãe. Eu sou convidada para cantar nas festas mais sofisticadas da cidade. Aqui, as coisas funcionam de maneira diferente. Existem as classes dominantes, assim como é a aristocracia aí. Entretanto, aqui, a grande maioria das pessoas construiu a sua fortuna com muito trabalho e sem contar com título algum. Vim disposta a encontrar pessoas boas e verdadeiras e assim tem sido.

A lei nessa terra é que vença o melhor. As pessoas têm oportunidades mais justas de conseguirem a sonhada igualdade social e isso é bonito de ver. É claro que também há problemas e miséria, mas a grande maioria das pessoas deixou a sua terra natal e constrói aqui um novo lar, então, não levou muito tempo para me sentir em casa. Desculpe ter demorado tanto em dar notícias. As cartas daqui podem levar meses para

chegar até ai. Outras, nunca chegam. Essa é a primeira que escrevo. Estou feliz. Desde que deixei nosso continente, tive uma enorme...

A carta continuava até comunicar, no final, que ela em breve faria uma visita a Londres. Pretendia ficar por uns dez dias e depois iria visitar Steve e Philipe.

Kathelyn chegara no dia anterior e saíra de casa com a Sra. Taylor para comprar tecidos e outras coisas.

Por sorte ela saiu de casa.

Lilian sabia que o duque deveria aparecer nos próximos dias.

A irmã disse a ela que não queria encontrá-lo e nem ouvir coisa alguma de Belmont. Mas, diante de tudo o que aconteceu e que Kathelyn não sabia, e diante do que ela viu quando a irmã chegou, teve certeza, ou quase certeza, de que devia contar a ele. E assim foi.

O duque acabara de sair.

Ela nunca viu um homem tão transtornado ao receber uma notícia. Não acreditou quando ela disse que Kathelyn havia saído, ele percorreu os cômodos da casa chamando-a como um louco.

Teve que sacudi-lo pela lapela da casaca a fim de que voltasse a raciocinar.

O duque era um homem grande. Não foi fácil sacudi-lo.

Quando se deu conta do louco que parecia, se recompôs. Pediu desculpas e se conformou com a ideia de encontrar Kathelyn no dia seguinte

– Ela acabou de chegar de viagem – Lilian disse. – Está cansada... Acredite, é melhor se encontrarem somente amanhã.

– Está bem – ele passou as mãos no cabelo, repetidas vezes.

– O ideal é que seja em um parque, assim, parecerá um encontro aleatório – ela sugeriu.

– Leve-a ao parque das rosas da Rainha, no início da tarde – ele fechou os olhos e respirou fundo, duas vezes.

– O parque novo?

– Sim

– Certo, eu a levarei até lá.

– Não fale nada a ela, eu preciso, gostaria de ter a chance de contar tudo, pessoalmente... espero por isso há...

– Eu sei – Lilian o interrompeu.

– Muito obrigado – ela jurou que a voz do homem estava embargada, ele a abraçou surpreendendo-a. – Muito obrigado – repetiu.

Belmont acabou de sair da sua casa e ela já ensaiva se arrepender do que tinha feito. Não. Não estava errada, no fim, seria Kathelyn a decidir o que fazer diante de tudo e não ela. Ao menos, daria a oportunidade que acreditava, os dois mereciam e talvez até precisassem.

ELE ESTAVA DENTRO DA CARRUAGEM. NUNCA UMA VIAGEM foi tão longa e angustiante. Não dormiu a noite passada. Nem cinco minutos. Como poderia?

Arthur esperava por essa conversa há dois anos. Talvez cinco.

Não, ele espererava por essa conversa desde sempre.

Não houve um único dia da sua vida em que não estivesse sendo levado a esse momento.

Tinha ensaiado mais de mil, cem mil vezes tudo o que falaria.

– Kathelyn, eu preciso falar com você– sempre começava assim.

Ele prosseguiu em voz alta:

– Há dois anos quando você saiu da minha casa em Paris, eu passei a ser a pessoa mais miserável que deve existir. Não, há cinco anos quando eu fiz aquela estupidez, eu passei a ser a pessoa mais miserável. Não, eu sempre fui um cínico miserável e você, Kathelyn, é o que dá sentido ao mundo. – Deteve-se. “Isso não funcionaria bem”. Respirou fundo e continuou:

– Kathelyn, há dois eu não vivo. Sou um cínico e demorei um mês depois que você saiu da minha casa, em Paris, para me dar conta do crime que eu cometi. O maior da minha vida. Me tornei cúmplice do meu próprio carrasco.

“Absurdo!”

As palavras, se elas não dessem certo, o que ele faria? Esse discurso tantas vezes repetido, era o único alibi ao seu favor, e dele, dependia... tudo. Inspirou tentando organizar os pensamentos e continuou:

– Quando você saiu da minha casa eu corri para Londres, fugi para Londres. Demorei trinta dias para perceber que eu não vivia mais. Nada me dava prazer, nada me fazia sorrir ou tinha vida, nada! Eu dormia bebendo e acordava sem saber para o quê.

– Pouco mais de trinta dias existindo sem viver, eu entendi que covarde havia sido. O maior crápula que você já teve a infelicidade de conhecer – ele não diria isso, apesar de saber ser a verdade. Não diria.

Arthur engoliu em seco e bateu a luva no colo repetidas vezes. Respirou fundo outra vez, sabia que tinha que se concentrar. Continuou em um tom de voz baixo o seu discurso:

– Kathelyn. o que queria dizer é que entendi que não só seria infeliz se me casasse com Diana como a faria a mulher mais infeliz do mundo. Se me casasse com ela, sim, estaria destruindo a vida de uma jovem. Fui covarde demais para me dar conta disso naquele dia em Paris. Covarde, porque o casamento com uma dama com a reputação impecável parecia o caminho mais fácil a seguir. Covarde porque não precisaria enfrentar nada além da minha própria infelicidade e loucura se a deixasse ir embora, como eu fiz. Covarde, porque entendi que para merecer o amor é preciso ter coragem. E agir com a mesma coragem que me faltou em cinco anos.

A carruagem balançava bastante, era um trecho ruim essa parte da estrada que conduzia ao parque.

Arthur respirou o ar morno da primavera. Ao menos havia algo que não estava gelado diante da possibilidade de rever Kathelyn. Proseguiu com o monólogo respondido pelo batucar dos cavalos:

– Kathelyn, um mês após eu ter lhe perdido outra vez. Eu conversei com a minha noiva e expliquei que o nosso casamento seria a maior ruína que ela poderia enfrentar. Disse que assumiria toda a responsabilidade por minhas ações e que faria o que estivesse ao meu alcance para que ela não saísse prejudicada com a ruptura do nosso compromisso. Conduzi Diana a acabar o noivado comigo em público, alegando que eu não era bom o bastante para ela, na frente de toda a corte no baile de aniversário da rainha. Você teria rido da cena. Sei que teria.

Ele mesmo sorriu com a lembrança.

– Na hora não consegui achar muita graça – continuou a ensaiar em voz alta –, principalmente quando ela jogou o enorme diamante do noivado na minha cara. Nem pouco depois, quando todos aqueles nobres horrorosos e enfadonhos como você uma vez os definiu, riram na minha frente sem disfarçar e nas minhas costas, ainda mais. Eu virei a piada da corte. Logo eu, um duque. Quem diria que isso seria possível?

– Você tinha razão, a fama é algo muito estranho. Conte uma coisa interessante e as pessoas não vêm mais a verdade, você vira um personagem. Eu, nessa história, virei o pior partido da Inglaterra, o maior libertino do reino. Alguém quem as donzelas temem e ruborizam-se diante e quem as mães das donzelas preferem o diabo conversando com as filhas no lugar.

– Você rirá disso também, tenho certeza. – Ele esperava que sim, desejava com toda a sua alma que eles viessem a rir disso, juntos. Encheu o pulmão de ar e prosseguiu repassando o que falaria:

– Diana disse a todos sob minha orientação, que além de eu ter tentado seduzi-la, eu mantinha três amantes ao mesmo tempo. No final de poucos dias, após a ruptura do noivado, todos tinham certeza de que se ela não fosse esperta o bastante, o fim dela, seria o mesmo que o seu.

– Ressuscitaram a nossa história e você virou a vítima seduzida pelo delinquente corruptor de jovens puras. Eu virei o vilão. Talvez, esse seja o papel que realmente merecia nessa história.

– O pai de Diana me desafiou a um duelo. Disse que fazia isso, em honra de todas as jovens que eu já havia seduzido. Não pude deixar de dar graças a Deus, por ele ser cego e atirar pior que um pato manco. Quase acertou um padrinho no meu lugar. Eu atirei mirando para uma árvore, não podia correr o risco de feri-lo.

– Diana passou a ser a jovem corajosa e esperta. Pouco depois, recebeu cinco propostas de casamento. Se acertou com um visconde, e acredito que ninguém jamais soube o que aconteceu entre nós de verdade.

– Quanto a mim, Kathelyn? – Arthur perguntou a si mesmo em voz alta, sem se preocupar em parecer um louco. Afinal, ele já estava louco, desde o dia em que Kathelyn saiu de sua vida. Respondeu a si mesmo: – Eu não conseguiria casar nem com lady Matilde Kent. Aquela velha de oitenta anos que nunca recebeu uma proposta de matrimônio. Lembra? Aquela com bafo de dragão e humor pior que o bafo. Você rirá disso também. Um dia, nós riremos de tudo isso juntos Kathe, tenho certeza.

– Maldição – ele disse em voz ainda mais alta quando a carruagem foi jogada em cima de um buraco. – Tenho que melhorar esta estrada, venho aqui todos os dias e ainda tem tanto a se fazer...

Onde havia parado?

– Ah, sim... Direi a ela também, que durante dois anos tenho a procurado como um desesperado. Contratei mais de dez detetives e demiti a todos. Incompetentes, nunca trouxeram nada de substancial sobre o seu paradeiro.

– Quando voltei a Paris, depois de tudo resolvido, você já havia ido embora. Vendido a casa, sumido. Nem Steve, nem a sua irmã, ninguém soube de você por dois anos. Tinha dias em que eu acreditava, que nunca mais a veria.

– Eu criava as possibilidades mais assustadoras. Estaria viva? Teria se casado com alguém? Passaria fome? Como e onde você poderia estar? Foram dois anos infernais, Kathelyn. Creio que tive todo o castigo que mereci, por minha covardia e estupidez. Então, a fim de manter algum propósito e aquecer qualquer esperança, investi na construção de um parque. Durante dois anos, mandei trazer todas as espécies de rosas conhecidas para esse lugar. Contratei os arquitetos mais famosos e os jardineiros mais bem pagos do reino. É um parque público.

– Que sentido teria fazer ruas de rosas se nunca ninguém passasse por elas? Cada pessoa que entra ali tem a chance de ver o que você fez em minha alma. Ele está aberto há poucos meses e eu o visito todos os dias. Tenho a ousadia de levar uma rosa para casa vez ou outra, como se assim levasse um pedaço do que é para mim, você.

– As rosas desse parque – Arthur diria para ela, logo mais quando a encontrasse – são para você, Kathelyn, que é a inspiração de todas elas. A única mulher capaz de fazer a minha alma, cumprir a sua promessa.

A carruagem parou e ele parou junto. Ela já estaria ali, vestida de rosas? Encheu o pulmão de ar, abriu a porta, desceu as escadas e entrou no parque.

Arthur caminhou entre cores e pétalas de muitos tamanhos. Rosas de todos os graus abriam-se em traçados vivos e copiavam lugares não da Terra. As grades eram a festa do verde e o chão era a casa das flores.

Era essa a impressão que ele tinha toda vez que entrava ali.

Há dois anos ele a via sentada entre os caminhos de pétalas, sorrindo para as flores, como sempre fez.

Aproximou-se do lugar em que combinou com Lilian, a encontrar. Era um canto mais isolado do jardim. Ali estavam as rosas mais raras e especiais de todo o mundo.

O coração do duque queria colocar todas as roseiras para dentro, ele brigava com ar para isso.

Meu Deus, me dê forças para chegar até ela e dizer tudo... tudo o que é preciso.

Arthur andou entre os caminhos mais estreitos até que...

Ela estava ali.

Era fácil saber porque o sol criava um foco único, em cima do anjo do jardim.

Ela estava de costas.

Ele se aproximou.

Parou a poucos passos de distância.

Kathelyn vinha com um vestido verde claro. Os cabelos meio soltos como costumava usar. Como se não houvesse passado nem um minuto, desde que a viu pela última vez.

O seu coração explodia dizendo que não, fazia muito tempo.

Ela ia concentrada entre as roseiras e ele tomou ar a fim de conseguir falar. Chegou a abrir a boca, mas, a voz dela o deteve.

– Não, não, venha para cá, nós temos que achar a Lilian.

Então, um menininho. Um pingo de criança saiu de trás de uma roseira. Ele tinha os cabelos pretos e...

– Mamãe – ele disse ao se aproximar dela. Estava com a boca torcida e trêmula em uma expressão de choro.

O ar do mundo acabou.

O corpo já não dava conta de tudo o que ele via. O chão tremeu. Ou eram as suas pernas que faziam isso?

Logo, ela abaixou e disse:

– Arthur, meu amor, furou o dedinho? Deixa mamãe ver... – O coração de Belmont saiu do parque e foi até as roseiras nas portas do sol.

Nada poderia tê-lo preparado para aquilo.

Nada.

Arthur? ela o chamou de Arthur? Era o seu nome, era a sua amada Kathelyn. Era uma criança que devia ter um pouco mais de um ano.

Ele fez as contas rápidas.

Soube antes mesmo de fazer as contas.

Era o seu filho.

Era o seu filho junto com a mulher que ele amava mais do que a própria vida.

Já não havia espaço para o ar nem coração batendo. Só cabiam as lágrimas nos olhos e a euforia da confirmação.

Ela pegou o menino no colo e beijou a mãozinha dele, com a devoção da mãe maravilhosa que sabia, ela era.

Kathe ainda o consolava sacudindo-o de leve e ele era quem precisava ser abraçado, estar ali abraçando-os. Arthur tomou o pouco ar que ainda tinha no mundo e disse:

– Kathelyn.

Ela demorou algum tempo para se mover.

Parecia pensar o que devia fazer.

Então, ela virou. Todo o jardim se desfez diante daquela imagem.

Ela sorriu para mim.

– Kathelyn, meu amor...

LONDRES, 1922.

– Você está linda, minha neta, como uma princesa de conto de fadas.

– Eu quis fazer uma homenagem usando o vestido dela remodelado, você a conheceu melhor, vovó, acha que ela ficaria feliz?

– Ela está em algum lugar aqui bem próximo, emocionada com a bela e corojasa jovem que você se fez, tão parecida com ela... Você a conheceu bem, não se acha parecida com ela?

– Sim. – A jovem vestida de noiva sorriu para o espelho e disse: – Todos sempre afirmaram que não é apenas o meu nome que é o igual ao dela.

– É verdade, Kathelyn, você tem os mesmo olhos. – As mãos claras apesar de manchadas pelo tempo eram ágeis, e terminaram de arrumar ao véu, harmonicamente fixado na cabeça da jovem – o mesmo amor pela história grega e a paixão pela vida...

– Vovó Lizzie... os seus pais, digo, os meus bisavós, foram mesmo muito felizes?

Lizzie, como fora apelidada carinhosamente por seus pais, Arthur e Kathelyn, era Elizabeth Harold Walthon, condessa de Wessex.

– Venha cá, Kathelyn, minha amada neta – Lizzie disse com a voz cheia de compreensão dada pela vida.

A jovem foi guiada até a janela do quarto onde se vestia.

– Olhe essas roseiras a perder de vista, sabe quem as plantou nas terras deste palácio?

– Sim, claro que sei, foi o meu bisavô, o nono duque de Belmont... O seu pai, era a obsessão dele, não era?

– O seu bisavô Arthur, no dia em que Kathelyn aceitou casar-se com ele pela segunda e definitiva vez, prometeu a ela plantar cem roseiras a cada ano de vida que ela lhe desse.

– Ano de vida? – a jovem soou confusa.

– O meu pai dizia que ele comemorava os seus anos de vida junto aos anos em que ele e minha mãe permaneceram unidos.

A jovem Kathelyn suspirou e disse:

– Uau... são muitas roseiras.

– Foram muitos anos, de um casamento muito feliz.

– Mais feliz que o seu vovó?

Ela virou a jovem de frente para si, deu um beijo pausado na testa da neta e concluiu:

– Talvez, tanto quanto.

– E eu vovó? A senhora acha que serei feliz, assim como vocês foram?

– Eu tenho certeza de que sim.

Ela notou a neta alisar as saias do vestido, parecendo ansiosa.

– Eu devo plantar roserias nos terrenos desse palácio e seguir a tradição?

– Só se você sentir vontade, minha querida.

A jovem riu com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu estou casando com um comerciante grego, talvez, no lugar de rosas, ele queria plantar oliveiras... e depois, vender o azeite que não foi consumido.

Lizzie gargalhou com o prazer quente do riso que somente as avós têm e disse:

– Meus pais sempre afirmaram que o amor deles além de viver nas roseiras deste palácio viveriam para sempre aqui. – A avó pegou a mão enluvada da jovem, tocou o seu próprio coração e prosseguiu: – E aqui – disse após tocar o coração dela. – Enquanto houverem histórias de amor nascendo e vivendo em nossos corações, todas as rosas cumprirão a sua promessa – ela segurou as mãos da neta com sincera admiração e concluiu: – Eu sei que a sua história será tão feliz como você deseja e merece.

Lizzie sentiu os braços que envolveram o seu corpo em um abraço longo, apertado e disse contendo a emoção na voz:

– Não importa que você esteja em outro país, vivendo longe de todas as nossas tradições inglesas centenares e acredite em mim, muitas delas são inúteis – ela notou a neta afogar uma risada e continuou: – Não importa que esteja distante de toda a sua família real... Como mamãe, papai e a Elsa diziam. Você sempre será feliz quando amar e você sempre estará em casa, quando mergulhar no seu coração.

Neta e avó saíram de mãos dadas. Fecharam a porta do quarto e desceram a escadaria com a elegância apressada de duas damas inglesas. Seguiram rumo a capela de Belmont Hall, no palácio ducal em Gloucestershire, onde seria celebrada em breve, uma nova união por amor.

Sobre o aparador do quarto recém deixado a sós, uma tela erguida por nobre moldura em ouro, era tocada pelo vento carregado de pétalas do jardim.

A pintura exibia o retrato de uma família em meio a milhares de rosas.

Em cima do título da obra em óleo, vinha registrado o nome do casal:

Arthur George Pierce Harold 9º Duque de Belmont – Kathelyn Stanwell Harold 9ª Duquesa de Belmont e filhos. Abril de 1855.

Era esperado se encontrar em tal pintura uma cena cotidiana de uma família nobre emoldurada pelos rígidos padrões aristocráticos. Assim seria, se não fosse pela paixão latente e explícita com que o duque de Belmont encarava a sua duquesa, e pela maneira pouco educada com que a mão dele tomava posse da cintura da mesma. Era suposto, pelas normas da etiqueta vigentes naquele período, que um casal de duques não estivessem sorrindo em tal retrato, o que excepcionalmente ocorria e que os seus filhos não estivessem brincando entre eles tão à vontade, o que para espanto de todos, também acontecia.

Cada criança trazia uma promessa de alegria e amor cumprida em cinco pares de olhos desabrochados.

Isso talvez explicasse o título da curiosa cena retratada: *A promessa da rosa*.

SAIBA MAIS, DÊ SUA OPINIÃO:

Conheça - <http://www.novoseculo.com.br>

Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta -  /NovoSeculoEditora

Siga -  @novoseculo

Assista -  /EditoraNovoSeculo

